

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**ELISANDRA VILLELA GASPARETTO SÉ**

**INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS POR SUJEITOS COM  
DOENÇA DE ALZHEIMER EM FASE INICIAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de Doutor na área de Linguística defendida pela aluna Elisandra Villela Gasparetto Sé, e orientada pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato.

**ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. EDWIGES MARIA MORATO**

**CAMPINAS  
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Se1i

Sé, Elisandra Villela Gasparetto, 1973-

Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial / Elisandra Villela Gasparetto  
Sé. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Edwiges Maria Morato.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Neurolinguística. 2. Cognição. 3. Provérbios. 4. Alzheimer, Doença de. I. Morato, Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Interpretation of proverbs by subjects with Alzheimer's disease at an early stage.

**Palavras-chave em inglês:**

Neurolinguistics

Cognition

Proverbs

Alzheimer's disease

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Doutor em Linguística

**Banca examinadora:**

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Florindo Stella

Sandra Elisabete de Oliveira Cazelato

Anna Christina Bentes da Silva

Maria da Penha Pereira Lins

**Data da defesa:** 29-08-2011.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato

*Edwiges Maria Morato*

Florindo Stella

*Florindo Stella*

Sandra Elisabete de Oliveira Cazelato

*Sandra E. de O. Cazelato*

Anna Christina Bentes da Silva

*Anna Christina Bentes da Silva*

Maria da Penha Pereira Lins

*Penha Lins*

José Eduardo Martinelli

Ingedore Grunfeld Villaça Koch

Heronides Maurílio de Melo Moura

IEL/UNICAMP  
2011



## *Memória*

*Memória é canção que não termina.  
É desenho que não se apaga.  
Faces que não se foram.  
São coisas que moram no coração.  
São gestos de recordação.  
Memória é cor que não desbota.  
É como flor que brota.  
Voz que não sai do ouvido.  
Histórias que não perderam o sentido.  
Memória é tudo o que se vive.  
É lembrança de criança.  
Que dá esperança.  
Quando hoje a palavra não alcança.  
Memória é distração e esquecimento.  
Repetição sem compreensão.  
Estoque de informação.  
É a linha dos pensamentos.  
É armário de sentimentos.  
Memória é o que faz o conhecimento existir.  
É a razão do reconhecer.  
Olhar pra você, lembrar e sorrir.  
É mente acordada, nítida e incorporada.  
É buscar a imagem e não deixá-la fugir.*

*Elisandra Villela Gasparetto Sé – 04/09/2008.*



## **Prólogo**

### **Sujeito AK, 66 anos.**

- 21.EV e águas passadas não movem moinhos//
- 22.AK já
- 23.EV o que quer dizer isso//
- 24.AK ah eu acho que é a pessoa não deve o falar de novo a mesma coisa né que já falou
- 25.EV isso\ e em que situação por exemplo a gente usaria esse provérbio//
- 26.AK sei
- 27.EV que a gente falaria esse provérbio pra uma pessoa
- 28.AK águas passadas é não movem moinhos não né//
- 29.EV é
- 30.AK é que a pessoa sempre tem uma coisa né\ principalmente os antigos que tudo eles guardavam
- 31.EV <hum>
- 32.AK que tudo que eles falavam que eles achavam que eram certo então eles eles guardavam\





## **Agradecimentos Especiais**

Particularmente, à Profa. Dra. *Edwiges Maria Morato*, professora, orientadora e norteadora.

Aos integrantes do COGITES – Grupo de Pesquisa “*Cognição, Interação e Significação*”, muito obrigada pela troca, apoio, convívio e amizade.

Aos alunos, professores e companheiros de trabalho do LAFAPE – IEL – Unicamp.

Aos integrantes do CCA – Centro de Convivência de Afásicos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, coordenado pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, pelo convívio e oportunidade de aprendizado, ali vi o quanto é importante a linguagem em nossa vida, a expressão do ser humano.

À Profa. Anna Christina Bentes orientadora do trabalho de qualificação de área em linguística textual.

À equipe do apoio didático e recursos audiovisuais do Instituto de Estudos da Linguagem.

À Maria Virgínia Righetti Fernandes Camilo e Ana Maria Arruda, Assistentes Sociais do Hospital de Clínicas da Unicamp, por abrir as portas para conhecer e trabalhar com pessoas especiais no grupo da Terceira Idade, integrantes do coral do Hospital de Clínicas da Unicamp.

Aos idosos integrantes do Coral do Hospital de Clínicas da Unicamp, sujeitos do grupo controle desta pesquisa. A acolhida será sempre uma imagem a me lembrar.

À coordenação e equipe do Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica, em especial ao Prof. Dr. Florindo Stella, que me incentivou e estimulou a estudar as demências e os provérbios e que fez valiosas contribuições a este trabalho.

Aos pacientes com doença de Alzheimer, que realizam o seguimento clínico no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica, sujeitos desta pesquisa.

Aos familiares dos sujeitos desta pesquisa, que permitiram suas mães e pais em sua maioria a colaborar com este estudo, com a consciência de que podiam contribuir para o progresso da ciência. Meu profundo agradecimento e respeito por estas famílias que foram receptivas e compreensivas.

A ABRAZ (Associação Brasileira de Alzheimer) de Campinas, onde aprendi muito sobre a Doença de Alzheimer, com os familiares que enfrentam as responsabilidades, os desafios, a sobrecarga que é cuidar da pessoa com demência, cuja linguagem está em mudança.

À equipe de voluntários da ABRAZ – Sub-regional Campinas pelo trabalho em conjunto, pela compreensão, respeito e ajuda mútua nas tarefas para que eu pudesse cuidar do meu tempo dedicado ao meu estudo.

A todos os meus professores que tive na minha trajetória, que me abriram os horizontes, contribuindo para minha formação.

A todos meus amigos, desde os que estão próximos aos mais distantes.

*“As amizades nascem do acaso. Ou de alguma força que faz com que uma simples brincadeira, uma informação, um caderno emprestado, uma dor seja capaz de unir duas pessoas. E a cumplicidade vai ganhando corpo, e o desejo de estar junto vai aumentando e, com ele, a sensação sempre boa do poder partilhar, de se doar”.*

(Gabriel Chalita)

## **À minha família**

Ao meu marido Rogério Augusto Gasparetto Sé pelo apoio, carinho e incentivo.

À minha tia Mary Silva Villela pelo incentivo, carinho, educação, orientação, dedicação amparo, conselhos e apoio nos meus estudos.

Aos meus tios que foram minha base.

À minha irmã Aline Villela Steves pelas conversas virtuais.

*Quis o destino que nos distanciasse, mas a distância separa corpos, mas não separa corações.*

Aos meus pais (*in memoriam*)

Francisco Braga da Silva

Daisy Villela da Silva

Que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade!

*“Os tesouros mais preciosos da minha vida eu carrego na minha mente e no meu coração. Mantenho comigo a chama da lembrança, da saudade e da oração.”*



## RESUMO

---

Esta pesquisa teve como objetivo estudar os processos de significação na interpretação de provérbios por sujeitos com provável doença de Alzheimer (DA) leve. Participaram da pesquisa qualitativa 10 sujeitos com idade igual ou superior a 60 anos com DA de ambos os sexos, que foram selecionados no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica do HC da UNICAMP. Esses sujeitos receberam diagnóstico de provável DA, a partir da avaliação clínica do médico e da avaliação neuropsicológica. Também foram considerados dados de um grupo controle composto por 10 sujeitos não-Alzheimer de perfil sociolinguístico semelhante ao da população com DA. O *corpus* desta pesquisa constituiu-se de dados obtidos da aplicação do Protocolo de Estudo de Provérbios elaborado por CAZELATO (2003) constituído de 10 provérbios considerados mais metafóricos e de 10 provérbios menos metafóricos. O procedimento metodológico consistiu em primeiro apresentar a cada sujeito os provérbios do Protocolo de forma oral e escrita, perguntando a ele “o que quer dizer tal provérbio”. Num segundo momento, foi solicitado ao sujeito que “elaborasse ou imaginasse uma situação em que caberia o uso de tal provérbio”. Os dados dos dois grupos foram gravados em vídeo e transcritos com base na notação de transcrição linguístico-interacional. A análise dos dados considerou o cotejamento dos dois grupos em relação ao trabalho linguístico-cognitivo requerido na manipulação enunciativa dos provérbios. Podemos apontar importantes questões em torno do funcionamento linguístico e cognitivo dos dois grupos de sujeitos estudados. Pudemos observar que ambas as populações procederam mais às interpretações centralmente relevantes e marginalmente relevantes frente aos provérbios mais e menos metafóricos, nos dois procedimentos do estudo. Entretanto, a população DA produziu maior número de interpretações literais. Quanto a isso, esta população não procedeu a interpretações irrelevantes do ponto de vista semântico-lexical, ainda que tais interpretações não tenham sido relevantes do ponto de vista pragmático. Foi possível verificar que ambos os grupos procederam à contextualização dos provérbios, imaginando uma situação de uso. Houve diferenças significativas no percurso enunciativo-discursivo realizado pelos sujeitos não-Alzheimer e pelos Alzheimer. Os sujeitos não-Alzheimer recorreram mais às exemplificações de situações cotidianas de uso dos provérbios e recorreram mais a expedientes linguísticos e textuais para proceder à

interpretação, tais como modalizações epistêmicas e marcadores de relações espaço-temporais, fazendo ainda comparações temporais do uso do provérbio, utilizando indicadores de relações lógico-semânticas (condicionalidade, finalidade, causalidade), articuladores argumentativos (evidenciados nas ações reflexivas e metaenunciativas). As interpretações consideradas irrelevantes ocorreram com menor frequência. Quanto às estratégias linguístico-discursivas empregadas pelos sujeitos, verificou-se uma maior ocorrência entre os sujeitos com DA de autorrepetição, de reflexão em voz alta, de hesitação, de pausas não preenchidas, de repetição hesitante, de reformulação, de indagação, de falsos inícios de turno e de retomadas. Todos esses fenômenos, típicos do processamento online da língua falada, indicam movimentos do papel organizador e estruturador da linguagem. Esta pesquisa torna-se relevante para qualificar o processo linguístico-cognitivo implicado na significação, notadamente na construção de sentidos indiretos e da referenciação no contexto neurolinguístico. Isso é particularmente importante para melhor compreendermos a natureza sócio-cognitiva da linguagem no contexto das neurodegenerescências.

Palavras-chave: Neurolinguística, Cognição, Provérbios, Doença de Alzheimer.

## ABSTRACT

---

The aim of this research was to study the signification processes in the interpretation of proverbs by subjects with probable mild Alzheimer's disease (AD). 10 subjects 60 years or older of both genders with AD participated of the qualitative research. They were selected in the Clinic of Geriatric Psychiatry, of Faculty of Medicine – HC - UNICAMP. These subjects were diagnosed with probable AD from the doctor's clinical examination and neuropsychological examination. Data from a control group of 10 non-Alzheimer subjects of sociolinguistic profile similar to that of people with AD were also considered. The corpus of this research was composed of data obtained from the application of the Protocol for the Proverbs Study written by CAZELATO (2003) which consisted of 10 proverbs considered more metaphorical and 10 considered less metaphorical. The methodological procedure consisted in first presenting the Protocol proverbs in verbal and writing forms to each subject, asking him "what means such proverb". Secondly, the subject was asked to "prepare or imagine a situation in which the use of such proverb would fit". The data from both groups were video-recorded and transcribed based on the linguistic-interactional transcript notation. The data analysis considered the comparison of both groups in relation to the cognitive-linguistic work required in proverbs enunciative manipulation. We can indicate important issues concerning to language and cognitive functioning of both groups of subjects studied. We could also note that both populations made more to the centrally relevant and marginally relevant interpretations concerning the more and less metaphorical proverbs in both study procedures. However, the AD population produced more literal interpretations. In regard to that, this population has not made irrelevant interpretations in terms of lexicon and semantics, even though such interpretations have not been relevant from the pragmatic point of view. It was possible to verify that both groups contextualized the proverbs, imagining a situation of use. There were meaningful differences in enunciative-discursive course performed by non-Alzheimer's and Alzheimer's subjects. The non-Alzheimer's subjects evoked more exemplifying everyday situations of use of proverbs and remembered more linguistic and textual expedients to make the interpretation, such as epistemic modalities and markers of space-time relations. They also made temporal comparisons in the use of the proverb using indicators of logical-semantic relations

(conditionality, purpose, causality), argumentative articulators (evident in the reflexive and meta-enunciative actions). Interpretations considered irrelevant occurred less frequently. As for the linguistic-discursive strategies applied by the subjects, it was noticed among individuals with AD a most frequent occurrence of auto-repetition, of thinking aloud, of hesitation, of unfilled pauses, of hesitant repetition, of reformulation, of quest, of false beginning of shifts and of retaking. All these phenomena, typical of the online processing of spoken language, indicate movements of the leading and structuring role of the language. This research becomes relevant to qualify the cognitive-linguistic process involved in the significance, especially in the construction of indirect meanings and of referenciation in the neurolinguistic context. This is particularly important to better understand the socio-cognitive nature of language, specifically in the context of neurodegeneration.

Key words: Neurolinguistics, Cognition, Proverbs, Alzheimer's disease.



## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                                                                                            |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1- Alterações linguístico-cognitivas encontradas nas fases da Doença de Alzheimer segundo diferentes autores.....                                                                   | 52  |
| Tabela 2 – Caracterização sócio-demográfica e sócio-cultural dos sujeitos do grupo controle (não-Alzheimer).....                                                                           | 97  |
| Tabela 3- Seleção dos provérbios substituídos para a constituição do protocolo definitivo.....                                                                                             | 108 |
| Tabela 4- Caracterização sócio-demográfica e sócio-cultural dos sujeitos com provável Doença de Alzheimer em fase inicial.....                                                             | 114 |
| Tabela 5- Distribuição dos dados da história clínica e avaliação neuropsicológica dos sujeitos com Doença de Alzheimer.....                                                                | 115 |
| Tabela 6- Resultados das interpretações dos sujeitos do grupo não-Alzheimer obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos – Procedimento 1.....                       | 141 |
| Tabela 7- Resultados das manipulações enunciativo-discursivas dos sujeitos do grupo não-Alzheimer obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos – Procedimento 2..... | 143 |
| Tabela 8 – Resultados das interpretações dos sujeitos com DA obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos – Procedimento 1.....                                      | 170 |
| Tabela 9 – Resultados das manipulações enunciativo-discursivas dos sujeitos com DA obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos – Procedimento 2.....                | 171 |



## SUMÁRIO

|                 |    |
|-----------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 23 |
|-----------------|----|

### CAPÍTULO 1

#### A INVESTIGAÇÃO DA LINGUAGEM E DA COGNIÇÃO NO ENVELHECIMENTO E NA DOENÇA DE ALZHEIMER

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| 1.1.Linguagem e cognição no envelhecimento.....      | 29 |
| 1.2.Linguagem e cognição na Doença de Alzheimer..... | 39 |

### CAPÍTULO 2

#### OS ESTUDOS DOS PROVÉRBIOS NO CAMPO DA LINGUÍSTICA E DA NEUROLINGUÍSTICA

|                                                                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.1. O percurso sociocognitivo da significação dos provérbios.....                                           | 55 |
| 2.2. Manipulação enunciativa dos provérbios.....                                                             | 61 |
| 2.3. Os provérbios e os processos da memória.....                                                            | 73 |
| 2.4. A relevância dos estudos dos provérbios para a investigação da linguagem na<br>Doença de Alzheimer..... | 79 |

### CAPÍTULO 3

#### METODOLOGIA

|                                                                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 3.1. Objetivos.....                                                                                         | 87 |
| 3.2. Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa.....                                                         | 87 |
| 3.2.1. Constituição do Protocolo de provérbios para o grupo controle (sujeitos<br>não-Alzheimer).....       | 87 |
| 3.2.2. Grade interpretativa dos provérbios do protocolo utilizado com os sujeitos<br>do grupo controle..... | 89 |
| 3.2.3. Sujeitos do grupo controle (sujeitos não-Alzheimer).....                                             | 94 |

|                                                                                                                                                                             |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.2.3.1. Descrição dos dados sócio-demográficos, das atividades sócio-cognitivas e funcionais, condições de saúde, avaliação cognitiva breve do sujeitos não-Alzheimer..... | 98         |
| <b>3.2.4. Constituição do protocolo definitivo de provérbios para os sujeitos com DA.....</b>                                                                               | <b>106</b> |
| 3.2.4.1. Grade interpretativa dos provérbios eleitos para substituição no protocolo definitivo, utilizado com os sujeitos com DA.....                                       | 108        |
| <b>3.2.5. Sujeitos com diagnóstico provável de Doença de Alzheimer em fase inicial.....</b>                                                                                 | <b>109</b> |
| 3.2.5.1. Constituição do <i>corpus</i> do grupo de sujeitos com DA.....                                                                                                     | 116        |
| 3.2.5.2. Descrição das atividades sociocognitivas, história clínica e avaliação neuropsicolinguística dos sujeitos com DA.....                                              | 116        |
| <b>3.3. Procedimentos para análise dos dados.....</b>                                                                                                                       | <b>133</b> |

## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS E DISCUSSÃO.

|                                                                                                                                                                                     |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>4.1. Apresentação e discussão dos dados.....</b>                                                                                                                                 | <b>137</b> |
| <b>4.2. Resultados dos dados obtidos com os sujeitos não-Alzheimer frente ao Protocolo de provérbios <i>mais</i> e <i>menos</i> metafóricos nos Procedimentos 1 e 2.....</b>        | <b>139</b> |
| 4.2.1. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios <i>mais</i> metafóricos – procedimentos 1 e 2.....                                         | 144        |
| 4.2.2. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios <i>menos</i> metafóricos – procedimentos 1 e 2.....                                        | 159        |
| <b>4.3. Resultados dos dados obtidos com os sujeitos com Doença de Alzheimer frente ao Protocolo de provérbios <i>mais</i> e <i>menos</i> metafóricos nos Procedimentos 1 e 2..</b> | <b>169</b> |
| 4.3.1. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios <i>mais</i> metafóricos – procedimentos 1 e 2.....                                         | 172        |
| 4.3.2. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios <i>menos</i> metafóricos – procedimentos 1 e 2.....                                        | 190        |

|                                                                                                                                                    |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>5. CONCLUSÕES.....</b>                                                                                                                          | <b>201</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                          | <b>213</b> |
| <b>7. ANEXOS.....</b>                                                                                                                              | <b>229</b> |
| 7.1.- Anexo I – Termo de Autorização da coordenadora do grupo de idosos do Hospital de Clínicas/UNICAMP.....                                       | 229        |
| 7.2. - Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....                                                                                  | 230        |
| 7.3 – Anexo III - Ficha Sócio-demográfica, atividades sócio-cognitivas, história clínica, avaliação neuropsicológica e laudo da neuroimagem.....   | 231        |
| 7.4. - Anexo IV – Protocolo de Atividades Sócio-cognitivas.....                                                                                    | 232        |
| 7.5. – Anexo V - Teste Mini-Exame do Estado Mental (MEEM).....                                                                                     | 233        |
| 7.6. – Anexo VI - Termo de Concordância Institucional do Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica – FCM/UNICAMP.....                                  | 234        |
| 7.7. – Anexo VII – Critérios diagnósticos segundo DSM- IV (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais) e segundo NINCDS-ADRDA..... | 235        |
| 7.8. Anexo VIII – Critérios diagnósticos segundo a CID –10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento) da OMS.....                   | 236        |
| 7.9. - Anexo IX- Escore Clínico de Demência (CDR).....                                                                                             | 237        |
| 7.10. - Anexo X – Teste das funções cognitivas – CAMCOG do CAMDEX (Cambridge Mental Disorders of the Elderly Examination).....                     | 238        |
| 7.11.- Anexo XI - Questionário de Atividades Funcionais de Pfeffer.....                                                                            | 241        |
| 7.12. - Anexo XII - Notações de transcrição convencionizadas pelo Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação” – COGITES.....            | 243        |



## INTRODUÇÃO

---

Este estudo teve por objetivo investigar a manipulação enunciativa de provérbios na doença de Alzheimer em fase inicial, procurando mostrar a importância do caráter metafórico da linguagem para a investigação do funcionamento linguístico-cognitivo nas neurodegenerescências.

Desta forma, o presente estudo procurou analisar os processos de significação envolvidos na interpretação de provérbios por sujeitos com doença de Alzheimer de grau leve, isto é, em fase inicial da doença, por meio de um protocolo elaborado por CAZELATO (2003) constituído de um conjunto de provérbios tidos como mais metafóricos e outros menos metafóricos. A análise dos enunciados proverbiais foi do tipo textual-pragmático, que busca identificar o percurso linguístico e sócio-cognitivo do provérbio de modo a permitir considerações sobre a responsabilidade que a linguagem tem no quadro demencial.

Entender a relação entre cérebro, cognição e linguagem tem sido o foco de interesse de pesquisadores na área de Neurolinguística, sobretudo no campo da Afasiologia. No campo da Neurolinguística, as alterações linguístico-cognitivas têm merecido grande enfoque em função do interesse de uma melhor compreensão da relação estreita e constitutiva entre linguagem e cognição (MORATO, 2001).

Os estudos que buscam discutir a relação entre cognição e linguagem nas neurodegenerescências, como nos casos da DA, são relativamente recentes. A partir da revisão de literatura dedicada aos estudos da linguagem no envelhecimento normal e patológico, podemos observar diferentes perspectivas referentes à investigação das alterações da linguagem, que são tratadas não raras vezes de forma isolada de outros processos cognitivos, como se fossem fenômenos independentes ou excludentes do uso social e cognitivo da linguagem. A linguagem, nesse contexto, tem sido avaliada ou diagnosticada de forma superficial e fortemente normativa. Isso se dá especificamente porque os modelos teóricos e metodológicos subjacentes a estes trabalhos partem, na sua grande maioria, de um forte enfoque estruturalista, o que dificulta a percepção das interações entre linguagem, cognição e práticas sociais.

De modo geral, tanto a linguagem no sujeito idoso saudável ou com Doença de Alzheimer tem sido estudada por meio de testes estritamente metalinguísticos, limitados aos aspectos estruturais do sistema (níveis ou processos fonológico, morfológico, sintático e semântico-lexical), dando-se pouca importância à sua realidade discursivo-pragmática ou sociocognitiva. Esses testes não incluem, por exemplo, aspectos inferenciais ou intersubjetivos, deixando dessa forma de detectar aspectos relativos a processos como implicação (pressupostos e sub-entendidos), regras ou leis conversacionais que presidem a argumentação (da qual participam determinados operadores argumentativos e estereótipos sociais), mecanismos textuais que implicam coesão e coerência, bem como manutenção e relevância do tópico conversacional, dentre outras.

Nas avaliações dos processos linguístico-cognitivos realizadas por meio de testes de natureza essencialmente psicométrica, que acabam por levar em conta apenas o caráter meramente representacional da linguagem, negligenciando o aspecto pragmático e as práticas discursivas que caracterizam o funcionamento da cognição humana, os “desempenhos” condicionados à cultura, ao valor social e histórico de significação, à experiência de vida dos sujeitos, bem como o gênero e as práticas discursivas dos sujeitos não são levados em consideração na interpretação dos resultados obtidos no teste diagnóstico. Dentro deste cenário, parece-nos que uma investigação neurolinguística de natureza qualitativa, baseada na análise de fenômenos linguístico-cognitivos tomados em contexto de uso – não apenas em testes psicométricos - poderá nos fornecer dados significativos a respeito do funcionamento da linguagem no contexto da Doença de Alzheimer, principalmente numa fase inicial da doença em que o próprio diagnóstico é uma tarefa difícil, e as avaliações psicométricas não parecem ser, isoladamente, suficientes e confiáveis.

De acordo com a literatura neuropsicológica e neurolinguística, na Doença de Alzheimer em sua fase inicial emergem problemas semântico-lexicais similares aos encontrados na afasia, em especial na afasia semântica ou transcortical sensorial, em situações nas quais o sujeito apresenta dificuldades de acesso lexical, esquecendo ou trocando palavras ou partes constitutivas delas (parafasias semânticas e morfo-fonológicas), linguagem elíptica, com inibição da complexidade linguística (a chamada fala telegráfica), abundante produção de certas figuras de linguagem (como pleonasmos e perífrases),



circunlóquios e uso “excessivo” de dêiticos. Porém, ainda assim, nessa fase, o sujeito conseguiria manter a função epilinguística ou organizadora da linguagem, ou seja, aqui o indivíduo manteria-se consciente ou crítico em relação aos seus erros, sendo por vezes capaz de reparar, reformular, repetir ações ou equívocos que denotam de alguma forma uma ação reflexiva e auto-monitorada em relação à sua própria produção. Além disso, segundo dados da literatura nacional e internacional, ocorrem nessa fase inicial dificuldades semântico-discursivas na interpretação de sentidos figurados ou implícitos, como metáforas, provérbios, moral de histórias e material humorístico. E essas alterações se acentuam com o avanço da doença (*cf.* DAMASCENO, 2001).

O tratamento linguístico dos provérbios por sujeitos com doença de Alzheimer permite vislumbrar o trabalho sociocognitivo, pragmático, que o sujeito realiza na interpretação e manipulação enunciativa dos provérbios, expressões formulaicas que são cristalizadas pelo seu uso, pela tradição cultural, pela memória discursiva, por determinadas características linguísticas. O trabalho interpretativo do provérbio, além de atenção à estrutura linguística, depende também da atuação intersubjetiva do sujeito com e sobre o mundo sócio-cultural. Trata-se, como vemos, de um fenômeno linguístico-pragmático.

Na doença de Alzheimer em fase inicial, os sintomas cognitivos mais evidentes, o mais recorrente, de acordo com a literatura especializada, é a perda progressiva da memória. A memória é uma importante função cognitiva do ser humano e é a base para o desenvolvimento da linguagem. Assim, a memória, em suas várias facetas, está envolvida na compreensão e manipulação das expressões proverbiais.

A hipótese desta pesquisa é que os provérbios são também bons expedientes para estudar as relações entre linguagem e a cognição em função de seu percurso sociocognitivo que se caracteriza pela colocação de relações entre um saber linguístico e um saber pragmático (MORATO, 2001). Tal percurso coloca em relação processos sócio-cognitivos como a memória, a intenção comunicativa, a subjetividade, a intertextualidade, a referenciação e a metaforicidade.

O primeiro capítulo desta tese dedica-se a discorrer sobre a maneira como a linguagem e a cognição se processam e se inter-relacionam no envelhecimento e na doença de Alzheimer. Por isso, é interessante observar como ambas têm sido investigadas no campo das Neurociências, incluindo aí a Neurolinguística e também o campo da Psiquiatria

Geriátrica e o da Gerontologia. Descrevo estudos, nesse capítulo que abordam a linguagem e a cognição na doença de Alzheimer, primeiramente definindo-a ou a conceituando, fazendo um breve itinerário teórico crítico sobre as explicações da doença, os modelos e critérios existentes na literatura para seu diagnóstico.

No segundo capítulo, são abordados os estudos acerca dos provérbios e suas características linguísticas, discursivas e pragmáticas no campo da Linguística e da Neurolinguística. O item 1 introduz a conceituação dos provérbios e suas características e propriedades funcionais, seus recursos expressivos e interpretativos para a construção e interpretação do sentido, focalizando o percurso sociocognitivo envolvido na interpretação e no uso efetivo da enunciação dos provérbios, definindo os conceitos envolvidos no implícito linguístico e pragmático, bem como a descrição geral dos estudos sobre o componente metafórico. No segundo item desse capítulo, descrevo como se dá a manipulação enunciativa dos provérbios, os processos meta envolvidos em sua interpretação e produção dos provérbios, salientando aí atividade reflexiva da linguagem. No item 3, são discutidos as relações memória e linguagem e os processos de memória envolvidos na compreensão dos provérbios. No quarto item desse capítulo, discuto a relevância dos estudos dos provérbios na área de Neurolinguística, para a investigação da linguagem na doença de Alzheimer.

Considerando todo o exposto, as *perguntas* que norteiam esta pesquisa são: i-) a investigação dos processos de significação em jogo na interpretação e manipulação linguístico-discursiva de provérbios poderia ser um índice do estado cognitivo e de linguagem em sujeitos com doença de Alzheimer? ii) o contexto sócio-cultural e as práticas com a linguagem poderiam auxiliar na manutenção do caráter figurativo da interpretação de um sentido metafórico, mesmo o sujeito estando com suas funções cognitivas alteradas? iii) como se daria a relação memória e linguagem nas enunciações proverbiais de sujeitos com DA? iv) como a avaliação da compreensão de provérbios e do caráter figurativo poderá auxiliar a discussão acerca dessas duas funções ou processos cognitivos?

O terceiro capítulo diz respeito ao método de estudo empregado nesta pesquisa de base qualitativa, dando importância aos processos linguístico-cognitivos analisados na construção da significação paremiológica. Nesse capítulo são descritos os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos específicos para a seleção dos sujeitos do grupo

controle, um grupo de 10 sujeitos saudáveis cognitivamente, designado aqui como população não-Alzheimer, ou seja, sem demência, com a descrição das atividades sociocognitivas e sócio-demográficas deste grupo. São apresentados os critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos para selecionar e compor o grupo das 10 pessoas com o diagnóstico de provável doença de Alzheimer, em fase inicial, a utilização dos critérios de estabelecimento para os diagnósticos da doença e a explicação das escolhas dos instrumentos utilizados para a avaliação breve dos sujeitos, constando os resultados obtidos em cada um deles, bem como dados dos laudos de exames de neuroimagem. Consta também nesse capítulo a descrição das características sócio-demográficas, sócio-culturais e informações sociocognitivas do grupo de sujeitos com doença de Alzheimer que são relevantes para a caracterização da amostra. Também apresento nesse capítulo a constituição do protocolo de provérbios utilizado e as substituições de alguns deles ao longo do estudo. Em seguida, apresento os procedimentos para a coleta dos dados, desde o processo do contato com as famílias e os sujeitos ao processo de coleta e transcrição do *corpus* e procedimentos relativos à análise.

No quarto capítulo são apresentados e discutidos os resultados das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais e menos metafóricos realizados pelos sujeitos do grupo controle, isto é, sujeitos cognitivamente saudáveis, denominado nesta pesquisa para diferenciação da casuística como população não-Alzheimer, e dos sujeitos com Doença de Alzheimer, obtidos a partir da aplicação do protocolo de provérbios.

O quinto capítulo é referente às conclusões da pesquisa.



## **CAPÍTULO 1**

### **A INVESTIGAÇÃO DA LINGUAGEM E DA COGNIÇÃO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E NA DOENÇA DE ALZHEIMER**

---

#### **1.1 - LINGUAGEM E COGNIÇÃO NO ENVELHECIMENTO**

O ponto central deste capítulo é descrever e discutir as investigações sobre o funcionamento linguístico-cognitivo no processo de envelhecimento, que em geral procuram contemplar quais funções linguísticas e cognitivas se mantêm preservados ou apresentam mudanças ou alterações.

O envelhecimento é um processo de mudanças no funcionamento biológico, psicológico e social de cada indivíduo, determinado pela interação contínua de fatores genético-biológicos, psicológicos e comportamentais, do ambiente natural, fatores socioculturais e históricos. O contexto sócio-histórico-cultural é o que oferece ao ser humano a oportunidade dessa interação contínua de todas as variáveis que contextualizam o processo de envelhecimento, e que é fundamental à socialização e manutenção das potencialidades (NERI, 2001, p. 69). Portanto, a velhice é uma experiência heterogênea, que comporta ganhos e perdas e é determinada por um amplo espectro de variáveis em interação.

No processo de envelhecimento, os aspectos linguístico-cognitivos podem estar não só relacionadas à idade, mas principalmente às relações das pessoas idosas com o contexto em que vivem, uma vez que as mudanças linguísticas e cognitivas na vida adulta e na velhice não significam necessariamente descontinuidade da capacidade adaptativa e incompetência cognitiva em utilizar e manter as experiências e conhecimentos acumulados ao longo da vida (BRANDÃO & PARENTE, 2001, p. 37). Fatores intrínsecos, como genética e gênero, por exemplo, não podem ser controlados e não são modificáveis, mas fatores extrínsecos, como estilo de vida, hábitos, práticas culturais, engajamento social e ocupacional podem ser modificáveis ao longo da vida, e têm grande influência na capacidade cognitiva do indivíduo.

Portanto, é relevante compreender as mudanças que ocorrem na cognição com o envelhecimento, destacando alguns fatores que podem determinar os efeitos sobre ele como

aspectos socioculturais, de estilo de vida, de contexto familiar etc, que podem contribuir para a manutenção de dispositivos linguístico-discursivos.

Os estudos relativos às funções linguísticas no envelhecimento são ainda incipientes. Embora tenham estabelecido critérios neuropsicológicos, patológicos e de neuroimagem para diferenciar o normal e o patológico no envelhecimento, a descrição de aspectos linguísticos e cognitivos preservados no envelhecimento, o diagnóstico de transtornos cognitivos leves do indivíduo idoso continua sendo um desafio (DAMASCENO, 2001, p. 527).

A maioria dos estudos sobre a produção e a compreensão da linguagem no envelhecimento tem sido realizada na área de Neuropsicologia, utilizando métodos transversais com delineamentos que propõem tarefas de expressão da linguagem, buscando controlar o contexto comunicativo e determinadas variáveis que possam influenciar a produção dos indivíduos. Geralmente, tais pesquisas comparam grupos classificados por idade, o desempenho por faixa etária, em tarefas experimentais; outros ainda comparam grupos por nível de escolaridade.

As modificações na linguagem e na cognição no envelhecimento surgem como objetos de pesquisa entre diferentes pesquisadores, cujos delineamentos são também diversos. É muito mais comum encontrarmos autores que têm seus estudos voltados para um paradigma mais biomédico da velhice e do envelhecimento que priorizam as diferenças de idade, a comparação por categorização social dos indivíduos e as periodizações da vida (etárias, sociais, biológicas, etc.), bem como as relações de exclusão entre o normal e o patológico. Tais estudos são mais numerosos do que os estudos qualitativos que focalizam as mudanças da linguagem considerando o contexto sócio-cultural, os modos de seus relacionamentos, as transformações na formulação (meta)discursiva dos conceitos de velhice e de envelhecimento (MORATO, 2010).

Um dos estudos pioneiros sobre a linguagem de idosos no campo da Linguística foi realizado por PRETI (1991, p. 49), que afirma que “a fala do idoso não pode ser tomada numa perspectiva isolada”. Segundo o autor, as características da fala de uma pessoa idosa, em especial dos velhos-velhos, nos diversos níveis de análise, aponta que as diferenças básicas entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens reside mais na “intensificação” de fenômenos, como repetições, pausas hesitações, desvios de tópicos, que são mais

evidenciados com a idade avançada. Isso porque a interação corrente não é diferente entre idosos. Segundo PRETI (1991, p. 16-17), as ocorrências como: excesso de pausas e sua presença em locais absolutamente inesperados do discurso; repetições; abandono de segmentos; maior desorganização sintática; sobreposições de vozes; disfluência; assaltos e entrega de turnos compõem um quadro absolutamente normal, dentro do qual a linguagem dos idosos apresenta marcas específicas que podem ser observadas ou estudadas nos campos prosódicos, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. Essas ocorrências devem-se ao fato da língua falada não possuir um planejamento prévio, sendo planejada localmente.

De acordo com PRETI (1991, p. 17), a intensificação desses elementos na linguagem das pessoas mais velhas se deve a fatores naturais, psicofísicos (maior lentidão das reações na comunicação ativa ou receptiva, os problemas de audição e memória) e a outros de natureza sociocultural, como a situação estigmatizada dos velhos na sociedade contemporânea, o que lhes acarreta uma insegurança manifestada em todos os atos de sua vida e, muito particularmente, no seu discurso. Estas variações dos processos de repetição e nas autocorreções, que interferem na fluência do discurso de pessoas mais velhas, mecanismos estratégicos que elas utilizam para compensar problemas de disfluência que ocorrem ao nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução, lhes permitem sustentar o andamento. Isto é, apesar de tudo, seu discurso é levado adiante.

A análise de conversação também é um tipo de investigação cada vez mais utilizada nas pesquisas sobre a linguagem dos idosos, levando em consideração as variáveis de turnos de conversação e os atos de fala produzidos pelos falantes, bem como as reformulações de intenção e o manejo do tópico discursivo. Análises como estas indicam a relevância da história de vida pessoal, das reminiscências, dos processos interacionais, etc.

Segundo PRETI (1991, p. 36), na fala dos idosos é frequente as narrativas pessoais, devido a experiência acumulada ao longo da vida. Para o autor, a melhor qualidade nas histórias dos idosos está no fato dos tópicos serem guiados pelo interesse pessoal dos idosos, talvez mais do que pelo interesse de seu interlocutor. Suas narrativas possuem certo grau de originalidade. Segundo o autor, quanto mais os fatos se apresentam como inusitados, tanto maior a atenção do ouvinte do discurso narrativo. Essa característica dos

fatos é de certa forma, uma condição que favorece sua ativação na memória episódica, mais preservada em idosos do que a memória de trabalho.

Segundo HELFRICH (1979, *apud* PRETI, 1991, p. 38-39), alguns estudos mostram que em idade avançada (80 - 90 anos) as pausas tendem a aumentar, enquanto o tempo de articulação tende a decrescer, o que de certa forma significa que na velhice não só os aspectos motores, mas também os cognitivos do comportamento verbal se tornariam enfraquecidos, como, por exemplo, o surgimento das falhas de memória recente. Uma função linguística relacionada à memória muito comum nos idosos são as dificuldades de recuperação lexical, o fenômeno chamado “ponta da língua”, que diz respeito às dificuldades de encontrar palavras, por vezes constituindo uma dificuldade temporária de acesso ao léxico.

Os lapsos de memória constituem um dos problemas mais importantes para a perda do ritmo normal na fala de pessoas mais velhas. No entanto, segundo mostra PRETI (1991, p. 20), a rememoração se torna mais fácil com acontecimentos ocorridos há mais tempo, do que com acontecimentos mais recentes. Desta forma, percebe-se que as pessoas mais velhas constroem boa parte de seu discurso, relacionado com um passado sobre o qual ainda têm pleno domínio de memória; ao qual, ainda, de certa forma, está muito “preso”; e dentro do qual estão acontecimentos, lugares, coisas, pessoas, frases, marcas lexicais de espaço e tempo que fazem parte, ainda de sua história e de sua maneira de analisar o tempo presente. Como enfatiza BODEN & BIELBY (1986, p. 77):

*“Para os idosos, talvez mais do que para qualquer outro período de idade, os lugares são repletos de memória e, como interlocutores, os locais das narrativas pessoais podem adquirir imediatamente uso interacional, por meio de memórias relacionadas com pessoas públicas ou eventos”* (BODEN & BIELBY, 1986, p. 77 *apud* PRETI, 1991, p. 81).

Os estudos do fenômeno “ponta da língua” realizados por VIGLIOCCO (2002, p. 157) apontam que em tarefas de nomeação de figuras os idosos demonstram mais dificuldades de recuperação lexical do que os jovens e que palavras menos frequentes e não utilizadas recentemente provocam maior ocorrência desse fenômeno. De acordo com o pesquisador, o fenômeno ponta da língua está relacionada a diversos fatores, desde fatores



relacionados a idade, lesões cerebrais, fatores relacionados à palavra, como frequência de uso da língua à possibilidade de o falante ter acesso a determinadas informações, como o significado exato da palavra, a classe gramatical, a categoria semântica, o gênero, o número de sílabas e até mesmo a primeira letra.

Outros pesquisadores, como BURKE (1997, p. 255), explicam o fenômeno da “ponta da língua” pela hipótese da ativação parcial, argumentando que esse déficit de recuperação se dá devido a uma conexão fraca entre os níveis semânticos e fonológicos, e pela hipótese de bloqueio, em que a palavra alvo é suprimida fortemente por uma palavra competidora. Porém, até o momento, as explicações do fenômeno ponta da língua vêm apoiando a hipótese de ativação parcial.

CRUZ (2004, p. 45), ao relacionar linguagem e memória, afirma que memória e linguagem são sistemas de referência que dependem das situações discursivas e interacionais, estão na dependência, portanto, do contexto para fazerem sentido. Assim, a relação memória e linguagem, sendo uma relação de significação e não uma função mental localizada no cérebro é entendida também como uma relação linguagem-cognição. Linguagem e memória estão associadas dessa forma, aos processos de conhecimento.

Para MORATO (2010), não é possível pensar nas múltiplas faces e atividades da vida humana sem levar em conta algum tipo de memória (e de esquecimento), ou sem levar em conta alguma forma de significação, verbal ou não verbal, ligada aos processos associados à memória e seu modo de existência e funcionamento. Segundo a autora as relações entre memória e esquecimento podem ser consideradas uma relação tensa marcante na vida cotidiana, seja na velhice ou não. Vejamos palavras da autora:

*São muitos os sentidos e faces da memória – biológica, étnica, oral, escrita, corporal, sensorial, individual, social, cultural, espacial, coletiva, discursiva, histórica, pictográfica, humana, artificial, emotiva, nacional, oficial, procedimental, natural, declarativa, autobiográfica, etc. São muitos os processos pelos quais a memória se torna para nós o que significa, afinal de contas: preservação e retificação do passado, retenção e evocação de informação, aprendizagem do novo e modificação do já aprendido, vestígio, percepção do tempo, (auto)organização da vida mental, narrativa, identidade pessoal e social, espaço, história, interação, conhecimento, discurso, escrita (MORATO, 2010, p.13).*

MORATO (2010, p.13-14) ressalta ainda que as dificuldades com linguagem, assim como a perda da memória, estão entre “as mais profundas lástimas de nossa época”, como nos mostra a literatura médica tradicional relativa às demências, das amnésias, das afasias e enfermidades psiquiátricas. É possível observar vários achados sobre tais dificuldades nos estudos sobre o envelhecimento, como se envelhecer implicasse, por si, um estado de anormalidade ou de morbidez intrínseco, e não um conjunto de modificações próprias do curso da vida e com elas relacionado.

A investigação no campo de pesquisas essencialmente biomédicas envolve uma grande variedade de desempenhos cognitivos dos sujeitos, sendo a memória um dos tópicos mais estudados. Como a memória não é um simples repositório das experiências passadas, mas uma atividade básica ao pensamento e à aprendizagem, as mudanças nos processos da memória têm fortes reflexos na capacidade cognitiva das pessoas idosas. Conforme afirmam MORATO & CRUZ (2005, p. 293), a relação entre linguagem e memória pode acolher vários e distintos graus de solidariedade e distanciamento entre os dois processos, porém, sempre envolve de alguma forma o conhecimento e sua constituição. Muitas vezes a memória é vista de maneira direta ou “correspondencialista” com a linguagem, sendo a linguagem vista como mero meio de acesso para conteúdos mnêmicos. Na verdade, a memória e a linguagem não deixam de inter-atuar mutuamente como processos cognitivos. Quando falamos em linguagem, é importante situar que ela faz parte das chamadas funções cognitivas, como a atenção, o raciocínio e a percepção.

ULATOWSKA (1985, *apud* DAMASCENO, 2001, p. 529) afirma que, no processo de envelhecimento as pessoas podem apresentar mudanças nas funções linguísticas de nível semântico-lexical, caracterizadas pelas dificuldades em lembrar palavras durante a conversação, em nomear objetos e em fluência verbal. Com relação ao nível discursivo-pragmático, as pessoas idosas podem apresentar dificuldades com inferências, resumo e interpretação de moral de histórias. No discurso conversacional, podem demonstrar por razões diversas, dificuldades na compreensão verbal, problemas de clareza no enunciado, perturbações do processo de significação, como nas relações de sentido, problemas com pressupostos interpretativos, violação de leis conversacionais, alterações na coesão e coerência e dificuldades no acesso e manutenção do tópico discursivo.

Segundo DAMASCENO (2001, p. 529), normalmente, com o processo de envelhecimento, o idoso saudável mantém intactos o processamento sintático, o vocabulário e a função epilinguística e com relação à memória; as alterações de memória assemelham-se às encontradas nas fases iniciais da demência de Alzheimer, ou seja, surge um declínio leve da memória operacional ou memória de trabalho e na memória imediata, para fatos recentes, mantendo intactas a memória episódica (lembrança de eventos) e a memória semântica (conhecimento conceitual, cognição social). De acordo com o autor, em estudos feitos com testes neuropsicológicos, o aprendizado de situações e coisas novas, a evocação de lista de itens e a repetição imediata de números em ordem inversa são as funções mais alteradas, enquanto que o conhecimento do vocabulário, o fundo de informações, a repetição imediata de números em ordem direta e a realização de tarefas rotineiras mantêm-se intactas.

No que diz respeito à produção sintática no envelhecimento, estudos de KEMPER & SUMMER (2001, p. 312) afirmam que a habilidade de produzir um maior número de frases complexas, como aquelas que apresentam orações subordinadas, parecem declinar com o avanço da idade e que indivíduos idosos emitem um número menor de frases complexas do que os jovens. Esse dado é acompanhado da hipótese de que a memória de trabalho declina com o processo de envelhecimento reduzindo a complexidade sintática nos idosos, impondo restrições ao número de relações entre sentenças que podem ser formuladas em um só tempo. Cada sentença subordinada aumentaria a demanda na memória de trabalho, exigindo o armazenamento de itens, como concordância sujeito-verbo, escolha pronominal, ordenação linear de adjetivos e outras regras gramaticais.

Afirma-se correntemente no campo dos estudos cognitivistas em adultos e idosos que ocorrem perdas em velocidade do processamento da informação quando as tarefas de processamento tornam-se mais abstratas e mais exigentes (SMITH, 1996, p. 236); isto é, as diferenças no processamento linguístico aparecem provavelmente quando a demanda processual é altamente complexa.

Estudos longitudinais no campo, utilizando a reprodução de histórias, apontam variação intra-individual das falhas de memória de um dia para o outro, dependendo de variáveis como o tamanho de complexidade da história, alterações do humor, problemas afetivos, condição clínica geral do indivíduo, como doenças passageiras (gripe ou

resfriado), efeito colateral de medicamentos, etc. (DIXON, et.al. 1993, p. 43). Esses desempenhos, segundo os autores também podem relacionar-se com a familiaridade que o indivíduo tem com o conhecimento de mundo veiculado na história, ou interesse por ela, além do efeito da prática e do aprendizado. É importante ressaltar que as falhas de memória não podem ser atribuídas apenas a déficits de processamento, mas também a baixa estruturação do ambiente, motivação, baixa auto-estima, falta de confiança sobre as próprias capacidades, medo do fracasso, depressão, estresse e fadiga, etc.

Segundo PARENTE (2006, p. 133), no que concerne ao estudo do discurso produzido por idosos, um dos aspectos mais encontrados na literatura sobre a produção do discurso refere-se a uma característica de fala muito encontrada em vários estudos, a verbosidade fora de tópico ou fala irrelevante. Este fato, segundo a autora, caracteriza-se por fala aumentada e por mudanças súbitas e repentinas de tópico. Idosos que apresentam verbosidade fora de tópico, de acordo com a autora, falam copiosamente e exibem uma perda contínua do foco do discurso, realizando diversas mudanças de tópico, geralmente em discursos autobiográficos.

Os achados obtidos por estudos desenvolvidos no campo de neuropsicologia também confirmam a mediação de fatores psicossociais, as variáveis psicossociais podem estar relacionadas à característica da fala aumentada. Os fatores psicossociais não atuam como causas da verbosidade fora de tópico, mas como facilitadores. Fatores como estresse, provavelmente podem reduzir a capacidade cognitiva disponível para inibição da fala irrelevante. Também outros fatores, como estilo de personalidade, são importantes. Indivíduos extrovertidos e sociáveis são habitualmente mais falantes. A combinação de estresse e extroversão pode levar ao aumento de fala irrelevante.

Em geral, os processos linguístico-cognitivos no envelhecimento normal não acontecem de maneira uniforme, ou seja, existe uma variabilidade dos efeitos do envelhecimento em relação à cognição humana que ocorrem de maneira diferente para cada pessoa, pois dependem de vários fatores associados à condição física e sócio-afetiva, ao estilo de vida, à personalidade e às variáveis do contexto sociocultural. Pessoas que envelhecem sem patologias podem apresentar alto grau de especialização cognitiva, derivada da influência da experiência cultural (SÉ, 2003, p. 5). À medida que o entendimento sobre a linguagem e a cognição do idoso avança, a posição dos pesquisadores

começa a convergir para a ideia de que os estudos devem mover-se em direção a atitudes produtivas dos idosos, valorizando o idoso em todos os seus aspectos, tais como variáveis individuais, a experiência de vida, a preservação de habilidades abandonando a simples e homogeneizadora constatação de declínios.

Um exemplo disso é a comprovação de que a complexidade do trabalho e da vida social melhora a funcionalidade intelectual de homens e mulheres idosos. Um estudo realizado por SCHOOLER, MULATU e OATES (1999, p. 484) mostrou que quanto maior a complexidade do trabalho sobre a cognição, mais alto o nível de funcionamento intelectual. Esses estudos vão de encontro aos dados das neurociências que apontam para a contínua habilidade do cérebro para reorganizar-se, estabelecendo novos padrões de funcionamento, de acordo com as demandas do meio. Essa capacidade de reorganização é comumente chamada de neuroplasticidade. Esta, como vemos, não está confinada à realidade neural ou cortical.

Estudos comprovam que indivíduos que relatam maior engajamento com os outros, em termos de contato social, têm menor probabilidade de exibir declínio no funcionamento cognitivo. Uma pesquisa que investigou domínios como memória, linguagem, raciocínio abstrato, capacidades espaciais, percepção dos participantes quanto às suas redes sociais, por sete anos e meio em 1189 idosos, com idade entre 70 e 79 anos, comprovou que em termos estruturais, quantitativos e qualitativos, os níveis de suporte emocional estavam relacionados à maior funcionalidade cognitiva. Isso porque a presença de tipos particulares de relações, tais como o estado civil, o número de contatos com os filhos, amigos, parentes, a participação em grupos religiosos ou em outros grupos de convivência, frequência das relações sociais ofereciam um suporte social e emocional ou eram fontes de demandas para os participantes e tinham grande impacto no envelhecimento. Este estudo confirmou a hipótese de que o estilo de vida pode levar à necessidade de engajamento em situações sociais mais complexas, o que contribui para a melhora do desempenho cognitivo (SEEMAN, et al. 2001, p. 245).

É importante ressaltar que as modificações linguísticas e cognitivas que podem emergir no envelhecimento são dependentes fundamentalmente da interação de distintas variáveis como tempo, base biológica, fatores psicológicos, fatores ambientais e socioculturais. Fatores sócio-demográficos, nível educacional, alto nível de educação, altos

índices de satisfação pessoal, atividade física regular, ausência de hábitos prejudiciais à saúde como tabagismo, controle de fatores de riscos e a existência de maior rede de relações sociais são fatores que associam com melhor desempenho e manutenção do funcionamento cognitivo e funcional em idosos (FORLENZA & CARAMELLI, 2000, p. 35).

Desta forma, confirma-se empiricamente que a interação social, contatos com a família, a capacidade de manter a mente ativa ao longo da vida, o envolvimento em atividades mentais, sociais, religiosas, práticas de lazer e atividades físicas, ou seja, práticas sociocognitivas contribuem para a manutenção de recursos adaptativos, para a reserva cognitiva<sup>1</sup>, a plasticidade cerebral, comportamental e emocional - fatores significativos para o desempenho em todas as funções cognitivas. Aspectos do estilo de vida podem promover um bom envelhecimento, mudar o padrão de funcionamento e até reduzir o risco de declínios e incidência de demência.

O que observamos é, que o processo linguístico-cognitivo no envelhecimento é um processo multidimensional e multidirecional. Diferentes funções cognitivas começam a mudar em diferentes momentos, com diferentes resultados sobre diferentes indivíduos com experiências biológicas, psicológicas e sócio-histórica e culturais diferentes. As mudanças não são uniformes para todos os indivíduos e populações.

---

1. Reserva cognitiva é a capacidade do cérebro de armazenar e preservar por períodos prolongados as habilidades e aprendizagens baseadas na cultura adquiridas ao longo da vida, contribuindo para a resistência aos prejuízos de um quadro demencial, evitando o surgimento e/ou a progressão de sintomas clínicos significativos no início da doença. Significa o potencial atual do indivíduo para o máximo desempenho, no qual seus recursos internos e externos podem ser ativados ou ampliados e que permite aumentar o potencial para a plasticidade. A reserva cognitiva pode ser usada para a promoção de um melhor processo de envelhecimento como também pode permitir que o progresso de uma doença degenerativa seja bem mais lento do que o habitual (BALTES & GRAF, 1997, p. 428).

## **1.2. LINGUAGEM E COGNIÇÃO NA DOENÇA DE ALZHEIMER**

Podemos constatar que, de modo geral, as funções linguísticas encontram-se preservadas no processo de envelhecimento, conforme apontaram vários autores. É bastante complexo estabelecer o que é típico de um envelhecimento normal e o que é considerado início de uma trajetória das queixas cognitivas do envelhecimento normal para as queixas que constituem sintomas de um envelhecimento patológico. Muitos estudos consideram as primeiras manifestações de perda de memória como sintomas que antecedem até 12 anos um diagnóstico de demência (ARRIERA, et al, 2008, p. 498).

A demência é em termos neuropsicológicos, um declínio crônico, progressivo e persistente em pelo menos três das seguintes funções: memória, linguagem e comunicação, habilidades visuo-espaciais, personalidade, e outras habilidades cognitivas, como raciocínio e julgamento (cf. Cummings, Darkins, Mendez, Hill & Benson, 1988). A demência não é uma manifestação do processo de envelhecimento, mas pode estar associada à idade avançada, porque na velhice os sujeitos constituem um grupo etário que podem apresentar maior vulnerabilidade para desenvolver determinadas doenças e as demências, em especial a Doença de Alzheimer (DA), apresentando maior ocorrência e impacto neste segmento populacional. O declínio na DA é caracterizada em comparação com a fase anterior da doença (FORLENZA & CARAMELLI, 2000).

A Doença de Alzheimer é definida clinicamente como uma doença neuropsiquiátrica degenerativa, na qual se verifica um comprometimento das funções cognitivas (memória, linguagem, atenção, percepção, orientação espaço-temporal, praxia e funções executivas), que envolve o comprometimento cerebral, provocando uma atrofia progressiva no cérebro, inicialmente nas regiões internas do lobo temporal, causando impacto na funcionalidade e na vida social e ocupacional do indivíduo (HERRERA, et al., 1998). Os sintomas cognitivos se iniciam lentamente e aumentam com o passar do tempo. Muitos sintomas não ocorrem no início, mas surgem ao longo da evolução da doença quando vai aumentando sua gravidade. A doença de Alzheimer constitui o tipo mais comum de demência.

BERTOLUCCI (2009, p. 55) calcula uma duração estimada da demência de grau leve até um estágio grave, de aproximadamente 12 anos. Mas é importante ter em mente que, embora a tendência seja a repetição de um padrão de sintomas sociocognitivos,

comportamentais e afetivos, a doença de Alzheimer pode apresentar muitas variantes como descrita por que pode fugir do estabelecido por muitos critérios.

No Brasil, não há ainda pesquisa demonstrando o número de pessoas com demência, mas estima-se que é alto, por volta de mais de 1 milhão de pessoas idosas FORLENZA & CARAMELLI (2000). Os autores relatam que, de acordo com pesquisas científicas, atualmente são 36 milhões de pessoas no mundo vivendo com demência e é esperado que este número alcance 115 milhões em 2050. Conforme estudos epidemiológicos, FORLENZA & CARAMELLI (2000) relatam que no Brasil em 2008, estimava-se que 6% a 7% dos idosos brasileiros teriam algum tipo de demência, isso corresponde à 1.332.034 pessoas. Destas, 799.220 pessoas são diagnosticadas com a provável doença de Alzheimer. As causas mais frequentes são a Doença de Alzheimer (55,1%), a demência vascular (9,3%) e a associação entre ambas (14,4%). Em um estudo epidemiológico brasileiro realizado na cidade de Catanduva (SP), onde foram avaliados 1.656 indivíduos com idades iguais ou acima de 65 anos, a demência foi diagnosticada em 118 idosos (prevalência de 7,1%), dentre os quais 55,1% receberam o diagnóstico de provável doença de Alzheimer. (CARAMELLI & AREZA-FEGYVERES, 2007, p. 169 apud FORLENZA, 2007).

O papel da demência, particularmente da DA como um dos principais quadros demenciais na população idosa tem sido progressivamente reconhecido. A incidência de demência do tipo Alzheimer é de 1% até os 60 anos e depois dobra a cada cinco anos, isto é, 2% até os 65, 4% até os 70, 16% até os 80 e 32% até os 85 anos. À medida que a idade se eleva, a frequência relativa da doença de Alzheimer torna-se progressivamente maior, embora também possa ocorrer aumento da prevalência de doença cerebrovascular associada.

Dentro desse espírito investigativo, CANINEU, STELLA E BASTOS (2006, p. 253) discutem as alterações cognitivas que acompanham o envelhecimento normal e a diferenciação entre “Transtorno Cognitivo Leve” (TCL) e “Alteração Cognitiva Leve” (ACL). Segundo os autores, o declínio das funções cognitivas no envelhecimento normal caracteriza-se por um declínio gradual de algumas funções tais como a memória, que depende de processos neurológicos que se alteram com o avançar da idade. As mudanças no desempenho da memória são as que mais chamam a atenção das pessoas. O “Transtorno



Cognitivo Leve” apresentaria entre seus critérios de diagnósticos a presença de uma alteração cognitiva, que precede ou acompanha transtorno cerebral ou somático, e não está associado especificamente ao envelhecimento. A “Alteração Cognitiva Leve” refere-se a pessoas sem demência, mas que apresentam déficits cognitivos leves que se expressam em alterações de memória. Já BERTOLLUCCI (2009 *apud* CAIXETA, 2009, p. 177) refere-se à expressão “Transtorno Cognitivo Leve” ou “Comprometimento Cognitivo Leve” (CCL), quando as pessoas se queixam de dificuldades de memória o bastante para afetar suas atividades habituais, porém o déficit é restrito à memória.

Vários estudos neuropsicológicos identificaram déficits na memória verbal episódica, no aprendizado novo e na memória recente em indivíduos com CCL como o déficit cognitivo mensurável mais precoce na pré-demência, anterior à Doença de Alzheimer (DA).

De acordo com CANINEU, STELLA E BASTOS (2006, p. 253), em 2001, um consenso de especialistas estabeleceu critérios para a identificação de subtipos para a Alteração Cognitiva Leve (ACL). O mais conhecido é o ACL subtipo amnésico que se restringe à alteração da memória recente, mantendo preservadas outras funções cognitivas e o desempenho da capacidade funcional.

MANSUR (2009, p. 141) também afirma que a principal alteração, que é a memória recente na DA, se configura de forma diferente de uma amnésia, uma vez que a definição de amnésia de curto prazo refere-se a uma perda de memória para uso pessoal, experiências, eventos públicos, ou de informação, estando outros domínios cognitivos preservados. Já na DA, as perdas de memória acompanham déficits de linguagem e déficits atencionais para determinadas tarefas.

É importante salientar que as diferentes formas e causas de alterações mnésicas são largamente diagnosticadas a partir da linguagem e relacionam-se intimamente com ela, revelando-se no contexto comunicativo – seja em meio aos procedimentos de testes-diagnóstico, seja em meio às práticas linguísticas ordinárias, cotidianas (MORATO, 2010, p.14).

Profissionais da saúde, não raramente, encontram dificuldade para diferenciar o CCL de demência em seus estágios iniciais, pois a sintomatologia é similar. É importante ressaltar que pessoas com Transtorno Cognitivo Leve podem apresentar fatores de risco

para o desenvolvimento de demência. O que mais encontramos na literatura é que o CCL é reconhecido por alguns estudiosos como a fase pré-clínica da DA, sendo considerado um estado intermediário entre o envelhecimento normal e o patológico (MANSUR, 2005, p. 300). Em muitos casos, quando as alterações cognitivas ocorrem a ponto de prejudicar de maneira significativa a vida social e ocupacional do indivíduo, observa-se um *continuum* entre o normal e o patológico (STELLA, 2004, p. 287).

De acordo com os critérios de estabelecimento do diagnóstico da DA os que estão descritos na literatura são os critérios do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 4ª edição (DSM-IV) (ANEXO V), da *American Psychiatric Association* (BATISTA, 1995); o critério da *National Institute of Neurological and Communicative Disorders and Stroke* (NINCDS-ADRDA) (MC KAHNN et. al., 1984) (ANEXO V); o Código Internacional de Doenças, 10ª revisão (CID-10) da OMS (2008) (ANEXO VI); e o *National Institute of Neurological and Communicative Disorders and Stroke* que estabelece uma classificação para a DA, baseada em graus de severidade, o diagnóstico definitivo inclui achados clínicos confirmados por exame anatomopatológico (placas senis, emaranhados neurofibrilares, diminuição de densidade sináptica, especialmente no hipocampo e córtex de associação); o diagnóstico provável (com alterações de memória associada ao prejuízo de mais um domínio cognitivo) e o diagnóstico possível (cujo curso da doença é atípico ou associada a outras causas para a demência).

A literatura neuropsicológica e biomédica também enfatiza que é recomendável o emprego de um questionário ou escala para a avaliação da capacidade funcional da pessoa com suspeita de DA para a investigação das Atividades Básicas de Vida Diária (ABVDs) (relacionadas ao autocuidado) e Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs) (relacionadas à vida dentro da comunidade) como a Escala de Deterioração Global ou Escore Clínico da Demência - Clinical Dementia Rating (CDR) (HUGHES et. al., 1982) (ANEXO IX) que também fornecem categorias para o estabelecimento do envelhecimento normal até a Doença de Alzheimer grave. A avaliação da capacidade funcional é importante porque a doença de Alzheimer pode prejudicar a funcionalidade do indivíduo consequentemente, o desempenho das atividades cotidianas.

O comprometimento da funcionalidade no idoso com doença de Alzheimer comporta uma gradação, ou seja, é uma condição que não atinge de modo uniforme todos

os domínios da capacidade funcional dos idosos. Assim, a incapacidade para o desempenho de atividades instrumentais de vida diária, como fazer compras, cuidar das finanças e andar pela cidade, ou incapacidades resultantes de um comprometimento mais grave de locomoção, visão ou audição não significam, necessariamente, disfuncionalidade em outros domínios como cognitivo e emocional (PAVARINI, 1996).

A percepção de que algo está acontecendo de anormal com a pessoa depende da demanda do ambiente e sua rotina, conforme aponta BERTOLUCCI (2009, p.55). Dentre as atividades funcionais precocemente afetadas no sujeito com DA está o controle das contas, o ato de dirigir, a responsabilidade pela própria medicação, o uso de telefone, viajar sozinho. Com os lapsos progressivos da memória recente as tarefas essenciais da vida ficam para trás, os pacientes esquecem sua vida no sentido mais verdadeiro da palavra. A perda da orientação temporal e espacial segue a mesma direção, se perdem no objetivo de uma tarefa, na perspectiva da atividade, não sabem onde estão e nem para onde vão, perdem *literalmente o norte* como citado nas palavras de DAHLKE (cf.1992, p. 383). As dificuldades de praxia e funções executivas comprometem bastante a funcionalidade da pessoa com DA ao executar ações práticas, planejar uma atividade, o que muitas vezes dificulta o paciente ver ou atribuir um sentido na atividade.

Quanto às causas da doença, estas são tidas como multifatoriais, pois inúmeras doenças podem causar demência, algumas com peso para fatores genéticos, processos infecciosos, intoxicações e outros comprometimentos lesionais no cérebro. É possível classificar, nesse contexto da pesquisa médica, as causas de demência em dois grandes grupos: demências sem e com comprometimento estrutural do sistema nervoso central (SNC) (NITRINI & CARAMELLI, 2003, p. 76).

Dentre os fatores de risco para o desenvolvimento da DA descritos na literatura especializada, são idade avançada e história familiar positiva, o polimorfismo da Apolipoproteína E (APOE-4) o qual incluem mutações nos genes da proteína precursora de amiloide  $\beta$ A e da pressenilina 1 e 2, localizados nos cromossomos 21, 14 e 1, (NITRINI, R. & CARAMELLI, P., 2003). As descobertas de mutações genéticas associadas à forma familiar da doença de Alzheimer indicam uma ligação direta dos peptídeos  $\beta$ A e a patogênese da doença de Alzheimer. O fator de risco da APOE-4 na Doença de Alzheimer

é associada com menor metabolismo cerebral na região parietal inferior e temporal lateral em indivíduos com diagnósticos de provável DA (CARAMELLI, 2000, p. 107).

O exame neuropatológico é o único método diagnóstico definitivo para a doença de Alzheimer (realizado *pos-mortem*). Alterações histológicas macroscópicas do cérebro caracterizam-se por atrofia do tipo difusas, mais proeminentes nas regiões temporais, sobretudo nas áreas corticais associativas (frontal, temporal e parietal). As alterações microscópicas incluem perda neuronal, sobretudo nas camadas piramidais do córtex cerebral e degeneração de sinapses, afetando principalmente as estruturas límbicas do lobo temporal, mais especificamente no hipocampo e córtex entorrinal e os córtices associativos (CARAMELLI, 2000, p. 107). Além dessas alterações, podem estar presentes outras duas lesões, as placas senis e os emaranhados neurofibrilares. As placas senis são lesões extracelulares que contém uma proteína denominada “ $\beta$  amiloide” que acarretam degeneração dos dendritos e axônios. Os emaranhados neurofibrilares são lesões intracelulares que são compostas por filamentos helicoidais pareados contendo em sua estrutura a “proteína *tau*” que é metabolizada de forma anormal na doença de Alzheimer. Estas alterações são encontradas no hipocampo, córtex entorrinal e amígdala, além de áreas associativas. (FORLENZA & CARAMELLI, 2000, p.67); (PITTELA, 2006). Muitas dessas características histológicas da DA são também encontradas, em menor proporção, no envelhecimento “normal”, e o perfil das alterações de sistemas neurotransmissores na DA parece representar uma exarcebação daquele encontrado no envelhecimento.

Para LOCK (2006 *apud* CRUZ, 2008), crítico da visão biomédica, a concepção da DA continua sendo reducionista, localizacionista, uma vez que o discurso científico permanece voltado quase exclusivamente para as condições internas do cérebro, como pudemos constatar, esta é a concepção encontrada nos textos estruturados dos critérios diagnósticos, estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

CRUZ (2008, p. 27-28) discutiu em sua tese de doutorado as abordagens biomédicas e sociais em torno da DA. Para CRUZ (2008, p. 28), o que está na base de uma definição da DA é também uma concepção do que seja a própria cognição humana. Para a autora, não cabe aceitar somente um determinado modelo de investigação, uma abordagem que está no centro das alterações neuropatológicas, porque seriam insuficientes para explicar as nuances psicossociais dessa doença.

Segundo CRUZ (2008, p. 28-29), é interessante notar que, cada vez mais, se descobrem novos conhecimentos e condições no campo da cognição, novas associações fisiopatológicas da DA, mas ainda é possível ver a patologia reduzida a uma condição estritamente médica, representada no âmbito das pesquisas biomédicas com certos sintomas, estando outras categorias, do âmbito psicossocial, sendo tratadas de forma excludentes. Isso nos leva a repensar a conduta do diagnóstico e intervenções a ponto de salientar a importância que se deve dar ao estudo contextualizado da cognição do indivíduo com suspeita de demência, em relação às outras etapas da sua vida, bem como à utilização de abordagens que enfatizam a constituição sociocognitiva do indivíduo e suas práticas com linguagem.

Para CRUZ (2008, p. 29), os critérios diagnósticos da DA chamam a atenção, por exemplo, para a importância da anamnese. É de fundamental importância saber como incorporar as informações dadas pelos familiares e os fatores sócio-culturais aos dados neuropatológicos. Desta forma, é bem provável que surja certa discrepância entre “um comportamento cotidiano” e um “comportamento neuropatológico”. Conforme aponta CRUZ (2008, p. 29), algumas discrepâncias relacionadas à variação da progressão da DA, ao desempenho nos testes, às diferentes manifestações apresentadas de um indivíduo a outro, são admitidas como características particulares da história de vida dos indivíduos, mas nem sempre são tratadas como relevantes ou explicativas da DA, bem como da progressão do declínio da cognição humana. Isso quer dizer que as informações do cuidador, que passa a maior parte do tempo com o paciente, que conhece sua história e comportamento, podem ser relevantes e devem ser levadas em conta nas interpretações para fins diagnósticos.

Cumpramos lembrar que os critérios propostos pela OMS apresentam dois componentes: (1) clínica e critérios cognitivos, que são quase idênticas à abordagem que está sendo usada no campo da pesquisa e da clínica, e (2) os critérios que envolvem a utilização de medidas conhecidas como biomarcadores e testes extensivos, como a neuroimagem e a medida de proteínas no líquido cefalorraquidiano, que deverão ser utilizados nos centros especializados, podendo ser mais uma ferramenta para o diagnóstico de pessoas com a doença de Alzheimer.

Essas propostas se prendem ao método clínico-científico, como apontado por CRUZ (2008, p. 29-30). Mais do que estabelecer uma dicotomia entre cérebro/mente e vida social, o que está na base dessas noções é que a investigação da DA, com este modelo biomédico, têm implicações teóricas e metodológicas para o pesquisador e o profissional que realiza o diagnóstico, bem como para o cuidado da pessoa com DA.

Segundo LEIBING (2001, p.78), as falhas de memória vistas como algo localizada, dissociada de uma memória coletiva e vista como parte de um envelhecimento normal que antecipa uma demência, sem considerar outros pormenores num modelo mais amplo e mais detalhado, leva a estabelecer uma relação entre envelhecimento normal e patológico de forma caótica, porque o corpo imaginário, simbólico, está dividido por duas lentes e em tempos diferentes. Além disso, a autora levanta um novo estilo de investigar a DA na velhice, à medida que o indivíduo deixa seu passado para trás e privilegia-se o presente, assim a DA faria parte de um novo contexto do envelhecer. E é bem o que temos constatado, uma “patologização da velhice”.

Para LEIBING (2001, p. 78), é mais importante a memória vivida, ou seja a experiência autobiográfica, embora esta esteja circunscrita na memória coletiva. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. O relator da história familiar molda, ou padroniza aquilo que deve ser lembrado, é o que acontece com a pessoa com DA numa situação de entrevista quando ele não consegue recordar seu passado e de atividades individuais e eventos de convivência com a família. Os lapsos progressivos da memória recente mostram como o indivíduo desistiu da responsabilidade de lembrar. E a entrevista reforça esse paradigma.

Em sentido metafórico, a autora descreve que na DA a pessoa apresenta sua vida abalada, freada, comparando o curso de vida com a viagem de trem, *“um trem que se descarrilha, que sai do trilho, que se desvia, e são tantos os vagões, e a estação possui tantas plataformas que o homem não sabe em qual parar ou para onde ir”* (LEIBING, 2001, p. 78). A lembrança, que é o olhar pelo retrovisor, fica comprometida, mas com um passado ainda reconhecível, uma lembrança comprometida, mas ainda com certos vestígios e mesmo assim a pessoa não mais narra sua vida, precisando da ajuda do familiar, conduzindo à uma prática de recordação pelas pessoas a ela relacionadas, o que cria um

novo corpo social. Para entender o ser humano como um processo de desenvolvimento, deve-se considerar o olhar histórico, corporal e cultural.

Essa lembrança de si mesmo que fica comprometida é a perda da memória autobiográfica, que afeta sua identidade (BIRREN, et al., 1996, p. 21), que fica sem as estratégias de recordações dos eventos da vida, dos acontecimentos e sentimentos, afeta a percepção do presente, do passado e do futuro. É um mundo de memórias que está perdido. Uma memória pessoal que ainda é conhecida pelo acompanhante do paciente. Cabe ao cuidador, muitas vezes, lembrar toda uma vida de seu familiar, o que ele fazia, seus laços, o que fez pelos filhos, como estes se relacionam com o eles, as palavras que dizia, suas aventuras, etc... O cuidador é a memória dos dois juntos. O paciente se esqueceu, mas ele não está esquecido.

Os vestígios dos quais nos fala LEIBING (2001, p. 78) dizem respeito aos momentos de *insights* cognitivos, comportamentais e emocionais que se mantêm presentes nos estágios da doença, uma consciência temporária de si que pode acontecer acompanhado de uma percepção do comprometimento da memória (DOURADO et. al., 2006, p. 315). Esses vestígios ou pequenos *insights* são sinais distantes de uma porção de memória que ainda permanece.

É importante observar que a ênfase nesta visão ainda se encontra em evolução nas neurociências e vem se confirmando com pesquisas científicas em várias áreas do conhecimento, tais como investigações empíricas na psicologia do envelhecimento (NERI, 2007, p. 173), estudos sobre a percepção subjetivas da própria saúde (FALCÃO & ARAÚJO, 2009, p. 103), estudos em neurociências sobre plasticidade cerebral e o impacto do contexto social nas estruturas cerebrais (CALDAS, 2002, p. 25) (CANÇADO & HORTA, 2006, p. 112), entre outros estudos de relevância pautada pela perspectiva sociocognitiva (MORATO, 2010, p. 13).

De acordo com AHLSEN (2006, p. 114), as modificações linguísticas observadas na DA podem ser descritas em fases conforme a evolução da doença (*cf.* Bayles, 1992; Bayles, Tomoeda, e Trosset, 1990; Caramelli, Mansur, & Nitrini, 1998). Nos estágios iniciais, encontramos anomia e comprometimento da comunicação verbal, com prejuízos na fluência. Com o avançar da Doença ainda numa fase inicial, surgem problemas semântico-pragmáticos, prejudicando o discurso e a narrativa, que provavelmente são secundários ao

dano do lobo temporal, responsável pela recuperação da palavra (acesso lexical). Surgem também problemas típicos do nível semântico-pragmático, para além de anomia, de dificuldades na compreensão da semântica e sintaxe complexa, como a redução do conteúdo informacional, e erros quanto à referenciação (cf. Chapman & Ulatowska, 1994). Na fase avançada ou grave, a linguagem apresenta-se comprometida como um todo.

Segundo AHLSEN (2006, p. 114), nos estágios iniciais, 30% a 40% dos casos apresentam afasia anômica leve em testes neuropsicológicos; mais tarde, pode surgir a afasia sensorial transcortical (compreensão reduzida, mas a repetição é preservada), e nos estágios finais, 100% dos pacientes têm afasia global (cf. Faber-Langendoen et al., 1988). Inicialmente, a DA tipicamente afeta o lóbulo medial temporal esquerdo e neocortical de áreas do lobo temporal, que é o que leva a problemas na recuperação da palavra (DAMASIO & DAMASIO, 1989) e a redução da fluência verbal. Mais tarde, encontramos também danos da área de junção têmporo-parietal esquerda e occipital, levando aos sintomas de afasia sensorial transcortical; na última fase, o dano estende-se ainda mais em regiões frontais, tornando a afasia global. Como vemos aqui, os problemas de linguagem na Da são consideradas alterações afásicas.

MANSUR (2005, p. 300-307) afirma que nas descrições clássicas aparecem as alterações léxico-semânticas como as mais prevalentes, com relativa preservação dos níveis fonéticos e fonológicos, que ocorriam em fases mais avançada da doença. A autora assinala que a relação entre a presença de distúrbios de linguagem e idade de instalação da demência, e entre história familiar e linguagem ainda merece mais investigações. Embora os pesquisadores concordem com a existência de dificuldades léxico-semânticas nos indivíduos com DA, ainda não se chegou a um acordo a respeito da natureza desses déficits.

Segundo MANSUR (2009, p. 141), as dificuldades em definir, nomear objetos e itens de uma categoria, em associar palavras e em produzir e compreender pantomima são bastante evidentes em fases moderadas da DA. Também pode ocorrer uma dissociação dos níveis fonológico e sintático e do nível semântico. O sujeito pode repetir, falar espontaneamente e corrigir erros sintáticos e fonológicos sem processar o significado.



HUFF (2001 *apud* LIGHT & BURKE, 2001, p. 68) afirma que os sujeitos com DA apresentam mais anomias e parafasias do que os afásicos por lesões focais, tendo dificuldades em encontrar substantivos, o que se evidencia na fala espontânea, podendo-se observar também o uso de termos gerais, como palavras superordenadas ou hiperônimos (ex. animal para cachorro) e termos indefinidos (ex. aquele negócio; a coisa). Segundo o autor, as anomias e parafasias na DA indicam que os indivíduos apresentam desempenhos piores em testes de nomeação de figuras, falhando na nomeação ou apresentando maior tempo de reação das respostas. Foi identificada na fala de pessoas com DA a perda da informação semântica ou comprometimento do acesso à memória semântica, a dificuldade em recuperar a palavra, caracterizado pela dificuldade em nomear. A hipótese mais corrente é que existe um problema no acesso lexical e não uma perda semântica.

Para PARENTE (2007, p. 144), os déficits da memória semântica na doença de Alzheimer estão relacionados ao pior desempenho da memória episódica. A autora defende a ideia de que a preservação da memória episódica depende da integridade da memória semântica. Segundo a autora um dos fatores mais marcantes do déficit de memória episódica nos sujeitos com DA é a rapidez da progressão do esquecimento. O esquecimento da informação episódica na fase inicial da doença pode estar relacionado aos recursos atencionais, podendo refletir uma dificuldade de codificação e armazenamento, mais do que um problema de recuperação. Ainda segundo a autora, outro tipo de memória episódica, a memória autobiográfica responsável pelo armazenamento da experiência passada que permite recuperar eventos selecionados do curso de vida também é reduzida na DA. É possível observar o esquecimento de eventos recentes, também os esquecimentos remotos da vida.

De acordo com REISBERG et. al (1982 *apud* PARENTE, 2007, p. 144) nas fases iniciais da DA o sujeito apresenta dificuldade em relatar sua história pessoal; componentes importantes na narrativa são omitidos. Distorções mais graves são denominadas confabulações, que consistem em ações ou afirmações verbais e relatos incongruentes em relação à história e à situação atual do indivíduo. As confabulações são observadas no discurso espontâneo e nas conversações, que são marcadas pela dificuldade em manter e em mudar de tópico (ORANGE e KERTESZ, 2000, p. 29).

Em um estudo de DALLA BARBA & RIEU (2001), em que os sujeitos com DA foram solicitados a narrar um episódio pessoal e a relatar um plano pessoal para o futuro, mostrou-se que os indivíduos confabularam durante as narrativas e a recuperação da informação autobiográfica estava comprometida. Esse estudo sugeriu que a doença de Alzheimer causa alterações na orientação temporal e na capacidade de planejar metas.

Um aspecto importante a ser levantado é que os indivíduos não confabulam devido às alterações de memória presentes nas fases iniciais da DA, mas também em resposta a essas alterações como aponta MORATO (2010, p. 129). A confabulação, segundo a autora, pode ser entendida com uma configuração textual moldada pela qualidade das interações no cotidiano, pelo tipo de engajamento dos interlocutores na conversação. A confabulação, enquanto fato textual pode tanto se assemelhar às digressões, quanto à mentira (MORATO, 2010, p. 103). De acordo com a autora, a confabulação se caracteriza basicamente pelo papel que ocupam os interlocutores na interação verbal.

BASTOS (2000), ao analisar as dificuldades discursivo-narrativas na DA em estágio leve, a partir da análise da linguagem de cinco (5) sujeitos, numa abordagem textual (propondo tarefas qualitativas, como relato da vida pessoal e interpretação de figura temática sequenciada e não sequenciada), verificou que surgiram dificuldades no fluxo discursivo dos sujeitos apresentando descontinuidade da narrativa. A autora percebeu grande influência de ordem pragmática que sobrepôs às alterações sintáticas. Porém, todos os sujeitos da pesquisa compreenderam as histórias apresentadas, mas adotando estratégias semi-descritivas, ou seja, restringiam à uma espécie de descrição que constava na figura. Alguns sujeitos mostraram uma estranheza frente ao conteúdo das figuras. Já na prova das narrativas pessoais semelhante ao grupo sem DA, os indivíduos apresentaram textos longos, não se limitando a contar apenas determinado fato ou acontecimento, mas o conteúdo das narrativas constava informações de reconstituição de um passado relativo a uma época ou contexto histórico.

Estudos como esse apontam que não existem diferenças significativas entre DA e sujeitos não-Alzheimer quanto ao vocabulário e fluência. A memória estava bastante prejudicada, conforme encontramos na literatura. Com relação à narração das figuras, o estudo comprova que toda história é construída e reconstruída com base em eventos,

acontecimentos, fatos e ações que nascem das relações entre as pessoas e o contexto, isto é o seu conhecimento ou saber pragmático.

É importante ressaltar que, assim como ocorre no processo de envelhecimento saudável, indivíduos com DA podem apresentar plasticidade cognitiva e comportamental que ajudam a manter e a explorar estratégias sociocognitivas para se adaptarem às modificações em determinadas funções cognitivas que vão surgindo no decorrer do curso clínico da doença. Essas adaptações, tanto no envelhecimento normal quanto no patológico, são para tentar manter um nível anterior de processamento cognitivo e mascarar a conotação negativa que o déficit possui (SKA et al., 2009, p. 14). Isso significa que na DA em fase inicial ainda permanecem de forma consciente as estratégias metacognitivas do indivíduo que dizem respeito ao conhecimento que ele tem sobre as estratégias disponíveis e que ele pode lançar mão para realizar uma tarefa, atingir uma meta, recuperar uma informação, resolver um problema, abandonar conteúdos ou ativar e monitorar conhecimentos durante uma prova ou conversação. Essas estratégias chamadas compensatórias, podem estar presentes devido à fatores intrínsecos do envelhecimento, à exposição às demandas ambientais, nível educacional, engajamento social que proporcionam de certa forma oportunidades de o indivíduo sustentar uma função cognitiva, mantendo a flexibilidade intelectual, mesmo na presença do declínio, conforme apontado por RIBEIRO & YASSUDA (2007, p. 191).

Um exemplo desse fato é comprovado por MORATO (2010, p. 32) em seu texto sobre o caráter sociocognitivo da metaforicidade, no qual estuda a interpretação de expressões formulaicas por pessoas afásicas e com DA. A autora assinala que as dificuldades de ordem metalinguística por sujeitos com DA em fases iniciais, por evocarem instâncias de cristalização sociocognitiva, podem apresentar ganhos na argumentação. Isso significa que a instabilidade linguístico-cognitiva que caracteriza os quadros de DA não podem ser explicados por si só.

Podemos observar que, na maior parte dos estudos, as alterações referentes aos níveis linguísticos na DA, não se apresentam de forma aleatória. Os aspectos semânticos são os primeiros a serem comprometidos, ao contrário dos sintáticos e fonológicos, que geralmente apresentam alterações somente com a progressão da doença. Com o avançar da doença observam-se esquecimentos mais frequentes, linguagem elíptica com redução do

vocabulário, especialmente substantivos e nomes próprios, parafasias semânticas, pleonasmos, excesso de dêiticos e perífrases (DAMASCENO, 2001, p. 529). De acordo com o autor, as alterações semântico-discursivas na fase mais grave da doença são caracterizadas por dificuldades na interpretação de metáforas, provérbios, moral da história e material humorístico, ou seja, fazer inferências, ater-se ao tópico discursivo e distinguir informação preexistente de informação nova.

As principais alterações linguísticas nas fases da Doença de Alzheimer, segundo diferentes autores são descritas abaixo na Tabela 1.

**Tabela 1 - Alterações linguístico-cognitivas encontradas em fases distintas da Doença de Alzheimer, segundo diferentes autores.**

| <b>Autores</b>                                                                                                                                                               | <b>Fase inicial ou leve</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (CUMMINGS, DARKINS, MENDEZ, HILL & BENSON, 1988 <i>apud</i> AHLSÉN, 2006); PARENTE (2006; 2007); CRUZ & MORATO (2004); BASTOS (2000); DAMASCENO (2001); MANSUR (2005, 2009). | Alteração da memória episódica na fase inicial da doença pode estar relacionada aos recursos atencionais, podendo refletir uma dificuldade de codificação e armazenamento, mais do que um problema de recuperação.<br>Nível semântico-lexical: lembrar palavras na conversação, nomeação de objetos, tarefas de fluência verbal. As confabulações são observadas no discurso espontâneo e nas conversações, que são marcadas pela dificuldade em manter e em mudar de tópico. |
|                                                                                                                                                                              | <b>Fase intermediária ou moderada</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| (FABER-LANGENDOEN, et al., 1988 <i>apud</i> AHLSÉN, 2006); PARENTE (2006; 2007); MANSUR (2005, 2009); DAMASCENO (2001)                                                       | Dificuldades em definir, nomear objetos e itens de uma categoria, em associar palavras e em produzir e compreender pantomima. Dificuldades discursivo-narrativas devido às alterações da memória autobiográfica responsável pelo armazenamento da experiência passada que permite recuperar eventos selecionados do curso de vida. Alteração do processamento fonológico durante a ativação de conhecimentos prévios.                                                         |
|                                                                                                                                                                              | <b>Fase avançada ou grave</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| (FABER-LANGENDOEN et al., 1988 <i>apud</i> AHLSÉN, 2006); DAMASCENO (2001); MANSUR (2005, 2009).                                                                             | Esquecimentos mais frequentes, linguagem elíptica com empobrecimento do vocabulário, especialmente substantivos e nomes próprios, parafasias semânticas, pleonasmos, excesso de dêiticos e perífrases. Alterações nos níveis fonéticos e fonológicos. Alterações nos aspectos semântico-pragmáticos aumentam, aparecem as dificuldades na interpretação de metáforas, provérbios, moral da história e material humorístico. Afasia global.                                    |

Apesar do quadro acima, nas demências, a linguagem tem sido investigada seguindo os mesmos parâmetros das avaliações para afásicos, isto é, por meio de testes metalinguísticos padronizados ou por meio de resultados de exames do estado mental. A avaliação quantitativa, com a utilização de testes-padrão, desconsidera as atividades linguísticas – cognitivas, tomadas em situação de uso, uma vez que prioriza isoladamente, os aspectos sintáticos, fonológicos e lexicais. Isso se torna um problema de ordem tanto metodológica, quanto teórica, uma vez que o comprometimento da linguagem na demência parece encontrar-se mais em nível semântico-discursivo.

Segundo PARENTE (2006, p. 288), o emprego da abordagem psicométrica na avaliação da cognição no envelhecimento têm levado a um grande debate sobre os aspectos metodológicos para tal finalidade, bem como sobre a validade em medir mudanças, uma vez que existem muitas nuances que podem gerar resultados diferentes. As dificuldades no delineamento da metodologia do emprego dos testes em pesquisas, a dimensionalidade no que diz respeito à estrutura semântica dos instrumentos, a dimensionalidade dos construtos, as definições operacionais dos instrumentos, as diferenças intra-individuais, a variabilidade de graus de declínios, os efeitos da idade e da educação e à coerência entre os modelos e teorias sobre o envelhecimento cognitivo, formulados por pesquisadores de diversas áreas interessadas, têm causado grandes discussões na literatura.

Cabe saber se nos testes para avaliar o funcionamento linguístico-cognitivo no envelhecimento os enunciados dos sujeitos observados no momento da avaliação são considerados como “dados clínicos”. Todas essas questões devem ser pensadas no processo de estudo e da avaliação da linguagem e da cognição.

A abordagem discursiva na investigação da linguagem, na DA permite compreender como o sujeito acessa e produz os efeitos de sentidos, a fazer remissão de sua memória discursiva, a realizar inferências semântico-pragmáticas. Nesse contexto, um protocolo de provérbios se destaca, como um instrumento viável para tal investigação.



## CAPÍTULO 2

### OS ESTUDOS DOS PROVÉRBIOS NO CAMPO DA LINGUÍSTICA E DA NEUROLINGUÍSTICA

---

#### 2.1. O PERCURSO SOCIOCOGNITIVO DA SIGNIFICAÇÃO DOS PROVÉRBIOS

Partindo da premissa que a abordagem sociocognitiva considera o significado como um construto negociado e partilhado, por acreditarmos que o significado não está em nós ou nas coisas, mas entre nós e as coisas, a concepção dialógica e sociointeracional da linguagem e da cognição, que se opõe à concepção estruturalista, coloca em foco as práticas humanas, como o ambiente privilegiado para a análise da significação. Portanto, o objetivo deste capítulo é fundamentar a perspectiva sociocognitiva da linguagem no processo de compreensão e da construção de sentido, especificamente dos provérbios.

A grande perspectiva da linguística do século XXI como apontado por MARCUSCHI (2003, p. 45); KOCH & CUNHA-LIMA (2005, p. 259), deve ser desenvolvida no contexto da pragmática e da linguística funcional-cognitiva, no sentido de que elas providenciam uma resposta para toda a atividade linguística em seus mais variados contextos sócio-culturais.

MARCUSCHI (2003, p. 45), ao explicar o percurso sociocognitivo da linguagem, que vai, segundo ele, do “código para a cognição”, no qual o conhecimento é tomado como um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual, parte da ideia de que a linguagem é uma forma de cognição sócio-histórica e de caráter eminentemente interativo. A linguagem, não é, pois, um simples código, ela se caracteriza como um sistema simbólico de grande plasticidade com o qual podemos dizer criativamente o mundo. O autor afirma que as atividades linguísticas são principalmente de construção e não de processamento. O sócio-cognitivismo está relacionado, deste modo, com a “linguística da significação”, e não apenas com a “linguística do significante” (MARCUSCHI, 2003, p. 45).

Um aspecto importante que toma conta das reflexões desde o séc IX seria saber como a experiência entra na linguagem sem precisar aderir a um paradigma dualista mente/corpo (MARCUSCHI, 2003, p. 45-56).

O surgimento desse novo paradigma é chamado por KOCH & CUNHA-LIMA (2005, p. 259) como “ponto de partida” do avanço das ciências cognitivas, chamado por MARCUSCHI (2003, p. 45) de “guinada pragmática”. Esse novo paradigma analisa em detalhe os usos e funcionamentos da língua em situações concretas sem única dedicação à análise formal da língua ou da mente. Assim, os estudos pragmáticos tentam esclarecer como se dá a produção de sentidos relacionados aos usos linguísticos e cognitivos efetivos.

Segundo MARCUSCHI (2003, p. 45), não se trata de recusar a forma e dar privilégio à função, à ação, ao social e ao histórico, mas de “harmonizá-los”. O compromisso cognitivista trouxe a preocupação com a natureza da linguagem sob o ponto de vista de seu estatuto cognitivo. A preocupação com a atividade referencial, os elementos cognitivos da linguagem, o processo de significação, etc, fortes influências do processamento da informação e da psicologia cognitiva conduziu os caminhos para o desafio cognitivo na linguística.

Ao tematizar as relações entre linguagem e cognição, LURIA (1990, p. 244) afirmou que a linguagem está presente em todas as funções cognitivas. Ele rejeitava a ideia de que existe uma relação direta entre as capacidades mentais que podem ser diferenciadas, tais como linguagem, memória, percepção etc., e processos cerebrais localizados. Para Luria, o que existe é uma plenitude do funcionamento cerebral que constitui num sistema dinâmico de regiões interconectas, cujas funções psíquicas vão das inferiores a superiores<sup>2</sup>. Com Luria, já ficava clara a ideia de mútua constitutividade das funções mentais e da linguagem.

Esse pensamento se encontra também nas reflexões de TOMASELLO (2003, p. 66), autor que reconhece a importância crucial das interações sociais para o entendimento da relação entre linguagem e processos cognitivos.

---

2.De acordo com Luria (1990, p.245), as funções cognitivas superiores do homem (linguagem, percepção, memória, praxia, intelecto) são funções psíquicas complexas, que têm sua origem histórico-cultural. A base psicofisiológica dessas funções que vão das mais simples às mais complexas é a “rede neurofuncional” constituída por um conjunto dinâmico de regiões cerebrais interconexas, cada uma delas contribuindo com operações básicas para o funcionamento mental como um todo, chamado de “Sistema Funcional Complexo” (SFC). O caráter dinâmico do SFC se deve ao fato de que sua estrutura psicológica e sua organização cerebral mudam a cada instante, na mesma medida em que mudam a demanda da tarefa (DAMASCENO, 2000).



A hipótese de Tomasello é que “a interação está na origem de tudo”, isto é, da cognição humana, da singularidade da espécie, dos sistemas simbólicos (como a linguagem) por ela constituídos e, como não poderia deixar de ser, de esquemas conceptuais. Para o autor, os seres humanos têm de fato modos de transmissão cultural únicos da espécie. Tradições e artefatos culturais dos seres humanos acumulam modificações ao longo do tempo de uma maneira que não ocorre nas outras espécies animais – é a chamada evolução cultural cumulativa, ou “efeito catraca”, uma espécie de conhecimento transformado de geração a geração. O comportamento que é socialmente transmitido sobrevive por causa de suas consequências. Isso significa compreender que um conjunto de habilidades cognitivas e de produtos manifestos pelos homens modernos é o resultado de uma transmissão cultural (TOMASELLO, 2003, p. 66).

Essas habilidades, segundo TOMASELLO (2003, p. 66) se dão num processo de aprendizagem social. Para o autor, “*nós aprendemos com o outro e através do outro*”. Todos os seres vivem basicamente num mundo social de co-específicos individualmente reconhecidos e têm a capacidade de predizer o comportamento dos co-específicos em diversas situações utilizando pistas e insights. A esse processo se dá o nome de cognição social, a capacidade de “compreender os co-específicos como seres iguais a ele com vidas mentais e intencionais iguais a ele”.

Quando as ações são investigadas em termos de configuração contextual, domínios de fenômenos que são usualmente tratados, como linguagem e estrutura do ambiente, podem ser analisados como componentes integrados de processos comuns de produção social, de sentimento e de ação. Isto também provê uma alternativa geográfica de cognição com a visão que todos os fenômenos cognitivos podem ser situados da vida mental do indivíduo. Aqui, cognição é um processo situado que abrange a capacidade de aprender o signo através dos produtos da conversa e diferentes fenômenos semióticos, para a organização gráfica, apresentada junto com o ambiente material e social. Por isso, os recursos semióticos sempre são mobilizados para realizar propriedades referenciais (GOODWIN, 2000).

Partindo deste ponto de vista, significados metafóricos (como os provérbios) não podem ser tratados como simples recursos linguísticos ou figuras de linguagem, mas um modo específico de conhecer o mundo e não uma simples transmissão de significados ou

uma simples comparação abreviada, eles podem ser tomados como ponto de apoio para uma análise de capacidade criativa, espontânea do indivíduo, ou seja, a criação de novos universos e consciências, verdades e conhecimentos, enfim uma nova realidade, não importando que tipo de realidade ela cria.

No que diz respeito à capacidade de compreensão, MARCUSCHI (2008, p. 237) aponta para o fato de a compreensão ser sempre constitutiva mediante processos em que atuam planos de atividades desenvolvidos em vários níveis e em especial com a participação do interlocutor numa ação colaborativa. Para o autor, o percurso de compreender um enunciado ou um texto não é uma atividade natural, nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive e, não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. Compreender exige habilidade, interação e trabalho, trata-se de uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade (MARCUSCHI, 2008, p. 237)

Desta forma, os fundamentos da metáfora, em específico da compreensão dos provérbios, estão na base da experiência que a consciência acumula e reserva para ser acionada, acessada ao elaborar estruturas e universos que ultrapassem as experiências, por isso a metáfora é a um só tempo mágica e lógica, subjetiva e objetiva, interior e comunicativa (MARCUSCHI, 2007, p.121-122).

De acordo com a teoria da cognição social, vista em TOMASELLO e em MARCUSCHI, por exemplo, adotamos estratégias e estruturas mentais que compartilhamos com os outros e estão envolvidas de certa forma na compreensão e nas interpretações.

Estratégias sociocognitivas são definidas por KOCH & ELIAS (2006, p. 39) como uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação e mobilizam vários tipos de conhecimentos que temos armazenados na memória, o conhecimento linguístico, o conhecimento enciclopédico ou de mundo e o conhecimento interacional para construir e produzir sentido. O *conhecimento linguístico* constitui a gramática e o sistema lexical quando organizado e acionado pelo indivíduo, ele pode acionar modelos cognitivos para compreender as expressões; o *conhecimento enciclopédico*, ou conhecimentos gerais sobre o mundo, ou conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados permitem a construção de sentidos, levando à compreensão de enunciados e o

conhecimento interacional relacionado às formas de interação, como por exemplo, o conhecimento ilocucional que permite o indivíduo reconhecer propósitos, metas, pretensões auxilia na compreensão, na produção de sentido, no acesso das significações. Com estes pressupostos, fica evidente o foco que deve ser dado na relação entre linguagem e contexto. O conhecimento interacional também é importante na capacidade de compreensão, porque os indivíduos utilizam um princípio de reciprocidade, de cooperação, de intenções compartilhadas em sua compreensão da interação social. A reciprocidade é constantemente baseada em processo de atribuição moral. Outro fator relevante são os estados afetivos, subjetivos, de bem-estar emocional que orientam os pensamentos e as ações e contribuem para o ajustamento social.

Segundo HANKS (2008, p. 169) os sistemas linguísticos, os processos cognitivos e o uso da língua são co-articulados. A linguagem é um elemento importante, se não for o definidor, em grande parte da vida social. O autor ressalta que as muitas variedades que as informações de vários tipos são verbalmente expressas e moldadas, ocorrem por meio dos contextos sociais e interpessoais nos quais o discurso é produzido. Entende-se por contexto um conceito que tem como base organizacional principal as relações, nas quais se constrói elementos fundamentais para a produção de sentido, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais.

Para HANKS (2008, p. 171), os processos inferenciais (interpretação, extrapolação, implicitação, enriquecimento contextual) também operam as formas de expressão à luz dos contextos, conferindo-se uma importância especial para as estruturas de relevância. Todos esses processos fiam-se criteriosamente na capacidade de os sujeitos produzirem e avaliarem signos do contexto, e de fazê-lo deliberadamente. Na expressão do autor: *“Estratégia e improvisação são modos de exercitar essa capacidade”*.

De acordo com HANKS (2008, p. 179), existem níveis de contextos que devem ser distinguidos que explicam a linguagem como uma prática social. O autor fala de duas dimensões do contexto, a emergência e a incorporação. A emergência diz respeito aos aspectos do discurso que surgem da produção e da recepção enquanto processos em curso. Refere-se à atividade mediada verbalmente, à interação, à co-presença, à temporalidade, em um contexto restrito como um fato sensível, social e histórico. A dimensão incorporação (*embedding*) refere-se à relação entre os aspectos contextuais relacionados ao

enquadramento (*framing*) do discurso. Isso significa que a emergência para as interpretações dos enunciados proverbiais tem relevância devido a sua associação com o tempo real da produção do enunciado e da interação e a incorporação é importante por ajudar na descrição de uma situação dos enunciados em algum contexto mais amplos.

MARCUSCHI (2007, p. 77), ao apresentar seus argumentos para defender a tese sobre como as pessoas acessam o sentido, formula algumas premissas ressaltando a importância do contexto sócio-cultural, afirma:

*O sentido é um fenômeno socialmente produzido, condicionado aos processos interativos e fora da interação não há sentido; O contexto, em suas variadas formas de manifestação, é inalienável de qualquer atividade interativa para produção de sentido. (cf. 2007, p. 77).*

Para MORATO (2005, p. 80), a análise de atividades de construção de práticas discursivas como as expressões formulaicas, em específico aqui os provérbios, bem como de sua emergência em situações interativas, indicam como as propriedades da cognição, da linguagem e da interação social atuam dinamicamente no entendimento de suas estruturas complexas. Testemunhos dos espaços públicos e da história na constituição da linguagem, sobretudo, da cognição, as expressões formulaicas, cristalizadas pelo uso, pela tradição cultural e pela memória discursiva, surgem da interação simbólica entre sujeito, língua e mundo, sobrevivendo e correndo o risco de sofrer transformação, em função do seu grau de reminiscência e dos jogos de memória.

A perspectiva sociocognitiva da linguagem tem se tornado, nos últimos anos, uma resposta produtiva à pergunta sobre o papel do uso social da linguagem na construção do sentido, do conhecimento e da apreensão da realidade.

## 2.2. – MANIPULAÇÃO ENUNCIATIVA DOS PROVÉRBIOS

Neste item, dedico-me a descrever e situar os provérbios do ponto de vista da tradição cultural, pontuando suas propriedades linguísticas e pragmáticas.

Os provérbios têm uma longa e diversa história no folclore, na religião, na cultura, na literatura, na língua popular, na filosofia e, mais recentemente, nas ciências cognitivas (HONECK, 2000, p. 627). Considerado um ditado popular, do latim *proverbium*, é um enunciado de carácter popular, com um texto mínimo, de autor anônimo, que é repetido várias vezes. Os provérbios são também conhecidos por máximas, adágio, anexim, sentença, rifão, aforismo, etc., e constituem parte importante de cada cultura (CAZELATO, 2003, p. 71) Os provérbios sempre fizeram parte das culturas humanas, desde suas mais remotas origens. Eles estão presentes em muitos documentos importantes da história da Humanidade, constituindo também uma tipologia textual de muitos documentos filosóficos e religiosos transmitindo ensinamentos ao longo das gerações.

Para a cultura oriental, o provérbio é a expressão do conhecimento e da experiência popular traduzida em poucas palavras, de maneira rimada e ritmada, muitas vezes na forma de uma metáfora. Alguns deles têm passagens literárias ou históricas, as “expressões feitas” que procuram ensinar literatura, ética, lealdade, fidelidade, piedade filial, justiça, altruísmo, respeito fraternal, retidão, decência, paz, prática da seriedade, veracidade, auto-domínio e responsabilidade, enfim encerrando sempre um ensinamento filosófico (HONECK, 2000, p. 627).

Os provérbios ocidentais fazem parte da nossa tradição cultural, em seus vários aspectos – regras normativas que presidem condutas humanas – traduzindo ainda conhecimentos e sistemas de crenças. Sendo o que são em função de uma cristalização sócio-discursiva, os provérbios têm sua origem nas experiências cotidianas, das nossas práticas com a linguagem, ainda que possam receber classificações variadas (literários, bíblicos, populares, etc.). Fatores históricos, culturais e fontes bibliográficas contribuíram para a construção do enunciado proverbial, obras de filósofos e poetas da Antiguidade, o uso didático, religioso, lúdico, o estilo de existência desses fatores e as características de seus usuários, as diversas línguas que os cristalizam, interferem mesmo que inconscientemente, na adesão do sujeito ao provérbio, num menor ou maior nível de

sujeição/subjetividade em relação à aceitação ou rejeição de um determinado provérbio (HONECK, 2000, p. 628).

Tendo origem na chamada “sabedoria popular”, é quase impossível saber onde um determinado provérbio surgiu primeiro (STEINBERG, 1985). Para MOTA (1974), existem três fontes principais de provérbios: os clássicos, os literários e os populares. Os provérbios clássicos têm origem erudita: são os bíblicos, os filosóficos, os de origem religiosa. Os literários são também de origem erudita, mas provindos da literatura clássica universal, do teatro, dos ditos de personalidades históricas, etc. Os populares são aqueles provérbios que apresentam características de usos e costumes dos povos.

A relação entre gerações centrada na memória oral transmite mais do que apenas informações: transmite sentimentos, sensações, vivências, crenças, comportamentos, atitudes e valores que possibilitam recriar um tempo, um período que, embora não vivido por aquele que ouve, pode ser vivenciado ou recriado pelo grupo. Assim, os provérbios são fontes de sabedoria e orientação pragmática (MOTA, 1974).

Na literatura sobre o tema consta que os provérbios surgiram na mesma medida e ritmo que as pessoas evoluíram em sua história. Se, por um lado, se afirma que existe o provérbio que o povo adotou, após uma origem individual, por outro há aqueles que asseguram ter o provérbio brotado das profundezas misteriosas da alma popular (FIORIO, 1995). Essa opinião já se encontrava em Aristóteles. Entretanto, Seiller (*apud* FIORIO, 1995) refuta tal teoria alegando que os provérbios não brotam da alma popular. O autor afirma, a propósito:

*... o povo nada cria, toda criação, toda invenção, toda descoberta surge de uma personalidade individual. É preciso, que qualquer provérbio, tenha sido primeiro enunciado por alguém, num certo dia, num certo lugar. Se agradar aos que o ouvirem, será propagado como locução proverbial. Consequentemente, tal autoria individual foi-se extinguindo para “cair na boca do povo e dela sair” caso agrade a forma de o provérbio expressar o real.*

Conforme, afirma Seiller, aos poucos a locução proverbial tomava contornos mais definidos, até chegar à forma de provérbio. Os elementos dissertativos foram desaparecendo, dispensando palavras, restando apenas o núcleo ou essência. Mesmo

admitindo a popularidade do provérbio, para Seiller nem sempre ele é veiculado em toda a população. Ele faz referência, por exemplo, aos refrões empregados apenas em alguns meios, dialetos, regiões, em algumas profissões. O provérbio, por sua ocorrência metafórica, teria mais o aspecto de “moral da história”, como companheirismo, fraternidade, prudência, responsabilidade, diplomacia, reparação, disciplina, ajustamento, felicidade, etc...

FIORIO (1995) aponta algumas condições para que se possa chamar uma locução de provérbio. São elas: - a possibilidade de estabelecer a sua origem literária ao seu autor; - além de ser conhecida universalmente, ser também de uso corrente e universalmente empregada; e – seu emprego deve ser relativamente duradouro. No entanto, a atualização do provérbio é constante.

Ainda que tenhamos no Brasil uma literatura referta de compilações de registros e recolha de provérbios, não são muitas as publicações dedicadas à sua análise linguística (FIORIO, 1995). Na realidade, o que temos são coleções isoladas que tiveram o intuito de guardar a sabedoria popular <sup>3</sup>

XATARA & SUCCI (2008, p. 33) propõe, dentro do campo da Pareomiologia, rever algumas das principais considerações teóricas acerca do provérbio, reanalizando suas características, tentando fazer algumas analogias com outros fraseologismos para chegar a uma definição mais adequada e abrangente dessa lexia complexa.

Para a autora, o provérbio é tema relevante na fraseologia popular; é estudado pela paremiologia, a área que se preocupa especialmente com a coletânea, classificação dos provérbios, dentre outros aspectos. Desta forma, os provérbios são conceituados como uma unidade mínima de significação que abrange dois vetores: forma plural (constituída por um grupo de palavras) e um só significado (mensagem global a ser transmitida).

---

3. No Brasil, destacaram-se as seguintes obras referentes ao assunto: em 1931, “Miçangas” de Afrânio Peixoto, na seção “Adágios Brasileiros”; Sebastião Almeida Oliveira compareceu com provérbios correntes no Brasil na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo; em “Espírito e Sabedoria” em 1938, estão catalogados 2.000 adágios em 218 seções; Pereira da Costa contribuiu com ditados regionais em “Folclore Pernambucano”; Câmara Cascudo que trouxe refrões sobre negros em “Vaqueiros e Cantadores”; Leonardo da Mota publicou provérbios também do Nordeste sob o título de “No Tempo de Lampião” em 1930; e mais recente o Ático Villas Boas da Motta que publicou “Provérbios em Goiás” em 1972, com cerca de mil provérbios.

A autora faz uma revisão no campo dos fraseologismos e constata que existem muitos outros fraseologismos que são tidos como sinônimos de provérbios, sendo que uns são diferentes de provérbio, como a chufa, o rifão e o dictério que têm traços maliciosos, satíricos e vulgares respectivamente; outros são tomados como o aforismo, a apótegma, axioma, a citação, o pensamento e a sentença.

De acordo com as definições encontradas, propostas pelos estudiosos da área paremiológica, vários autores não definem de forma precisa os provérbios. Uma investigação feita por VELLASCO (1996) com o objetivo de verificar quais são os padrões de uso dos provérbios na sociedade brasileira, por meio da análise das condições de produção e recepção de provérbios, segundo a perspectiva sociolinguística, identificou ao todo, 2.827 provérbios citados, empregados e recordados por brasileiros. O fato de o provérbio constar em textos gráficos, os provérbios continuarão sendo um liame entre as pessoas pela via da oralidade, indiferentes à dicotomia existente entre nível popular e erudito. A autora concluiu que é inviável chegar a uma definição de provérbio, uma vez que não se pode incluir todos os vários tipos desta forma concisa para uma só categoria. Para VELLASCO (2000, p. 11 *apud* XATARA & SUCCI 2008, p.34), um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo.

Para OLIVEIRA (1991, p. 19), também é difícil delimitar completamente a diferença que existe entre aforismo e cada um dos termos, adágio, sentença, máxima, provérbio, refrão, axioma e apotegma, pois todas elas contêm o sentido de uma proposição ou frase breve, clara, evidente e de ensino profundo e útil.

Para STEINBERG (1985), o provérbio é um produto acabado e resultado de uma reflexão comunitária que absorveu e sedimentou a criatividade de autor anônimo. De acordo com MAINGUENEAU (2001), as características linguísticas de um provérbio referem-se a algumas coerções que lhe dão estabilidade e facilitam a memorização, podendo referir-se a indivíduos ou eventos únicos, pois se trata de generalizações que não se apoiam numa situação particular de discurso.

XATARA & SUCCI (*cf.* 2008, p. 34) concluem, então, que o *provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado*



*conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.*

As autoras descrevem alguns aspectos caracterizadores dos provérbios, que se dividem em: *frequência*, ou seja, eles ocorrem conforme a época e podem ser inovados ou caírem em desuso; a *lexicalização* é considerado uma unidade léxica complexa, cujo significado não é processado de modo isolado, para ser entendido é preciso uma compreensão semântica global, isto é a característica figurada dos provérbios revela a maneira pela qual esses fraseologismos são percebidos pelos interlocutores e a não-composicionalidade procura esclarecer a relação que existe entre os constituintes do enunciado e o produto global. Assim, costuma-se dizer que quando um falante nativo de uma língua sabe empregar bem os provérbios ou outro fraseologismo qualquer, pode ser considerado um falante fluente na língua. Portanto, podemos dizer que quanto mais provérbios forem empregados de forma apropriada pelo falante, mais domínio ele mostrará sobre a língua, uma vez que o seu uso requer competência lexical e cultural (XATARA & SUCCI 2008, p. 35).

Podemos constatar que a utilização dos provérbios se dá pelo poder que eles exercem na argumentação. Temos também a *polifonia*, que remete a outros dizeres. Na perspectiva de BACKTIN (1992; 2000), os provérbios constituem enunciações que ocorre uma pluralidade de vozes, isto é o processo no qual uma voz fala por meio de outra voz ou tipo de voz encontrado em uma linguagem social. Segundo o autor, o provérbio é constituído por fios de vários discursos e reveste-se na voz da coletividade, podendo falar pelas instituições, pelos grupos sociais.

A intertextualidade e interdiscursividade da enunciação proverbial caracterizam-se como jogo da linguagem, isto é, uma relação que se estabelece entre a pessoa que enuncia o provérbio e o ouvinte que o interpreta por intermédio do enunciado (ROVENTA-FRUMUSANI, 1985). A intertextualidade proverbial é demonstrada na sua citação por meio da entonação, sinais gráficos e introduções, tais como “Como diz o provérbio...”, “Como diz o ditado...” O enunciado proverbial, segundo ROVENTA-FRUMUSANI (1985), pode ser definido como uma forma típica de polifonia enunciativa, de enunciação meta, proferida por um locutor que se sobreponha ao enunciador. Por sua amarração interdiscursiva (uso do código de uma mesma comunidade linguística), intersubjetiva

(comunidade dos sujeitos) e normativa (comunidade de regras sociais, normas, convenções e ações), a enunciação *paremiológica* se torna comunitária e comunicável nos mais diversos contextos.

A *conotação*, a *denotação* e a *cristalização* são outros aspectos a considerar. Segundo XATARA & SUCCI (2008, p. 39), o provérbio é um enunciado que utiliza muitas metáforas e sua significação se estabiliza no idioma, passando do uso individual para o coletivo. Assim, tanto os conotativos, como os denotativos passam por um processo de cristalização. Conforme a definição das autoras, os conotativos são aprovados pelo senso comum, já um enunciado denotativo não se consagrou pela tradição cultural.

Ainda segundo XATARA & SUCCI (2008, p. 39), é muito comum o provérbio se caracterizar no humor, denotando nas imagens engraçadas e expressas com criatividade em jogos de palavras. Também existem os que envolvem crenças e superstições. Nas histórias infantis, fábulas e crônicas os provérbios tem o intuito de fornecer uma instrução, um ensinamento orientando atitudes transmitindo uma verdade, um pensamento crítico sobre as condutas humanas, considerados como máximas morais.

Quanto à sintaxe, VELLASCO (2000, p. 9), afirma que acredita que a formulação proverbial é relativamente simples e geralmente costuma corresponder a alguns padrões; diz respeito às construções dos provérbios com seus tempos verbais, paralelismo, repetições, construções binárias, assonância e aliteração.

Com base nestas características linguístico-culturais, podemos conceituar os provérbios como um enunciado fraseológico que implica considerar as suas construções sintáticas, os aspectos semânticos e a pragmática. Embora não encontremos todas as características num mesmo provérbio, como ressaltam XATARA & SUCCI (2008, p. 45) elas são importantes para analisar os provérbios levando em conta os seus recursos, o que ele representa e a função que ele exerce no contexto e na vida das pessoas (XATARA & SUCCI, 2008, p. 45).

Há autores, como FIORIO (1995), que por sua vez, destacam o caráter metafórico do provérbio, identificando a metáfora com um tipo de justaposição, como se houvesse uma fusão de duas representações possíveis do sentido. Uma boa metáfora é a que induz o falante a uma percepção intuitiva da similaridade entre dessemelhantes, isto é, as

semelhanças nas expressões se dão por meio de analogias entre situações. Trata-se, pois, de uma aproximação entre ideias ou situações heterogêneas.

Segundo CAZELATO (2003, p. 22), esse processo de similaridade diz respeito às possibilidades de combinação entre imagens situacionais e que por sua vez é que dá sentido à expressão. Para interpretar um provérbio, o sujeito precisa de um conhecimento sobre o universo discursivo ou sistema de referências ao qual ele está ligado; isso é necessário para a manipulação enunciativa de recursos expressivos e interpretativos que resultam nos efeitos de sentido que relacionam língua e exterioridade. Enunciar ou interpretar um provérbio significa entender seu enfoque social, cultural e linguístico, ser capaz de empregá-lo e compreender seu efeito de sentido.

Levando em consideração a perspectiva exposta, as expressões proverbiais sempre têm a ver com processos socioculturais de memória (não apenas em termos do caráter psico-técnico da memória, mas seus aspectos culturais, históricos, discursivos). Conforme afirma KOCH (2003, p. 50), a eficiência do pensamento, da linguagem e da ação repousa sobre uma ação conjunta dos componentes da memória. O processamento linguístico-cognitivo do enunciado proverbial envolve (rea)ativação de conhecimentos experienciados. Tanto o enunciador do provérbio quanto aquele que o interpreta identifica seu sentido e se ancora nas propriedades linguísticas do enunciado, mas também num conjunto de fatores sociocognitivos dentre os quais a memória cultural.

Em um estudo realizado por CAZELATO (2003, p. 172), que investigou os processos de significação em jogo na interpretação e manipulação linguístico-discursiva de enunciados proverbiais realizados por sujeitos afásicos, mais precisamente de provérbios equivalentes, mostrou que há consistência e semelhança nas respostas dos afásicos e dos não-afásicos na escolha de provérbios centralmente relevantes e marginalmente relevantes em relação à equivalência semântico-pragmática com o provérbio alvo. No corpus considerado pela autora, a equivalência entre os provérbios se deu tanto entre provérbios mais metafóricos, quanto menos metafóricos. Isto mostrou que os sujeitos compreendem os provérbios (aderem ou estabelecem uma equivalência entre eles) somente se interpretam os contextos nos quais são produzidos.

Estes dados vão ao encontro de pressupostos de PARRET (1988, p. 190), que afirma que a compreensão é uma prática-no-mundo, importante para as atividades

interpretativas, e não uma atividade atuando com elementos mentais primitivos. Sendo assim, a enunciação proverbial não pode ser analisada como meramente inferencial (no sentido da inferência lógica). O percurso linguístico-cognitivo realizado pelos sujeitos afásicos na seleção do provérbio equivalente, como afirma CAZELATO (2003, p. 195), indica que o sentido não depende apenas do sistema linguístico, mas constitui-se também de processos cognitivos, discursivos e culturais que estão consolidados nos processos de memória. Na interpretação do enunciado proverbial há um trabalho linguístico-discursivo, de uso de estratégias enunciativas como a intertextualidade e de outros aspectos enunciativos que se referem à situação da enunciação.

Foi na obra de George Lakoff e Mark Johnson em “*Metaphors We Live By*” (LAKOFF & JOHNSON, 1999) que se consolidou o conceito de metáfora como um processo constitutivo de significação, admitindo o caráter sistemático do processo metafórico, admitindo que a palavra é potencialmente metafórica. Para os autores, ao criticarem a teoria tradicional da metáfora, que compreende uma correspondência entre língua e verdade e que considera que a metáfora transporta a significação própria de um nome para outra significação, toda nossa razão cotidiana pode ser metafórica. Segundo eles, nós adquirimos modalidades metafóricas do pensamento automaticamente e inconscientemente. A razão e a estrutura conceptual são formas dadas por nossos corpos, cérebros e modalidades de funcionar no mundo, ou seja, pragmaticamente as correlações das nossas experiências diárias são metaforicamente. Associam a julgamentos subjetivos da nossa experiência sensoriomotora. Nossos conceitos abstratos fundamentais - tempo, eventos, causação, a mente, o self, e a moralidade - são na maior parte metafóricos. Muito de nosso raciocínio é consequentemente, metafórico.

A teoria da metáfora conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 127), procura sistematizar e explicitar a modo de funcionamento das metáforas, levando em consideração parte da operação semântica que está em jogo, enfatizando a reinterpretação de um domínio conceptual em termos de outro domínio conceptual (ex. discussão como guerra). Segundo MOURA (2005, p. 109), essa teoria captura o elemento essencial da metáfora (o mapeamento entre domínios); no entanto, fatores mais específicos são necessários para a decodificação de uma metáfora em situação real de uso. Uma característica da teoria da metáfora da semântica cognitiva é que ela oferece um quadro simplificado do

processamento metafórico, possibilitando prever que propriedades são efetivamente transpostas de um domínio conceitual para outro.

LAKOFF & JOHNSON (1999, p. 127) fazem distinção entre metáfora conceitual e metáfora linguística. A metáfora conceitual organizaria o nosso modo de representação e categorização do mundo, enquanto que a metáfora linguística daria forma linguística ao processo cognitivo subjacente. Nessa perspectiva, a metáfora conceitual seria logicamente anterior à sua representação linguística, isso significa que a metáfora conceitual é independente da estrutura do léxico. Porém, MOURA (2002, p. 155) refuta tal teoria admitindo que a interpretação de certas metáforas dependa do conhecimento linguístico, sobretudo de fatores lexicais. Isso quer dizer que para interpretar uma metáfora, os falantes procedem não apenas ao mapeamento entre domínios conceituais distintos propostos por LAKOFF & JOHNSON (1999, p. 128), mas também leva em conta a estrutura semântica dos itens lexicais.

LAKOFF E JOHNSON (2002, p. 242-243) falam de metáforas que têm o poder de criar uma nova realidade, uma nova maneira de pensar sobre algo. Isto é, os fatores semânticos e os novos contextos de uso de algumas expressões metafóricas levam a outra interpretação, outro sentido. São chamadas pelos autores de metáforas novas que podem acontecer no caso dos provérbios parodiados. Os autores explicam as metáforas novas como metáforas imaginativas e criativas, capazes de nos dar uma nova compreensão de nossa experiência. Dessa forma, as metáforas podem dar um sentido novo ao nosso passado, às nossas atividades, às nossas crenças, ao nosso saber. Isso pode começar a acontecer quando começamos a entender nossa experiência em termos de uma metáfora e ela se torna uma realidade mais profunda quando começamos a agir em função dela. Se a metáfora nova entra no sistema conceitual em que baseamos nossas ações, ela alterará esse sistema conceitual e as percepções e ações a que esse sistema deu origem. Muito das mudanças culturais surgem da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda ou transformação de antigos.

Para MOURA (2002, p. 153-154), a interpretação de certas metáforas conceituais depende do conhecimento lexical que está associado às palavras na codificação da metáfora conceitual; sendo assim, o léxico restringe as inúmeras possibilidades de interpretação de metáfora conceituais. Segundo o autor, a língua organizada no léxico organiza o quadro

pelo qual interpretamos, damos sentido às metáforas. Uma mesma metáfora pode ter diferentes interpretações num mesmo contexto, e essa indeterminação da metáfora exige dos falantes um trabalho de interpretação mais específico, “uma operação de reconstrução linguística” em que é necessária uma articulação entre as operações lingüísticas e as conceituais em jogo que, em situações concretas de uso, tentam delimitar um sentido para as metáforas. Em seu texto, MOURA (2002, p. 154) postula que:

*... a indeterminação semântica faz com que o falante seja obrigado a um trabalho de reconstrução linguística que o conduza a uma interpretação mais específica da metáfora em jogo. O material com que o falante trabalha para chegar a uma interpretação mais específica é toda a estrutura semântica de sua língua, com suas categorias, tipos semânticos e papéis temáticos... (cf. 2002, p. 154).*

Segundo MORATO (2010), os enunciados paremiológicos têm se mostrado, assim como a metáfora, como sendo fenômenos interessantes para o estudo das relações entre linguagem e cognição, principalmente para estudar o uso conotativo e figurado da linguagem em situações de práticas linguísticas cotidianas. De acordo com a autora, as expressões formulaicas, na qual inclui aqui os provérbios, enquanto sintagmas metafóricos podem ser entendidas como metáforas num sentido amplo, ou seja, porque é possível evocá-las, no tocante aos vários processos figurativos da linguagem, com diferentes graus de metaforicidade, de cristalização formal e discursiva, de regularidades linguísticas, de coexistência de processos cognitivos, etc.

Na interpretação dos provérbios, a inferência exigida está baseada predominantemente na associação de informações contextuais com o conhecimento prévio do indivíduo, que correspondem ao conhecimento de mundo, assim como à sua memória discursiva e a capacidade de memória de trabalho (memória operacional). Desta forma, se consideramos o funcionamento integrado de processos lingüísticos e cognitivos na construção do sentido, respondendo de maneira sócio-cognitiva, articulando a práticas e convenções de uso da linguagem como aponta MORATO (2010). A metaforicidade não poderá ser explicada em termos de mera substituição de significantes, como algo que se realizaria apenas dentro da significação linguística.

KLEIBER (2000) fala em provérbios com sentido mais metafórico e sentido menos metafórico. No provérbio “A união faz a força”, a implicação mostrada é diretamente informática, viável para um nível situacional, expresso sem depender de um princípio anterior. Já o provérbio “O hábito não faz o monge” que provém de uma verdade implicativa superior, diz respeito a um enunciado que depende de situações particulares que possam lhe garantir veracidade durante sua enunciação, na medida em que as situações correspondem a uma verdade universal. Assim, segundo KLEIBER & CHARBONNEL (1999), a interpretação de certas metáforas depende do conhecimento lexical. O que vai de encontro ou não com as postulações de MOURA (2005, p. 110) que argumenta que a interpretação de certas metáforas conceptuais depende do conhecimento linguístico, em especial a estrutura do léxico.

Na interpretação e produção dos provérbios existem vários processos “meta” envolvidos (metalinguísticos, metaformativos, metacomunicativos, metaenunciativos, metadiscursivos e metacognição, etc.). Para DUCROT (*apud* MORATO, 2005, p. 250) a metalinguagem está integrada à enunciação, a qual a habilidade de falar a língua está vinculada diretamente à capacidade de falar sobre ela. Têm-se uma concepção de enunciação como reflexividade, ou seja, quando se fala, se fala da sua fala.

De acordo com MORATO (2005, p. 247), as formas meta-enunciativas, nos enunciados formulaicos (enunciados proverbiais, expressões idiomáticas, slogans, clichês, etc...) destacam dois aspectos discursivamente interligados: o da enunciação e o das ações reflexivas dos indivíduos. A atividade reflexiva e a presença de um conjunto heterogêneo de processos de significação, verbais ou não, na constituição do sentido, são fenômenos que emergem das práticas de linguagem. Em virtude de trazer à tona um discurso previamente construído é que as expressões formulaicas, que inclui os provérbios, podem ser também consideradas como “formas remissivas”, evocando, estabilizando e renovando as relações polissêmicas entre língua e sociedade no momento de uma materialidade discursiva, são elementos constituintes a metalinguagem e a enunciação.

Para estudar os processos metas envolvidos nas interpretações proverbiais não podemos reduzir o trabalho de interpretação à habilidade metalinguística *stricto sensu*. Numa perspectiva enunciativa, o trabalho de interpretação de enunciados proverbiais diz respeito a uma competência pragmático-discursiva dos sujeitos, não redutível a uma

habilidade metalinguística (MORATO, 2005, p. 247); (CAZELATO, 2003, p. 60). É importante ressaltar que na interpretação de provérbios o exercício de metalinguagem é uma tarefa de reflexividade enunciativa, lugar da meta-enunciação, da relação entre língua e inter-discurso, dos processos linguísticos e cognitivos, de movimentos intersubjetivos. Desta forma, ao problema da metalinguagem se desloca da esfera do mental, da noção internalista, para a esfera dos diferentes processos de significação que estão implicados nas diferentes práticas humanas.

Um estudo realizado por BOLDRINI (2004), que analisou o uso e a interpretação de expressões formulaicas na linguagem de indivíduos afásicos, demandou dos indivíduos não apenas um trabalho metalinguístico relacionado a propriedades semântico-linguísticas de um conjunto de expressões idiomáticas, mas em especial a evocação de contextos pragmáticos, nos quais caberia seu uso em determinadas cenas enunciativas. Verificou-se que as pessoas afásicas instadas a interpretar e empregar contextualmente um conjunto de expressões metafóricas, raramente se ativeram a um significado composicional das expressões, preferiram trabalhar com aquelas que tinham função predicativa predominante no enunciado, não mostraram dificuldades interpretativas significantes em termos do grau de metaforicidade das expressões.

Pesquisa realizada por CAMPANHA; ORTIZ; BERTOLLUCCI & MINETT (2008, p. 1-4) que teve o objetivo de comparar o desempenho de idosos saudáveis e com doença de Alzheimer em tarefas metalinguísticas, por meio da aplicação de testes e de tarefas de compreensão de 13 sentenças ambíguas e a interpretação de 10 provérbios mostrou que os idosos saudáveis tiveram melhor desempenho na compreensão de sentenças ambíguas do que os pacientes com DA. Este grupo apresentou desempenho inferior nos dois tipos de ambiguidade, na lexical e na sintática; o mesmo ocorreu na interpretação de provérbios: o desempenho do grupo controle foi melhor quanto ao reconhecimento e interpretação.

WARING, CHONG, WOLK & BUDSON (2008, p. 32-39), pesquisaram a capacidade de metamemória em indivíduos com doença de Alzheimer de grau leve por meio de testes e, tentando determinar algum viés nas respostas em tarefas comuns, ou seja, tentando encontrar alguma resposta equivocada, procuraram observar se era possível mudar as respostas dos indivíduos através de uma intervenção comportamental e para cada sessão, foram estudadas 30 palavras e 60 palavras que foram mostradas no teste, e descobriram que



ambos os grupos (DA e controle) foram capazes de mudar o seu viés de resposta entre as duas condições. Os autores observaram que os indivíduos com DA leve foram capazes de mudar com sucesso seu viés de resposta. Este estudo demonstrou que, apesar de seu viés nas respostas globais e alterações de memória em relação ao grupo controle, o componente “meta” nas habilidades de memória mantiveram preservados.

Os resultados deste estudo têm implicações teóricas e clínicas, uma vez que comprova que indivíduos com DA no início da doença podem deslocar suas respostas numa interação, compensando suas alterações de memória e de linguagem, já que a habilidade metacognitiva mantém-se preservada permitindo que o sujeito seja flexível com as demandas da vida diária. Um sujeito com demência capaz de realizar uma atividade metalinguística pode ser capaz de criar uma resposta padrão como um “Sim”, por exemplo, *“Sim eu devo ter feito isso”* ou *“Sim, eu devo ter visto”* para se beneficiar numa conversação, uma vez que ele com a falha de memória estaria inclinado a dizer *“Eu acho que sim”*; ou *“Não tenho certeza”* ou *“Não sei”*. Apesar das falhas de memória numa fase inicial da doença que pode prejudicar a realização das tarefas, com o monitoramento linguístico-cognitivo é considerável reavaliar as ações do sujeito (quando não tem certeza se as portas estão trancadas, se ele já tomou medicamentos, ou o fogão desligado) podendo reduzir os resultados negativos que os sujeitos com DA pode vir a apresentar.

De acordo com CAZELATO (2008, p. 33), numa concepção enunciativa, a metalinguagem está integrada ao funcionamento geral da linguagem. Assim, os provérbios são bons expedientes para o estudo da capacidade da linguagem de interpretar a si mesma, na medida em que o indivíduo possa também ser capaz de reconstituir o que foi dito ou pensado, de saber sobre a linguagem e da linguagem.

### **2.3. OS PROVÉRBIOS E OS PROCESSOS DA MEMÓRIA**

Nesta seção, descrevo as relações entre linguagem e memória nas enunciações proverbiais, discutindo os diversos processos de memória envolvidos na compreensão e emprego dos provérbios, bem como a importância do funcionamento da memória e suas estruturas no envelhecimento para o uso de estratégias linguísticas e pragmáticas, empregadas na interpretação de expressões formulaicas, em especial os provérbios.

Tomando como partida que os provérbios constituem por excelência o discurso do outro e que na enunciação ele corrobora um jogo intersubjetivo e interdiscursivo, evidencia-se a participação ativa dos sistemas ou processos de memória. Como vimos até aqui, o estudo dos provérbios considera que diversos outros discursos são inseridos nas enunciações proverbiais para a construção do sentido. Para a compreensão dos provérbios, além do conhecimento linguístico, é necessário que o indivíduo, faça retomada de outros conhecimentos estabilizados na memória coletiva, cultural, semântica, autobiográfica, operacional, episódica, discursiva, etc.

A memória é uma importante função cognitiva do ser humano e é a base para o desenvolvimento da linguagem, do reconhecimento de pessoas e objetos, para nossa identidade e para termos consciência da continuidade de nossas vidas. Quando se fala em memória, podemos abordá-la desde seu processamento biocognitivo até fatores culturais. Portanto, a memória pode ser estudada como o conjunto de processos neurobiológicos, neuropsicológicos e sócio-cognitivos que permitem a aquisição e o armazenamento seletivo de informações ou conhecimentos, pelo qual podemos evocá-las sempre que desejamos, conscientes ou inconscientemente. Também encontramos os estudos que abordam o sentido da memória social, a qual é salientada a questão de que não existe vida social sem memória, conforme descreve GEERTZ (1978). A interação social depende de experiências e expectativas culturalmente compartilhadas. As culturas, as tecnologias, as tradições, os conhecimentos são assimiladas por outras sociedades porque não existe uma perda daquela que não aparece mais, ocorre mudanças, transformações que fazem com que possa haver alterações de ênfase e de destaque, mas sempre vai existir uma referência básica das culturas, um misto de informações, valores, crenças que se sustentam por causa da memória coletiva, da memória social.

Para GEERTZ (1978), o que acontece são interpretações que são tratadas por processos socioculturais. É aí que encontramos a importância da relação entre linguagem e memória. A interpretação dos significados que se manifestam nas ações sociais são reconstruídas na memória de uma sociedade pela linguagem. Sempre vai haver uma continuidade em termos de sistemas cognitivos e afetivos de tudo que se vive por causa da relação estreita entre linguagem e memória.

A grande variedade de teorias que procuram definir o que é memória e explicar os atos de reter e recuperar conteúdos da memória reflete a grande variedade de atividades cognitivas e emocionais envolvidas em processos que são fundamentais ao desenvolvimento e ao funcionamento dos indivíduos. Sabemos que são vários os processos da memória. Do ponto de vista da teoria do processamento da informação, o primeiro processo da memória diz respeito à aquisição, ao aprendizado. A retenção de informações por tempos curtos (memória de curto-prazo) pode ser transformada em retenção de longa duração pelo processo da consolidação da memória. São vários também os tipos e subtipos de memória. Assim, quanto ao tempo de retenção pode-se considerar a memória imediata, memória sensorial (memória de curta duração) e a longa duração (memória semântica, memória de procedimento, memória prospectiva, memória episódica). Quanto à sua natureza, pode-se considerar a existência da memória implícita, a memória explícita e a memória operacional. Cada tipo de subtipos de memória tende a ser definida em relação a um conjunto de tarefas e instruções que são significativas (IZQUIERDO, 2002, p. 49).

De acordo com a literatura especializada, referente aos sistemas de funcionamento da memória existem dois tipos básicos de memória: a memória semântica (léxico, gramática, vocabulário) e a memória episódica (fatos, eventos, experiências), que pertencem ao sistema chamado de memória de longo prazo. Diversos modelos teóricos foram elaborados para representar e descrever o funcionamento da memória humana. Do ponto de vista do processamento, duas correntes teóricas básicas se contrapõem; uma, que defende o processamento serial autônomo, isto é, que as operações ocorrem em sequência, sem efeitos retroativos; a outra, que propõe o processamento paralelo, partindo do pressuposto de que o conhecimento semântico é heterogêneo e distribuído e de que diferentes aspectos do conhecimento são implementados por estruturas diferentes do cérebro (DAMÁSIO, 1990). Estes pressupostos nos ajudam a entender melhor os estudos ligados às dificuldades de memória no envelhecimento, e as alterações presentes nas patologias.

Em uma perspectiva sociocognitiva, KOCH (2003, p. 35), ao explicar o processamento *on line* da memória no campo da linguística textual, afirma que suas fases ou processos não são estanques, únicos. A questão, segundo a autora, é saber como o nosso conhecimento está organizado e representado na memória? Como este conhecimento é

utilizado e que processos e estratégias cognitivas são postas em ação por ocasião do uso? Desta forma, a autora ressalta que existe um contínuo de ir e vir da memória que permite o indivíduo a manter unidades de informação na memória de curta duração e ativar e transferir informações da memória de longa duração para a de curta duração. Trata-se de um modelo complexo e dinâmico de processamento mnemônico e linguístico. Segundo a autora, esse pressuposto derruba o modelo estruturalista das funções linguístico-cognitivas. Nesse campo, estes pressupostos teóricos postulados por Koch são de natureza cognitiva ou contextual, no qual se encontram o construtivismo, o interpretativo e o estratégico, a funcionalidade social, o interacionista, o pragmático e o situacional.

No campo da Neurolinguística, entender a relação entre memória e linguagem nas enunciações proverbiais, significa abandonar uma concepção representacional e mental da linguagem e considerar uma relação integrada entre memória e linguagem. A memória não é vista como uma função de auxílio da linguagem e esta como mero instrumento para a memória. Segundo CRUZ (2005, p. 31), há outras maneiras de se conceber a relação entre linguagem e memória, como a que prevê um *continuum* ou uma relação dialética entre essas duas formas mutuamente constitutivas do Conhecimento. As duas funções interatuam nas múltiplas atividades psicossociais do ser humano, que diz respeito à linguagem, tais como atividades interacionais, sociais, discursivas e pragmáticas. Desta forma, a relação entre linguagem e memória para os estudos neurolinguísticos dentro da perspectiva sóciocognitiva não são vistas simplesmente como relações que se estabelecem ao nível mental e cerebral, isto é como uma categoria médica.

Mesmo sendo necessário detalharmos e diferenciarmos os sistemas da memória, é importante levar em conta que nas práticas humanas, eles são solidários e co-existent. A memória tem uma função multifacetada e não podemos concebê-la como capacidade mental isolada das demais funções cognitivas.

Sabemos que em relação aos aspectos linguísticos, os estudos sobre as alterações de linguagem na Doença de Alzheimer, como já foi elucidado em capítulos anteriores surgem as dificuldades semântico-lexicais e semântico-discursivos como sendo as funções mais alteradas na doença de Alzheimer, que se evidenciam no esquecimento ou nas trocas de palavras (parafasias), omissões, redução do vocabulário, excesso de elementos dêiticos, dentre outros, ou seja, apresentam alterações de algum modo relativa à memória. Com isso

torna-se importante discutirmos os estudos e implicações que existem em torno da relação memória e linguagem para entendermos o que acontece nas interpretações proverbiais.

É importante ressaltar que algumas das modificações isoladas do funcionamento da memória de natureza biológica enfatizado na literatura, que podem ocorrer na vida adulta e na velhice, como nos processos incipientes de demência, e até mesmo nos casos de transtorno cognitivo leve (TCL), não significam a perda de adaptação ao ambiente, as reservas intelectuais, e experiências acumuladas ao longo do tempo podem ser ativadas e maximizadas de forma que a pessoa possa compensar falhas no processamento das informações. Não só fatores biológicos, mas também psicológicos e sociais, respondem pela manutenção das memórias e pelos prejuízos nos sistemas de armazenamento e de processamento de conhecimentos (BIRREN & CHAIE, 1990, p.655).

Do ponto de vista da neurofisiologia, os processos de memória requerem pré-requisitos e condições específicas para realizar-se de forma eficiente, que diz respeito aos fatores biológicos, psicológicos e sociais, que respondem pela construção e manutenção das memórias, tais como atenção, nível de alerta, condições sensoriais, condições hormonais, estado de humor, auto-eficácia, motivação, condições ambientais. Algumas vezes, a dificuldade de memória pode ocorrer devido a alterações nessas condições. Assim, a dimensão cognitiva não deve ser vista de uma perspectiva que reduz a questão da cognição ao estudo dos processos internos, individuais. De uma perspectiva sociocognitiva, ela é concedida como um fenômeno situado e social, como algo além das atividades neuronais, isto é, uma memória social (ZAMPONI, 2005). A memória pode, então, ser compreendida em vários níveis, como no nível individual (por exemplo, lembrar-se da infância), geracional (por exemplo, história e experiências transmitidas de pessoas mais velhas para as mais jovens), regional (por exemplo, memórias de uma certa região geográfica), nacional (monumentos, eventos históricos), político (um evento oficial do passado de uma nação). Todos esses níveis compreendem a uma memória coletiva, uma memória social.

De acordo com LEIBING (2006, p. 145), a memória coletiva homogeneiza o que os indivíduos lembram, emoldurando, mas não determinando de uma forma fixa, como o passado está sendo contado e revivido. A autora relata que pessoas idosas têm um papel importante para memorizar o passado, e menciona a continuidade e resistência como elementos estruturantes para uma memória coletiva. Lawrence Kirmayer (*apud* LEIBING,

2006, p. 145) conceitualiza memória coletiva de “paisagens da memória” (*landscapes of memory*), algo que ele definiu como o terreno metafórico que forma a distância e o esforço necessário para lembrar eventos de uma forma afetiva, socialmente definida e que inicialmente podem ser vagos, ou até ausentes de memória. Paisagens de memória ganham força pelo significado pessoal e social de memórias específicas, mas também através de metamemória – modelos implícitos de memória, que influenciam o que pode ser lembrado e citado como verídico.

Para LEIBING (2006, p. 145), a memória é seletiva e, por um jogo de poder complexo e por vários mecanismos, direta ou indiretamente produz narrativas culturais que legitimam o que está sendo lembrado. Podemos, assim, falar de um esquecimento organizado ou de uma memória negociada.

Considerando um aspecto peculiar da memória, a temporalidade do esquecimento, este pode fazer parte tanto de um envelhecimento saudável (parte de um bem-estar), como também de um envelhecimento patológico (parte de um mal-estar), conforme assinala LEIBING & BENNINGLOFF-LÜHL (2001, p. 77-78).

Ao abordarmos a memória social em relação ao envelhecimento para investigar a relação entre memória e linguagem nas enunciações proverbiais, podemos pensar em capacidade de reserva cognitiva que poderá fornecer certa plasticidade e flexibilidade do sujeito ao lidar com desafios e exigências ao realizar atividades linguísticas e cognitivas. Segundo STAUDINGER *et. al.* (1995), a capacidade de reserva cognitiva diz respeito aos recursos internos (por exemplo, nível de conhecimento, capacidade cognitiva e saúde física) e recursos externos (por exemplo, rede social, experiências culturais, *status* econômico, estilo de vida) que o indivíduo tem disponíveis num dado momento. São recursos que podem ser aumentados ao longo da vida. Na medida em que cresce a capacidade de reserva cognitiva do indivíduo, também cresce o potencial para a plasticidade.

Resta saber, se a experiência de vida, práticas sociais, conhecimentos gerais e específicos, sobre as condições de vida, estratégias de julgamento e aconselhamento, historicidade, tarefas e metas evolutivas, estratégias socioculturalmente estabelecidas ao longo da vida do indivíduo auxiliariam de forma compensatória o processamento

linguístico no momento da ativação e reativação de conhecimentos para interpretar aspectos mais ou menos metafóricos das enunciações proverbiais.

No processo de interpretação dos provérbios estão em jogo vários processos de significação (culturais, contextuais, discursivos, pragmáticos, afetivos, etc.) que conjugam diversos processos de memória. Assim sendo, o processamento linguístico-cognitivo na compreensão dos provérbios envolve tanto a ativação e manipulação “situada” de conhecimentos cristalizados na memória (especificamente, na memória chamada de longa duração), como também o conjunto de processos cognitivos concorrentes à memória, entre eles não só o nosso conhecimento linguístico, comunicativo, mas também o conhecimento sociointeracional e histórico-cultural (KOCH, 2003, p. 35).

Nas enunciações proverbiais, esses conhecimentos são invocados e postos à prova no jogo de interpretação e uso pragmático. Em se tratando de indivíduos cujos processos de memória encontram-se afetados por um processo degenerativo e progressivo, como é o caso da Doença de Alzheimer, o percurso linguístico-cognitivo em jogo na compreensão das enunciações proverbiais pode estar também comprometido. Trata-se de uma investigação sociocognitiva do fenômeno da linguagem, em que a cognição é socialmente constituída. A vantagem metodológica deste estudo é que a linguagem é analisada sem o abandono do contexto das práticas sociais, culturais e sociocognitivas que deu forma à cognição do indivíduo ao longo da vida.

#### **2.4. A RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS DOS PROVÉRBIOS PARA A INVESTIGAÇÃO DA LINGUAGEM NA DOENÇA DE ALZHEIMER**

A investigação da linguagem na Doença de Alzheimer (DA) por meio de pesquisas que procuram entender os processos linguístico-cognitivos envolvidos na interpretação e produção de provérbios tem grande relevância para sabermos como se dá o processo de significação na DA nas fases iniciais da doença e se é possível encontrar problemas mais de cunho linguístico ou cognitivo.

Sabemos que enquanto a linguagem e a cognição dos indivíduos adultos e idosos forem avaliadas por meio de testes metalinguísticos, limitados ao sistema linguístico *stricto sensu*, não será possível detectar perturbações do processo de significação, como as relações de sentido, problemas com pressupostos interpretativos, violação de leis

conversacionais ou discursivas, dificuldades em argumentação, alterações de coesão e coerência textual e dificuldades de acesso e relevância ao tópico discursivo (DAMASCENO, 1999, p.78).

MORATO (2005, p. 243) ressalta que o estudo dos fenômenos formulaicos pode nos conduzir a algumas considerações interessantes no âmbito da Neurolinguística, a fim de mostrar que as instabilidades provocadas pela patologia cerebral deixam de entrever o percurso pragmático-discursivo das ações reflexivas dos sujeitos sobre e com a linguagem, deixando entrever também como atuam de forma inter-relacionada vários processos de significação com os quais compreendemos o mundo. De acordo com a autora, os provérbios estão relacionados com a intersubjetividade, com os intuítos discursivos dos falantes, com o trabalho sócio-cognitivo que os indivíduos realizam sobre e com a linguagem. Ligados ao entendimento e à expressão da tradição cultural, os provérbios de uma forma ou de outra sempre despertaram interesse dos que estudam a cognição humana.

Assim, partindo do pressuposto de que na DA não encontramos somente problemas cognitivos e sim linguístico-cognitivos, a interpretação de metáforas, sobretudo de provérbios, pode fornecer indícios do processamento mnêmico, linguístico e cognitivo de sujeitos em processo de envelhecimento. Porém, são escassos os estudos regulares e consistentes que investigam o processamento linguístico-cognitivo por meio de provérbios no contexto das afasias como também nas demências. Os provérbios, quando constam nas baterias ou testes neuropsicológicos, servem para determinadas finalidades diagnósticas e via de regra não são acompanhados de uma justificativa teórica ou de uma metodologia de aplicação. Em geral, apresentam-se dois ou três provérbios ao sujeito, pedindo-lhe que diga seu significado (SANTOS; SOUGEY e ALCHIERI, 2009, p. 33).

O uso de provérbios para avaliar o pensamento concreto e abstrato sobre doenças de pacientes neurológicos data de 1950 e síndromes como a Doença de Alzheimer mostraram comprometimento nos aspectos relacionados à sua interpretação. Lezak sugeriu o uso de provérbios associados ao Mini-Exame do Estado Mental (MMSE) para melhorar a precisão deste teste de rastreio. O interesse pelos provérbios surgiu da observação clínica e de contato interpessoal com os pacientes, pelo interesse e motivação dos idosos para evocá-los e transmiti-los aos indivíduos mais jovens. (SANTOS, 2009, p. 29).



Um estudo realizado por SANTOS *et.al.* (2009; p. 25), de cunho psicométrico, para validar um teste de rastreio com provérbios (Teste de Triagem para a Doença de Alzheimer com Provérbios - TRDAP) a partir de jogo de memória de provérbios que foi aplicado em 91 idosos com DA, indicou que o instrumento foi capaz de identificar alterações iniciais da doença de Alzheimer. O estudo revelou também que a memória de curto prazo e a memória episódica, tiveram grande importância para o reconhecimento, interpretação e captação dos provérbios populares, além de confirmar com outros dados encontrados na literatura neuropsicológica. As autoras sugerem dar maior atenção ao nível de escolaridade que podem interferir na interpretação dos provérbios e nos usos de pontos de cortes. Os melhores resultados foram encontrados em sujeitos com nível educacional elevado, embora a diferença tenha sido mínima em termos de sensibilidade e especificidade.

No campo da Psicologia Cognitiva (HARRÉ & GILLET, 1999, p. 149), encontramos estudos sobre a competência no uso de metáforas como função da maturação cognitiva. Estudos feitos por psicólogos que investigam o conhecimento relativo ao conhecimento em indivíduos de meia idade e pessoas mais velhas mostrou que os provérbios “captam a essência” do conhecimento relativo a fatos e relativo a procedimentos e organização da vida. Os autores fornecem alguns exemplos: *as aparências enganam; o ciúme é o tempero do amor; depois da tempestade vem a bonança*; para asseverar que provérbios representam a essência do conhecimento pessoal e cultural sobre a vida.

Na área de Neuropsicologia, a base estrita do provérbio, a produção e a interpretação das metáforas têm uma explicação, como todos os outros processos psicológicos, baseados em substrato nos processos cerebrais. Pesquisas desse campo encontram apoio para a interpretação das metáforas nas tentativas recentes de mapear a localização neurológica do uso da linguagem figurativa. Quando os provérbios constam nos testes para avaliar a compreensão da linguagem, são tarefas que demandam que o indivíduo complete e interprete três provérbios para avaliar memória semântica e pensamento abstrato (SIVIERO, 1997).

Estudo realizado por GREGORY & WAGGONER (1996), que investigaram a compreensão do significado de provérbios apresentados aos adultos jovens e idosos e não encontraram diferenças significativas entre os dois grupos de indivíduos quanto à interpretação para as metáforas que descreviam, por exemplo, emoções. Os idosos

narravam histórias sobre os sujeitos da metáfora ao tentarem explicá-las, enquanto os jovens restringiam-se aos atributos dos termos metafóricos que constituía os provérbios. Com este estudo, pôde-se pensar que os idosos não apresentam dificuldades linguístico-cognitivas quanto à capacidade de interpretar expressões formulaicas, porém possuem um estilo diferente (maior subjetividade) daquele característico dos jovens (maior objetividade). Pesquisas como esta procuram apontar que as fontes de sentido para as pessoas idosas são a religião, a espiritualidade e a transcendência, o que pode causar certa mudança de enfoque nos estudos entre os adultos mais jovens e os mais velhos.

Para muitos autores, o desempenho nestas provas relaciona com a capacidade de organização conceitual, à capacidade de tratar informações em nível mais abstrato. Basta saber se isso também ocorre em indivíduos com demência. Além da compreensão de informações implícitas, as mudanças na habilidade de processar metáforas no envelhecimento, também são avaliadas em provas de compreensão de sentenças não-literais, como os provérbios (STUART-HAMILTON, 2002).

No que diz respeito à compreensão de metáforas por indivíduos com doença de Alzheimer, AMANZIO; GEMINIANI; LEOTTA & CAPPA (2008, p.1-10) realizaram um estudo que teve o objetivo de analisar a compreensão da linguagem não-litera por 20 pacientes com provável DA, comparando seus desempenhos com 20 indivíduos-controle. Os DA apresentaram boa compreensão de metáforas convencionais, ou seja, as expressões mais conhecidas e produtivas na sua cultura. No entanto, seus desempenhos foram significativamente menores no caso da compreensão de metáforas não convencionais. Segundo os autores, essa capacidade da compreensão de metáforas não estava relacionada com a deterioração cognitiva global, ou a déficits de memória, atenção e compreensão da linguagem e sim pelo ato de que os indivíduos conheciam ou não as expressões.

Isso quer dizer que as metáforas conhecidas e bem interpretadas pelos indivíduos com DA podem fornecer informações para que eles utilizem estratégias metalinguísticas e explicitar seus sentidos. São informações que pertencem ao conhecimento enciclopédico ou de mundo e interacional do indivíduo, que diz respeito aos conteúdos armazenados na memória, seja do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), ou do tipo episódico (modelos cognitivos socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência), conforme afirma KOCH (2003, p. 48).

Em um estudo realizado por PAPAGNO (2001, p. 1450), que investigou a compreensão de metáforas e provérbios em 39 idosos com provável Doença de Alzheimer, mostrou que o declínio da compreensão de linguagem metafórica não é um sintoma exclusivo de demência, podendo ocorrer independentemente de prejuízos da linguagem. Isso porque o estudo mostrou que a compreensão de linguagem não-literal estava relativamente preservada em alguns indivíduos da pesquisa. A autora sugere que novos estudos devem ser desenvolvidos, envolvendo aspectos da compreensão da linguagem metafórica em pacientes com demência semântica para esclarecer tais componentes envolvidos na compreensão, como por exemplo, a memória semântica. E conclui em seu estudo, afirmando que os dados encontrados não são suficientes, mas que as tarefas de compreensão de expressões proverbiais e idiomáticas podem auxiliar na avaliação dos aspectos da linguagem em pacientes com demência semântica e demência do lobo frontal envolvendo compreensão de expressões não literais.

PAPAGNO, C.; LUCHELLI, F.; MUGGIA, S.; RIZZO, S. (2003, p. 2420) investigaram a compreensão de expressões idiomáticas de 15 indivíduos com provável Doença de Alzheimer por meio de tarefas de frases e imagens correspondentes. Os pacientes tinham que escolher entre dois quadros, um que representava o sentido figurativo e outro que representava o sentido literal. Os sujeitos também foram submetidos ao teste de compreensão de sentenças literais e uma dupla tarefa para investigar expressão. Os pesquisadores constataram que a compreensão literal foi normal em sete (7) sujeitos e moderadamente prejudicada em outros.

Neste estudo, postulou-se que a resposta na tarefa de correspondência de frase para retratar-nos caso de expressões idiomáticas, requer um processamento da frase, seguido a supressão da interpretação literal. Os indivíduos com DA mostraram dificuldades de inibição nas sentenças com significados literais, embora não tivessem perdido o significado idiomático. Para os autores, os 15 sujeitos com DA apresentavam déficit cognitivo e foram submetidos à testes de compreensão do mesmo idioma e um teste de uma explicação verbal de expressões idiomáticas. Os resultados mostraram significativamente melhor desempenho na tarefa oral do que na tarefa de foto-correspondência das sentenças. Na explicação oral, porém, os indivíduos com DA também produziram algumas interpretações literais, sempre quando a expressão representava uma eventual situação real. Com este estudo, os autores

sugerem que na interpretação de expressões idiomáticas, o significado literal deve ser suprimido para ativar o significado figurativo e destacam o fato de que tantos fatores linguísticos, quanto extralinguísticos devem ser levados em conta para explicar a interpretação da linguagem.

Em um dos trabalhos na área, CHAPMAN, HIGHLEY & THOMPSON (1998) avaliaram variáveis linguísticas com tarefas de textos, discursos e dificuldades pragmáticas utilizando fábulas, figuras e provérbios em três grupos de indivíduos idosos. Tomou-se um grupo de sujeitos (afásicos), outro com Doença de Alzheimer (DA) de grau leve e um grupo de sujeitos normais (controle). Foi investigado o desempenho do discurso em termos de formulação linguística em 3 aspectos pragmáticos, incluindo inferência, intenção comunicativa e proporção de informações na interpretação. Os resultados indicaram que os afásicos receberam significativamente baixos escores em formulação linguística. Os indivíduos com DA exibiram dificuldades significantes no domínio inferência das figuras, em comparação com os indivíduos afásicos e o grupo controle. As diferenças dos dados de formulação linguística e de inferências entre os indivíduos com DA e afásicos sugerem que as variáveis linguísticas no discurso de pessoas com transtorno cognitivo leve, como é o caso dos indivíduos com DA, são qualitativamente diferentes do discurso de pessoas afásicas. Conclui-se, então, que os processos envolvidos na tarefa de inferência por parte dos sujeitos com DA são diferentes nos sujeitos afásicos, uma vez que estes possuíam déficit isolado de algumas variáveis linguísticas. O transtorno cognitivo na DA contribui para a dificuldade no acesso de conhecimentos, uma vez que os processos de memória estão prejudicados na DA. E as tarefas de inferências exigem uma reativação de conhecimentos acumulados ao longo da vida, experienciados e conservados na memória, que já foram recontados e compartilhados socialmente. A identificação e a compreensão dos fatores envolvidos na interpretação são importantes para o estabelecimento de um diagnóstico diferencial, na repercussão de medidas preventivas e de reabilitação para a manutenção da saúde mental dos idosos. Este estudo é importante, pois, para as implicações teóricas e clínicas da avaliação da linguagem nas doenças neurológicas.

Estudo de FACHINI (2007, p. 412), que procurou investigar os desempenhos de indivíduos com lesões no hemisfério direito (HD) frente às interpretações metafóricas, em dois grupos de indivíduos (destros com lesões no HD e destros saudáveis), lembrando que a

literatura aponta que indivíduos com lesões do HD podem apresentar prejuízos na compreensão de metáforas, indicou que não foram encontradas diferenças significativas na tarefa de interpretar metáforas entre os dois grupos. De modo geral, as tarefas demonstraram que os sujeitos com lesões no HD, em específico na artéria cerebral média, interpretam metáforas. Pode-se observar que os indivíduos com lesões no HD responderam de maneira eficiente às tarefas de compreensão das sentenças metafóricas. Estudos como esses, permitem concluir que a compreensão de metáforas depende do contexto, das experiências psicossociais, e que a dissociação no desempenho de compreensão de metáforas em indivíduos com lesões de HD, quando apresentam dificuldades, podem ser dificuldades na “integração” da informação.

Para BOOKHEIMER (2002), as dificuldades de interpretação de provérbios em pacientes com demência, o não acesso ao sentido e as associações inadequadas feitas pelo sujeito ocorre em decorrência de lesão subcortical temporal medial e lesão frontal. Entretanto, pesquisas sobre o funcionamento da linguagem e ativação cerebral mostram a importância de ambos os hemisférios cerebrais para o processamento da linguagem metafórica, para a realização de julgamentos abstratos e literais. Contudo, as enunciações proverbiais têm uma realidade textual bastante complexa, bem como distintos fatores (intra e extra textuais) a constituir a significação.

VEREZA (2007, p. 488), ao fazer uma breve análise dos caminhos de estudos da metáfora, dedica-se ao problema das metáforas novas e da argumentação, salientando que a abordagem enunciativa-discursiva é um desafio para o pesquisador do discurso ao investigar as metáforas por ser uma abordagem que vai de acordo à perspectiva social. Este enfoque enunciativo-discursivo que valoriza o aspecto social nos estudos cognitivos, segundo a autora, confere clara legitimidade ao conceito de sócio-cognição, que não dicotomiza as noções de mente, sociedade e linguagem.

Vários estudos têm indicado sendo ou não conclusivos, que os provérbios são bons expedientes para a avaliação do grau de raciocínio que requer uma atividade interativa para a produção e construção do seu sentido. É importante ressaltar que para analisar a relevância dos estudos com os provérbios é preciso lembrar que nossa percepção do mundo é uma construção cognitiva socialmente desenvolvida, de tal modo, que os diferentes povos apresentam diferentes formas de perceber como nos afirma MARCUSCHI (2007, p. 77).

Como podemos observar, os estudos dos provérbios no campo da Neurolinguística têm mostrado grande importância em explorar melhor a abordagem discursiva e estudar de forma aprofundada os processos linguísticos-discursivos implicados no trabalho metaenunciativo. A abordagem discursiva, enquanto um recurso de natureza discursivo-pragmática possibilita investigar aspectos semânticos, discursivos e sociocognitivos que emergem na interação, sendo possível articular a relação estreita entre linguagem e cognição.

## CAPÍTULO 3

### MÉTODO

---

#### **3.1 – Objetivos.**

O objetivo desta pesquisa é investigar os processos de significação na interpretação e na utilização de enunciados proverbiais por sujeitos com doença neurodegenerativa, em específico, com provável Doença Alzheimer (DA) em fase inicial, isto é de grau leve e comparar o trabalho metalinguístico dos sujeitos do grupo controle com o corpus dos sujeitos com DA, considerando o trabalho linguístico-cognitivo requerido no protocolo de provérbios implicado na significação e manipulação dos provérbios mais e menos metafóricos. Portanto, esta pesquisa cumpre investigar, o caráter heurístico e qualitativo em relação ao seu empreendimento metodológico.

#### **3.2.- Constituição do *corpus* da pesquisa.**

##### **3.2.1. – Constituição do Protocolo de Provérbios para o grupo controle (Sujeitos não-Alzheimer).**

O protocolo de provérbios foi elaborado com base no Protocolo utilizado na Dissertação de mestrado de CAZELATO (2003), que consiste em um conjunto de provérbios mais metafóricos e menos metafóricos. Segundo KLEIBER & CHARBONNEL, N. (1999) os provérbios mais metafóricos inclui um sentido implicativo, é o sentido semântico que serve de guia para o reconhecimento, na construção, na interpretação. O sentido menos metafórico, implicação do sentido é menos complexa, trata-se de uma implicação mais informativa, não depende de várias condições de inferências para o seu reconhecimento e construção de sentido. Entretanto, todo provérbio é metafórico e argumentativo, portanto decidimos estabelecer dois tipos de procedimentos no Protocolo. No procedimento 1 é perguntado ao sujeito “*O que quer dizer tal provérbio?*” e no procedimento 2 é solicitado que o sujeito “*Imagine uma situação em que caberia o uso deste provérbio*”. Segue abaixo o Protocolo de provérbios.

- 1-) Sr. (a) poderia me dizer quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?
- 2-) Imagine uma situação em que caberia o uso deste provérbio (mediante apresentação oral).

| <b>Provérbios com sentidos mais metafóricos</b>     |
|-----------------------------------------------------|
| 1- Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. |
| 2- Águas passadas não movem moinhos.                |
| 3- Cada macaco no seu galho.                        |
| 4- Cada um deita na cama que faz.                   |
| 5- Caiu na rede é peixe.                            |
| 6- Casa de ferreiro, espeto de pau.                 |
| 7- Depois da tempestade vem a bonança.              |
| 8- Em boca fechada não entra mosca.                 |
| 9- Em terra de cego quem tem um olho é rei.         |
| 10-Filho de peixe, peixinho é.                      |
| <b>Provérbios com sentidos menos metafóricos</b>    |
| 1- A esperança é a última que morre.                |
| 2- A ocasião faz o ladrão                           |
| 3- A pressa é inimiga da perfeição.                 |
| 4- A união faz a força.                             |
| 5- Amor com amor se paga.                           |
| 6- Antes pouco do que nada.                         |
| 7- As aparências enganam.                           |
| 8- Cada qual com seu igual.                         |
| 9- Cara de um, focinho de outro.                    |
| 10- Devagar se vai ao longe.                        |



### **3.2.2. Grade interpretativa dos provérbios do Protocolo utilizado com os sujeitos do grupo controle (Não-Alzheimer).**

A grade interpretativa dos provérbios explicita a expectativa com relação ao sentido veiculado em cada provérbio presente no protocolo aplicado aos sujeitos não- Alzheimer. A grade foi formada com base nos significados de cada provérbio integrante do Protocolo elaborado por CAZELATO (2003, p.75). Segue abaixo a grade interpretativa dos provérbios que constam do Protocolo utilizado nesta pesquisa.

| <b>Provérbios com sentidos <u>mais</u> metafóricos.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>1- Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de persistência. Também pode significar não desanimar, não desistir dos objetivos, manter o entusiasmo, a dedicação, o estímulo, a coragem para conquistar o que se deseja. Expressa a atitude de enfrentamento de desafios, de motivação, a manifestação de esperança, empreendimento de esforço para alcançar um objetivo. O sentido de persistência veiculado neste provérbio pode estar relacionado a uma estratégia direcionada a um fim, como realização profissional, manutenção da saúde, desejo em adquirir algo, como aquisição de bens materiais ou manter a razão sobre algum assunto de interesse, significando empreender um esforço, tendo a certeza que obterá o que deseja (VELLASCO, 2000, p.267).</p> |
| <p><b>2- Águas passadas não movem moinhos.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de irreversibilidade, uma não modificação de um evento ou experiência passada. Não “mover” significa não causar mudança em situações passadas que podem implicar algo negativo, como por exemplo, aborrecimentos, perdas, limitações, frustrações, decepção, insatisfação. Está relacionado à temporalidade, ou seja, o passado não modifica o presente, portanto, é melhor ter uma atitude positiva do presente e do futuro e esquecer o ocorrido. Significa um desafio adaptativo, isto é, adaptar-se a um evento e não se arrepender de algo do passado, porque não causará mudança em relação à experiência vivida (PRATA, 1997, p. 170); (STORNIOLO, 1996, p.23).</p>                                                              |
| <p><b>3- Cada macaco no seu galho.</b></p> <p>Este provérbio veicula o juízo de valor que se faz da capacidade de uma pessoa. Uma expressão metafórica que categoriza as pessoas, as experiências, significando que cada</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

pessoa deve fazer algo de acordo com sua função, de acordo com suas capacidades, conhecimentos, funções e responsabilidades. Significa categorização de comportamentos, atitudes, divisão de papéis, tarefas (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 266). Também pode estar relacionado à obediência ou à hierarquia num ambiente de trabalho ou em situações de competição social (STORNILO, 1996, p. 23).

#### **4- Cada um deita na cama que faz.**

Este provérbio veicula o sentido de causalidade. Significa sofrer as consequências, os prejuízos de algo negativo que a pessoa fez. Ser autor do próprio sofrimento, isto é, sentir o desprazer, a dor que planejou para outrem. A pessoa é responsável pelos seus atos e pensamentos, o que têm consequências. O sentido do provérbio assinala que é importante pensar, medir e, principalmente, compreender a extensão das consequências que as escolhas podem trazer para a vida, manifestadas através de suas ações, atos e palavras (LACERDA; ABREU & LACERDA, 2004, p. 658).

#### **5- Caiu na rede é peixe.**

Este provérbio veicula o sentido de oportunidade. Significa que a pessoa aproveita chances que surgem nos contextos sociais, não fazendo escolhas, não selecionando o que é bom ou ruim: “o que surgir é lucro”. No âmbito social e econômico, significa aproveitar as chances para melhorar a situação econômica (RIBEIRO, 2007, p. 256). Em se tratando da questão de gênero em situações de namoro, por exemplo, pode ser utilizado quando uma pessoa pode se interessar e namorar uma pessoa dependendo da oportunidade que teve ao conhecer a pessoa, mas sem selecionar, sem escolher, não diferenciando ninguém em um grupo. Este provérbio também lembra uma das parábolas da Bíblia, a parábola da rede: a rede lançada ao mar apanha tudo o que surgir, uma metáfora, cujo sentido implícito é não diferenciar. Não separa os bons dos maus (VELLASCO, 2000, p. 267). Trata-se de uma metáfora ontológica, conforme explica LAKOFF & JOHNSON (2002), fornecendo uma orientação ao sentido de aproveitar uma oportunidade.

#### **6- Casa de ferreiro, espeto de pau.**

Este provérbio veicula o sentido de especialidade profissional, mas de uma pessoa que realiza um trabalho para os outros, em outro lugar e não para si próprio. Pode ser também uma pessoa altruísta, benevolente e tem um comprometimento com amigos, não trabalhando para bem próprio (PRATA, 1997, p. 170).

**7- Depois da tempestade vem a bonança.**

Este provérbio veicula o sentido de que a intranquilidade ou as instabilidades na vida são eventos passageiros. O sentido implícito é ter paciência, pois após um evento que possa ser negativo, volta a calma. Tempestade é uma metáfora ontológica (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 139), pois se trata de um fenômeno físico que significa tormenta, algo que causa aflição, tristeza, momento de crise. Depois da tristeza vem a alegria, ou seja, após a tempestade, tudo fica mais calmo, vem a alegria, a paz, a tranquilidade. A “bonança” é outro momento que virá que será de tranquilidade. Deste modo, significa superação de adversidades. Significa saber lidar com crises e obstáculos, ter coragem, entusiasmo, esperança e paciência (BOTELHO & FERNANDES, 2000, p. 1211).

**8- Em boca fechada não entra mosca.**

Este provérbio veicula o sentido de causalidade, significando que o silêncio pode ser importante em determinados contextos, porque uma expressão inapropriada ou inadequada trará consequências para a quem a proferiu. Deste modo, a expressão metafórica instrui a pessoa a ter um domínio da sua fala, não manifestar seus pensamentos, ideias, interpretações, julgamentos sobre as ações dos outros, dependendo da situação (OBELKEVICH, 1997, p. 43-44). Trata-se de uma metáfora orientacional, que fornece uma orientação de prudência, ter bom senso da razão, ser cauteloso sobre o que falar para não se comprometer (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 139).

**9- Em terra de cego quem tem um olho é rei.**

Este provérbio veicula o sentido de que o conhecimento é poder. Ter conhecimento, qualidade, eficiência significa crescimento pessoal. Também pode significar vantagens, valorização, reconhecimento, recompensa, o que diferencia dos outros em um grupo de pessoas que não possui o mesmo conhecimento (RIBEIRO, 2007, p.256); (PINTO, 2000, p.143).

**10- Filho de peixe, peixinho é.**

Este provérbio veicula o sentido de continuidade, descendência, geratividade. Significa que o filho possui as mesmas características e semelhanças físicas do pai. As relações de parentesco é a base para a estruturação do conceito metafórico deste provérbio, o que possibilita a interpretação de que as atitudes, ações, e papéis do filho são parecidos com o do pai (NERI, 2001). Filhos herdam nomes dos pais como um patrimônio e seguem

conselhos dos pai, dos mais velhos. Significa passar o bastão, o filho dá continuidade às práticas do pai. Significa ações gerativas. Há uma herança de experiências, valores culturais, ensinamentos. O filho se envolve com projetos, funções que garantem a manutenção e o progresso das realizações do pai, podendo também o filho ter um conhecimento por aprendizado, imitação, valorizando a memória familiar e social.

#### **Provérbios com sentidos menos metafóricos.**

##### **1- A esperança é a última que morre.**

Este provérbio veicula o sentido de determinação, coragem, confiança, busca de objetivos. Também pode significar a expectativa de vencer obstáculos no curso de vida, ter confiança nas suas próprias forças, o que torna a pessoa capaz de realizar algo. A esperança vai dar um sentido às experiências, ajudando a ter um pensamento prospectivo sobre um evento de vida (OBELKEVICH, 1997, p. 43-44).

##### **2- A ocasião faz o ladrão.**

Este provérbio veicula o sentido de aproveitamento de uma oportunidade para se obter alguma vantagem. A ocasião é uma circunstância que a pessoa analisa como momento de oportunismo para obter algo de alguém ou em algum lugar (HONECK, 2000, p. 627).

##### **3- A pressa é inimiga da perfeição.**

Este provérbio, mais explícito, veicula um sentido de que não devemos ter pressa para atingir nossos objetivos. A pressa impede que as coisas saiam bem feitas. O anseio pela conquista, pela realização rápida torna tudo imperfeito. Significa que é melhor seguir o curso natural das coisas e não querer resultados de forma imediata. É uma advertência, pois, ao imediatismo, à falta de paciência e de calma. A intolerância terá consequências. É importante saber determinar o tempo para alcançar os objetivos (BOTELHO & FERNANDES, 2000, p. 1211).

##### **4- A união faz a força.**

Este provérbio, mais explícito, veicula o sentido de rede coletiva de apoio. A união significa valorização do círculo de relações, os vínculos de amizade, relações familiares, as trocas interpessoais, para o cumprimento de metas em grupo. Uma pessoa sozinha não faz grandes coisas. O provérbio argumenta a favor da coletividade.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>5- Amor com amor se paga.</b></p> <p>Este provérbio veicula um sentido de reciprocidade, gratidão, retribuição. Atribui um valor afetivo ao trabalho de troca.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <p><b>6- Antes pouco do que nada.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de proporcionalidade, é um quantificador. Significa ter certeza de algo, se contentando para ter segurança e não um futuro incerto. Veicula um sentido de adaptação com relação ao que se possui na realidade.</p>                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>7- As aparências enganam.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de ocultamento (de caráter, virtudes), significando camuflagem, enganação, fingimento, falsidade (LACERDA; ABREU &amp; LACERDA, 2004, p. 658). O que se vê pode não ser o que realmente é. Deste modo, o comportamento de uma pessoa pode ser somente aparente, de modo a iludir a confiança do outro que não consegue saber como a pessoa é. Também veicula o sentido de não acreditar no exterior, na estrutura física. Não avaliar o outro com base na observação externa.</p> |
| <p><b>8- Cada qual com seu igual.</b></p> <p>Este provérbio veicula um sentido de igualdade, paridade ou categorização social. Significa unir as pessoas com base na igualdade de capacidades, de qualidades, status, de papéis sociais, funções, valores culturais. Pode exprimir maneiras das pessoas se organizarem em grupos (PINTO, 2000, p.143).</p>                                                                                                                                                                                                    |
| <p><b>9- Cara de um focinho de outro.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de similaridade, comparação, como pessoas parecidas na fisionomia (LACERDA; ABREU &amp; LACERDA, 2004, p. 658).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <p><b>10- Devagar se vai ao longe.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de temporalidade, de perspectivação de paciência, prudência para alcançar objetivos (BOTELHO &amp; FERNANDES, 2000, p. 1211). Veicula um significado de busca, alcance de metas a longo prazo, não de forma imediata, sabendo usar o tempo com responsabilidade. Trata-se de uma metáfora orientacional, de acordo com LAKOFF &amp; JOHNSON (2002, p. 139).</p>                                                                                                                |

### **3.2.3. Sujeitos do grupo controle (população não-Alzheimer).**

Foi considerado, para efeitos desta pesquisa, um grupo controle de 10 sujeitos idosos com idade igual ou superior a 60 anos, saudáveis, cognitivamente preservados (denominados como população não-Alzheimer) que exclui demência, com a idade entre 60 e 74 anos, sendo 6 mulheres e 4 homens, a maioria casados, naturais e residentes na cidade de Campinas e aposentados. O nível educacional variou entre o básico e segundo grau; a média de escolaridade foi de 4 anos (40%). A seleção deste grupo de sujeitos foi feito no sentido de apresentar o Protocolo de estudo de provérbios a homens e a mulheres com o mesmo perfil sociolinguístico do grupo de sujeitos com DA para verificar o funcionamento linguístico-cognitivo envolvido na compreensão dos provérbios e uso, mas que fossem saudáveis do ponto de vista dos aspectos cognitivos. A primeira versão do Protocolo consistiu numa fase exploratória. Verificaram-se quais provérbios foram mais produtivos, mais conhecidos e mais utilizados no contexto sócio-cultural brasileiro, com o objetivo de construir o Protocolo de provérbios definitivo a ser apresentado aos sujeitos com provável Doença de Alzheimer em fase inicial.

Os sujeitos não-Alzheimer foram selecionados no grupo de idosos do Coral do Hospital de Clínicas da Unicamp (Campinas/SP). As pessoas que frequentam este grupo realizavam seguimento clínico nos serviços do hospital, mas não apresentavam sérios problemas de saúde. Apresentaram boas condições de saúde mental, boa comunicação, boa interação social, memória preservada e um grau de autonomia que lhes permite ir e participar das atividades do grupo.

Para dar início à coleta dos dados com os sujeitos controle foi estabelecido um contato com a coordenadora do grupo, a Assistente Social do Hospital de Clínicas, a qual foi apresentada a proposta da pesquisa, objetivando o consentimento para a realização da aplicação de instrumentos e do protocolo de provérbios, bem como a gravação dos enunciados. A coordenadora do grupo de idosos do Coral do HC autorizou a realização da pesquisa e assinou o Termo de Autorização para a coleta dos dados com os sujeitos do coral (ANEXO I) a fim de cumprir as resoluções do Comitê de Ética da Universidade que aprovou o projeto de pesquisa sob o parecer N° 538/2007.

No primeiro contato com os sujeitos foi apresentado o Termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO II) a cada um e explicado os objetivos da pesquisa.

Foi aplicada uma Ficha para Informações sócio-demográficas desenvolvida pela pesquisadora (ANEXO III) para levantar os dados da caracterização dos participantes deste grupo, constituída de dados pessoais, procedência, idade, escolaridade, informações de atividades sócio-culturais, história clínica e dados da avaliação cognitiva breve.

De acordo com as informações sócio-cognitivas colhidas (ANEXO IV) os sujeitos não-Alzheimer estavam engajados em atividades de lazer (canto coral, ginástica, bingos) de entretenimento e de práticas sócio-interacionais (reuniões do grupo, ensaios, palestras), atividades propostas pela coordenadora do grupo ao qual pertenciam e pelos serviços do Hospital. Todos os sujeitos eram independentes para as atividades básicas e instrumentais de vida diária.

Também foi realizada uma avaliação cognitiva breve desse grupo controle com a aplicação do Mini Exame do Estado Mental (MEEM) (ANEXO V) para a triagem das funções cognitivas (FOLSTEIN, et al. 1975) com o intuito de excluir possíveis casos de demência, assegurando que os sujeitos do grupo controle fossem todos saudáveis cognitivamente. Para esta finalidade o MEEM é a escala mais amplamente utilizada. O MEEM é um teste simples de rastreio do funcionamento cognitivo de adultos e idosos de rápida aplicação e contém 30 itens, cada um correspondendo a um ponto, com questões sobre as áreas específicas da cognição, versando sobre orientação temporal e espacial; memória imediata e de evocação; atenção; cálculo e linguagem. Sua aplicação dura entre cinco e dez minutos por sujeito e é de fácil correção. Os escores do MEEM variaram entre 27 e 30 pontos. Vários autores adaptaram os pontos de corte do escore do MEEM, diferenciados conforme o nível educacional, devido à heterogeneidade educacional na população idosa brasileira. O MEEM foi adaptado para a população idosa brasileira por BERTOLLUCCI et al. (1994); por CARAMELLI et al (1999) e por BRUCKI et al. (2003). As notas de corte empregadas para este estudo foram as recomendadas por BERTOLLUCCI et al. (1994), cujo ponto de corte é de 13 pontos para analfabetos, 18 para os de um a sete anos de escolaridade e de 26 para as pessoas idosas com mais de 8 anos de escolaridade. A triagem das funções cognitivas por meio do MEEM teve o objetivo de detectar eventuais perdas cognitivas e excluir os sujeitos que apresentassem déficit cognitivo que pudesse influenciar na coleta dos dados do grupo de sujeitos saudáveis.

Na segunda sessão de coleta de dados foram coletados os dados linguísticos e discursivos envolvidos na enunciação proverbial com a aplicação do Protocolo de Provérbios elaborado por CAZELATO (2003, p.74) em sua Dissertação de Mestrado, constituído de um grupo de provérbios com sentidos mais metafóricos e por conjunto de provérbios menos metafóricos.

Primeiro foi apresentado o Protocolo de provérbio de modo escrito a cada sujeito, para que ele conhecesse o protocolo, em seguida cada provérbio foi apresentado de forma oral e perguntado se sabe “O que quer dizer este provérbio? Num segundo momento foi solicitado ao sujeito que elaborasse ou imaginasse uma situação contextual em que ele usaria tal provérbio. A coleta de dados com cada sujeito foi feita de forma individual e durou aproximadamente 2 horas para a aplicação dos instrumentos aqui apresentados e aproximadamente 1 hora e 30 minutos para a coleta dos dados linguísticos. A coleta do *corpus* linguístico foi feito de modo oral e os dados foram gravados em vídeo e transcritos com base nas notações de transcrição do NURC/SP – USP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) e convencionalizadas pelo Grupo de Pesquisa do Laboratório de Neurolinguística “Cogites” – Cognição, Interação e Significação. (ANEXO XII).

Durante a apresentação dos provérbios aos sujeitos, estes foram repetidos pela pesquisadora, mas não foram fornecidas pistas, como comentários que pudessem direcionar as relações de sentido e a produção de inferências pelo sujeito frente às suas eventuais dificuldade na tarefa.

Vejamos a seguir o Protocolo dos Provérbios constituído, na fase de estudo piloto, por 10 provérbios mais metafóricos e 10 menos metafóricos.

Para melhor resumo dos dados do grupo de sujeitos não-Alzheimer, foi construída uma tabela contendo a identificação, a caracterização desta amostra (Ver tabela 2).



**Tabela 2 - Caracterização sócio-demográfica e sócio-cultural dos sujeitos do grupo controle (Não-Alzheimer).**

| Sujeitos | Idade | Sexo | Escolaridade | Natural         | Estado Civil | Profissão              | Aposentado | Condições de Saúde          | MEEM |
|----------|-------|------|--------------|-----------------|--------------|------------------------|------------|-----------------------------|------|
| 1-EA     | 76    | M    | 9 anos       | Campinas/SP     | Casado       | Operário               | Sim        | Sem alt.                    | 27   |
| 2-NB     | 60    | M    | 12 anos      | Campinas/SP     | Casado       | Radialista             | Não        | Sem alt.                    | 30   |
| 3-DA     | 74    | F    | 12 anos      | São Carlos/SP   | Casada       | Do lar                 | Sim        | Sem alt.                    | 30   |
| 4-FC     | 61    | F    | 4 anos       | Campinas/SP     | Viúva        | Doméstica              | Sim        | Controle médico regular     | 27   |
| 5-LA     | 64    | F    | 5 anos       | Pitangueiras/SP | Solteira     | Funcionária Pública    | Sim        | Sem alt.                    | 29   |
| 6- PA    | 71    | M    | 8 anos       | São Paulo/SP    | Casado       | Segurança              | Sim        | Hipertensão arterial        | 30   |
| 7-DV     | 69    | M    | 9 anos       | São Paulo/SP    | Casado       | Técnico                | Sim        | Sem alt.                    | 29   |
| 8-ML     | 60    | F    | 4 anos       | Salvador/SP     | Casado       | Vendedora              | Sim        | Controle médico             | 28   |
| 9-RP     | 73    | F    | 4 anos       | Campinas/SP     | Casada       | Doméstica / Cozinheira | Sim        | Diabetes e probl. de coluna | 24   |
| 10-AR    | 73    | F    | 12 anos      | Campinas/SP     | Viúva        | Professora             | Sim        | Sem alt.                    | 28   |

**3.2.3.1. Descrição dos dados sócio-demográficos, das atividades sócio-cognitivas e funcionais, condições de saúde, avaliação cognitiva breve dos sujeitos do grupo controle, considerados sujeitos não-Alzheimer.**

Neste item estão descritas as descrições das informações a respeito da identificação dos sujeitos não-Alzheimer, as atividades sócio-cognitivas realizadas ao longo da vida, a capacidade funcional, condições de saúde geral e *status* cognitivo de cada sujeito e as datas de coleta do *corpus* linguístico. Os sujeitos estão dispostos em ordem numérica.

### Sujeito 1

## I-Identificação e dados sócio-demográficos.

Nome: E. A. S. Idade: 76 anos. Sexo: Masculino.

Data de nascimento: 10/01/1931. Escolaridade: 9 anos.

Onde nasceu? Campinas - SP.      Reside em: Campinas/SP.

Estado civil: ( x ) casada ( ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: com cônjuge.

Profissão: operário. É aposentado: ( x ) Sim, há 11 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não informado. Realiza atividades de lazer: sim.

## II-Atividades sócio-cognitivas e funcionais:

Frequenta coral do hospital de clínicas da Unicamp, canta em outro coral na comunidade, toca instrumento musical, participa de eventos sociais e realiza atividade esportiva. Sempre teve práticas de leituras públicas, leitura apreciativa e do cotidiano, escrita autônoma e do cotidiano (jornais, revistas, livros, folhetos). Tem controle das finanças (pagar contas, lidar com procedimentos bancários, fazer compras, efetuar pagamentos). Foi segurança de uma firma de segurança pública, fez e faz trabalho voluntário até o momento.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde).

**III-Condições de saúde:** Condições clínicas gerais: sem alterações.

**IV-Avaliação cognitiva breve: MEEM: 27.**

### Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.

**Data de coleta:** 09/04/2007.      **Data de transcrição:** 10/04/2007.

**Duração:** 46 min.

## **Sujeito 2**

### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: N. B. F. Idade: 60 anos. Sexo: Masculino.  
Data de nascimento: 23/04/1948. Escolaridade: 12 anos.  
Onde nasceu? Campinas - SP. Reside em: Campinas/SP.  
Estado civil: ( x ) casado ( ) viúvo ( ) separado ( ) solteiro.  
Com quem reside: com cônjuge.  
Profissão: Radialista. É aposentado: ( ) Sim, há\_\_\_anos. ( x ) Não.  
Ocupação atual: não informado. Realiza atividades de lazer: sim.

### **II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

Foi radialista, estou curso técnico, possui 12 anos de escolaridade, teve práticas discursivas, falas públicas e prática de leitura e escrita (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Tem hobbies e realiza atividade física.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde).

**III- Condições de saúde:** Condições clínicas gerais: sem alterações.

**IV- Avaliação cognitiva breve:** MEEM: 30.

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 09/04/2007. **Data de transcrição:** 10/04/2007.

**Duração:** 43 min.

## **Sujeito 3**

### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: D. A. J. Idade: 74 anos. Sexo: Feminino.  
Data de nascimento: 05/09/1932. Escolaridade: 12 anos.  
Onde nasceu? São Carlos/SP. Residente em: Campinas - SP.  
Estado civil: ( x ) casada ( ) viúva ( ) separada ( ) solteira.  
Com quem reside: com cônjuge.  
Profissão: Do lar. É aposentado: ( x ) Sim, há 9 anos. ( ) Não.  
Ocupação atual: não informado. Realiza atividades de lazer: sim.

## **II- Atividades sócio-cognitivas e capacidade funcional.**

Estudou até 2o grau, sempre foi do lar, teve práticas de leitura apreciativa, crítica e do cotidiano, escrita autônoma e do cotidiano (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Controla as finanças, possui hobbies, canta em coral, realiza trabalho voluntário em paróquia.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde).

## **III- Condições de saúde.**

Condições clínicas gerais: sem alterações.

## **IV- Avaliação cognitiva breve: MEEM: 30.**

**Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 19/04/2007.      **Data de transcrição:** 20/04/2007.

**Duração:** 54 min.

## **Sujeito 4**

### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: F. C. S.      Idade: 61 anos.      Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 20/03/1947.      Escolaridade: 4 anos.

Onde nasceu? Campinas/SP.      Residente em: Campinas/SP.

Estado civil: ( ) casada ( x ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: sozinha.

Profissão: Doméstica.      Também trabalhou na lavoura e com culinária.

É aposentado: ( x ) Sim, há 1 ano. ( ) Não.

Ocupação atual: não informado.      Realiza atividades de lazer: sim.

### **II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

Trabalhou em lavoura, foi doméstica e também trabalhou com culinária. Controla as finanças, tem hobbie, canta em coral, frequenta igreja, tem práticas de leitura e escrita do cotidiano (receitas, bilhetes, recados).

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde).

**III- Condições de saúde:** Condições clínicas gerais: sintomas comuns da idade, controle médico regular e sem graves alterações.

**IV- Avaliação cognitiva breve:** MEEM: 27.

**Transcrição do corpus do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 19/04/2007.      **Data de transcrição:** 20/04/2007.

**Duração:** 1h02 min.

### **Sujeito 5**

#### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: L.A.      Idade: 64 anos.      Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 29/01/1943.      Escolaridade: 5 anos.

Onde nasceu? Pitangueiras –SP.      Residente em: Campinas/SP.

Estado civil: ( ) casada ( ) viúva ( ) separada ( x ) solteira.

Com quem reside: com a irmã.

Profissão: Funcionária pública.      É aposentado: (x) Sim, há 5 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não informado.      Realiza atividades de lazer: sim.

#### **II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

Estudou até 5ª série, foi funcionária pública, teve práticas discursivas (entrevistar e secretariar), tem práticas de leitura apreciativa e do cotidiano, escrita planejada e do cotidiano (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Controla as finanças, realiza atividade de lazer, frequenta grupo de terceira idade.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde).

**III- Condições de saúde:** Condições clínicas gerais: sem alterações.

**IV- Avaliação cognitiva breve: MEEM: 29.**

**Transcrição do *corpus* dos protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 23/04/2007.      **Data de transcrição:** 25/04/2007.

**Duração:** 1h12 min.

### **Sujeito 6**

#### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: E. P. A.

Idade: 71 anos.

Sexo: Masculino.

Data de nascimento: 28/06/1936.

Escolaridade: 8 anos.

Onde nasceu? São Paulo –SP.

Residente em: Campinas/SP.

Estado civil: ( x ) casada ( ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: com cônjuge e filhos.

Profissão: Segurança.

É aposentado: (x) Sim, há 7 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não informado.

Realiza atividades de lazer: sim.

#### **II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

Estudou até 8ª série, trabalhou em casa noturna como segurança, sempre controlou as finanças da casa, possui práticas de leitura e escrita apreciativa, do cotidiano, escrita autônoma e planejada (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Possui hobbies, gosta de música, jogos e assistir palestras, participa de eventos sociais, culturais e grupos de terceira idade.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde).

**III- Condições de saúde:** Condições clínicas gerais: Hipertensão Arterial, faz acompanhamento médico regularmente, sem outras alterações.

**IV- Avaliação cognitiva breve: MEEM: 30.**

**Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 28/05/2007.      **Data de transcrição:** 29/05/2007.

**Duração:** 1h10 min.

## **Sujeito 7**

### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: D. V. Idade: 69 anos. Sexo: Masculino.

Data de nascimento: 11/11/1937. Escolaridade: 9 anos.

Onde nasceu? São Paulo –SP. Residente em: Campinas/SP.

Estado civil: ( x ) casado ( ) viúvo ( ) separado ( ) solteiro.

Com quem reside: com cônjuge.

Profissão: Técnico. É aposentado: (x) Sim, há 5 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não informado. Realiza atividades de lazer: sim.

### **II- Atividades sócio-cognitivas e capacidade funcional.**

Estudou 9 anos, foi comerciante, sempre controlou as finanças, possui práticas de escrita e leitura do cotidiano e leitura apreciativa (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Tem hobbies, faz caminhada, gosta de jogos, e frequenta eventos sociais e culturais.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde) de vida diária.

### **III- Condições de saúde.**

Condições clínicas gerais: características comuns da idade de forma controlada, sem graves alterações.

### **IV- Avaliação cognitiva breve: MEEM: 29.**

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

Data de coleta: 28/05/2007. Data de transcrição: 29/05/2007.

Duração: 54 min

## **Sujeito 8**

### **I- Identificação e dados sócio-demográficos**

Nome: M. L. C. Idade: 60 anos. Sexo: Feminino.  
Data de nascimento: 15/08/1946. Escolaridade: 4 anos.  
Onde nasceu? Cidade: Salvador/ BA. Residente em: Campinas/SP.  
Estado civil: ( x ) casado ( ) viúvo ( ) separado ( ) solteiro.  
Com quem reside: com cônjuge.  
Profissão: Vendedora. É aposentado: ( x ) Sim, há 2 anos. ( ) Não.  
Ocupação atual: não informado. Realiza atividades de lazer: sim.

### **II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

Estudou até 4ª série, foi vendedora, trabalhou como autônoma, controla finanças, teve práticas discursivas, práticas de leitura e escrita do cotidiano (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Possui hobbies, realiza atividades sociais e manuais e frequenta grupo da terceira idade.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde) de vida diária.

**III- Condições de saúde:** Condições clínicas gerais: Doenças comuns da idade de forma controlada, sem graves alterações.

**IV- Avaliação cognitiva breve:** MEEM: 28.

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 30/05/2007. **Data de transcrição:** 31/05/07 e 01/06/2007.

**Duração:** 55 min.

## **Sujeito 9**

### **I- Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: R. P. L. Idade: 73 anos. Sexo: Feminino.  
Data de nascimento: 18/07/1933. Escolaridade: 4 anos.  
Onde nasceu? Campinas/SP. Residente em: Campinas/SP.  
Estado civil: ( x ) casada ( ) viúvo ( ) separado ( ) solteiro.



Com quem reside: com cônjuge.

Profissão: Doméstica. Também trabalhou em fábrica como cozinheira e no HC da Unicamp.

É aposentado: ( x ) Sim, há 7 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não.

Realiza atividades de lazer: sim.

## **II- Atividades sócio-cognitivas e capacidade funcional.**

Estudou até 4ª série, trabalhou como doméstica e também em fábrica como cozinheira e no hospital de clínicas da Unicamp. Tem práticas discursivas, fala numa rádio da sua cidade sobre envelhecimento, tem prática de leitura e escrita do cotidiano (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Controla as finanças, tem hobbies, canta em coral, frequenta grupo da terceira idade e eventos sociais.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde) de vida diária.

## **III- Condições de saúde:**

Condições clínicas gerais: diabetes e problemas de coluna. Condição estável e de forma controlada, sem graves alterações.

## **IV- Avaliação cognitiva breve: MEEM: 24.**

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 31/05 /2007. **Data de transcrição:** 01/06/2007.

**Duração:** 45 min.

## **Sujeito 10**

### **I- Identificação e dados sócio demográficos.**

Nome: A. R. C.

Idade: 73 anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 16/10/1933.

Escolaridade: 12 anos (2º grau completo).

Onde nasceu? Campinas/SP.

Residente em: Campinas/SP.

Estado civil: ( ) casado ( x ) viúvo ( ) separado ( ) solteiro.

Com quem reside: com filho.

Profissão: Professora.

É aposentado: ( x ) Sim, há 14 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não.

Realiza atividades de lazer: sim.

## **II- Atividades sócio-cognitivas e capacidade funcional.**

Estudou até 2º grau, cursou magistério, foi professora de primário, sempre controlou as finanças, têm práticas discursivas, leituras públicas, prática de leitura e escrita apreciativa e do cotidiano (jornais, revistas, livros, folhetos, calendários, uso de agenda, caderno). Possui hobbies, canta em coral, realiza viagens, atividades manuais, frequenta eventos sociais, gosta de jogos, faz oficina de memória e frequenta grupos de terceira idade.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais (fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde) de vida diária.

## **III- Condições de saúde:**

Condições clínicas gerais: características comuns da idade de forma controlada, sem graves alterações.

## **IV- Avaliação cognitiva breve: MEEM: 28.**

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 04/07/2007.      **Data de transcrição:** 05/07/2007.

**Duração:** 1h23 min.

### **3.2.4. Constituição do Protocolo definitivo de Provérbios para os sujeitos com DA.**

Após coleta e transcrição do *corpus* linguístico-interacional dos sujeitos não-Alzheimer foi realizada a análise das interpretações dos provérbios mais metafóricos e menos metafóricos, em que se observou o desempenho de cada sujeito para cada provérbio do protocolo. Tal procedimento possibilitou constatar quais provérbios foram mais conhecidos ou identificados, quais provérbios foram interpretados e os enunciados dentro de seu uso contextual, a partir das experiências discursivas dos sujeitos.

Com relação à interpretação dos dados obtidos do grupo controle, foi feita uma observação de respostas mais centralmente relevantes e marginalmente relevantes do sentido veiculado pelo provérbio em foco, checando-se a consistência das respostas, o

reconhecimento e aceitação dos provérbios com o objetivo de definir o Protocolo com os provérbios mais produtivos e conhecidos em nossa cultura.

Dos provérbios com sentido mais metafóricos, três (3) provérbios os sujeitos não-Alzheimer não reconheceram os sentidos de modo central relevante e marginalmente relevante; e por vezes os sujeitos afirmaram não conhecer as expressões, não mostrando uma familiaridade com as expressões nem o conhecimento da estrutura do provérbio. E também mostraram discordância do sentido do provérbio.

Foram os três (3) provérbios:

*“Cada macaco no seu galho”*

*“Cada um deita na cama que faz”*

*“Em terra de cego quem tem um olho é rei”*

Dois (2) provérbios com sentidos menos metafóricos não foram acessados pelos sujeitos não-Alzheimer, que não reconheceram o sentido deles veiculados.

*“A ocasião faz o ladrão”*

*“Cada qual com seu igual”*

Os provérbios que não tiveram seus sentidos reconhecidos e acessados pelos sujeitos não Alzheimer foram substituídos ao ser construído o protocolo definitivo para ser aplicado no grupo de sujeitos com DA. Desta forma, foram eleitos outros provérbios que pudessem substituir tais expressões. A escolha de outros provérbios para serem substituídos e compor o protocolo definitivo foi feita com base nos provérbios mais e menos metafóricos do Protocolo de Provérbios elaborado por CAZELATO (2003, p.75). Com as substituições dos provérbios foi constituído o Protocolo definitivo de 10 provérbios com sentido mais metafórico e 10 provérbios com sentidos menos metafóricos para a constituição do *corpus* linguístico dos sujeitos com DA.

Na tabela 3 abaixo, pode-se observar a substituição dos provérbios do protocolo do grupo de sujeitos não-Alzheimer para o protocolo definitivo utilizado com o grupo de sujeitos com DA.

**Tabela 3 - Seleção dos provérbios substituídos para a constituição do protocolo definitivo.**

| Provérbios do protocolo do grupo controle       | Provérbios do protocolo definitivo                 |
|-------------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| Provérbios com sentidos mais metafóricos        | Provérbios com sentidos mais metafóricos           |
| <i>Cada macaco no seu galho.</i>                | <i>Quem semeia vento colhe tempestade.</i>         |
| <i>Cada um deita na cama que faz.</i>           | <i>Não dê o passo maior que a perna.</i>           |
| <i>Em terra de cego quem tem um olho é rei.</i> | <i>Não adianta chorar sobre o leite derramado.</i> |
| Provérbios com sentidos menos metafóricos       | Provérbios com sentidos menos metafóricos          |
| <i>A ocasião faz o ladrão.</i>                  | <i>Melhor prevenir do que remediar.</i>            |
| <i>Cada qual com seu igual.</i>                 | <i>O segredo é a alma do negócio.</i>              |

### 3.2.4.1. Grade interpretativa dos provérbios eleitos para substituição no protocolo definitivo, utilizado com os sujeitos com DA.

Em função da substituição de três (3) provérbios mais metafóricos e a substituição de dois (2) provérbios menos metafóricos no protocolo definitivo para aplicação com sujeitos com DA, foi realizada uma grade interpretativa para os que foram incluídos. A seguir, pode-se verificar a grade interpretativa dos novos provérbios mais metafóricos e menos metafóricos que passaram a constituir o protocolo definitivo para o grupo dos sujeitos com DA.

| <b>Provérbios mais metafóricos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>3- Quem semeia vento colhe tempestade.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de causalidade. Toda ação tem um evento consequente. Trata-se de um jogo de ação e reação. A expressão metafórica tem um sentido implícito a ser reconhecido, podendo atribuir o sentido a uma conduta de atos ou palavras que são expressos de forma inadequada a um contexto ou do ponto de vida social, gerando uma consequência para a própria pessoa (STORNILO, 1996, p.23).</p>                   |
| <p><b>4- Não dê o passo maior que a perna.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de uma advertência ao excesso de ambição. Na busca de metas aconselha-se focar o processo e não somente o resultado (STORNILO, 1996, p.23). Veicula o sentido de uma ação preventiva, pois é preciso determinar um tempo para alcançar resultados, objetivos; é preciso ter planejamento, cautela para evitar problemas. Trata-se de uma metáfora orientacional (LAKOFF &amp; JOHNSON, 2002, p. 139).</p> |
| <p><b>9- Não adianta chorar sobre o leite derramado.</b></p> <p>Este provérbio veicula o sentido de irreversibilidade. Numa situação de arrependimento não adianta remoer o que aconteceu e o que não está resolvido. Não adianta reclamar que não</p>                                                                                                                                                                                                                                           |

vai voltar a situação do passado. É preciso ter um senso de desenvolvimento contínuo da vida, não valorizar eventos vividos no passado, eventos negativos, de sofrimento, angústia, sobre alguma perda, porque não vai modificar a situação vivida. É preferível ter uma atitude positiva em relação ao passado, focando o presente e o futuro (OBELKEVICH, 1997, p. 43-44).

#### **Provérbios *menos* metafóricos**

##### **2- Melhor prevenir que remediar.**

Este provérbio veicula o sentido de causalidade. Significa ter prudência, cautela, cuidado para não errar e não precisar consertar algo depois. Prevenir-se de algo negativo.

##### **8- O segredo é a alma do negócio.**

Este provérbio veicula o sentido de ocultamento. Uma informação ocultada que pode ser uma ideia que deve se restringir ao idealizador (LACERDA; ABREU; & LACERDA, 2004, p. 658). Segundo esse provérbio, é melhor ser discreto, não falar antes das coisas acontecerem; significa não compartilhar com outras pessoas as próprias ideias, a criação de algo novo, original, objetivos; ter precaução para alcançar uma meta. Está relacionado ao princípio do sigilo de um produto, serviço ou negócio.

#### **3.2.5. Sujeitos com diagnóstico provável de Doença de Alzheimer em fase inicial.**

Após a elaboração final do Protocolo de provérbios *mais* e *menos* metafóricos para a constituição do *corpus* linguístico-interacional dos sujeitos com DA, foi realizada a coleta dos dados no Ambulatório de Psiquiatria do HC/UNICAMP mediante autorização institucional com assinatura do termo de concordância do coordenador do serviço (ANEXOVI)

O procedimento de seleção dos sujeitos, de coleta dos dados e de constituição do *corpus* linguístico-interacional com os sujeitos com DA consistiu em duas sessões. Na primeira sessão apresentaram-se aos familiares e ao sujeito os objetivos e procedimentos da pesquisa, com a finalidade de obter o consentimento para a participação voluntária. Neste momento foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos familiares que aceitaram participar da pesquisa (ANEXO II).

Participaram deste estudo dez (10) sujeitos com diagnóstico de provável Doença de Alzheimer que foram selecionados no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica do Hospital de Clínicas da Unicamp, mediante *anamnese* e avaliação psiquiátrica realizada pelo médico residente e médico supervisor do serviço ambulatorial. A conduta diagnóstica foi realizada, então, pelo médico e pela equipe multiprofissional segundo os critérios diagnósticos definidos para a Doença de Alzheimer do DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos

Mentais) (1995) e dos critérios segundo NINCDS-ADRDA. (ANEXO VII) (JORGE, 2000). Também comparado com critérios diagnósticos segundo o CID – Código Internacional de doenças do capítulo referente à Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da Organização Mundial da Saúde (ANEXO VIII).

Após *anamnese* e discussão do caso clínico, bem como o registro das informações clínicas nos prontuários dos sujeitos com DA, considerando informações gerais da anamnese, a história clínica, dados clínicos gerais, exames gerais, laudo de exames de neuroimagem, início e mensuração da gravidade dos sintomas, para determinar a presença ou ausência de um conjunto de características clínicas, foi feita aplicação de uma ficha sócio-demográfica elaborada pela pesquisadora (ANEXO III) para a caracterização e organização da amostra, que contém itens de dados pessoais do sujeito como nome, idade, data de nascimento, estado conjugal, escolaridade, dados sobre trabalho, características da família, descrição das atividades sócio-cognitivas e funcionais, e realizada avaliação neuropsicológica (cognitivas, comportamentais, afetivo-emocionais e funcionais) que possibilitasse detectar os casos suspeitos de provável Doença de Alzheimer leve.

Como critérios de exclusão, da abordagem do estudo, foram excluídos os sujeitos com transtornos psiquiátricos ou com outros transtornos demenciais, ou que apresentassem sintomas afásicos, comprometimentos linguístico-cognitivos graves que poderiam impedir a abertura de canal de comunicação.

Foram coletadas informações que os sujeitos realizaram ao longo da vida com o Protocolo de Atividades sócio-cognitivas elaborado pela pesquisadora (ANEXO IV) que consiste na coleta de informações das práticas interacionais discursivas e de letramento.

A avaliação neuropsicológica cognitiva foi realizada com a aplicação do CAMCOG - Cambridge Cognitive Examination, um Teste de Funções Cognitivas do CAMDEX, (ROTH et al., 1986), validado para a população brasileira por BOTINO, et al. (2001) (ANEXO X), um instrumento de avaliação cognitiva desenvolvido a partir de uma entrevista estruturada com o propósito de diagnóstico diferencial de demência no envelhecimento, que inclui o Mini-Exame do Estado Mental e reúne testes cognitivos abrangentes, em seções que propõem avaliar a atenção/concentração, orientação temporal e espacial, percepção visual e tátil, linguagem (compreensão, nomeação de objetos e figuras, repetição e definições), memória (evocação e reconhecimento das figuras nomeadas e lembrança de fatos remotos), praxia construcional (cópia de figuras), praxia ideomotora e ideacional, cálculo e pensamento abstrato - teste de semelhança. O ponto de corte recomendado é de 107 pontos. O CAMCOG

é utilizado no serviço ambulatorial pela equipe multiprofissional para a realização das avaliações neuropsicológicas.

Os sujeitos (1) AM, (3) MM, 5 (JG) e (7) AK apresentaram pontuação no CAMCOG abaixo do ponto de corte recomendado, porém o diagnóstico clínico de provável doença de Alzheimer foi de estágio inicial, isso se explica pelas variáveis sócio-culturais que influencia na aplicação do teste e nos vieses que o teste pode apresentar. Devido também à falta de motivação ou prejuízos na auto-confiança e na auto-estima, os resultados em testes neuropsicológicos pode não ser o esperado. Em muitos casos, recomendam-se ajustes dos pontos de cortes para populações diferentes.

Conforme podemos verificar na Tabela 5, os sujeitos 1 (AM) que apresentou pontuação de 53 no CAMCOG e o sujeitos 3 (MM) que obteve 57 pontos, apresentaram estes escores, que estão abaixo do ponto de corte, devido a maior dificuldade nos itens de memória remota e maior prejuízo nas funções executivas; o sujeito 5 (JG) que obteve 31 pontos e o sujeito 7 (AK) que obteve 54 pontos no CAMCOG apresentaram estes resultados devido à redução das práticas discursivas, práticas de leitura e escrita e restrições nas práticas sócio-cognitivas, como se observa na descrição das atividades sócio-cognitivas dos sujeitos. A heterogeneidade educacional da população idosa, condições de letramento, redução das atividades sócio-cognitivas, fatores sócio-econômico-culturais influenciam no padrão de desempenho dos sujeitos durante a testagem, podendo interferir na acurácia dos resultados nos testes neuropsicológicos, o que necessita de modificação de itens e adaptação dos escores.

Os resultados obtidos por estes sujeitos foram comparados com o funcionamento pré-mórbido (início das queixas, progressão dos sintomas, magnitude dos sintomas e a maneira como as alterações se manifestaram) constatado durante entrevista com informante, dados do prontuário e na comparação com outros instrumentos o que contribuiu para a definição do diagnóstico de provável Doença de Alzheimer em estágio inicial, de grau leve.

Também foi aplicado o Questionário de Atividades Funcionais de Pfeffer (PFEFFER et al., 1982) (ANEXO XI) para caracterizar a capacidade funcional dos sujeitos, isto é o grau de preservação da capacidade do sujeito de realizar as atividades básicas ou de auto-cuidado (ABVDs) e instrumentais de vida diária (AIVDs). São exemplos de capacidades relativas à realização de ABVDs ou de autocuidado: vestir-se, usar o toalete, banho, transferência, locomoção, comer, arrumar-se. São exemplos de capacidades relativas ao desempenho de AIVDs: manejo do dinheiro, usar meio de transporte, controle das finanças, pagar contas, fazer compras, cozinhar, usar o telefone, cuidar da própria saúde e manter a própria integridade e segurança.

Este questionário é um instrumento simples, muito utilizado para rastreio da funcionalidade em idosos na comunidade, avalia o desempenho do sujeito em 10 atividades; os escores variam de 0 a 30 pontos, escores acima de 5 pontos indicam prejuízo funcional. As respostas seguem o padrão: se é capaz (0); nunca o fez, mas poderia fazer agora (0); com alguma dificuldade, mas faz (1); nunca fez e teria dificuldade agora (1); necessita de ajuda (2); não é capaz (3). Conforme aumenta a pontuação no questionário, o instrumento mostra maior prejuízo na funcionalidade. Foi aplicado ao familiar/informante.

Juntamente com as informações relevantes sobre as condições clínicas e atividades sócio-cognitivas dos sujeitos e magnitude dos sintomas, foi possível classificar a capacidade funcional dos sujeitos em dependentes, semi-dependentes ou independentes para as ABVDs e AIVDs. Esta classificação se encontra abreviada na tabela 5.

Foi considerado sujeito independente na funcionalidade aquele que consegue desempenhar mais do que oito atividades de vida diária, sujeito semi-dependente aquele que desempenha de forma parcial as atividades de vida diária, isto é de 4 a 7 AVDs, e dependente aquele que consegue desempenhar até três AVDs sem ajuda.

O uso de instrumentos combinados, como no caso de escalas funcionais e testes cognitivos, objetiva o aumento da precisão do rastreio de demência, em especial nos casos leves. Porém, as escalas de avaliação funcional, assim como os testes sofrem influência de variáveis como gênero e fatores sócio-econômico-culturais.

O comprometimento da funcionalidade no sujeito com doença de Alzheimer comporta uma gradação, ou seja, é uma condição que não atinge de modo uniforme todos os domínios do funcionamento dos indivíduos. Assim, a incapacidade para o desempenho de atividades instrumentais de vida diária, como fazer compras, cuidar das finanças e andar pela cidade, ou incapacidades resultantes de um comprometimento mais grave de locomoção, visão ou audição não significam, necessariamente, disfuncionalidade em outros domínios.

Foi realizado um tratamento estatístico descritivo para a análise de frequência das variáveis que caracterizam a amostra, por meio do SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 9.0 Windows. Foram feitas tabelas para as variáveis categóricas bem como estatísticas descritivas das variáveis contínuas.

Os sujeitos deste grupo tiveram o início dos sintomas cognitivos e procuraram pelo serviço entre o ano de 2007 e 2009; todos tiveram o início dos sintomas de forma lenta e progressiva. Em sua maioria, apresentaram primeiramente queixas cognitivas (falhas subjetivas de memória) (63,6%) e problemas comportamentais (agitação, irritabilidade,



insônia) (18,2%). Quase a totalidade dos sujeitos são procedentes da cidade de Campinas, residem com o cônjuge e com filhos e possuem como rede de apoio formal os filhos.

Quanto às características sócio-demográficas dos sujeitos, sete (7) eram mulheres e três (3) homens com idade igual ou superior a 60 anos, sendo entre 66 a 77 anos, maioria viúvos (60%) e aposentados (60%). O nível educacional variou de básico ao segundo grau; a média de escolaridade foi de 4 anos (70%). No que se refere à escolaridade, esta é justificada pela restrição da educação para estas populações de idosos que pertencem a uma geração que tiveram menos oportunidades de estudos e/ou inserção em programas educacionais. Entretanto, a experiência social e histórica que compõe e constitui as etapas da vida são mais importantes como nos afirma GIDDENS (1995, p. 115) e são consideradas como interesse principal neste estudo. A análise do perfil sócio-demográfico permite apontar diferenças e similaridades entre as duas amostras.

A predominância de mulheres neste estudo confirma a tendência apresentada em outros estudos brasileiros que refletem a longevidade da mulher idosa em relação aos homens, um fenômeno que tem sido atribuído a uma menor exposição a determinados fatores de risco. Entretanto, um dado que é quase universal é que as mulheres vivem mais do que os homens devido às doenças que acometem numa outra população. A taxa de doenças letais é muito maior entre os homens idosos do que entre as mulheres idosas, as mulheres idosas têm taxas mais altas de morbidade, mas exibem taxas de mortalidade mais baixa do que os homens para as mesmas doenças. As mulheres idosas têm 2,5 vezes mais chances de fragilidade e disfuncionalidade do que os homens (BERQUÓ, 1996, p. 16; DEBERT, 1996, p. 35). Essas informações contribuíram para que alguns autores descrevessem o envelhecimento como um processo feminino, ou, melhor como um processo de feminização da velhice.

De acordo com a avaliação das atividades funcionais, todos os sujeitos apresentaram desempenhos que os caracterizasse como independentes para as Atividades Básicas de Vida Diária (ABVDs) e quanto às Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs): cinco (5) sujeitos (45,5%) são dependentes, quatro (4) independentes (36,4%) e um sujeito apresenta semi-dependência para as AIVDs. Para facilitar a exposição dos dados sócio-demográficos, dados sócio-culturais, dados sócio-cognitivos, história clínica e dados da avaliação cognitiva e funcional da amostra, optei pela a construção de duas tabelas (Ver TABELA 4 e 5).

A segunda sessão de coleta de dados consistiu na constituição do *corpus* linguístico-interacional dos sujeitos com DA frente ao protocolo de provérbios mais e menos metafóricos.

**Tabela 4- Caracterização sócio-demográfica e sociocultural dos sujeitos com provável Doença de Alzheimer em fase inicial.**

| Sujeitos | Idade | Sexo | DN         | Estado Civil | Escolari-<br>dade | Profissão                    | Aposentado | Natural      | Com quem<br>reside | Rede de apoio                     |
|----------|-------|------|------------|--------------|-------------------|------------------------------|------------|--------------|--------------------|-----------------------------------|
| 1-AM     | 77    | F    | 01/01/1928 | Viúva        | 4 anos            | Vendedora                    | Sim.       | Campinas/SP  | Sozinha            | Cuidadora informal e filho        |
| 2-MR     | 67    | F    | 01/10/1941 | Casada       | 7 anos            | Autônoma                     | Não        | Serrinha/MG  | Cônjuge e 2 filhos | Marido e filhos                   |
| 3-MM     | 78    | F    | 30/04/1930 | Viúva        | 4 anos            | Tecelã                       | Sim        | Rio Claro/SP | Família do filho   | Filhos                            |
| 4-RV     | 83    | F    | 02/07/1925 | Viúva        | Analfabeta        | Aux. de cozinha / costureira | Sim        | Campinas/SP  | Filhos             | Filhos                            |
| 5-JG     | 86    | F    | 23/02/1922 | Viúva        | 4 anos            | Do lar                       | Não        | Campinas/SP  | Filha              | Filha e cuidadora formal (enferm) |
| 6-MJ     | 66    | F    | 01/09/1942 | Viúva        | 4 anos            | Do lar                       | Não        | Campinas/SP  | Filhos             | Filhos                            |
| 7-AK     | 66    | F    | 01/05/1943 | Casada       | 4 anos            | Do lar                       | Não        | Araras/SP    | Cônjuge e filha    | Filha                             |
| 8- GM    | 71    | M    | 18/02/1939 | Casado       | 4 anos            | Comerciante                  | Sim        | Campinas/SP  | Cônjuge            | Esposa e Filho                    |
| 9- DB    | 70    | M    | 15/10/1938 | Casado       | 8 anos            | Autônomo                     | Sim        | Campinas/SP  | Cônjuge            | Esposa e Filhos                   |
| 10- WX   | 73    | M    | 15/03/1936 | Viúvo        | 4 anos            | Tapeceiro                    | Sim        | Campinas/SP  | Filho              | Filho                             |

**Tabela 5 - Distribuição dos dados da história clínica e avaliação neuropsicológica dos sujeitos com DA.**

| Sujeitos | Queixa principal (Sintomas)  | Início do quadro | Aparecimento dos sintomas | Capacidade funcional* | Pfeffer | Condições clínicas gerais | Camcog | MEEM | Data da avaliação |
|----------|------------------------------|------------------|---------------------------|-----------------------|---------|---------------------------|--------|------|-------------------|
| 1-AM     | Cognitivos e comportamentais | 2007             | Lento e progressivo       | I. ABVDs /D. AIVDs    | 3       | Sem alterações            | 53     | 14   | 31/03/2008        |
| 2-MR     | Cognitivos e afetivos        | 2007             | Lento e progressivo       | I. ABVDs / I. AIVDs   | 5       | Doença gastrointestinal   | 69     | 21   | 14/04/2008        |
| 3-MM     | Cognitivos                   | 2007             | Lento e progressivo       | I.ABVDs / D. AIVDs    | 5       | Sem alterações            | 57     | 14   | 04/04/2008        |
| 4-RV     | Cognitivos                   | 2008             | Lento e progressivo       | I. ABVDs / I. AIVDs   | 2       | Controle de HAS           | 68     | 20   | 14/04/2008        |
| 5-JG     | Cognitivos                   | 2007             | Lento e progressivo       | I. ABVDs /D. AIVDs    | 6       | Sem alterações            | 31     | 11   | 07/04/2008        |
| 6-MJ     | Cognitivos e psicóticos      | 2008             | Lento e progressivo       | I. ABVDs /D. AIVDs    | 3       | Sem alterações            | 62     | 24   | 08/09/2008        |
| 7-AK     | Cognitivos                   | 2007             | Lento e progressivo       | I. ABVDs / I. AIVDs   | 2       | Sem alterações            | 54     | 13   | 12/01/2009        |
| 8 - GM   | Cognitivos                   | 2009             | Lento e progressivo       | I. ABVDs / SD. AIVDs  | 9       | Controle de HAS           | 72     | 23   | 06/04/2009        |
| 9 – DB   | Cognitivos                   | 2009             | Lento e progressivo       | I. ABVDs /D. AIVDs    | 5       | Sem alterações            | 61     | 15   | 06/07/2009        |
| 10 – WX  | Cognitivos                   | 2009             | Lento e progressivo       | I. ABVDs / I. AIVDs   | 1       | Sem alterações            | 68     | 19   | 08/02/2010        |

\* I. ABVDs- Independente para as Atividades Básicas de Vida Diária ou para Atividades Instrumentais de Vida Diária.

D. – Dependente para as Atividades Básicas de Vida Diária ou para Atividades Instrumentais de Vida Diária.

SD – Semi-dependente para as Atividades Básicas de Vida Diária ou para Atividades Instrumentais de Vida Diária.

### **3.3.5.1. Constituição do *corpus* do grupo de sujeitos com DA.**

Na segunda sessão de coleta de dados, foi apresentado a cada sujeito, de modo oral os provérbios mais metafóricos e na sequência os provérbios menos metafóricos, primeiro foi perguntado ao sujeito se ele sabe “*O que quer dizer?*” tal provérbio, questão que se refere ao procedimento 1 do protocolo. No segundo momento, foi solicitado ao sujeito que “*elaborasse ou imaginasse uma situação contextual em que ele usaria tal provérbio*”, referente ao procedimento 2.

Durante a apresentação dos provérbios aos sujeitos, estes foram repetidos pela pesquisadora quando solicitado pelo sujeito, ou quando o sujeito não conhecia o provérbio. Porém, não foram fornecidas pistas que poderiam direcionar as relações de sentido e a produção de inferências pelo sujeito frente às suas dificuldades na tarefa.

O *corpus* linguístico dos sujeitos com DA obtido por meio do protocolo de provérbios também foram gravados em vídeo e transcritos com base nas notações de transcrição do NURC/SP – USP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) e convencionadas pelo Grupo de Pesquisa do Laboratório de Neurolinguística – IEL/UNICAMP (ANEXO XII).

A coleta de dados com cada sujeito foi feita de forma individual e durou aproximadamente 2 horas para a aplicação dos instrumentos aqui apresentados e aproximadamente 1 hora e 30 minutos para a coleta dos dados linguísticos.

A seguir, são descritos os dados da caracterização do grupo de sujeitos com DA.

### **3.2.5.2. Descrição das atividades sociocognitivas, história clínica e avaliação neuropsicolinguística dos sujeitos com DA.**

Neste item é possível verificar a caracterização da amostra do grupo de sujeitos com DA. Os sujeitos estão dispostos em ordem numérica.

#### **Sujeito 1**

##### **I - Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: A.M.L.Z.

Idade: 77 anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 01/01/1928.

Escolaridade: 4 anos.

Natural de: Campinas/SP.

Residência: Campinas/SP.

Estado civil: ( ) casada ( x ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: Sozinha.

Rede de apoio formal: cuidadora informal e filhos.

Profissão: Vendedora.

É aposentado: ( x ) Sim, há 14 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: do lar.

Realiza atividades de lazer: não.

Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( x ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo; ( ) outros.

**II - Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Aposentada, 4 anos de escolaridade, foi vendedora de artigos importados, ajudou o marido no controle das finanças (pagamentos, manuseio do dinheiro, cartões, cheques, investimentos, conta bancária, resolução de problemas) e no trabalho dele de comerciante, não realiza atividades de lazer, praticou ao longo da vida leitura apreciativa/recreativa (revistas), leitura do cotidiano, escrita planejada, administrativa e do cotidiano.

**Capacidade funcional:** É independente para as Atividades Básicas de Vida Diária (autocuidado) e dependente para as Atividades Instrumentais de Vida Diária (ex. fazer compras, pagar contas, manter compromissos sociais, usar meios de transporte, cozinhar, comunicar-se, cuidar da própria saúde). Pfeffer: 3 pontos.

### **III - Histórica clínica.**

**Queixa principal:** Em 2005 apresentou alterações de comportamento, desinibição, agitação psicomotora foi para o PS da Unicamp e foi internada na enfermaria da psiquiatria com suspeita de síndrome demencial. Teve melhora das alterações comportamentais. Em 2007 começou a apresentar sintomas cognitivos com perda de memória recente e de longo prazo que vem progredindo, queixa-se de dificuldade para matemática, abstração, dificuldade de atenção e concentração, funções executivas prejudicadas.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo.

**Condições clínicas gerais:** nega patologias crônicas e cirurgias. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

Exames gerais: sem alterações (hipertensão arterial, diabetes mellitus, cardiopatias, deonça renal). Medicamentos em uso: Excelon (rivastigmina).

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo do exame de Ressonância Nuclear Magnética realizada em 21/05/2008 - focos de hipersinal no TR longo na substância branca profunda, mas evidente nas regiões frontais e occipitais, sugestivas de vasculopatia. Hemisférios cerebrais, tronco e cerebelo de morfologia normal sem lesões. Ventriculos de configuração normal. Regiões hipocampais com discreta alteração.

#### **IV - Avaliação neuropsicológica realizada em 31/03/2008:**

Total no CAMCOG c/ MEEM: 53. MEEM: 14

Déficit de atenção e concentração, dificuldade para compreender ordens verbais simples, desorientação temporal e espacial, dificuldade em memória imediata, fixação de endereço, para fatos recentes, não foi capaz de relatar notícias atuais, dificuldade em praxia e funções executivas.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

#### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 31/04/2008. **Data de transcrição:** 30/04/2008.

**Duração:** 25min 45'

### **Sujeito 2**

#### **I-Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: M.R.B.B.

Idade: 67 anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 01/10/1941.

Escolaridade: 7 anos.

Natural de: Serrinha/MG.

Residência: Campinas/SP.

Estado civil: ( x ) casada ( ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: com cônjuge e 2 filhos

Rede de apoio formal: Cônjuge e filhos.

Profissão: Autônoma (fazia salgados).

É aposentado: ( ) Sim, há \_\_\_\_\_ anos. ( x ) Não.

Ocupação atual: Do lar.

Realiza atividades de lazer: não

Serviço de procedência: ( x ) outro ambulatorio; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo; ( ) outros.

## **II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

É aposentada, religião católica, 7 anos de escolaridade, trabalhou em hospital e como autônoma vendendo fazendo salgados, não participa de atividades sociais, culturais entre outras atividades de lazer. Praticou escrita e leitura do cotidiano (calendários, avisos, recados, lembretes, agendas, receitas, listas de supermercados, listas de afazeres, letras de músicas, folhetos, palavras-cruzadas).

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas de vida diária (autocuidado) e dependente para as atividades instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 5 pontos.

## **III- História clínica.**

**Queixa principal:** Falhas de memória que vem piorando alguns meses desde 2007, perde objetos em casa, esquece fogo aceso, assiste televisão, mas não compreende o programa, dificuldade de lidar com dinheiro, não consegue guardar recados, não lembra datas de aniversários e números de telefone. Desorientação espacial, já se perdeu na rua e não soube voltar para a casa. Queixa que é ansiosa. Estados afetivos negativos, desamparo familiar.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares: não.

**Condições clínicas gerais:** doença gastrointestinal, já fez cirurgia no estômago por causa de um câncer. Exames gerais: sem alterações.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo da Tomografia Computadorizada de Crânio realizada em 23/05/2008: Cisternas da base e Sylvianas de aspecto normal; Sistema ventricular com morfologia e dimensões normais. Sulcos corticais preservados. Estruturas da linha média centradas. Calcificações putiformes no córtex do giro superior e médio do lobo frontal direito. Calcificações ateromatosas das carótidas internas.

## **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 14/04/2008.**

Total do CAMCOG com MEEM: 69. MEEM: 21.

Orientada temporalmente e espacialmente, dificuldade significativa em memória remota, dificuldade em memória recente, não relata notícias e eventos da atualidade, bom desempenho no

teste do relógio, dificuldade em operações matemáticas complexas, em categorização semântica no teste de semelhanças, não foi capaz de dizer a hora aproximada.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

**Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 05/05/2008.      **Data de transcrição:** 19/05/2008.

**Duração:** 22min.

**Sujeito 3**

**I-Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: M.M.H.

Idade: 78 anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 30/04/1930.

Escolaridade: 4 anos.

Natural de: Rio Claro/SP.

Residência: Rio Claro/SP.

Estado civil: ( ) casada ( x ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: com a família de um filho.

Rede de apoio formal: filhos.

Profissão: Tecelã.

É aposentado: ( x ) Sim, há 8 anos. ( ) Não.

Pensionista: ( x ) sim ( ) não.

Ocupação atual: do lar.

Realiza atividades de lazer: não

Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo;

( x ) outros (Unesp).

**II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Aposentada, pensionista, católica, 4 anos de escolaridade, trabalhou como tecelã durante 32 anos, praticou ao longo da vida leitura apreciativa/recreativa (revistas, jornais, livros, poesias) leitura crítica e assimilativa (livros, bíblia), escrita autônoma e do cotidiano (agendas, recados, bilhetes, anotações em cadernos, receitas, palavras-cruzadas).

**Capacidade funcional:** Independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar).

Pfeffer: 5 pontos.



### **III- História Clínica.**

**Queixa principal:** esquecimento para fatos recentes com início há mais ou menos 10 anos, com progressão nos últimos 4 meses. Não se lembra de dar recados, de repassar informações recebidas, dificuldade de cálculo, de lidar com o dinheiro, com contas bancárias. Episódio de desorientação espacial, dificuldade de avaliar situações de perigo como atravessar rua movimentada sem olhar o sinal. Tem consciência de algumas dificuldades cognitivas. Sem problemas de comportamento. Ausência de sintomas depressivos.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** HAS (Hipertensão Arterial), Hipercolesterolemia controlada. Exames gerais normais. Já fez acompanhamento com psiquiatra em São Paulo para tratamento de sintomas depressivos após viuvez há 2 anos.

Medicamentos em uso: Pantocal; Caltren; Remynil; Alois; Citalopran Geriatron; Naproxeno; Sinvastatina; Lorazepan.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo da Tomografia Computadorizada de Crânio realizado em 02/05/2008 – atrofia em região subcortical meso-temporal. Foi solicitado Ressonância Nuclear Magnética.

### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 04/04/2008.**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 57. MEEM: 14.

Desorientação temporal e espacial, dificuldade em memória recente, em memória remota, memória de aprendizagem e de reconhecimento, dificuldade em praxia e em cálculo.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 09/05/2008. **Data de transcrição:** 16/05/2008.

**Duração:** 18min12'

### **Sujeito 4**

#### **I-Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: R.V.L.C.

Idade: 83anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 02/07/1925. Escolaridade: Analfabeta.  
Onde nasceu? : Campinas/SP. Residência: Campinas/SP.  
Estado civil: ( ) casada ( x ) viúva ( ) separada ( ) solteira. Tem 2 filhos.  
Com quem reside: com filhos. Rede de apoio formal: filhos.  
Profissão: Auxiliar de cozinha. É aposentado: ( x ) Sim, há 16 anos. ( ) Não.  
É pensionista. Ocupação atual: costureira.  
Realiza atividades de lazer: Realizava, mas agora não mais.  
Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( x ) espontâneo;  
( ) outros.

**II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Analfabeta, católica, aposentada, pensionista, trabalhou como auxiliar de cozinha numa firma, não possui ocupação atualmente, frequentava bailes, atividades sociais, a filha matriculou a mãe numa escola de adultos e idosos para ser alfabetizada, mas ela recusou a frequentar, Atualmente não realiza atividades de lazer, morava sozinha e controlava as contas da casa (manuseio do dinheiro, pagamento de contas, compras). Mudou-se para a casa da filha. Assiste TV e gosta de ouvir rádio.

**Capacidade funcional:** Independente para as atividades básicas (autocuidado) e instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 2 pontos.

### **III- História clínica.**

**Queixa principal:** a filha refere que a mãe tem esquecimentos, que está queimando a comida constantemente, perde as coisas em casa, refere que a mãe que não consegue mais cuidar da casa sozinha, que a casa da mãe está bagunçada, ela não consegue mais manter a casa em ordem, organizada e levou a mãe para morar com ela. A Sr. R. V. L. C. queixa de falhas de memória recente que iniciou há 3 meses, mas não percebe como a filha percebe, não possui insight das suas dificuldades para resolução de problemas e realização das tarefas domésticas, as falhas de memória são para nomes das pessoas, datas, compromissos, horários, palavras durante a conversa, não consegue dar recados, desliga o telefone quando atende e não dá o recado, não sabe dizer depois quem telefonou, faz confusão de horários, esquece fogo aceso, já queimou a comida

várias vezes, desorientação espacial, já se perdeu no centro da cidade e não soube voltar para a casa.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** sem alterações sistêmicas, controle da pressão arterial.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo de Tomografia Computadorizada de Crânio realizado em 11/03/2008. Proeminência de sulcos corticais difusamente sem calcificações patológicas. Foi solicitado Ressonância Nuclear Magnética.

#### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 14/04/2008:**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 63. MEEM: 20.

Desorientação temporal e espacial. Dificuldade significativa em todos os sistemas de memória, dificuldade para cálculo, em compreensão de ordens simples, repete várias vezes a mesma a pergunta durante a avaliação, solicita várias vezes para repetir a questão feita pelo interlocutor, fluência verbal reduzida, dificuldade em categorização semântica, dificuldade em funções executivas evidenciado no teste do relógio, mas fez reformulações, bom desempenho na cópia.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

#### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 05/05//2008. **Data de transcrição:** 19/05/2008.

**Duração:** 17min

### **Sujeito 5**

#### **I-Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: J. G. C.

Idade: 86 anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 23/02/1922.

Escolaridade: 4 anos.

Natural de: Campinas/SP.

Residência: Campinas/SP.

Estado civil: ( ) casada ( x ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: Com a filha e com cuidadora formal enfermeira.

Rede de apoio formal: filhos e enfermeira.

Profissão: do lar.

É aposentado: ( ) Sim, há \_\_\_\_\_ anos. ( x ) Não.

Ocupação atual: Do lar.

Realiza atividades de lazer: não.

Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo;  
( x ) outros.

**II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Do lar, católica, escolaridade 4 anos, realizou somente escrita e leitura do cotidiano (recados, anotações, bilhetes, revistas), não participava nem realiza atividades culturais e/ou de lazer.

**Capacidade funcional:** É independente para atividades básicas (autocuidado) e dependente para as atividades instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 6 pontos

### **III- Histórica clínica.**

**Queixa principal:** Em seguimento clínico no ambulatório de psiquiatria geriátrica desde maio de 2007 para tratamento de episódio depressivo após morte do marido. Em julho de 2007 teve melhora do quadro e no início de 2008 começou a apresentar sintomas cognitivos com piora do quadro. Falhas de memória recente, precisa de supervisão para as atividades de vida diária, dificuldade para cálculo, compreensão, esquece onde guardou os objetos, nomes dos familiares. Desorientação temporal e espacial.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** Sem alterações sistêmicas. Medicamentos em uso: Citalopran.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo de Tomografia Computadorizada de crânio realizado em 10/06/08.

Presença de calcificações na topografia de núcleo caudado à esquerda. Restante de parênquima cerebral e cerebelar com coeficientes de atenuação normais. Cisternas e internas ventriculares de dimensões preservadas.

### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 07/04/2008.**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 31. MEEM: 11.

Desorientação temporal, dificuldade significativa em memória recente, em compreensão para ordens verbais simples, repete o que o examinador pergunta, dificuldade de expressão,



### **III- História Clínica.**

**Queixa principal:** sintomas cognitivos e sintomas psicóticos, confusão mental, perda de memória recente desde janeiro/2008 e vem progredindo, faz as mesmas perguntas frequentemente, desorientação temporal, dificuldade de aprendizado e memória imediata. Filha percebeu que a mãe falava sozinha, dizia que ouvia coisas (vizinho agredindo familiares) foi levada para o Pronto Socorro do Hospital de Clíncias da Unicamp.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo.

Antecedentes neuropsiquiátricos familiares: filha relata que a mãe da paciente e tia desenvolveu demência.

**Condições clínicas gerais:** Presbiacusia leve usa Aparelho de Amplificação Sonora Individual. Sem doenças sistêmicas e doenças crônicas, exames gerais normais.

Medicamentos em uso: no PS foi introduzido Risperidona para o quadro de alucinação.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo de Tomografia Computadorizada de Crânio realizado em 17/05/2008. Dentro dos padrões de normalidade. Proeminência de sulcos corticais difusamente sem calcificações patológicas.

### **V-Avaliação neuropsicológica realizada em 08/09/2008.**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 62. MEEM: 24.

Dificuldade de memória imediata, de aprendizagem e de reconhecimento, desorientação temporal e espacial, dificuldade para cálculo, redução da fluência verbal no teste dos animais, dificuldade de fixação no ditado de endereço. Dificuldade em praxia e funções executivas.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 08/09/2008. **Data de transcrição:** 10/10/2008.

**Duração:** 09min56'

### **Sujeito 7**

#### **I - Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: A.M.M. K.

Idade: 65 anos.

Sexo: Feminino.

Data de nascimento: 01/05/1943.

Escolaridade: 4 anos.

Natural de: Araras-SP.

Residência: Campinas/SP.

Estado civil: ( x ) casada ( ) viúva ( ) separada ( ) solteira.

Com quem reside: Com cônjuge e filha. Rede de apoio formal: filha.

Profissão: do lar.

É aposentado: ( ) Sim, há \_\_\_\_\_ anos. ( x ) Não.

Ocupação atual: Do lar.

Realiza atividades de lazer: não.

Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo;  
( x ) outros.

**II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Do lar, católica, escolaridade 4 anos, realizou somente escrita e leitura do cotidiano (revistas, jornais, recados, listas, agenda, receita, controle de finanças). Fez trabalho voluntário, ajudou na portaria do clube perto da sua casa, gosta de reuniões familiares, seu hobbie é fazer bordado e crochê. E recentemente começou a fazer caminhada.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas de vida diária (autoconceito) e instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 2 pontos.

### **III- História clínica.**

**Queixa principal:** Queixa subjetiva de falhas de memória, filha refere que a mãe sempre foi desatenta, depois percebeu que ela ficou com dificuldade para falar no telefone (atender, dar recado, chamar o outro), esquecia muito, dificuldade para terminar uma tarefa, esqueceu comida no fogo, deixou queimar, isso faz uns 4 anos e tem progredido. Os sintomas cognitivos ficaram mais evidentes em 2007. Dificuldade para lembrar-se de compromissos, datas importantes e também a filha percebeu que a grafia modificou. Não possui insight da sua condição clínica, atribui como sendo da idade. Filha refere que a sua mãe cuidou do pai que ficou doente e isso a “desgastou” psicologicamente e ela ficou mais apática com o humor mais deprimido, então levou para consulta no ambulatório na Unicamp e está fazendo seguimento clínico no respectivo ambulatório.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** HAS controlada, Já teve ameaço de infarto, fez cateterismo e tem Artrose. Medicamentos em uso: Rivastigmina.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo de Tomografia Computadorizada de Crânio realizado em 17/09/2007. Parênquima cerebral com coeficiente de atenuação normal. Núcleos da base e regiões capsulares sem anormalidades. Ventriculos supra-tentoriais de forma, topografia e volume normais. Não há desvios da linha média.

#### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 12/01/2009.**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 54. MEEM: 13.

Desorientação temporal, dificuldade significativa em memória recente, velocidade do processamento lentificado, fluência reduzida, vocabulário rotineiro, dificuldade em todos os sistemas de memória (memória imediata, de aprendizado, de reconhecimento, memória remota), dificuldade na compreensão para ordens verbais simples, em raciocínio lógico-matemático, dificuldade em funções executivas e praxia, não foi capaz de explicitar eventos e fatos da atualidade.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

#### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 09/02/2009. **Data de transcrição:** 10/02/2009.

**Duração:** 14min 22'

### **Sujeito 8**

#### **I-Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: G.M.M. Idade: 71anos. Sexo: Masculino.

Data de nascimento: 18/02/1939. Escolaridade: 4 anos.

Natural de: Campinas/SP. Residência: Campinas/SP.

Estado civil: ( x ) casada(o) ( ) viúva(o) ( ) separada(o) ( ) solteira(o).

Com quem reside: Com cônjuge. Rede de apoio formal: filho.

Profissão: Comerciante. É aposentado: ( x ) Sim, há 5 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não possui. Realiza atividades de lazer: não.



Serviço de procedência: ( x ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo; ( ) outros.

**II-Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Trabalhou como autônomo, foi comerciante, aposentado, escolaridade 4 anos, realizou somente escrita e leitura do cotidiano agenda, recados, revistas, jornais). Controlou as finanças, mas atualmente a esposa que controla as contas em casa e os medicamentos, não sai sozinho, boa funcionalidade, é capaz de preparar uma refeição, ficar sozinho em casa, assiste TV, faz caminhada, sai sempre com a esposa, tem como apoio formal os filhos.

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas de vida diária (autocuidado) e semi-dependente para as atividades instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 9 pontos.

### **III- História clínica.**

**Queixa principal:** Queixa subjetiva de falhas de memória, dificuldade em memória recente, em lembrar nomes e palavras durante a conversa e esquece algumas tarefas. Possui insight da sua condição clínica, mas atribui como sendo da idade.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo. Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** HAS (hipertensão arterial) controlada. Ausência de doenças crônicas.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo da Tomografia Computadorizada de Crânio realizada em 07/08/2009. Cisternas da base e Sylvianas de aspecto normal; Sistema ventricular com morfologia e dimensões normais. Sulcos corticais preservados. Estruturas da linha média centradas. Calcificações putiformes no córtex do giro superior e médio do lobo frontal direito. Calcificações ateromatoras das carótidas internas.

### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 06/04/2009.**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 72. MEEM: 23.

Orientado temporal e espacialmente, dificuldade significativa nos sistemas de memória, velocidade do processamento lentificado, fluência reduzida, vocabulário rotineiro, dificuldade na compreensão para ordens verbais simples, dificuldade significativa de raciocínio lógico-

matemático, dificuldade em funções executivas e praxia, está atualizado com notícias e fatos do dia-a-dia. Dificuldade no teste de semelhanças.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

**Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 06/08/09.                      **Data de transcrição:** 08/08/09.

**Duração:** 15min 68'

## **Sujeito 9**

### **I-Identificação e dados sócio-demográficas.**

Nome: D.B.L.                                              Idade: 70 anos.                                              Sexo: Masculino.  
Data de nascimento: 15/10/1938.                                              Escolaridade: 8 anos.  
Natural de: Campinas-SP.                                              Residência: Campinas/SP.  
Estado civil: ( x ) casada(o) ( ) viúva(o) ( ) separada (o) ( ) solteira(o).  
Com quem reside: Com cônjuge.                                              Rede de apoio formal: filhos.  
Profissão: Autônomo.                                              É aposentado: ( x ) Sim, há 5 anos. ( ) Não.  
Ocupação atual: não possui.                                              Realiza atividades de lazer: não.  
Serviço de procedência: ( x ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo;  
( ) espontâneo; ( ) outros.

**II- Atividades sócio-cognitivas e funcionais:** Não realiza atividades de lazer, não possui ocupação atual, assiste televisão. Pouca prática de leitura e escrita no cotidiano (revistas, jornais, anotações, bilhetes).

**Capacidade funcional:** É independente para as atividades básicas de vida diária (autocuidado) e dependente para as atividades instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 5 pontos.

### **III- História clínica.**

**Queixa principal:** Confusão mental, déficits de memória, desorientação no tempo e no espaço e agitação.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo.

Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** Sem alterações clínicas graves. Exames gerais sem alterações. Deficiência auditiva leve. Medicamentos em uso: Rivastigmina.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo do SPECT cerebral (neuroimagem funcional) realizado em 16/07/09. Hipoperfusão da região temporo-parieto-occipital à esquerda e do lobo temporal direito. Com achado cintilográfico descrito acima, a probabilidade de tratar-se de doença de Alzheimer.

#### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 06/07/09:**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 61. MEEM: 15.

Orientado temporalmente espacialmente. Bom desempenho em compreensão de linguagem. Déficit de memória recente, em memória de evocação e memória remota, dificuldade em cálculo, em praxia, funções executivas e raciocínio abstrato.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

#### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 06/07/09. **Data de transcrição:** 10/07/09.

**Duração:** 07min 43'

### **Sujeito 10**

#### **I-Identificação e dados sócio-demográficas.**

Nome: W.X.C. Idade: 73 anos. Sexo: Masculino.

Data de nascimento: 15/03/1936. Escolaridade: 4 anos.

Natural de: Campinas/SP. Residência: Campinas/SP.

Estado civil: ( ) casada (o) ( x ) viúva(o) ( ) separada (o) ( ) solteira(o).

Com quem reside: Com filho. Rede de apoio formal: filho.

Profissão: Foi jornaleiro e tapeceiro. É aposentado: ( x ) Sim, há 7 anos. ( ) Não.

Ocupação atual: não possui. Realiza atividades de lazer: não

Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( ) PS; ( x ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo; ( ) outros.

**II-Atividades sócio-cognitivas:** Foi jornaleiro, teve lanchonete, e também tapeceiro e trabalhou em diversas tapeçarias. Não realiza atividades de lazer. Teve práticas discursivas (vender, negociar), práticas de leituras recreativas e do cotidiano (jornais e revistas) e práticas de escrita do cotidiano (recados, anotações em caderno, livro caixa, agenda). Sempre controlou as finanças.

**Capacidade funcional:** Independente para atividades básicas de vida diária (autocuidado) e também para as atividades instrumentais de vida diária (fazer compras, usar meio de transportes, manusear dinheiro, viajar). Pfeffer: 1 ponto.

### **III- História clínica.**

**Queixa principal:** Falhas de memória, fenômeno da ponta da língua, dificuldade para terminar uma tarefa, sonolência, inquieto, dificuldade para lembrar-se de datas, nomes, compromissos.

**Modo de aparecimento dos sintomas:** lentamente progressivo.

Sem antecedentes neuropsiquiátricos familiares.

**Condições clínicas gerais:** Sem alterações clínicas graves. Medicamentos em uso: Clonazepan.

**Exames de neuroimagem:** Transcrição do laudo de Ressonância Nuclear Magnética realizada em 06/08/09. Leve proeminência dos sulcos cerebrais e cisternas sylvianas, sistema ventricular com morfologia preservadas. Hemisférios cerebrais, tronco e cerebelo com morfologia normal. Substância branca e cinzenta com valores preservados de relaxação magnética. Halo de hipersinal no TR longo na substância branca periventricular (gliose/desmielinização). Pequenos focos puntiformes de hipersinal em T2, espaços pela substância branca, compatíveis com dilatação dos espaços periventriculares.

### **IV-Avaliação neuropsicológica realizada em 08/02/10.**

Total do CAMCOG c/ MEEM: 68. MEEM: 19

Dificuldade na memória de aprendizado, fixação tanto para decodificação acústica quanto visual, dificuldade em linguagem escrita, praxia e funções executivas. Dificuldade no teste de semelhanças. Bom desempenho em cálculo e raciocínio abstrato.

**Hipótese diagnóstica:** Doença de Alzheimer provável na fase leve.

### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:** 08/02/10. **Data de transcrição:** 08/02/10. **Duração:** 12min 49'

### 3.3. Procedimento para análise dos dados.

Foi realizado um tratamento e análise das informações sócio-demográficas, sócio-cognitivas, condições clínicas e neuropsicológicas dos dois grupos de sujeitos, obtidos por meio dos instrumentos e procedimentos de coleta desses dados, que incluiu os testes neuropsicológicos combinados com as informações da consulta médica e dos prontuários dos sujeitos, no caso do grupo de sujeitos com Doença de Alzheimer (DA), a fim de definir as categorias de análises das variáveis clínicas, neuropsicológicas, sócio-demográficas, socioculturais e sócio-cognitivas da amostra e a verificação dos diagnósticos dos sujeitos com provável doença de Alzheimer em fase inicial.

Com relação às transcrições, estas foram realizadas logo em seguida da constituição do *corpus* linguístico-interacional, de acordo com as normas descritas. Primeiramente, foi feita uma transcrição verbal bruta e em seguida uma versão mais refinada em termos de notação. Nas transcrições do *corpus* dos sujeitos com DA foram feitas anotações a partir do congelamento das imagens relevantes da linguagem não-verbal (uso dos gestos incorporados à linguagem oral, expressões faciais, postura corporal, manejo de cabeça, direcionamento do olhar).

Em seguida, procedeu-se ao empreendimento analítico do *corpus* linguístico-interacional dos dois grupos de sujeitos, que consistiu na análise quantitativa e qualitativa.

O primeiro empreendimento do tratamento e análise do *corpus* foi formular categorias para a análise semântico-pragmática, apontam interpretações e manipulações enunciativo-discursiva dos provérbios mais e menos metafóricos como Centralmente relevante (sinalizados nas tabelas com a sigla CR); Centralmente relevante, quando o sujeito já exemplifica o uso do provérbio no primeiro procedimento (sinalizado pela sigla CRE); Marginalmente relevante (sinalizados como MR); Irrelevantes (sinalizados pela inicial I); as interpretações literais (L); quando o sujeito não conheceu o provérbio (N); quando o sujeito discorda do sentido veiculado no provérbio (D); e quando o sujeito não sabe ou afirma desconhecer o sentido do provérbio (NS).

Com relação aos critérios de categorização, de acordo com DASCAL (1982), entende-se como “Centralmente relevante” o que é topicamente relevante, ou seja, a centração da explicitação do sujeito, dada pela relevância do sentido veiculado no provérbio; “Marginalmente relevante” é quando o sentido explicitado não é topicamente relevante, mas que ainda está localizado no campo de atenção do sujeito num determinado instante, pelo seu conjunto de

referentes ou inferências. Nas interpretações marginalmente relevantes, é possível estabelecer relações com o sentido veiculado no provérbio a partir dos enunciados dos sujeitos; e “Irrelevantes”, diz respeito às interpretações que não estabelecem relações com o sentido do provérbio, podendo surgir digressões ou deslocamentos dos enunciados que comprometem a construção do sentido.

O segundo empreendimento analítico a que se precedeu a pesquisa foi observar nas enunciações dos sentidos dos provérbios dos dois grupos de sujeitos quais estratégias linguísticas, metalinguísticas, metadiscursivas e sócio-cognitivas foram utilizadas pelos sujeitos ao interpretar e manipular as expressões proverbiais. Isto é, cotejar i) o trabalho metalinguístico observado na interpretação e manipulação dos provérbios e ii) o trabalho enunciativo-pragmático na contextualização do uso do provérbio referido no procedimento 1 e 2 dos dois grupos de sujeitos, o grupo controle (não-Alzheimer) e o grupo com doença de Alzheimer (DA), nos quais foram observados os fenômenos linguísticos, tais como repetições, autorrepetições, pausas, hesitações, manutenção do tópico, circunlóquios, digressões, processos de intertextualidade, operadores argumentativos, operadores epilinguísticos, modalizações, lapsos de memória que pudesse prever déficits de memória recente do sujeito no contexto comunicativo, papel do interlocutor, a discordância do sujeitos em relação ao sentido do provérbio e os gestos.

As modalizações gerenciam as interações, o que significa dizer que a modalidade é uma categoria linguística que sinaliza e suscita processos de construção da identidade. A modalidade é um operador sobre domínios discursivos. KOCH (1996, p. 74) define a modalidade em termos de expansões de universos possíveis. A interpretação de certas sentenças nas línguas naturais envolve a relação entre diferentes universos possíveis. A perspectiva da modalidade assenta-se partir da definição de uma intenção ou atitude do sujeito em relação à proposição ou ao enunciado.

Segundo NEVES (1976, p.171), a modalidade se apresenta como uma das finalidades da comunicação ensejadas no uso das línguas naturais para dar conta das inúmeras finalidades do discurso. Ela encontra-se subordinada à força ilocucionária empregada no processo comunicativo, tanto em relação aos verbos quanto aos advérbios, substantivos, adjetivos em posição predicativa, ou mesmo às categorias gramaticais do verbo e da proposição.

Por seu turno, MIRANDA (2005, p. 171) menciona três tipos básicos de modalidade: o *da modalização alética*, em que o comprometimento do falante à verdade de mundos possíveis é de um grau acentuado (que opera sobre o eixo da existência, determinativa do valor de verdade das proposições). São exemplos da modalidade alética expressões sobre a capacidade ou habilidade (física, moral, intelectual); a *modalização deôntica*, que se relaciona aos valores de permissão, obrigação e volição, implicando um entendimento entre enunciador e enunciatário com traços lexicais peculiares e dependentes da força do enunciado (que opera no eixo da conduta, que atua no domínio de uma ação do mundo social, real); e a *modalização epistêmica*, voltada ao julgamento humano frente a um possível acontecimento (que opera sobre o eixo da crença, com expressões que reportam sobre possibilidade e necessidade).





## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

#### 4.1. – APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS.

Primeiramente, são apresentadas as análises do *corpus* linguístico-interacional do grupo de 10 sujeitos não-Alzheimer constituídos a partir do protocolo de provérbios *mais* e *menos* metafóricos, no contexto do procedimento 1 e 2, de acordo com as categorias de análise da relevância do tópico que são as interpretações e manipulações de modo centralmente relevante, marginalmente relevante e irrelevante.

No procedimento 1, procuramos assinalar a explicitação do sentido dos provérbios, a partir da questão posta pela pesquisadora, “*O que quer dizer este provérbio*”. No procedimento 2, procuramos verificar as estratégias linguísticas e sócio-cognitivas utilizadas pelos sujeitos ao explicitar o uso social, imaginando uma situação cotidiana enunciativa em cada provérbio: “*Elabore ou imagine uma situação na qual cabe o uso desse provérbio*”.

O levantamento dos dados referentes aos dois procedimentos do protocolo de estudo está distribuído em tabelas com a identificação das variáveis analisadas no *corpus* linguístico-interacional; constam as siglas das interpretações dos provérbios que indicam a maneira pela qual as categorias de análise foram formadas, em função do cotejamento das duas populações e das intenções da pesquisa. Os dados obtidos são interpretados e discutidos em seguida.

São apresentadas e discutidas primeiramente, as interpretações e manipulações linguísticas dos provérbios *mais* metafóricos, em seguida as interpretações e manipulações linguísticas dos provérbios *menos* metafóricos do grupo de sujeitos não-Alzheimer.

Tomemos como exemplificação dois (2) dados de cada categoria de análise, relativos aos provérbios *mais* metafóricos e *menos* metafóricos. As exemplificações são demonstradas pela sigla e pela numeração dos sujeitos.

Em seguida, são apresentadas as análises do *corpus* linguístico-interacional do grupo de sujeitos com DA, também sob a luz dos critérios de análises utilizados para o grupo de sujeitos não-Alzheimer definidas para este estudo.

A sequência de apresentação dos dados dos 10 sujeitos com DA segue o mesmo percurso de apresentação dos dados dos sujeitos do grupo controle. Primeiramente são apresentadas as tabelas com a distribuição dos resultados das interpretações sujeitos com DA obtidos frente ao

protocolo de provérbios *mais* e *menos* metafóricos, nos procedimentos 1 e 2. Posteriormente, são apresentadas as interpretações e a discussão dos dados.

Primeiramente, apresentarei as análises das interpretações tidas como centralmente relevante dos provérbios *mais* metafóricos. Em seguida, as interpretações da categoria marginalmente relevante e as interpretações da categoria irrelevante do ponto de vista semântico-pragmático. Também são discutidos nesses dados as interpretações literais e aspectos relativos ao não reconhecimento dos provérbios (quando o sujeito não conhece a expressão proverbial, mas ele se esforça para dar ou explicitar o seu sentido, quando o sujeito apresenta discordâncias ético-discursivas frente a alguns provérbios, não aceitando o sentido que veiculam; e as não-respostas, quando os sujeitos admitem não saber responder). Em seguida, são apresentadas e discutidas as interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios *menos* metafóricos.

Na análise dos dados são realizadas observações pontuais sobre alguns fenômenos linguísticos encontrados nas interpretações dos sujeitos dos dois grupos, tais como pausas, paráfrases, repetições, circunlóquios, digressões, modalizações, correções, parafasias, bem como recursos não-verbais, tais como gestos, postura corporal, expressões faciais, que são incorporados à linguagem oral e à interação durante as interpretações dos provérbios. Tais processos cumpre assinalar, podem ser recorrentes em todo o processo de língua falada ou nas conversações face a face. Assim, são recorrentes também na linguagem de idosos e na de pessoas com Doença de Alzheimer em fase inicial.

Quanto às repetições, hesitações e modalizações, o trabalho teve como foco uma análise do contexto de emergência desses fenômenos que ocorreram nas falas dos sujeitos da pesquisa.

Com relação à análise foi feito um levantamento dos enunciados que emergiram do *corpus* dos dois grupos de sujeitos de forma a constituir algumas categorias: enunciados em torno da funcionalidade social e de sentimentos subjacentes, que dizem respeito também às experiências de vida do sujeito, enunciados de estratégias de enfrentamento para lidar com eventos da vida, enunciados que refletiam crenças pessoais. Os conteúdos destes enunciados permitiram analisar o processo sócio-cognitivo em meio aos quais os sujeitos organizam, justificam, representam e reconhecem as experiências e conhecimento de mundo ou práticas discursivas situadas que veicularam nas interpretações dos sujeitos dos dois grupos frente às expressões proverbiais mais e menos metafóricas.

Com o objetivo de ilustrar a discussão dos dados, apresento a seguir as interações dos sujeitos não-Alzheimer, na qual podemos verificar como eles procederam frente ao Protocolo nos procedimentos 1 e 2, em relação aos provérbios *mais* metafóricos. Nos dados podemos observar como os sujeitos procuram reconhecer e interpretar o sentido dos provérbios *mais* metafóricos, como se dá o trabalho sócio-cognitivo na compreensão do jogo metafórico em foco, quais fenômenos linguísticos e cognitivos podem ser observados, quais estratégias de ordem meta (metalinguística, metaenunciativa, metadiscursiva e epilinguística, etc.) são utilizadas na exemplificação ou contextualização do uso dos provérbios.

#### **4.2. RESULTADOS DOS DADOS OBTIDOS COM OS SUJEITOS NÃO-ALZHEIMER FRENTE AO PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS *MAIS* E *MENOS* METAFÓRICOS NOS PROCEDIMENTOS 1 e 2.**

Neste item, apresento as tabelas 6 e 7, nas quais é possível observar os resultados gerais dos sujeitos não-Alzheimer que compõe o grupo controle quanto à compreensão e interpretação dos sentidos dos provérbios do Protocolo utilizado neste estudo.

As interpretações dos sujeitos não-Alzheimer frente ao protocolo de provérbios são analisadas a seguir de modo a identificar a adequação do sentido dos provérbios *mais* e *menos* metafóricos e também as interpretações que foram consideradas como central e marginalmente relevantes e irrelevantes. Pudemos observar os movimentos comuns deste grupo de sujeitos em torno dos efeitos de sentido em relação aos provérbios.

Os resultados da análise desses dados permitiram a aferição do grau de conhecimento dos provérbios e dos provérbios que os sujeitos não acessaram o seu sentido, precisando ser substituído por outro provérbio no protocolo definitivo a ser aplicado no grupo de sujeitos com Doença de Alzheimer (DA).

Na tabela 6, pode-se verificar a distribuição dos resultados dos sujeitos não-Alzheimer quanto ao conhecimento e interpretação dos provérbios *mais* e *menos* metafóricos referentes ao procedimento 1 (“O que significa este provérbio? Ou o que quer dizer este provérbio?”). Pudemos observar que a maioria dos sujeitos não-Alzheimer reconheceu e interpretou a maioria dos provérbios *mais* metafóricos relativos ao procedimento 1 do Protocolo, acessando seus sentidos contextuais de modo centralmente relevante do ponto de vista semântico-pragmático.

Na tabela 7 é possível observar os resultados referentes à manipulação enunciativo-discursiva dos sujeitos não-Alzheimer frente protocolo de provérbios *mais* e *menos* metafóricos, relativos ao procedimento 2, isto é, o que se pauta pela pergunta “Elabore ou imagine uma situação em que caberia o uso deste provérbio?”.

**Tabela 6- Resultados das interpretações dos sujeitos do grupo não-Alzheimer obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos - Procedimento 1.**

| Provérbios <u>mais</u> metafóricos               | Sujeitos |         |         |         |         |         |         |         |         |          |
|--------------------------------------------------|----------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|
|                                                  | 1<br>EA  | 2<br>NB | 3<br>DA | 4<br>FC | 5<br>LA | 6<br>PA | 7<br>DV | 8<br>ML | 9<br>RP | 10<br>AR |
| Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. | CR       | CR      | CRE     | L       | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CR      | CR       |
| Águas passadas não movem moinhos.                | CR       | CRE     | CR      | CRE     | CR      | CR      | CRE     | CR      | CR      | CRE      |
| Cada macaco no seu galho.                        | CRE      | MR      | MR      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CR       |
| Cada um deita na cama que faz.                   | CRE      | MR      | CR      | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | I       | CR       |
| Caiu na rede é peixe                             | CRE      | MR      | CRE     | CRE     | CRE     | L       | CR      | CR      | CRE     | CRE      |
| Casa de ferreiro, espeto de pau.                 | CRE      | CR      | CRE     | CR      | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CR       |
| Depois da tempestade vem a bonança.              | CR       | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | L       | CR      | CR      | CRE      |
| Em boca fechada não entra mosca.                 | CRE      | CR      | CR      | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CR       |
| Em terra de cego quem tem um olho é rei.         | CRE      | CRE     | CRE     | L       | MRE     | MR/D    | I       | N       | N       | CR       |
| Filho de peixe, peixinho é.                      | CRE      | CR/D    | CR/D    | AICR    | CRE     | CRE/D   | CRE     | CRE     | CR      | CR       |
| <b>Total dos CR (%)</b>                          | 100      | 70      | 90      | 80      | 100     | 80      | 80      | 90      | 80      | 100      |
| Provérbios <u>menos</u> metafóricos              |          |         |         |         |         |         |         |         |         |          |
| A esperança é a última que morre.                | CR       | CR      | CR      | MR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       |
| A ocasião faz o ladrão                           | CRE      | CRE     | CRE     | MR      | CRE     | CRE     | MRE     | CRE     | N       | CR       |
| A pressa é inimiga da perfeição.                 | CRE      | CR      | CR      | CR      | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CR      | CR       |
| A união faz a força.                             | CRE      | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CR       |
| Amor com amor se paga.                           | CRE      | CR/D    | CRE     | CR      | CRE     | CR/D    | CR      | CR      | CR      | CR       |
| Antes pouco do que nada.                         | CRE      | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CRE      |
| As aparências enganam.                           | CRE      | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CRE     | CR       |
| Cada qual com seu igual.                         | CR       | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | MR/D    | CR       |
| Cara de um, focinho de outro.                    | CRE      | CRE     | CRE     | MR      | CR      | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CR       |
| Devagar se vai ao longe.                         | CRE      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CRE      |
| <b>Total dos CR (%)</b>                          | 100      | 100     | 100     | 70      | 100     | 100     | 100     | 100     | 80      | 100      |

**Legenda:**

CR Centralmente relevante.

CRE Centralmente relevante com exemplo.

MR Marginalmente relevante.

MRE Marginalmente relevante com exemplo.

I Irrelevantes.

L Interpretação literal.

NE Não conhece, mas tenta explicar.

AI ajuda do interlocutor.

N Não conhece o provérbio.

D Discorda do sentido veiculado pelo provérbio.

NS Não sabe (resposta "não sei").



**Tabela 7- Resultados das manipulações enunciativo-discursivas dos sujeitos do grupo não-Alzheimer obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos - Procedimento 2.**

| Provérbios <i>mais</i> metafóricos               | Sujeitos |         |         |         |         |         |          |         |         |          |
|--------------------------------------------------|----------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|---------|---------|----------|
|                                                  | 1<br>EA  | 2<br>NB | 3<br>DA | 4<br>FC | 5<br>LA | 6<br>PA | 7<br>DV  | 8<br>ML | 9<br>RP | 10<br>AR |
| Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. | CR       | CR      | CR      | L       | MR      | NS      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Águas passadas não movem moinhos.                | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Cada macaco no seu galho.                        | CR       | CR      | MR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Cada um deita na cama que faz.                   | CR       | MR      | CR      | CR      | CR      | CR      | MR       | CR      | I       | CR       |
| Caiu na rede é peixe.                            | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | L       | MR<br>NS | CR      | MR      | CR       |
| Casa de ferreiro, espeto de pau.                 | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Depois da tempestade vem a bonança.              | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | NM       | CR      | CR      | CR       |
| Em boca fechada não entra mosca.                 | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Em terra de cego quem tem um olho é rei.         | CR       | CR      | CR      | L       | MR      | CR      | I        | N       | N       | CR       |
| Filho de peixe, peixinho é.                      | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| <b>Total dos CR (%)</b>                          | 100      | 90      | 100     | 80      | 90      | 80      | 70       | 90      | 70      | 100      |
| Provérbios <i>menos</i> metafóricos              |          |         |         |         |         |         |          |         |         |          |
| A esperança é a última que morre.                | CR       | CR      | CR      | NM      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| A ocasião faz o ladrão.                          | CR       | CR      | CR      | MR      | CR      | CR      | NM       | CR      | N       | CR       |
| A pressa é inimiga da perfeição.                 | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| A união faz a força.                             | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Amor com amor se paga.                           | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Antes pouco do que nada.                         | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| As aparências enganam.                           | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| Cada qual com seu igual.                         | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | NM      | CR       |
| Cara de um, focinho de outro.                    | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR      | NM       | CR      | CR      | CR       |
| Devagar se vai ao longe.                         | CR       | CR      | CR      | MR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR       |
| <b>Total dos CR (%)</b>                          | 100      | 100     | 100     | 70      | 100     | 100     | 100      | 100     | 80      | 100      |

**Legenda:**

CR Centralmente relevantes.

MR Marginalmente relevantes.

I Irrelevantes.

L Sentido literal.

N Não conhece o provérbio.

NE Não conhece, mas tenta explicar.

NS Não sabe (resposta não sei).

AI Ajuda do interlocutor.

NM – Não manipula.

#### 4.2.1. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos - procedimentos 1 e 2.

Os provérbios mais metafóricos foram interpretados pela maioria dos sujeitos não-Alzheimer de modo centralmente relevante, sendo que muitas interpretações já foram realizadas com exemplos de situações de uso dos provérbios. Observa-se na tabela 6 que os sujeitos EA e AR foram os que apresentaram 100% das interpretações centralmente relevantes dos provérbios mais metafóricos. O sujeito DA foi o que apresentou 100% de manipulação do uso contextual dos provérbios mais metafóricos de modo centralmente relevante. Somente o provérbio “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*” foi o que teve 40% de interpretações centralmente relevantes, isto é, foi interpretado por 4 sujeitos. Os sujeitos ML e RP afirmaram não conhecer este provérbio.

Quatro (4) sujeitos apresentaram interpretações marginalmente relevantes e dois (2) sujeitos produziram interpretações irrelevantes dos provérbios mais metafóricos nos procedimentos 1 e 2, como se observa na tabela 6 e 7: o sujeito DV, frente ao provérbio “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”, e o sujeito RP, ao interpretar o provérbio “*Cada um deita na cama que faz*”. Três sujeitos produziram interpretações literais: FC, PA e DV. Também houve caso em que os sujeitos não aceitaram os sentidos veiculados por dois provérbios: “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*” e “*Filho de peixe, peixinho é*”, ainda que as interpretações e manipulações enunciativo-discursivas destes provérbios por parte dos sujeitos tenham sido considerados centralmente relevantes e marginalmente relevantes. Quanto ao procedimento 2, o sujeito DV não procedeu à contextualização do provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*”.

#### Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos consideradas centralmente relevantes.

Vejamos alguns exemplos das interpretações e explicitações de situações dos provérbios realizadas de modo centralmente relevante pelos sujeitos não-Alzheimer frente ao protocolo de provérbios, nos procedimentos 1 e 2. Segue abaixo a interpretação feita por (1) EA em relação ao provérbio “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*”:

(EA)

EV            oi fala senhor EA que que significa esse provérbio aqui\ água mole em pedra dura tanto bate até que fura



EA [persistência né (.) símbolo de persistência isso aí\ a pessoa de tanto persisti que acaba que conseguindo o que queria faze]

EV i:sso, então fala aqui pra mim uma situação que caberia o uso desse provérbio//

EA [=ah uma pessoa tá querendo pega um (.) conquista uma vaga numa universidade/ então ela vai faze cursinho/ estuda tudo em casa até ela consegui chegar lá] [Então isso tudo que ela ta fazendo, essa jornada é a hora que a água ta batendo na pedra e a hora que ela entra (na universidade) ela furo a pedra=

Percebe-se que o sujeito EA interpretou e reconheceu o provérbio, compreendendo o sentido e seu uso contextual, em torno do “*símbolo da persistência*”. Com este dado de exemplificação de uma interpretação centralmente relevante do sentido convencional do provérbio, podemos constatar a presença da postura metaenunciativa do sujeito, que é requisitada na compreensão e manipulação da linguagem metafórica. Nota-se que na última linha EA explica o jogo metafórico da expressão ao evocar a prática social de entrar na universidade, o que significa o momento em que o esforço de alcançar um objetivo foi cumprido, que é “**furar a pedra**”.

Vejamos mais um exemplo de interpretação centralmente relevante no dado do sujeito (3) DA ao interpretar o provérbio “*Águas passadas não movem moinhos*”.

(DA)

EV e águas passadas não movem moinhos o que quer dizer isso

DA é coisas que às vezes aconteceu com a gente/ que a gente lembra mas num é pra lembrar né é pra esquecer né/ água passada num vai mover o moinho/ então é melhor a gente esquecer

EV ah tá/ e em qual situação assim a senhora usaria esse provérbio//

DA eu acho assim até uma amizade boa que a gente teve e depois de muito tempo você teve uma desilusão com aquela amizade

EV num vai voltar a amizade né//

DA é num vale a pena

Este dado mostra que o sujeito DA compreende o sentido de irreversibilidade veiculado no provérbio. Ao explicitar o seu uso em situações cotidianas, observa-se que DA inicialmente utiliza um operador modalizador de possibilidade de emprego naquela situação: **eu acho**. Neste

caso, o verbo “achar” predica uma determinada situação de prática social em que poderia empregar o provérbio.

KOCH (1996 *apud* MIRANDA, 2005, p. 171) define a modalidade em termos de expansões de universos possíveis, ela é que gerencia todo o processo do discurso, a interação.

Segundo a autora, as modalidades se manifestam considerando-se os eixos relativos a dois valores modais: o do conhecimento e o da conduta. No eixo do conhecimento, observam-se as categorias epistêmicas, que expressam a certeza do conhecimento, sofrendo diversas atenuações linguísticas até atingir os limites do possível. Logo, existem inúmeras possibilidades de expressão, desde a certeza extrema ao pouco provável ou improvável. Quanto ao eixo da conduta, a modalização diz respeito ao *dever* (obrigação, permissão) e virtude. Trata-se aqui de uma modalização epistêmica, voltada ao julgamento humano frente a um possível acontecimento de uma desilusão ou decepção que uma pessoa provavelmente poderá sofrer no contexto das relações sociais.

Das interpretações centralmente relevantes dos provérbios mais metafóricos realizadas pelos sujeitos não-Alzheimer, também podemos observar que a maioria dos sujeitos já explicitaram uma situação de uso do provérbio no procedimento 1. Vejamos um exemplo deste tipo de explicitação no diálogo de LA ao interpretar o provérbio “*Cada macaco no seu galho*”:

(LA)

EV        tá\ e (.) cada macaco no seu galho o que quer dizer esse provérbio//  
LA        **cada::: cada macaco no seu galho** <((LA repete baixinho para si mesmo))> (.) ah/ esse provérbio **eu acho** assim cada pessoa tem que ser o que é né  
EV        sei\  
LA        não ser igual a outra né/  
EV        pessoa que não consegue né/  
LA        é que às vezes não consegue por isso que a gente fala né **cada macaco no seu galho cada cada** um na sua posição\

Neste exemplo, observa que LA já explicita o sentido do provérbio exemplificando seu uso no contexto social, relacionando-o com situações de posição social. LA produz uma modalização de possibilidade, “**eu acho**”, para explicar a prática social que se aplica à expressão. LA, ao responder para a pesquisadora, produz uma hesitação com alongamento e faz uma autorrepetição para depois seguir o diálogo. Esta autorrepetição como afirma MARCUSCHI

(1992), tem uma função dentro do contexto interativo, no sentido de facilitar o planejamento da fala. No caso, o sujeito autorrepete o provérbio com uma hesitação para poder estruturar e expandir sua explicação. Observa-se que o sujeito também repete o provérbio no turno seguinte para reafirmar a significação do provérbio. É importante também lembrar que as repetições simples fazem parte do discurso de todo falante, são comuns na fala do idoso que as utilizam com frequência, assim como as autorrepetições (PRETI, 1991, p. 47).

A propósito de várias funções da pausa no processamento da fala ou interação lembramos que VAN DIJK (2000, p. 30-32) afirma que todo processamento linguístico é estratégico; os usuários da língua realizam passos interpretativos orientados, efetivos, eficientes, flexíveis em vários níveis, simultaneamente, processando a informação de forma *on line*, construindo hipóteses interpretativas. Para o autor, palavras, grupos de palavras, orações e frases são estrategicamente analisadas e interpretadas na memória de curto prazo.

LA também produz, além de estratégias como pausas, uma modalidade espistêmica que denota uma possibilidade do uso da expressão num contexto de funcionalidade social, ou seja, LA argumenta que acredita que cada um deve ser, ou se porta, como cada um é. O sujeito LA foi o que mais interpretou os provérbios mais metafóricos já explicitando seu uso contextual.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos consideradas marginalmente relevantes.**

Das interpretações que foram analisadas como marginalmente relevantes frente aos provérbios *mais* metafóricos, realizadas pelo grupo não-Alzheimer, no procedimento 1, os sujeitos NB, DA, LA e PA foram os que apresentaram interpretações marginalmente relevantes. Além desses, os sujeitos DV e RP apresentaram manipulações também marginalmente relevantes no procedimento 2. Primeiro, podemos tomar como exemplo a interpretação do sujeito NB frente ao provérbio “*Cada macaco no seu galho*”, apresentando uma interpretação marginalmente relevante no procedimento 1, mas centralmente relevante no procedimento 2.

(NB)

|    |                                                                                                                                                                             |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| EV | sei tá bom entendi o que o Sr. quis dizer/ e esse outro provérbio aqui oh <u>cada macaco no seu galho/</u> o que que significa isso//, o que quer dizer esse dito popular// |
| NB | esse é:: oh:: é uma pessoa que vem e fica falando e: e: ele não entende nada aí fala cada macaco no seu galho                                                               |

EV        ah sei é então é a pessoa de fora que vem falar alguma coisa e aí a gente fala para cada um fazer a sua parte\ é isso//

NB        é isso mesmo\ vem aquele que fala dá palpite na hora que não é pra dar e aí a gente tem que avisar pra pessoa fazer o que cabe pra ela então aí a gente diz cada macaco no seu galho ((risos))

Podemos observar que NB demonstra compreensão marginalmente relevante do provérbio, já dando exemplo de um contexto de uso da expressão e na sequência da interação é que NB expande sua compreensão e manipulação enunciativa a partir da colaboração da interlocutora. Percebe-se que NB explica o sentido do provérbio o que partiu da categorização de comportamentos e atitudes manifestados em um contexto interacional, como podemos ver no trecho

**vem aquele que fala dá palpite na hora que não é pra dar e aí a gente tem que avisar pra pessoa fazer o que cabe**

NB utiliza seus conhecimentos prévios sobre a dinâmica interacional e pragmática ao explicitar uma dada prática discursiva na qual pode ser aplicada a expressão proverbial: **então aí a gente diz cada macaco no seu galho ((risos))**

Podemos observar outro exemplo de uma interpretação marginalmente relevante do ponto de vista semântico-pragmático, no desempenho do sujeito NB, demonstrado ao interpretar o provérbio mais metafórico “*Cada um deita na cama que faz*”, no qual se produz também uma manipulação marginalmente relevante.

(NB)

EV        tá/ e esse outro provérbio cada um deita na cama que faz\ o que que significa isso//

NB        esse eu nunca escutei heim/ é novo heim/

EV        não conhece//

NB        não\ é novo//

EV        cada um deita na cama que faz

NB        no::ssa:: ah **eu tenho impressão** que é/ a primeira impressão que eu tenho é uma de você preparar seu próprio caminho/ você tá responsável por si mesmo né/ talvez você vai deitar na cama que você faz/ você arrumou que é a sua cama né/

No dado acima, observamos que NB afirma não conhecer o provérbio, mas logo em seguida demonstra ter a impressão de saber o sentido de causalidade nele veiculado, produzindo

uma modalidade epistêmica de possibilidade ao evocar **eu tenho impressão**. Na explicação de NB, o sentido construído pelo sujeito é de que a pessoa é responsável pelos seus atos e pensamentos, em preparar o seu próprio caminho, ou seja, empreender uma conduta, uma tomada de decisão, que dependendo do que fizer durante a vida terá consequências boas ou ruins. O enunciado de NB diz respeito a uma estratégia de auto-realização, que se traduz em domínio e responsabilidade de uma ação. Desta forma, sua manipulação enunciativa implica uma tentativa metaenunciativa de interpretar o sentido do provérbio e seu emprego contextual. Mas NB se ancora na estrutura do provérbio e não elabora uma situação de uso contextual, faz repetições contíguas da palavra **impressão** e da palavra **cama** para distribuir a informação no discurso (MARCUSCHI, 1992). A repetição contígua costuma ocorrer mais de uma vez na interação por ter a função de expandir o discurso. Nesta interpretação, NB também produz uma modalidade epistêmica de possibilidade auxiliando também na distribuição sintática (PARRET, 1988, p. 93).

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos, consideradas irrelevantes.**

Pode-se observar na tabela 6 que dois (2) provérbios *mais* metafóricos foram interpretados de modo irrelevante: “*Cada um deita na cama que faz*”, interpretado pelo sujeito RP, e “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”, interpretado por DV.

Vejamos a seguir o exemplo da interpretação de RP frente ao provérbio “*Cada um deita na cama que faz*”:

(RP)

|    |                                                                                                     |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| EV | <tá/> <e esse outro aqui cada um deita na cama que faz//                                            |
| RP | e se num tá bom ali cada um deita no seu lugar né/ lá na sua cama né/                               |
| EV | hum/ já ouviu falar nesse provérbio//                                                               |
| RP | a gente vê/                                                                                         |
| EV | é//                                                                                                 |
| RP | é/ antigamente né/                                                                                  |
| EV | mas em qual situação assim do dia-a-dia que a gente usaria essa frase/                              |
| RP | é num tá/ uma coisa num tá boa (.) uma situação né/ reclama né/ ah/ eu acho que é essa situação né/ |

O sujeito RP mostrou compreender o sentido veiculado no provérbio: “*Cada um deita na cama que faz*”, guiado mais pela estrutura linguística da expressão proverbial e não tanto pela inferência prática do conhecimento do uso social do enunciado. RP demonstra conhecer o provérbio de modo marginalmente relevante, aventando em sua interpretação o “sujeito universal” (nós, a gente): **a gente vê/**, no sentido de já ter escutado a expressão, tendo consciência de que se trata de uma forma de expressão coletiva e incorporada à linguagem cotidiana. RP lembra que a expressão proverbial faz parte da memória coletiva ao mencionar **é antigamente né/**, o que nos leva a pensar, então numa categoria de tempo de vigência dos conhecimentos. PRETI (1991, p.56), ao analisar a categoria tempo e espaço no discurso dos idosos, afirma que os idosos constroem seus discursos relacionados com um passado sobre o qual ainda têm pleno domínio de memória e dentro do qual estão coisas, pessoas, eventos, frases, que fazem parte da sua história e de sua maneira de analisar o tempo presente. Segundo o autor, os idosos, particularmente, os velhos-velhos, têm facilidade em conservar em sua memória provérbios, frases-feitas, refrões, que muitas vezes, remontam do seu tempo de infância ou juventude. A melodia e a rima que não raro as caracterizam, favorecem a permanência dessas expressões na memória dos indivíduos.

Quanto ao procedimento 2, é possível observar que RP, ao responder para a pesquisadora EV, não emprega ou evoca o sentido pragmático da expressão proverbial. Neste caso, a familiaridade com a expressão não foi suficiente para o sujeito construir um modelo cognitivo de contexto. Segundo Van Dijk, os modelos cognitivos de contexto contêm os parâmetros relevantes da interação comunicativa e do contexto social (KOCH, et al. 2007, p. 63). Para KOCH et al. (2007), a propósito, as práticas sociais de que participamos determinam circunstâncias de uso e propósitos comunicativos próprios, o que permite ao falante construir em sua memória modelos de contexto.

Vejamos mais um exemplo de ato interpretativo e manipulação enunciativo-discursiva do sujeito DV considerado como irrelevante frente ao provérbio mais metafórico “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”:

(DV)

EV           é né/ e em terra de cego quem tem um olho é rei o que quer dizer esse provérbio//

DV           ah esse daí que em terra de cego quem tem um olho é rei é muito pessoa gananciosa né

EV hum/  
 DV é que ganha mais do que necessita (xxxx) deixa os outros pra trás  
 então ele qué/ ser o rei e deixa os outros  
 EV tá/ é isso  
 DV é isso  
 EV em que situação assim o senhor usaria esse provérbio// falaria  
 DV [ah falaria assim pra uma pessoa que tem é como se diz é: arrogante  
 né/

Podemos dizer, a partir do dado acima que DV não compreendeu o sentido implícito do provérbio “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”. DV analisa o emprego da expressão de maneira irrelevante, mostrando não ter familiaridade com o caráter metafórico do provérbio e a cristalização de seu emprego em uma situação discursiva determinada. DV interpreta o provérbio veiculando um sentido e uma cena enunciativa na qual rei é uma pessoa muito gananciosa e arrogante.

### **Interpretações dos provérbios mais metafóricos consideradas literais.**

No grupo dos provérbios *mais* metafóricos emergiram quatro (4) interpretações de tipo literal relativo ao procedimento 1, conforme assinalado na tabela 6, e três (3) interpretações literais relativos ao procedimento 2, como observado na tabela 7.

Podemos observar o ato interpretativo literal do sujeito FC frente ao provérbio “*Água mole em pedra dura tanto bate até fura*” e “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*” nos dois procedimentos. Também observa-se a interpretação de PA frente ao provérbio “*Caiu na rede é peixe*” e o ato interpretativo de DV ao explicitar o sentido do provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*”, que demonstraram o uso social das expressões ser feitas de modo marginalmente relevante.

Vejamos o dado abaixo, relativo à interpretação literal feita por FC frente ao provérbio “*Água mole em pedra dura tanto bate até fura*”.

(FC)

EV isso agora vamu pro outro aqui é água mole em pedra dura tanto bate  
 até que fura o que que significa isso//  
 FC **água mole//**  
 EV água mole em pedra dura tanto bate até que fura o que quer dizer  
 esse provérbio//

FC        esse provérbio pode caí assim num no óbvio\ tem mas **pedra** tipo assim  
na **pedra** e tem a casca no meio\ aí vai batendo a casca e ele fura\  
aí no meio tem um líquido\ pode cair nisso aí\  
EV        ah tá bom/ água mole em pedra dura tanto bate até que fura  
FC        então porque a **pedra** dura mesmo é difícil de furá/ só aquela **pedra**  
que num é TÃO dura/  
EV        sei  
FC        mas cristal quebra mas num fura  
EV        hum/  
FC        e **água** mole a **água** sempre né/ a **água** é corrente né/

Podemos observar, a partir dos enunciados de FC ao interpretar o provérbio, que ele não reconhece o jogo de linguagem e o jogo metafórico que a expressão proverbial veicula. FC procura explicitar o significado que o provérbio pode comunicar sem reconhecer o sentido metafórico da expressão. O ato interpretativo de FC é pautado pelo significado das propriedades do léxico presente na estrutura do provérbio. FC justifica sua explicação acessando seus conhecimentos gerais para explicar como ocorre o processo de furar pedra, admitindo que existem outros minérios que não furam.

Observa-se que FC produz uma autorrepetição da expressão proverbial que indica o contexto de produção e também se observam no fragmento repetições contíguas, principalmente das palavras **pedra** e **água**, com função textual-discursiva. Segundo MARCUSCHI (2000), são aspectos formais e funcionais que a repetição assume na situação interativa, dando a ela uma função textual-discursiva.

Vejamos o próximo exemplo da interpretação e manipulação enunciativo-discursiva do tipo literal do mesmo sujeito FC frente ao provérbio mais metafórico “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”.

(FC)

EV        [tá/] e em terra de cego quem tem um olho é rei, o que que significa  
isso o que quer dizer esse provérbio//  
FC        ah esse daí **num num** entendo bem não mas quer dizer... em terra//  
EV        em terra de cego quem tem um olho é rei  
FC        porque vê tudo enxerga tudo sabe de tudo e quem num tem o olho que é  
cego num sabe de nada  
EV        num sabe de nada né/



FC num pode vê e sabê o quê tá acontecendo... como tá em volta  
 EV tá/  
 FC e a **pessoa** que tá com o olho bom enxerga tudo  
 EV hum/  
 FC [então...]  
 EV [isso mesmo]  
 FC isso aí/ é uma riqueza pra essa **pessoa**  
 EV é/  
 FC é um rei né porque é uma coisa boa que deus deu e aquele outro é um sofrimento né\ é um sofrimento que tem\ carrega uma pessoa que vive\ pessoa que tem **deus no coração** vive alegre até melhor que o que enxerga\ depende do coração dessa **pessoa\ a pessoa** também pode até num enxerga e ser até melhor que quem enxerga depende **a pessoa** pode vive\ quantas pessoas que num tem braço\ num tem perna\ num tem olho\ conversa e **vevi\** no desespero\ e **vevi** num\ assim traumatizado com os problema dos outros\ com uma depressão tão forte e tem gente que tem problema de saúde\ uma pessoa pobre assim mais lúcida mas tem o coração bom\ tem **deus no coração** primeiramente o que vale na vida é quem tem **deus no coração**  
 EV é/  
 FC que num é maldoso que num faça nada de errado com ninguém  
 EV tá certo  
 FC essa **pessoa** pode ser cega e se torna uma **pessoa** luminoso luminada na frente de deus  
 EV isso  
 FC porque é uma pessoa de bom coração

Podemos dizer, a partir do dado acima, que FC não acessou o sentido implícito do provérbio “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”. FC explica o sentido do provérbio de maneira literal, não evocando o jogo metafórico do provérbio, fazendo uma correspondência da estrutura do provérbio com a realidade (o que faz ao explicitar um sentido de que ter um olho é ter o órgão para enxergar melhor que outras pessoas que não possuem a visão preservada). O sentido de poder veiculado no provérbio para FC é de possuir o sentido da visão preservada e não o conhecimento perante um grupo de pessoas, como está convencionalizado pragmaticamente no sentido veiculado por este provérbio. FC faz um mapeamento de um domínio mais concreto de

uma experiência pessoal, não realizando uma inferência do domínio fonte no domínio alvo para explicitar o sentido veiculado neste provérbio.

Segundo CAZELATO (2003, p. 22), o sentido literal é tradicionalmente associado a uma estabilidade de significado que, supostamente, preserva a linguagem das interferências de qualquer contexto ou interpretação. O sentido literal independe, pois do contexto, do momento histórico-social, ou de fatores psicológicos dos sujeitos, isto é não sofrem influências das mudanças contextuais.

POSSENTI (1999, p. 65) afirma que o sentido literal não impede a admissão de outros sentidos, e o que caracteriza a literalidade de um sentido é a inserção numa cultura e não o fato de que a palavra expressa a essência das coisas. Para KOCH (2008, p. 146), a propósito da interpretação de sentidos, a cognição social é fundamental para o processamento inferencial. Uma teoria adequada do processamento de inferências precisa, em primeiro lugar incorporar o conhecimento enciclopédico e o conhecimento pragmático, em segundo lugar, uma teoria adequada do conhecimento enciclopédico e pragmático que deve, necessariamente, abarcar o conhecimento social (Graesser e Clark, 1985). Desta forma, uma teoria adequada do processamento de inferências precisa considerar a cognição social, que constitui uma parte relevante das estruturas cognitivas armazenadas na memória. É esta razão que leva VAN DIJK (2000, p. 30) a denominar a memória semântica de memória social.

Quanto aos fenômenos linguísticos presentes no discurso de FC, são observadas nos dados repetições contíguas como uma estratégia comunicativa para expandir o discurso, identificadas em negrito.

No trecho apresentado acima, em seu início, percebe-se que FC solicita ajuda da interlocutora para lembrar a expressão proverbial completa. Segundo PRETI (1997, p. 40), as falhas ou lapsos de memória recente no discurso dos idosos não são incomuns e estão presentes e atingem o vocabulário que se manifestam, por exemplo, nos truncamentos, hesitações, alongamentos de vogais, pausas e interrogativas, no caso do falante pedir socorro ao interlocutor. De todo modo, observamos que tal ocorrência, próprias das características da língua falada, não podem ser tomadas sempre como indícios ou sintomas de falhas de memória.

### **Não reconhecimento dos provérbios mais metafóricos.**

Ainda sobre os provérbios *mais* metafóricos e das interpretações dos sujeitos não-Alzheimer, pudemos observar que dois (2) sujeitos, ML e RP, afirmaram não conhecer o provérbio “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”. Vejamos abaixo um exemplo da resposta do sujeito ML.

(ML)

|    |                                                                         |
|----|-------------------------------------------------------------------------|
| EV | e esse assim tá e em terra de cego quem tem um olho é rei//             |
| ML | em terra de cego quem tem um olho é rei//                               |
| EV | é (.) conhece esse//                                                    |
| ML | esse não                                                                |
| EV | não conhece// nunca ouviu falar//                                       |
| ML | nem nunca ouvi falar                                                    |
| EV | nunca ouviu alguém falar esse provérbio//                               |
| ML | se já ouvi\ ouvi muitas poucas vezes e num sei assim o significado não\ |

O sujeito ML autorrepete o provérbio, o que significa uma estratégia discursiva para tentar reconhecer a expressão, porém afirma não conhecê-la, nem ser familiarizado com a ela quando a pesquisadora lhe pergunta se já ouviu falar este provérbio.

No dado do sujeito RP, podemos observar que ele também afirma não conhecer o provérbio “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”.

(RP)

|    |                                                                    |
|----|--------------------------------------------------------------------|
| EV | e em terra de cego quem tem um olho é rei// já ouviu falar nesse// |
| RP | esse nunca ouvi fala/                                              |
| EV | nunca ouviu falar//                                                |
| RP | não                                                                |

Com estes dados, pudemos constatar que esta expressão proverbial “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*” não teve um reconhecimento por parte de três (3) sujeitos, como assinalado na tabela 6.

### **Discordância do sentido veiculado pelos provérbios mais metafóricos.**

Com relação à argumentação dos sujeitos que apresentaram discordância dos provérbios, pudemos constatar que o sujeito NB discorda do sentido veiculado pela expressão “*Caiu na rede*”.

*é peixe*”, ainda que tenham realizado uma interpretação centralmente relevante frente a ela. Vejamos o dado de NB:

(NB)

EV        tá/ isso/ e caiu na rede é peixe//  
NB        é esse faz sentido\ mas acho que o que seria o mais correto aí seria  
          é de você conseguir os objetivos/ consegui aquilo que você queria  
          né/ infelizmente isso é mais levado na malandragem, na conversa/ na  
          lábria/ conseguiu convencer/ tá/ lá né//

Observa-se que NB evoca o sentido pragmático do provérbio e afirma que o efeito de sentido poderia ser outro, no caso da pessoa perseguir uma meta para conseguir um trabalho, e não apenas aproveitar o que surgir. Neste dado, podemos constatar que o sujeito NB, ao explicitar outra situação de uso do provérbio, não só rejeita um efeito de sentido, mas adere ao jogo metafórico, implicado na estrutura enunciativa da expressão proverbial fornecendo alternativa de estratégia de inferência do sentido do provérbio, ou seja, outra situação de uso da expressão.

O sujeito PA também não aceita o sentido veiculado em dois provérbios mais metafóricos: *“Em terra de cego quem tem um olho é rei”* e *“Filho de peixe, peixinho é”*. Tomamos como exemplo o argumento de PA ao explicitar o sentido do provérbio *“Filho de peixe, peixinho é”*:

(PA)

EV        ((risos)) tá/ e filho de peixe peixinho é// o que quer dizer esse  
          provérbio//  
PA        num é bem isso não\ porque tem filho de peixe que num é peixe não\  
EV        não//  
PA        não  
EV        é o que então//  
PA        ah/ esse daqui às vezes fala assim filho de jogador geralmente ele é  
          jogador\ num é/ num é/ jogador/ geralmente a pessoa antigamente  
          dizia o seguinte nasceu carpinteiro é é carpinteiro o pai ensina o  
          filho ser carpinteiro\ hoje em dia mudou\  
EV        ele incentiva o filho fazer outra coisa//  
PA        ele incentiva a fazer outra coisa então num existe mais  
EV        [tá/  
PA        **é: antigamente** era assim  
EV        sei\ é/ seguir a profissão do pai/

PA é seguia a profissão do pai hoje em dia num segue mais  
 EV é/  
 PA é bem diferente do que era\  
 EV então num usa mais//  
 PA não usa muito esse provérbio\ pra mim filho de peixe peixinho é/ é:  
 muito difícil  
 EV muito raro/  
 PA muito raro o: mo meu caso (.) vamu dizer minha família minha esposa  
 é enfermeira  
 EV hum/  
 PA minha filha é enfermeira\ a outra estudo pra enfermeira  
 EV sei/  
 PA isso é raro\ só que uma se deu bem a outra não/  
 EV hum/  
 PA estudou\ fez todo o curso mas num é enfermeira  
 EV então num dá pra [usar esse ditado pras duas né/]  
 PA -----[num dá num dá] pra uma dá  
 EV pra uma dá//  
 PA pra uma dá/ mas pras duas num dá  
 EV tá/ entendi/  
 PA então é bem diferente agora ah: no meu caso eu era pintor não eu  
 comecei como pintor nenhum dos meus filhos meu filho hoje é técnico  
 em (xxxxxx) agrícola não manja de pintura apesar que já trabalhou  
 comigo\ não manja de pintura\ ele vendas  
 EV sei\  
 PA ele lida com vendas\ sabe o que (xxx) já usou// ele fala/ eu sei  
 porque que já usei  
 EV ahn/ tem a lábia/  
 PA tem a lábia e eu não consigo  
 EV ah/  
 PA então  
 EV sei/  
 PA a coisa  
 EV é né//  
 PA isso daí pra mim num dá certo  
 EV num tá certo//  
 PA [num tá certo/  
 EV então tá bom

PA só encaixa  
 EV em algumas situações né/  
 PA em algumas situações pro resto não  
 EV tá/ num dá pra generalizar né/  
 PA não num dá não

No dado acima, do ponto de vista pragmático, verifica-se que PA reconhece e evoca o enfoque social do provérbio e o seu efeito de sentido, mas discorda da sua significação, afirmando que antigamente acontecia essa transmissão cultural de pai para filho, no sentido de uma geração dar uma continuidade na profissão do pai, preservando um mesmo papel social e profissional, mas que atualmente isso é muito raro. O advérbio **antigamente** é um aspecto importante no enunciado de PA, revelando a importância da categoria tempo e a lembrança do passado, no qual este provérbio era empregado em outro momento histórico e não no contexto atual. Sua significação, segundo PA, raramente tem sentido nos tempos atuais. Assim, observa-se que PA reconhece que a expressão “*Filho de peixe, peixinho é*” é um fraseologismo, considerando seus aspectos semânticos e pragmáticos.

Observa-se na sequência do discurso, PA se refere às diversidades de práticas de um passado compartilhado junto com o filho, mas que não foi dada continuidade como uma ação gerativa, que é o sentido que veicula o provérbio. A continuidade é também uma construção.

Neste caso, o conceito de geratividade está relacionado à profundidade histórica de cada família, pois PA explica que no momento atual é diferente. O percurso sócio-cognitivo de PA ao negar metalinguisticamente o provérbio vai ao encontro com os pressupostos de PARRET (1988, p.190), que afirma que a compreensão é uma prática no mundo.

Também são identificadas no dado repetições contíguas, e na sequência do diálogo PA produz repetições responsivas e incorporativas, quando a pesquisadora incorpora um enunciado e PA o aprova repetindo como se observa nos turnos abaixo:

EV então **num dá** pra [usar esse ditado pras duas né/]  
 PA -----[**num dá num dá**] pra uma dá  
 EV **pra uma dá//**  
 PA **pra uma dá/** mas pras duas **num dá**

#### 4.2.2. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios *menos* metafóricos - procedimentos 1 e 2.

Com relação ao desempenho dos sujeitos não-Alzheimer frente aos provérbios *menos* metafóricos, pudemos observar nas tabelas 6 e 7 que a maioria dos sujeitos também interpretou e manipulou os provérbios de modo centralmente relevante. Houve uma porcentagem maior de interpretações em que os sujeitos já explicitaram os provérbios com exemplos e imaginando situações cotidianas de uso, nas quais observamos diferentes processos metas envolvidos na construção do sentido. Apenas o sujeito FC que apresentou 70% das respostas centralmente relevantes e o sujeito RP apresentou 80% das interpretações centralmente relevantes. Três (3) sujeitos produziram interpretações marginalmente relevantes. Somente o sujeito RP afirmou não conhecer o provérbio “*A ocasião faz o ladrão*”. Não houve interpretações feitas de modo literal e irrelevante.

Com relação ao procedimento 2, as manipulações enunciativas-discursivas dos sujeitos não-Alzheimer frente aos provérbios *menos* metafóricos foram em sua maioria feitas de modo centralmente relevante. É possível observar na tabela 7 que houve quatro (4) provérbios que não foram manipulados pelos sujeitos FC, DV e RP.

Verificamos a presença de articuladores discursivos, como as justificativas, explicações, conclusões, comprovações, generalizações ao aceitar ou não o sentido veiculado nos provérbios.

Não houve manipulações irrelevantes dos provérbios *menos* metafóricos por parte dos sujeitos não-Alzheimer.

#### Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios *menos* metafóricos consideradas centralmente relevantes.

Com relação às interpretações e manipulações dos sujeitos não-Alzheimer frente aos provérbios *menos* metafóricos do Protocolo, pudemos constatar que maioria dos sujeitos interpretou e manipulou enunciativamente os provérbios *menos* metafóricos de modo centralmente relevante, como assinalado nas tabelas 6 e 7. Vejamos um exemplo com a interpretação do sujeito EA frente ao provérbio “*A esperança é a última que morre*”:

(EA)

EV           isso e esse outro provérbio aqui a esperança é a última que morre o  
              que que quer dizer o que que significa//

- EA        é que a esperança que morre porque a pessoa num deve entrega/ num deve se entregar fácil né// **deve luta**/ sempre né/ porque enquanto ela tiver esperança ele até consegue fazê alguma coisa/ mas se ela perde a esperança num consegue nada/ então se ela tiver esperança/ se fizer sempre abraçado com a esperança ela tem chance dela fazê alguma coisa/ mas se num tiver\
- EV        isso e em qual situação assim o senhor usaria// bola pra mim uma situação assim que o senhor usaria esse provérbio//
- EA        ah:::/ vamu dizê assim um político tá fazendo a campanha dele tudo mais/ pega a pesquisa dá ruim\ pega a pesquisa dá ruim\ pega a pesquisa dá ruim\ então você continua insistindo\ chega uma hora que a pesquisa começa a mudar então porque ele persistiu ali

Na construção do sentido do provérbio acima, podemos constatar que o sujeito EA o interpretou de modo centralmente relevante acessando o sentido convencional do provérbio que é de ter coragem, não desistir, ter determinação para conquistar algo e explicitou um contexto de uso social da expressão. O sujeito produz um operador modal discursivo de necessidade ao explicitar o emprego do sentido do provérbio, como podemos ver no trecho: **deve luta**/ sempre né/ no qual o sujeito produz um verbo auxiliar modal “deve” indiciando um percurso para a superação de uma dificuldade. Trata-se de uma modalidade deôntica que opera sobre uma conduta do indivíduo, sobre uma obrigatoriedade em persistir, lutar para conquistar algo.

Outro dado no qual é possível observar uma interpretação centralmente relevante dos sujeitos não-Alzheimer frente aos provérbios *menos* metafóricos é o ato interpretativo do sujeito DA frente ao provérbio “*A pressa é inimiga da perfeição*”:

(DA)

- EV        e esse outro aqui o que quer dizer esse provérbio a pressa é inimiga da perfeição
- DA        é a pressa é mesmo inimiga da perfeição porque às vezes você vai fazer uma coisa e você faz com tanta pressa depois você que tem que desmanchar tudo porque num acabou ficando bom então você volta e vai fazer bem devagarinho e aí vai dar certo
- EV        hum/ e imagina uma situação assim que daria pra usar esse provérbio/ que a senhora usaria esse provérbio//
- DA        ah eu me baseio pela minha casa/ pelo o que eu faço pra fora\ costura\ às vezes eu quero terminar logo naquela ânsia de entrega/ e



no fim ficou mal feito e eu num sou capaz de entregar daquele jeito  
e acabo fazendo tudo de novo

Na interação exemplificada acima, podemos verificar que o sujeito DA acessou o sentido do provérbio que veicula o sentido de realização rápida de algo e poderá sofrer uma consequência ruim e explicitou o uso social da expressão fazendo remissão a uma experiência pessoal. No procedimento 2, na manipulação enunciativa de DA estão presentes enunciados de sua história de vida, de suas práticas profissionais. Também está presente um implícito cultural de tempo social, significando saber fazer uso do tempo, com responsabilidade, tendo paciência para realizar algo com calma.

Para MARCUSCHI (2008, p. 237), o percurso de compreender um enunciado ou um texto não é uma atividade natural, nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Não se trata de uma ação apenas linguística ou cognitiva. Compreender exige habilidade, interação e trabalho, trata-se de uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade (MARCUSCHI, 2008, p. 237).

Desta forma, os fundamentos da compreensão dos provérbios estão na base da experiência que a consciência acumula para ser acionada, como podemos observar na interpretação e manipulação do provérbio realizada pelo sujeito DA.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios menos metafóricos consideradas marginalmente relevantes.**

Com relação às interpretações dos sujeitos não-Alzheimer obtidas frente aos provérbios *menos* metafóricos tidas como marginalmente relevante, nos procedimentos 1 e 2, os sujeitos FC, DV e RP foram os que realizaram interpretações e contextualizações do uso do provérbio na categoria de marginalmente relevante. O sujeito FC interpretou três (3) provérbios *menos* metafóricos com um acesso marginal em relação aos seus sentidos, foram os provérbios : “*A esperança é a última que morre*” / “*A ocasião faz o ladrão*” e “*Cara de um focinho de outro*”. Pode-se verificar na tabela 6 que o sujeito DV apresentou interpretação marginalmente relevante do provérbio “*A ocasião faz o ladrão*” e o sujeito RP com o provérbio “*Cada qual com seu igual*”.

Vejam os exemplos da interação de FC ao interpretar o provérbio “*Cara de um focinho de outro*”:

(FC)

EV tá e esse provérbio aqui cara de um\ focinho do outro\ o que quer dizer esse//

FC é porque é é:::: é um tipo de pessoa que é da mesma laia né é parecido

EV é

FC é porque é parecido <((risos))>, cara de um focinho do outro porque é/

EV iguais//

FC são iguais é imitando quer dizer faz as mesmas coisas que aquele outro vamu supor se for diferente não adianta nada porque porque (tá) com a mesma pessoa né

Na interação acima, FC evoca o sentido de similaridade veiculado no provérbio “*Cara de um focinho de outro*”, porém explica-o a partir do sentido de que as pessoas são parecidas no caráter e não na fisionomia. Na sequência do diálogo é que FC constrói o sentido que veicula o provérbio de forma cooperativa com a pesquisadora.

Com relação ao procedimento 2, nos dados analisados e considerados como marginalmente relevantes o sujeito FC não explicitou o uso contextual do provérbio “*A esperança é a última que morre*” e o provérbio “*Devagar se vai ao longe*”. O sujeito DV não manipulou os provérbios “*A ocasião faz o ladrão*” e “*Cara de um, focinho do outro*”; e o sujeito RP não manipulou o provérbio “*Cada qual com seu igual*”.

Veja abaixo o exemplo quando o sujeito não manipulou o provérbio, com o dado de FC frente ao provérbio “*A esperança é a última que morre*”:

(FC)

EV + (.)dona FC fala pra mim o que quer dizer esse provérbio aqui a esperança é a última que morre o que quer dizer isto//

FC eu atendo assim/ porque se a gente num tem **esperança** num tenho nada/ quer dizer a **esperança** é a última que morre porque a gente (barulho) antes de morrer a gente tem **esperança** se depois que morre acabou **esperança**\ mas se não morreu há **esperança**

Pode-se verificar que FC produz circunlóquio ao explicitar o sentido do provérbio e não enuncia um uso situacional da expressão. O ato interpretativo de FC é marginalmente relevante, pois FC se ancora semanticamente na estrutura do provérbio para construir o sentido de persistência. FC expressa a atitude de enfrentamento de desafio, que dá um senso de propósito para a existência, a manifestação de manter a esperança até o fim da vida, mas FC não elabora as informações para construir o sentido de uma situação real de maneira coesa e criar uma situação de uso do provérbio ou a própria percepção da realidade de maneira significativa.

KOCH (2005, p. 102) afirma que a língua não existe fora dos sujeitos sociais que falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem linguística, ou de ordem sócio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes modelos se reconstroem dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que o falante passa da língua para o discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos (re)construídos.

Nota-se também na enunciação de FC que o sujeito produz repetições contíguas excessivas. Para LAGROTTA (2001), a repetição “revela ser em todas as conversações um elemento constitutivo da estrutura do texto falado, voltado para promover a compreensão interativa do objeto da conversação”. A autora afirma não ter nenhum fundamento a imagem estereotipada do idoso como alguém que repete, como um falante enfadonho, cuja conversação não flui. Os idosos, segunda a autora, usam a repetição tal como a usam os outros falantes, com o fim de tornar compreensível para o outro aquilo que diz (LAGROTTA, 2001).

Não houveram interpretações consideradas **irrelevantes** e nem interpretações **literais** dos provérbios **menos** metafóricos no grupo de sujeitos não-Alzheimer. As expressões **menos** metafóricas, nesse caso, foram mais reconhecidas e manipuladas enunciativamente pelos sujeitos não-Alzheimer. De certo modo, esses dados parecem indicar que o grau de metaforicidade das expressões pode ter facilitado o trabalho metalinguístico e a familiaridade dos sujeitos com essas expressões, também parecem indicar que os aspectos semântico-lexicais desses provérbios, estavam pré-armazenados na memória semântica e episódica dos sujeitos.

### **Não reconhecimento dos provérbios *menos* metafóricos.**

Dos provérbios *menos* metafóricos que não foram reconhecidos pelos sujeitos, observamos que apenas o sujeito RP afirmou não conhecer o provérbio “*A ocasião faz o ladrão*”. Vejamos o dado abaixo, no qual RP não reconhece a expressão proverbial:

(RP)

EV <tá/ entendi/> <e quando a gente fala assim a ocasião faz o ladrão/  
o que que significa isso//  
RP esse eu nunca ouvi falar  
EV não//  
RP não esse não/

### **Discordância do sentido veiculado nos provérbios *menos* metafóricos.**

Quanto à discordância do sentido veiculado nos provérbios *menos* metafóricos do protocolo de estudo, os sujeitos NB e LA afirmaram não concordar com o sentido do provérbio “*Amor com amor se paga*”, embora suas interpretações foram consideradas centralmente relevantes. Também pudemos observar que RP não concorda com a expressão proverbial “*Cada qual com seu igual*”, considerada marginalmente relevante. Podemos verificar o ato interpretativo de RP no exemplo a seguir que comentou que a expressão é tudo “lorota”, significando não ter nenhum sentido real. RP ao ser questionada pela pesquisadora EV, por que se trata de “lorota”, continua afirmando que na sua opinião a expressão não traz nenhum entendimento sobre algo. Veja o dado de RP abaixo:

(RP)

EV <tá/ sei/ entendi então> <e esse outro aqui o que quer dizer esse  
aqui CADA QUAL COM SEU IGUAL//  
RP ah pra mim isso é tudo lorota  
EV é lorota/ porque//  
RP porque pra mim é tudo lorota/ ah num sei responder esse  
EV mas a senhora já ouviu falar nesse//  
RP é já/ mas não sei se:

Nos enunciados de RP podemos verificar que a negação metalinguística da veracidade do sentido do provérbio é uma estratégia metadiscursiva que indica a não adesão ao sentido, embora o sujeito tenha entendido o jogo metafórico do formulaico. De acordo com KOCH (2003) as estratégias metadiscursivas são descritas como metaformativas, que têm o objetivo de reflexão

sobre a adequação dos termos empregados, as correções e as repetições feitas pelo interlocutor; têm-se as estratégias modalizadoras ou metapragmáticas, que indicam adesão do sujeito com relação ao discurso, as atenuações, etc.. e as estratégias metaenunciativas, em que os sujeitos refletem sobre seu dizer, num grau máximo de reflexividade. No final da interação, RP afirma conhecer a expressão, porém responde não saber expressando certa dúvida.

Vejamos outro exemplo de discordância do sentido veiculado pelo provérbio na interpretação de NB frente ao provérbio “*Amor com amor se paga*”

(NB)

EV <e amor com amor se paga// o que que quer dizer esse provérbio//>  
NB é **eu acho** meio hipócrita né/ amor com amor se paga dá sentido o seguinte você né/ vai retribuir amor com amor né/ e quando não tiver amor num paga/ entendeu//  
EV aí num paga com amor também né//  
NB é entendeu **eu acho** um pouco de hipocrisia isso daí  
EV vai depender de cada um né/  
NB é tipo assim (.) eu pago conforme a moeda né/ eu acho que não\ amor paga com qualquer coisa é um desafio  
EV ou então outras situações paga com amor também né//  
NB exatamente é um desafio\ porque pagar amor com amor é fácil, o duro é pagar ((risos)) uma desavença com amor (.) isso é difícil ((risos))

No dado, podemos verificar que NB discorda do sentido veiculado pelo provérbio convencionalizado na memória coletiva que significa gratidão, retribuição, reciprocidade, um compartilhar de trocas, de prática do bem, por meio do domínio amor que é a propriedade semântica da expressão. O sujeito NB produz uma modalidade epistêmica - **eu acho** - que tem o caráter de possibilidade do provérbio veicular um sentido moral, que para ele não tem sentido na realidade. Para NB o sentido de compartilhar uma troca é definido de outra forma e que se trata de um desafio, isto é, depende das condições de verdade de cada indivíduo, do contexto histórico-cultural, da experiência individual aceitar o sentido da expressão. NB explica que a experiência individual com relação a receber ou compartilhar uma troca é que define como a pessoa irá pagar a ação recebida, se com amor ou não. Por isso se trata de um desafio. Portanto, dependerá das experiências, do pensamento e razão de cada pessoa. Seus enunciados dizem respeito ao funcionamento social dos indivíduos. NB encerra o diálogo reforçando seus

argumentos produzindo um articulador de relações lógico-semânticas de causalidade – **porque** – para explicar que o desafio que é usar este provérbio, evocando - **pagar amor com amor é fácil, o duro é pagar ((risos)) uma desavença com amor (.) isso é difícil ((risos))**

Este dado mostra como a metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, uma vez que consiste em experienciar uma coisa em termos de outra. A metáfora não é uma questão apenas de linguagem, mas de pensamento e razão como afirma LAKOFF & JOHNSON (2002, p.25).

A partir da descrição e discussão dos dados relativos às interpretações e manipulações linguístico-discursivas dos provérbios **mais** e **menos** metafóricos feitas pelos sujeitos do grupo não-Alzheimer é possível observar que os desempenhos marginalmente relevantes aos sentidos dos provérbios e ao uso contextual foram basicamente feitos pelos mesmos sujeitos. Neste caso, se destacam os sujeitos FC e NB frente aos mesmos provérbios, tanto no procedimento 1, quanto no procedimento 2. Percebe-se que poucos provérbios não tiveram seus sentidos reconhecidos pelos sujeitos. Apenas três (3) provérbios, sendo um (2) **mais** metafórico e (1) **menos** metafórico. Os sentidos de três (3) provérbios **menos** metafóricos não foram aceitos por três (3) sujeitos.

No *corpus* dos sujeitos não-Alzheimer foi possível identificar fenômenos linguístico-cognitivos, tais como repetições, modalizações, hesitações, paráfrases, operadores epilinguísticos e metalinguísticos, como reformulações. Tais fenômenos não indicam alterações linguísticas e cognitivas dos sujeitos não-Alzheimer.

De acordo com a literatura dedicada aos processos conversacionais, as marcas linguísticas e comunicativas encontradas na linguagem de idosos, tais como as repetições e suas várias naturezas e funções, falas parentéticas e, sobretudo, pausas, hesitações, autocorrekções e reformulações de várias ordens, abandono de segmentos, desorganização sintática, sobreposições de vozes, disfluência, digressões, reiteração tópica são comuns, como salienta PRETI (1991, p.49).

De modo geral, além dos fenômenos frequentemente observados nas análises do *corpus* dos sujeitos não-Alzheimer, foram identificados mais ocorrência de citações de provérbios equivalentes nas interpretações dos provérbios **menos** metafóricos. O sujeito LA foi o que apresentou circunlóquios ao interpretar três (3) provérbios **menos** metafóricos.

Entre os enunciados de julgamento social e moral dos que emergiram nas interpretações dos provérbios **mais** e **menos** metafóricos realizadas pelos sujeitos não-Alzheimer, os enunciados

nos quais os sujeitos refletiram sobre suas práticas sociais e relações sociais evocando exemplos de circunstâncias pessoais e coletivas que se aplicam no contexto de uso dos provérbios, seguidos de enunciados que implicam estratégias de enfrentamento para lidar com eventos da vida, tais como engajamento em atividades, metas de vida, aspirações pessoais, senso de crescimento e realização pessoal. Emergiram poucos enunciados que expressavam crenças pessoais.

Os movimentos reflexivos que os sujeitos apresentaram nas interpretações dos sentidos dos provérbios focalizam como se dá a construção discursiva dos sujeitos pela via do conhecimento cultural, cujo acesso e domínio viabiliza as operações linguísticas, metalinguísticas e metacognitivas do indivíduo. KOCH (2005, p. 162) afirma que o conhecimento adquirido pela aprendizagem social, pelas experiências e através das gerações e formam um acervo de modelos culturais, nos quais os indivíduos passam a ter acesso e que são decisivos para a interpretação simbólica, e para a ordenação de nossa relação com o mundo. A autora afirma ainda, que o conhecimento, além de ser uma condição psicológica, é maior de todas as realizações sociais e que cultura pode ser definida como cognição distribuída.

Ao analisar a frequência que emergiram os tipos de movimentos reflexivos nos *corpus* dos sujeitos não-Alzheimer, pudemos verificar que os sujeitos EA e LA foram os que mais apresentaram interpretações dos provérbios *mais* metafóricos e *menos* metafóricos com enunciados de práticas sociais e contextos da experiência de vida pessoal. Os sujeitos FC e ML foram os que interpretaram os provérbios *mais* metafóricos e *menos* metafóricos fazendo julgamentos dos sentidos dos provérbios com enunciados de estratégias de enfrentamento para lidar com eventos da vida. Quanto à ocorrência de enunciados no *corpus* dos sujeitos não-Alzheimer que se referem às crenças pessoais, os sujeitos NB e PA foram os que explicitaram os sentidos de três (3) provérbios com reflexões baseadas nas suas crenças pessoais.

Este tratamento exploratório com os dados do grupo controle foi um trabalho pré-experimental da aplicação do Protocolo que permitiu uma análise crítica das expressões que compunham o Protocolo de estudo. De acordo com as observações da frequência das interpretações marginalmente relevantes e irrelevantes, bem como o não conhecimento do provérbio e as análises da produção dos sujeitos, foram feitas substituições de alguns provérbios, como já foi explicitado no capítulo do método desta pesquisa. Os provérbios do Protocolo utilizado com o grupo controle foram substituídos porque não tiveram seus sentidos reconhecidos conforme os pressupostos culturais a eles veiculados. Desta forma, para o Protocolo definitivo a

ser utilizado com os sujeitos com DA, estas expressões menos conhecidas e interpretadas de modo marginalmente relevantes e até irrelevantes foram substituídas por outros provérbios.



#### **4.3. RESULTADOS DOS DADOS OBTIDOS COM OS SUJEITOS COM DOENÇA DE ALZHEIMER FRENTE AO PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS *MAIS* E *MENOS* METAFÓRICOS NOS PROCEDIMENTOS 1 e 2.**

Neste item são apresentados os dados relativos aos desempenhos dos sujeitos com Doença de Alzheimer (DA) frente ao protocolo de provérbios *mais* e *menos* metafóricos, nos procedimentos 1 e 2, ou seja, quanto à explicitação do sentido e a manipulação enunciativo-discursiva dos provérbios. Os dados deste grupo relativos aos dois procedimentos de estudo estão distribuídos nas tabelas 8 e 9, nas quais se observam as ocorrências das interpretações analisadas como centralmente relevantes, marginalmente relevantes, irrelevantes, literais e quais provérbios os sujeitos não reconheceram e quais os sujeitos discordaram do sentido veiculado nos provérbios.

Os dados dos sujeitos com DA são exemplificados e discutidos a seguir de acordo com as categorias de análises. Também são apresentadas as discussões dos fenômenos linguísticos esperados, isto é, considerados comuns em contextos de interação e os considerados típicos dos processos de alterações linguísticas e cognitivas no processo demencial da DA, tais como pausas prolongadas, hesitações, repetições, circunlóquios, digressões, modalizações, bem como os lapsos de memória identificados na interação.

Foi também realizado um levantamento dos tipos de enunciados ou modelos de conhecimentos que emergiram no *corpus* dos sujeitos com DA, ao interpretaram e explicitarem as situações de uso dos provérbios, frente aos provérbios *mais* e *menos* metafóricos, que dizem respeito aos enunciados sobre um comportamento social, isto é, sobre as práticas sociais, que veiculam opiniões sobre circunstâncias pessoais e coletivas de uso do provérbio, por vezes remetendo a uma experiência de vida pessoal; enunciados também que mencionam estratégias de enfrentamento para lidar com eventos da vida, como atitudes, metas pessoais, tomadas de decisões e enunciados baseados em crenças pessoais.

A tabela 8 mostra a distribuição dos resultados referentes às interpretações dos sujeitos com Doença de Alzheimer (DA) frente aos provérbios *mais* e *menos* metafóricos relativas ao procedimento 1 do protocolo de estudo. E na tabela 9 constam os resultados referentes às manipulações enunciativo-discursivas dos sujeitos com DA, isto é, relativas ao Procedimento 2. Vejamos a seguir as duas tabelas com a amostragem dos dados.

**Tabela 8 – Resultados das interpretações dos sujeitos com DA obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos – Procedimento 1.**

| Provérbios <u>mais</u> metafóricos               | Sujeitos |         |         |         |         |         |         |         |         |          |
|--------------------------------------------------|----------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|
|                                                  | 1<br>AM  | 2<br>MR | 3<br>MM | 4<br>RV | 5<br>JG | 6<br>MJ | 7<br>AK | 8<br>GM | 9<br>DB | 10<br>WX |
| Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. | CR       | N       | CR      | CRE     | I       | N       | N       | CR      | L/D     | CR       |
| Águas passadas não movem moinhos.                | CR       | MR      | CR      | CRE     | MR      | CR      | CRE     | CR      | L       | L        |
| Quem semeia vento colhe tempestade.              | CR       | CR      | CR      | CRE     | CR      | CR      | CRE     | CR      | CRE     | CRE      |
| Não dê o passo maior que a perna.                | CRE      | CRE     | CRE     | CRE     | CR/D    | CRE     | CRE     | CRE     | L       | CRE      |
| Caiu na rede é peixe.                            | CR       | CR      | MR      | I       | I       | N       | CRE     | L       | L       | CR       |
| Casa de ferreiro espeto de pau.                  | L/D      | CRE     | CRE     | N       | CR      | CRE     | CR      | CR      | I       | CRE      |
| Depois da tempestade vem a bonança.              | L        | CR      | CR      | CRE     | N       | CRE     | CR      | CR      | MR      | CRE/D    |
| Em boca fechada não entra mosca.                 | CRE      | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | L       | CR       |
| Não adianta chorar sobre o leite derramado       | CRE      | CR      | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CRE     | CRE     | L       | L /AI    |
| Filho de peixe, peixinho é.                      | CR       | MR/D    | CRE     | CRE     | CR      | CR      | CRE     | CR      | CRE     | CRE      |
| <b>Total dos CR (%)</b>                          | 70       | 70      | 90      | 80      | 60      | 80      | 90      | 90      | 20      | 80       |
| Provérbios <u>menos</u> metafóricos              |          |         |         |         |         |         |         |         |         |          |
| A esperança é a última que morre.                | CR       | MR      | CR      | CRE     | N       | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE      |
| Melhor prevenir que remediar.                    | CR       | I       | CRE     | CRE     | MRE     | MR      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE      |
| A pressa é inimiga da perfeição.                 | CRE      | CRE     | L       | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CRE      |
| A união faz a força.                             | CRE      | CR      | CRE     | CR      | CR      | CR/AI   | CR      | CR      | CRE     | CRE      |
| Amor com amor se paga.                           | CRE      | MR      | CRE     | I       | MR      | N       | CRE     | CRE     | L       | CRE      |
| Antes pouco do que nada.                         | CRE      | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CR      | L       | CRE      |
| As aparências enganam.                           | CR       | CR      | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | CR      | CRE     | CRE     | CRE      |
| O segredo é a alma do negócio.                   | CRE      | CR      | CR      | CR      | CRE     | CR/AI   | NE      | CR      | CR      | CRE      |
| Cara de um focinho de outro.                     | CR       | CR      | CR      | CR      | N       | CRE/AI  | CR      | CR      | CR      | CRE      |
| Devagar se vai ao longe.                         | CR       | CR      | CRE     | CRE     | CRE     | L       | CRAI    | CR      | MR      | I        |
| <b>Total dos CR (%)</b>                          | 100      | 80      | 90      | 90      | 60      | 70      | 80      | 100     | 70      | 90       |

**Legenda:**

CR Centralmente relevantes.

CRE Centralmente relevante com exemplo.

MR Marginalmente relevantes.

MRE Marginalmente relevante com exemplo.

I Irrelevantes.

L Sentido literal.

NE Não conhece, mas tenta explicar.

AI Recebe ajuda da interlocutora.

N Não conhece.

D Discorda do sentido veiculado no provérbio.

NS Não sabe (respostas “não sei”).

**Tabela 9 – Resultados das manipulações enunciativo-discursivas dos sujeitos com DA obtidos frente ao Protocolo de provérbios mais e menos metafóricos - Procedimento 2.**

| Provérbios <u>mais</u> metafóricos                                                                                                                                                                                                                                                                     | Sujeitos |         |         |         |         |          |         |         |         |          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|---------|---------|---------|---------|----------|---------|---------|---------|----------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1<br>AM  | 2<br>MR | 3<br>MM | 4<br>RV | 5<br>JG | 6<br>MJ  | 7<br>AK | 8<br>GM | 9<br>DB | 10<br>WX |
| Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.                                                                                                                                                                                                                                                       | CR       | N       | CR      | CR      | NS      | NS       | NS      | MR      | D/NM    | CR       |
| Águas passadas não movem moinhos.                                                                                                                                                                                                                                                                      | CR       | MR      | NM      | CR      | NS      | CR       | MR      | CR      | NS      | CR       |
| Quem semeia vento colhe tempestade.                                                                                                                                                                                                                                                                    | MR       | MR/AI   | CR      | CR      | NS      | NS       | CR      | CR      | CR      | CR       |
| Não dê o passo maior que a perna.                                                                                                                                                                                                                                                                      | CR       | CR      | CR      | CR      | MR/AI   | CR       | CR      | MR      | L       | CR       |
| Caiu na rede é peixe.                                                                                                                                                                                                                                                                                  | CR       | MR      | MR      | MR      | I       | NS       | CR      | CR      | L       | CR       |
| Casa de ferreiro espeto de pau.                                                                                                                                                                                                                                                                        | NSL      | CR      | CR      | NS      | CR      | CR       | CR      | CR      | L       | CR       |
| Depois da tempestade vem a bonança.                                                                                                                                                                                                                                                                    | L        | MR      | CR      | CR      | N       | CR       | CR      | CR      | MR      | CR       |
| Em boca fechada não entra mosca.                                                                                                                                                                                                                                                                       | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | NM      | MR       |
| Não adianta chorar sobre o leite derramado                                                                                                                                                                                                                                                             | CR       | MR      | CR      | CR      | NM/AI   | L        | CR      | CR      | L       | L        |
| Filho de peixe, peixinho é.                                                                                                                                                                                                                                                                            | CR       | MR/AI   | CR      | CR/AI   | CR/AI   | MRN<br>S | CR      | CR      | CR      | CR       |
| <b>Total dos CR (%)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                | 70       | 30      | 90      | 80      | 30      | 50       | 80      | 80      | 20      | 80       |
| Provérbios <u>menos</u> metafóricos                                                                                                                                                                                                                                                                    |          |         |         |         |         |          |         |         |         |          |
| A esperança é a última que morre.                                                                                                                                                                                                                                                                      | CR       | MR      | NM      | CR      | MR      | NS       | CR      | CRAI    | MR      | CR       |
| Melhor prevenir que remediar.                                                                                                                                                                                                                                                                          | CR       | I / AI  | CR      | CR      | NS      | CR       | CR      | CR      | CR/AI   | CR       |
| A pressa é inimiga da perfeição.                                                                                                                                                                                                                                                                       | CR       | CR      | MR      | CR      | CR      | CR       | NS      | CR      | CR      | CR       |
| A união faz a força.                                                                                                                                                                                                                                                                                   | CR       | CR/AI   | CR      | MR      | MR      | MR<br>AI | CR      | CR      | CR      | CR       |
| Amor com amor se paga.                                                                                                                                                                                                                                                                                 | CR       | MR      | CR      | NM      | MR      | NS       | CR      | CR      | NM      | CR       |
| Antes pouco do que nada.                                                                                                                                                                                                                                                                               | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | MR      | MR       |
| As aparências enganam.                                                                                                                                                                                                                                                                                 | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | CR       | CR      | CR      | CR      | CR       |
| O segredo é a alma do negócio.                                                                                                                                                                                                                                                                         | CR       | MR      | CR      | CRA     | CR      | NM       | MR/AI   | CR/AI   | CR      | CR       |
| Cara de um focinho de outro.                                                                                                                                                                                                                                                                           | CR       | CR      | CR      | CRA     | N       | CR       | MR/AI   | NM      | NM      | CR       |
| Devagar se vai ao longe.                                                                                                                                                                                                                                                                               | CR       | CR      | CR      | CR      | CR      | L        | CR/AI   | CR/AI   | NM/AI   | I        |
| <b>Total dos CR (%)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                | 100      | 60      | 80      | 80      | 50      | 50       | 70      | 90      | 50      | 80       |
| <b>Legenda:</b><br>CR Centralmente relevantes.<br>MR Marginalmente relevantes.<br>NM Não manipulou.<br>I Irrelevantes.<br>L Sentido literal.<br>N Não conhece o provérbio.<br>AI Recebe ajuda da interlocutora.<br>D Discorda do sentido veiculado no provérbio.<br>NS Não sabe (“respostas não sei”). |          |         |         |         |         |          |         |         |         |          |

#### 4.3.1. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios *mais* metafóricos – procedimentos 1 e 2.

Na tabela 8, podemos verificar que a maioria dos sujeitos com DA apresentaram interpretações de modo centralmente relevante frente aos provérbios *mais* metafóricos. Apenas o sujeito DB, que apresentou somente 20% de interpretações consideradas centralmente relevantes. Quatro (4) sujeitos, MR, MM, JG e DB apresentaram interpretações de modo centralmente relevantes. Três sujeitos, RV, JG e DB explicitaram o sentido de maneira irrelevante. O provérbio “*Caiu na rede é peixe*” foi interpretado de maneira irrelevante por dois (2) sujeitos, RV e JG.

O sujeito AM produziu três (3) interpretações tidas como literais; o sujeito GM teve desempenho literal ao explicitar o sentido do provérbio “*Caiu na rede é peixe*”; o sujeito DB foi o que mais apresentou interpretações de modo literal em seis (6) provérbios e o sujeito WX que também interpretou dois (2) provérbios de modo literal.

Os provérbios mais metafóricos “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*” e “*Caiu na rede é peixe*” não foram reconhecidos por MJ. A expressão “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*” não foi reconhecido também por MR e AK. O sujeito AM afirmou não conhecer o provérbio “*Casa de ferreiro espeto de pau*”, porém mostrou tentativas metalinguísticas de interpretação do sentido.

No que diz respeito a discordância do sentido veiculado no provérbio, houve enunciações de discordância de sentido de dois (2) provérbios mais metafóricos por dois (2) sujeitos que interpretaram de modo literal, foi a expressão “*Casa de ferreiro, espeto de pau*” interpretado por AM e “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*” interpretado por DB. Também houve discordância do sentido veiculado no provérbio “*Não dê o passo maior que a perna*” por parte de JG e no provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*” interpretado pelo sujeito WX. Com relação a tais enunciações, são discutidos os argumentos produzidos por esses sujeitos.

Com relação ao procedimento 2, também houve uma maior porcentagem de manipulações enunciativo-discursivas de modo centralmente relevantes. Apenas três (3) sujeitos apresentaram uma porcentagem menor de manipulações centralmente relevantes. Pudemos perceber uma maior solicitação de ajuda do interlocutor por parte dos sujeitos com DA frente a este procedimento.

Também houve uma maior ocorrência de manipulações tidas como marginalmente relevantes. O sujeito MR foi o que mais apresentou manipulação enunciativo-discursiva de modo marginalmente relevante frente aos provérbios mais metafóricos como podemos observar na tabela 9. Somente o sujeito JG apresentou manipulação tida como irrelevante.

Foi possível observar que houve uma maior ocorrência de não manipulação dos provérbios pelos sujeitos com Doença de Alzheimer (DA) e de respostas não reconhece o provérbio e não sabe interpretar em comparação com os desempenhos dos sujeitos não-Alzheimer discutidos anteriormente, que apenas o sujeito DV não manipulou o provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*”.

Conforme se observa na tabela 9, o sujeito MR não manipulou o provérbio “*Águas passadas não movem moinhos*” porque não reconheceu a expressão; o sujeito JG não manipulou o provérbio “*Não adianta chorar sobre o leite derramado*” e necessitou de ajuda da interlocutora; DB não manipulou os provérbios “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*”, além de não aceitar o sentido veiculado neste provérbio e não manipulou a expressão “*Em boca fechada não entra mosca*”.

Vejamos a seguir as discussões referentes às interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios *mais* metafóricos feitas pelos sujeitos com DA, relativos ao procedimento 1 (explicitação do sentido) e ao procedimento 2 (manipulação enunciativa do uso do provérbio) do protocolo de estudo.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos consideradas centralmente relevantes.**

Entre as interpretações e manipulações analisadas como centralmente relevantes frente aos provérbios mais metafóricos, tomamos como exemplo o dado do sujeito AM frente ao provérbio “*Não dê o passo maior que a perna*”. Veja o dado abaixo:

(AM)

|    |                                                                                                                                     |
|----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| EV | e quando a gente fala assim\ esse outro aqui\ não dê o passo maior que a perna\ o que quer dizer isso//                             |
| AM | eu\ (.) pra mim é de acordo com o que eu posso                                                                                      |
| EV | hum/                                                                                                                                |
| AM | uma compra\ tem pessoas às vezes vai\ comprar uma grande quantidade\ se compromete na hora não pode pagar\ isso pra mim não faz\ eu |

compro uma coisa\ sempre procurei pagar à vista\ não é por orgulho não\ comprei paguei\ nunca fiz conta\ tem pessoa que compram viu/ tudo o que ve\ comprou viu/ tem oportunidade e compra em tudo em que lugar/ então/ isso pra mim é como é que você falou// da perna// *((faz gesto com as duas mãos na mesa - Imagem 6))*

EV não dê o passo maior que a perna

AM é/ não dê o passo maior que a perna/ porque não alcança depois/

EV é::/ fazer o que pode né/

AM é::/ conta/ eu sempre fui vendedora você entende\

EV tem gente que gasta mais do que pode

AM sempre fui vendedora

EV hum

AM e as senhoras que [compravam

EV [ah::]

AM tinha gente que comprava à vista sabe// coisas do Paraguai//

EV sei

AM depois tinha que pagar tudo/ tinha lucro\ agora as freguesas boas que queria compra/ comprava e pagava tudo/ tinha outros que compravam tudo e num pagava\

EV devia depois né// ficava devendo//

AM não alcança porque comprou\ porque num passa/ aí não podia passar na porta\ aí compro dessa/ daquela outra/ você ninguém\

EV é aí vai ficar devendo

AM é: isso pra mim é dar o passo maior que a perna

EV é\

AM é porque até hoje eu sei o pagamento\ vou receber 30 meses depois se tem problema de saúde amanhã e depois do céu não vem/

EV é aí né/ fica devendo/

AM não é dá o passo comprido// maior que a perna//

EV é isso é: é: dar o passo maior que a perna

AM [o mês tem 30 dias]

EV [ela não faz o que ela pode né\ ela quer fazer mais do que tá ao alcance dela né//

AM você conhece o datena// o repórter//

EV ah::

AM aquele explica tudo com aquele bocão dele\ ele fala enxergo né ninguém mais enxerga

EV ah *((risos))*

AM            é não dou o passo maior que a perna\ eu não dei não\ faço o que eu  
              posso\ pago e pronto

No *corpus* analisado referente à interpretação e manipulação do sentido do provérbio “*Não dê o passo maior que a perna*” de modo centralmente relevante realizado pela Sra. AM, podemos observar que ela construiu o sentido do provérbio realizando inferências relevantes e explicitou uma situação da vida real na qual se aplica a expressão proverbial com estratégias formulativas sobre um evento da vida prática que ela já vivenciou, se referindo às pessoas que eram suas clientes e que não pagavam o que compravam quando ela vendia produtos importados. As enunciações de AM dizem respeito à sua experiência autobiográfica, armazenados na memória episódica. Para LEIBING (2001, p. 78) a experiência autobiográfica está circunscrita na memória coletiva. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas, e poderíamos compreendê-la como uma soma de memórias individuais. Essa memória vivida relatada pelo sujeito ao construir o sentido do provérbio é fruto de uma agir intersubjetivo uma determinada realidade.

MARCUSCHI (2005, p. 52, 53) afirma que é um tanto simplista dizer que a verdade é uma relação entre mundo e o que dizemos sobre ele. Para o autor, “as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros, a maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sócio-cognitiva no mundo em que vivemos”.

No dado acima também pudemos encontrar lapsos de memória recente que se revelou no contexto comunicativo, durante a enunciação do provérbio e AM solicita ao interlocutor que fale novamente o provérbio, AM lembra uma parte da estrutura do provérbio quando diz: no decorrer da interação - **isso pra mim é como é que você falou// da perna//**.

Para PARENTE (2007, p.144) os déficits de memória episódica dependem da memória semântica e o esquecimento da informação episódica na fase inicial da doença de Alzheimer pode estar relacionado aos recursos atencionais, podendo refletir uma dificuldade de armazenamento, mais do que um problema de recuperação.

Na sequência da interação, AM faz um comentário sobre um apresentador de um programa de televisão não mantendo o tópico discursivo, mas logo em seguida retoma a assunto enunciando a estrutura do provérbio. Também é possível observar a ocorrência de repetições contíguas que operam no nível discursivo. As repetições contíguas, neste caso, têm um papel de

organizar a atividade da linguagem, de fazer retomada do assunto no turno subsequente e dando continuidade no discurso, exerce um papel de reativação da memória.

Com relação ao procedimento 2, percebe-se que AM faz um fechamento do turno com explicação do uso do provérbio, tomando como exemplo seu modo pessoal de agir com relação a realizar uma compra e pagá-la.

Segundo PRETI (1991, p. 36), na fala dos idosos é frequente as narrativas pessoais, devido a experiência acumulada ao longo da vida. Para o autor, a melhor qualidade nas histórias dos idosos está no fato dos tópicos serem guiados pelo interesse pessoal dos idosos, talvez mais do que pelo interesse de seu interlocutor. Suas narrativas possuem um certo grau de originalidade. Segundo o autor, quanto mais os fatos se apresentam como inusitados, tanto maior a atenção do ouvinte do discurso narrativo. Essa característica dos fatos é, de certa forma, uma condição que favorece sua ativação na memória episódica, mais preservada em idosos do que a memória de trabalho.

Outro dado considerado como centralmente relevante a ser exemplificado, diz respeito à interação do sujeito RV ao interpretar e manipular o provérbio “*Águas mole em pedra dura tanto bate até que fura*”, vejamos o *corpus* abaixo:

(RV)

EV        então dona RV é o seguinte\ eu vou falar pra senhora\ alguns ditos  
            populares\ algumas frases assim que a gente fala no nosso dia-a-dia  
i:: i:: eu queria que a senhora me dissesse é: como- o que que  
            significa essa frase// o que quer dizer\ por exemplo quando a gente  
            fala assim\ água mole em pedra dura tanto bate até que fura\ o que\  
            que\ quer dizer isso//  
RV        (0.1) é deixa eu pensar  
EV        isso\  
RV        (0.1) é quando uma pessoa ah ah é vamu supor assim\ (.) fica  
            **falando\ falando\ falando\ falando\ falando/** ((faz gestos com a mão  
            para o lado direito no ar - imagem 1))  
EV        <hum/>  
RV        i: todo dia tem que falar aquela coisa  
EV        ah tá/ então aí/ persistir né/  
RV        é/  
EV        fica repetindo fica persistindo até consegui/



RV i: vamu supor assim:: doutora\ (0.1)é: quem dirigiu a cabeça muito  
tem::po\ ((aponta a cabeça com o dedo indicador direito - imagem 2))  
-----→ cuidou da casa\ cuidou dos filhos\ não  
deixou passar fo::me\ não deixou andar su::jo\  
EV <hum/ hum/>  
RV isso já é uma grande coisa  
EV <hum//>  
RV né/ **agora** tão grande\ agora hum lavo roupa\ dá pra passar dá pra  
passar\ apesar que meu filho ajuda tamém já/ já/ (.) vamu supor  
assim ele pode lava e passar ((faz gesto com a mão direita na mesa -  
imagem 3)) -----→ a roupa dele ele ajuda no nosso  
encontro né/ e mesmo **minha filha\ minha filha** que cuida é ela que  
criou\  
EV ah é//  
RV ruim demais  
EV tá  
RV ela perturba muito  
EV é// ela fala muito// ela fala demais//  
RV ((balança a cabeça concordando - imagem 4))  
EV e aí ela persisti naquilo que ela quer falar// no que ela quer né//  
RV é  
EV então\ água mole em pedra dura\ tanto bate até que fura\ até que ela  
consegue\ é isso//  
RV **é é aquela aquela** frase né que os que os antigos fala né/  
EV é então essa seria uma situação né que a gente usaria//  
RV se ela cuidasse da vida dela e deixasse\ eu como sempre cuidei da  
casa  
EV hum/  
RV seria uma maravilha  
EV é né/  
RV é:  
EV tá/ mas aí ela quer orientar a senhora né//  
RV é:  
EV quer mandar né//  
RV é/

No exemplo acima, podemos observar que RV constrói e manipula o sentido veiculado no provérbio, que diz respeito ao símbolo da persistência. É possível observar que MM no início do turno apresenta uma pausa para planejar seu discurso e faz uma autorrepetição para poder pensar para responder. Desta forma, a repetição pode ser vista como um recurso e como capacidade linguístico-cognitiva e ainda como uma característica de certas especificidades da linguagem na DA.

O sujeito RV explica com exemplo da sua experiência pessoal de relacionamento com a filha, declarando que a pessoa fica *falando\ falando\ falando\ falando\ falando/* para qualificar a ação de persistir acompanhando de gestos incorporados à linguagem oral. As repetições próximas, neste caso, têm a função de expandir o discurso e dar ênfase ao sentido. Do ponto de vista linguístico-interacional, a repetição presente nas interações em língua falada é parte importante do próprio texto que se está elaborando (TAGLIAFERRE, 2010, p. 150). Desta forma, a repetição faz parte do processamento e da produção realizada em tempo real. O contexto de interação, em particular, o contexto de responder a um protocolo de pesquisa, pode deixar o sujeito mais propenso a produzir repetições, paráfrases, hesitações, correções, que se tratam de recursos linguístico-pragmáticos que têm a finalidade de distribuir a informação e de reformulação textual.

RV também produz com certa frequência repetições hesitativas no momento do planejamento da fala, que se revela como estratégia de construção do discurso, como mostra o turno de fala de RV no qual procura explicar seu ponto de vista para a pesquisadora: *i: vamu supor assim:: doutora\ (0.1)é::* fazendo uma formulação de suposição para explicar uma situação de uso do provérbio.

Contudo, as hesitações e pausas nas explicações de RV não causam descontinuidade no discurso, como se pode observar no *corpus*. Segundo JUBRAN (2006, p.34), a hesitação é um “fenômeno intrínseco da oralidade”, que não se constituem propriamente como estratégias de formulação textual, e sim como atividade do processamento *online*. MARCUSCHI (2006, p.66) indica que a hesitação se materializa por pausas (preenchidas ou não), alongamentos, fragmentos lexicais e marcadores discursivos hesitativos quase sempre alongados e preenchedores de pausas. Estes fenômenos são identificados na interação de RV.

Na sequência da interação RV introduz um comentário relativo à vida pessoal, sobre a criação dos filhos, exemplificando que a filha perturba de tanto falar, insistir. EV precisou colaborar na interação com inserções para RV dar continuidade nas explicações.

Nesta interação de RV podemos observar a atividade metalinguística do sujeito. Para DUCROT & TODOROV (1988 *apud* MORATO, 2005, p. 250) a metalinguagem está integrada à enunciação, a qual a habilidade de falar a língua está vinculada diretamente à capacidade de falar sobre ela.

Este dado reforça as explicações de PRETI (1999, p.105) segundo o qual ao dizer que as representações contidas no discurso não são somente de natureza objetiva, mas podem referir-se à subjetividade dos falantes. Relatos e interpretações subjetivas dependem de fatores contextuais, de motivações pessoais, de interesses e de eventos sociais que determinarão quais significados devem receber mais atenção. A narração não se limita a expressar conteúdos memorizados, ideias e a transmitir informações, mas também é o eco da imaginação e da sensibilidade. A expressividade é a capacidade de o sujeito manifestar suas emoções e de despertar sentimentos análogos nos interlocutores (PRETI, 1999, p. 105).

KOCH & LIMA (2006) ressaltam que os limites entre os conhecimentos linguísticos e os conhecimentos de mundo em geral não se encontram facilmente delimitados. A atividade de interpretação ultrapassa, e muito, a imanência do código: para que ela se construa, é necessária a mobilização e a transformação de vários tipos de conhecimentos.

Os sujeitos (GM) e (DB) foram os que mais se ancoraram semanticamente na estrutura do provérbio para a construção do sentido ao interpretarem as expressões mais metafóricas.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos consideradas marginalmente relevantes.**

Com relação às interpretações consideradas marginalmente relevantes dos provérbios mais metafóricos, podemos observar na tabela 8 os desempenhos dos sujeitos MR, MM, JG e DB foram os que construíram o sentido dos provérbios de modo marginalmente relevante. O sujeito MR interpretou dois (2) provérbios de modo marginalmente relevante: “*Águas passadas não movem moinhos*” e “*Filho de peixe, peixinho é*”.

Podemos, no entanto, analisar o dado de MR frente ao provérbio “*Águas passadas não movem moinhos*” com relação ao procedimento 1 e 2 do protocolo. Vejamos o dado abaixo:

(MR)

EV      tá/ e esse outro quando a gente fala assim águas passadas não movem moinhos//

MR      **(0.8)** é deixa pra lá né/ o que passou passou\ é isso/

EV      é pode ser né em que situação do dia-a-dia assim situação do dia que a gente poderia falar essa frase\ essa expressão

MR      um dia assim que a gente tá **meia** agitada né

EV      agitada/

MR      **meia nervosa**

EV      meio nervosa/ tá/ (1.0) e:: ou falando do passado né//

MR      é::/

EV      então fala de estar remoendo as coisas do passado né/ por isso que fala águas passadas não movem moinhos não adianta ficar lembrando as coisas que já passou não é/

MR      é::/

No dado de MR, podemos observar que o sujeito interpreta o sentido do provérbio se referindo ao procedimento 1 do protocolo, de modo marginalmente relevante, pois MR não explicita o sentido de irreversibilidade que é veiculado na expressão, que significa um desafio adaptativo às circunstâncias do dia-a-dia, dos eventos vividos e que não é possível reparar qualquer coisa que tenha acontecido. Quanto ao procedimento 2, MR não manipula o provérbio e relata que pode ser empregado quando a pessoa está nervosa.

Neste dado, também se observam repetições contíguas e hesitativas, e pausas para o planejamento do discurso. É importante esclarecer que a hesitação não pode ser reduzida a uma simples disfunção da fala ou um “defeito” e que ainda que seja um aspecto descontinuador da materialidade textual, não é descontinuador do discurso, da produção de sentidos (MARCUSCHI, 2006, p.66).

Vejamos outro dado do sujeito MM, que interpreta o provérbio “*Caiu na rede é peixe*” de modo marginalmente relevante:

(MM)

EV      <do que pode né/ tá/> <e CAIU na rede é peixe\ o que quer dizer isso//

MM      é: tem gente que acha se acha muito difícil né/ mas se caiu (.) numa enrascada:: cai\ na rede né **como se diz**

EV      ah::\ por exemplo// em que situação daria pra falar esse provérbio//

MM eu acho que tem ~~que- que- que~~ quando quer prejudicar alguém invés de prejudicar alguém é prejudicada né//

No exemplo apresentado, podemos verificar que o sujeito MM não explicita que o sentido veicula uma oportunidade que deverá ser aproveitada. O sentido que MM constrói diz respeito ao fato de uma pessoa cair em uma armadilha ou enrascada, significando ter sido enganada.

Embora a interpretação de MM seja marginalmente relevante pode-se considerar o funcionamento figurado de processos linguísticos e cognitivos envolvidos na construção do sentido, articulando-os a práticas e convenções de uso da linguagem. Segundo MORATO (2010), a metaforicidade não pode ser explicada em termos de mera substituição de significantes, como algo que se realizaria apenas dentro da significação linguística. Sabemos que na interpretação dos provérbios, a inferência exigida está baseada predominantemente na associação de informações contextuais com o conhecimento prévio do indivíduo, que correspondem ao conhecimento de mundo, assim como à sua memória discursiva e a capacidade de memória de trabalho. Portanto, no caso desta interpretação e manipulação de MM, o sujeito não faz um acesso de conhecimento relacionado às oportunidades que devem ser aproveitadas, que é sentido convencional que veicula no provérbio, mas faz menção a um outro conhecimento cultural reconhecido por toda uma comunidade interpretativa que faz parte da memória coletiva: o de cair numa armadilha ou ser ludibriado.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursiva dos provérbios mais metafóricos consideradas irrelevantes.**

Dos atos interpretativos dos sujeitos com DA considerados irrelevantes frente aos provérbios *mais* metafóricos, pudemos identificar as respostas de RV e JG frente ao provérbio “*Caiu na rede é peixe*”. Outro sujeito, JG, também evocou o sentido do provérbio “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*” de maneira irrelevante. O sujeito DB produziu interpretação de modo irrelevante frente ao provérbio “*Casa de ferreiro, espeto de pau*”.

Vejamos como RV interpreta o provérbio “*Caiu na rede é peixe*”.

(RV)

EV isso/ e caiu na rede é peixe//

RV           **(0.1) caiu na rede é peixe é:: (0.1) como é que eu vou responder**  
                  **(0.3)** uma pessoa fez uma coisa assim (.) e se arrependeu//  
 EV           é// num sei o que a senhora acha// caiu na rede é peixe\ em que  
                  situação por exemplo a gente usaria esse provérbio// caiu na rede é  
                  peixe/  
 RV           OLHA **(0.4)** ((fica parada pensando)) ----→ se agente **num-** se caiu é  
                  porque foi procurar né/

No exemplo, observa-se que RV fornece uma interpretação irrelevante, pois não acessa o sentido veiculado no provérbio. Na interação de RV podemos ver que já na abertura do turno RV produz pausas breves para o planejamento verbal, acompanhada de autorrepetição e hesitação. MM fica parada pensando, cuja postura se traduz numa estratégia linguístico-pragmática para formulação de sua resposta. RV autorrepete **como é que eu vou responder**, em seguida o sujeito expande seu turno explicando o sentido do provérbio com enunciados sobre uma ação do indivíduo que gerou uma arrependimento, o que caracteriza a interpretação como sendo irrelevante ao sentido veiculado no provérbio. Neste momento, RV parece apresentar um lapso de memória, mas a pausa preenchida com autorrepetição tem o papel de facilitar a tarefa do ouvinte que é a busca de conhecimentos na memória de longo prazo. Isso significa que o papel da repetição está vinculado ao papel da função comunicativa. A ocorrência desta estratégia linguístico-pragmática, com a autorrepetição, é apontada por RAMOS (1983 *apud* TAGLIAFERRE, 2010, p. 147) como um traço característico do estilo falado, pois “a presença da repetição não está relacionada a nenhuma língua especificamente, mas ao processo de interação linguística, propriamente dita”.

O mesmo ocorre no turno em que RV responde a pergunta da pesquisadora referente ao procedimento 2, produzindo também uma hesitação com truncamento (um corte lexical) e em seguida o sujeito auto repara e reelabora sua produção para então prosseguir sua explicação. Nota-se neste caso, que ocorre uma operação epilinguística nesta interação.

De acordo com MORATO (2005, p. 257) as operações epilinguísticas são vistas como atividades que tomam a linguagem como objeto de reflexão, o qual o sujeito toma suas próprias expressões para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando, tais como os lapsos, repetições, negociações de sentido, hesitações, auto-correções, reelaborações, antecipações, etc.. Estas operações ajudam o sujeito a definir o que é certo e o que é errado na atividade interativa e

discursiva, qual a pronúncia correta a ser utilizada, a construção adequada de sentenças ou a utilização dos recursos linguísticos.

Vejamos também a interação de DB ao interpretar o provérbio “*Casa de ferreiro, espeto de pau*” que no procedimento 1 mostrou interpretação irrelevante e evoca um sentido literal do provérbio no procedimento 2.

(DB)

EV        ah tá/ e casa de ferreiro\ espeto de pau\ o que quer dizer  
             isso//

DB        **é um ditado**

EV        é um ditado// e o que quer dizer esse ditado//

DB        **que tem tudo e não tem nada**

EV        ah tá/ casa de ferreiro espeto de pau

DB        **casa de ferreiro espeto de pau**

EV        hum/

DB        **ele trabalha com ferro e usa espeto de pau**

O sujeito DB reconhece que a expressão é um fenômeno paremiológico ao evocar **é um ditado**, ou seja, que constitui uma unidade mínima de significação, porém DB não reconhece o sentido veiculado na expressão, produzindo um enunciado que não centra no sentido veiculado pelo provérbio. A pesquisadora repete o provérbio “*Casa de ferreiro, espeto de pau*” e DV produz uma repetição responsiva que acaba sendo um ato compensatório para o seu comportamento linguístico, podendo indicar um comportamento de quem apresenta dificuldades na explicitação da fala em situações interativas. Quanto ao procedimento 2, DV manipula o provérbio de maneira literal evocando: **ele trabalha com ferro e usa espeto de pau**.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios mais metafóricos consideradas literais.**

Quanto às interpretações dos provérbios *mais* metafóricos dos sujeitos com DA, referentes ao procedimento 1, pudemos verificar que quatro (4) sujeitos explicitaram de modo literal o sentido veiculado nos provérbios. Os sujeitos AM, GM, DB e WX apresentaram interpretações literais, porém os sujeitos AM e DB foram os que apresentaram maior número de interpretações literais. Vejamos o exemplo da interação de AM frente ao provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*”.

(AM)

EV tá\ e quando a gente fala assim depois da tempestade vem a bonança

AM **sem dúvida**

EV o que quer dizer isso//

AM em situação da vida **eu acho/** pra mim **um vendaval é uma tempestade**

EV tá/

AM uma chuva **muito forte** pra mim preocupa\ um vento **muito forte**

EV tá/ então a gente falaria/ e em qual situação a gente falaria assim esse provérbio//

AM repete de novo

EV depois da tempestade vem a bonança

AM é porque a vida é assim passou o vendaval/

EV <hum/>

AM pára tudo

EV aí pára tudo/ passa//

AM quer dizer aquele vendaval **passou**

EV passou tá/

AM **passou** o vento forte de derrubar a folha\ ((faz gesto com as duas mãos))-----→ então\ isso pra mim é um vendaval/ num é ele [que derruba árvore//

EV [isso\ a tempestade isso\]

AM agora se passou aquele vento todo **acabou**

EV aí fica calmo né//

AM **acabou\** sossegou\

EV tá/

AM é como o sol e da lua\ não é//

EV <hum/>

AM quando o sol vai embora você sabe que o sol vai embora na hora certa\ agora se tiver um dia muito de chuva a gente não enxerga o sol não é isso//

EV i::sso/

AM mas ele tem que ter tempo\ igual a lua não tem as fases da lua// tem/

Na interação de AM, podemos observar que o sujeito concorda com o sentido veiculado no provérbio e já avança na explicação evocando uma situação de prática da vida cotidiana para explicar o sentido da expressão produzindo uma modalização epistêmica de possibilidade **eu**



**acho**, se ancorando semanticamente na estrutura do provérbio. Deste modo, AM prossegue sua explicação argumentando sobre um fenômeno da natureza - **a chuva com vento** – que a preocupa, não produzindo a inferência exigida para a compreensão, acessando desta forma, um sentido do tipo literal.

Na sequência do diálogo, quando a pesquisadora procede com a questão relativa ao procedimento 2, AM solicita ajuda da interlocutora para repetir o provérbio e a pesquisadora incorpora a expressão no diálogo. AM prossegue sua explicação de modo literal, com repetições contíguas com a função de expandir a informação, produzindo em paralelo gestos com as duas mãos para explicar o movimento do vento forte, que assumem também o planejamento da produção da linguagem. AM foi o sujeito que mais produziu gestos incorporados à linguagem oral frente às interpretações dos provérbios. De acordo com VEZALI (2010, p. 254), os gestos, juntamente com a linguagem oral atuam na constituição do pensamento, além de que a gestualidade refletir uma representação imagética mental que é ativada no momento da fala.

AM prossegue sua explicitação do sentido de forma contextualmente não apropriada para o sentido veiculado do provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*”.

No outro exemplo da interação de DB ao interpretar o provérbio “*Não dê o passo maior que a perna*” também podemos observar a interpretação tida como literal, no que se refere ao procedimento 1 e 2. Vejamos o dado abaixo:

(DB)

|    |                                                         |
|----|---------------------------------------------------------|
| EV | vai colher depois né e não dê o passo maior que a perna |
| DB | <b>isso machuca né/</b>                                 |
| EV | ah machuca//                                            |
| DB | tem que dá um <b>passo</b> normal                       |

No dado acima, observa-se que DB acessa informações tidas como literais e interpreta o provérbio com base na decodificação da estrutura da expressão, como podemos ver na última linha do turno de DB ao evocar **tem que dá um passo normal** - e não realizando uma inferência contextual. Para GIORA (2002, p. 487) a visão sobre sentido literal (SL) pode ser substituída por sentido *saliente gradual*. Segundo a autora, os diferentes sentidos estão armazenados de forma diferente em nosso léxico mental e são diferentemente acessados pelos indivíduos. Os sentidos salientes seriam acessados automaticamente e não seriam bloqueados pelos fatores contextuais, mas seu funcionamento está submetido ao efeito do contexto. O

postulado de GIORA (2002, p. 489) não está em decidir o que é SL e o que é SNL, mas sim decidir quando o contexto entra com uma contribuição decisiva, pois não existe nenhum consenso sobre o momento exato que o contexto interfere no acesso ao sentido.

### **Não reconhecimento dos provérbios mais metafóricos.**

Das interpretações nas quais os sujeitos com DA não reconheceram o provérbio, podemos observar na tabela 9 que houve maior ocorrência de respostas de não reconhecimento das expressões e respostas de não saber interpretar o sentido dos provérbios. Os sujeitos MR, RV, JG, MJ, AK e DB foram os que apresentaram estas repostas. Vejamos o dado a seguir em que MR não reconhece a expressão “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*”.

(MR)

- EV            então dona MR fala uma coisa pra mim então o que que significa essa  
PA- essa frase aqui assim oh/ quando a gente fala\ água mole em  
pedra dura tanto bate até que fura o que quer dizer isso//
- MR            (.) °num sei que° (10.0) ((*fica olhando para o papel na mesa*))
- EV            quando a gente fala assim água mole em pedra dura tanto bate até que  
fura\ a senhora conhece esse provérbio// é um dito popular/ uma  
frase assim/ já ouviu falar//
- MR            já ouvi falar mas te explicar/ te **exp-** num sei te explicar é (1.0)  
**tanto bate=**
- EV            não mas a senhora já ouviu falar né//
- MR            já\ eu sei até aí só/

É possível notar que MR ao tentar explicitar o sentido do provérbio produz um sussurro como um falso início da explicação seguido de uma pausa prolongada sem preenchimento, indicando parecer um lapso de memória. Para dar continuidade na interação, a pesquisadora presta socorro ao sujeito que hesita para responder introduzindo novamente o provérbio perguntando - se conhece esse provérbio - e MR concorda, porém não sabe explicar o sentido, produzindo uma hesitação, uma pausa prolongada e uma interrupção caracterizado por corte lexical, sem retomada do assunto no turno, o que pode indicar o não reconhecimento da expressão e a presença de falha de memória.

De acordo com KOCH (2006, p. 50), o corte lexical que ocorre no momento da interrupção pode ocorrer juntamente com a hesitação. Além disso, falsos inícios conjugam a hesitação e a interrupção e são vistos como cortes sintáticos.

Entretanto, é interessante ressaltar que a resposta de MR - **não sei te explicar** - diz respeito a uma competência metacognitiva do sujeito. MR reconhece a forma e som da expressão, mas não compreende dentro de um contexto mais preciso, numa enunciação particular. Esses achados reforçam as explicações de BAKHTIN (1977 *apud* BUSATO, 2001, p.55) dentro da perspectiva social e dialógica, que afirma que a consciência individual é um fato sócio-ideológico, no caso aqui, especificamente, uma expressão proverbial que deve ser devidamente reconhecido para se ter algo de preciso e objetivo sobre ele, o que é essencial em linguagem. Isto é, enquanto a forma linguística for apenas um sinal para o receptor ela não terá nenhum valor linguístico.

Outro exemplo de não reconhecimento está na interação de JG frente ao provérbio “*Depois da tempestade vem a bonança*”. Veja o dado abaixo:

(JG)

- EV        espeto de pau\ tá\ e esse outro aqui ó\ depois da tempestade vem a bonança/ o que quer dizer esse//
- JG        (.) esse aí também nunca ouvi falar não
- EV        não conhece// nunca ouvi falar// depois da tempestade vem a bonança\
- JG        °não°
- EV        é que depois que passa\ algo assim né aí vem o sol\ então passa a tempestade aí vem as coisas boas né/ passaram os problemas\ passaram os problemas aí vem as coisas boas nunca ouviu falar// não//
- JG        é que \ pois é igual que eu falo assim ó/ eu fiquei apagada entendeu/ eu não escuto rádio\ não olho televisão\ assim não saio de casa\ mas eu vou na igreja\ quer dizer que pergunta coisa pra mim eu também não sei\ agora assim de contar\ [as coisas]
- EV        [de conversar//]
- JG        é de contar assim\ explicar\
- EV        tá\
- JG        (2.0) não sei

No dado acima, JG afirma não conhecer o provérbio e a pesquisadora faz uma intervenção para introduzir novamente o provérbio e depois uma explicação do sentido

contribuindo para facilitar o sujeito no acesso ao sentido, mas JG afirma não conhecer e justifica que não sabe explicar porque apresenta falhas de memória. JG produz uma pausa e novamente evoca não saber o provérbio.

### **Discordância do sentido veiculado nos provérbios mais metafóricos.**

Entre as interpretações que foram observadas uma discordância do sentido veiculado nos provérbios mais metafóricos pelos sujeitos com DA, temos as interpretações de AM, MR, JG, DB e WX que podem ser verificadas na tabela 9. Vejamos o exemplo da interação de DB ao interpretar o provérbio “*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*” de modo literal que afirma não concordar com sentido veiculado pelo provérbio e não evoca o uso contextual da expressão.

(DB)

EV        então nós vamos conversar aqui sobre aqueles\ aqueles ditos  
populares que eu falei pro senhor né

DB        **caiu na rede é peixe**

EV        isso eu falei para o senhor e o senhor falou pra mim e esse  
outro aqui água mole em pedra dura tanto bate até que fura//

DB        **[água mole**

EV        [em pedra dura

DB        **tanto bate até que fura]**

EV        isso\ o que que significa isso// o que quer dizer isso//

DB        **é um ditado**

EV        é um ditado

DB        **não existe nada disso ((risos))**

EV        é já ouviu falar

DB        já qui- a:: água bate na pedra e fura\ **isso é conversa mole**  
**não existe**

EV        não existe//

DB        **não**

No dado acima, DB produz uma autorrepetição da expressão proverbial anterior dita pela pesquisadora, em seguida na sequência da conversação DB produz uma repetição responsiva de uma parte da estrutura do provérbio e reconhece que se trata de um fenômeno paremiológico ao evocar - **é um ditado**, porém o sujeito afirma com uma formulação negativa que **não**

**existe nada disso**, acrescentando uma gíria - **isso é conversa mole**. O enunciado de DB revela seu sistema de crenças, pois ele considera o provérbio como um dito popular, mas não adere ao caráter linguístico-pragmático da expressão, ou seja, não acredita numa experiência sócio-discursiva do sentido do provérbio.

Agora veremos a interpretação do sujeito WX que compreende a expressão “*Depois da tempestade vem a bonança*” interpretando-a de modo centralmente relevante e evocando o contexto de uso do provérbio avançando com o exemplo de uma situação real, porém justifica não concordar com a expressão como um dizer verdadeiro, já que o acontecimento real está submetido à uma incerteza. Embora o sujeito não concorde com o sentido do provérbio, sua interpretação é altamente argumentativa. Segue abaixo o dado de WX:

(WX)

EV né/ <depois da tempestade vem a bonança\ o que quer dizer  
isso//>  
WX **(0.3)** é que depois do aperto **(0.3)** vem a bo bonança\ **mas**  
**agora ultimamente não tem**  
EV não//  
WX **não tem tido ((risos))isso não**  
EV não tem tido isso ultimamente//  
WX aquilo que quebraram lá/ pra eles fazerem aquilo lá/ nem a  
turma ajudando\  
EV hum\  
WX **aca-** é um país que já era pequeno/ mas da metade que morreram\  
acabou tudo no país né  
EV ahh o senhor tá querendo dizer lá no Haiti// do terremoto//  
WX exato  
EV ah tá/ então teve a tempestade e não veio a bonança né// nem  
sempre é assim né//  
WX é  
EV que tem a tempestade e vai vir a bonança né// vem a calma né/ nem  
sempre acontece isso  
WX se chovesse pouco aí depois vem a calma

No dado acima, observamos que WX ao iniciar o seu turno com a explicação do sentido do provérbio produz duas pausas breves para o planejamento verbal. Na interpretação de WX, o sujeito mantém preservada sua capacidade metacognitiva, sua função metalinguística, sua

capacidade de reflexividade da língua acessando seus conhecimentos de mundo, informações da memória episódica, no caso aqui sobre o terremoto que aconteceu no Haiti e o sujeito associa com o significado do provérbio. WX argumenta não ter tido isso ultimamente, isto é não ocorre esta prática sócio-discursiva do provérbio de que após um evento negativo volta a calma, explicando a probabilidade que existe do uso da linguagem, que nem todo dizer pode ser admitido ou reconhecido como verídico, como aponta PARRET (1988, p. 76). Assim, o dado de WX ao negar a significação do provérbio no tempo atual, em específico numa situação real de uma tragédia que ocorreu num determinado país, o terremoto no Haiti, garante que todos os jogos de linguagem são flexíveis, constituem verdadeiros mundos de probabilidades de uso da linguagem, uma vez que lidamos com as probabilidades de contextos nos quais podemos usar determinadas expressões para explicar algo ou jogos de linguagem que a mente pode criar. Desta forma, usar a linguagem significa arriscar em vários contextos as enunciações e empregos dos significados.

#### **4.3.2. Análises das interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios *menos* metafóricos – procedimentos 1 e 2.**

Com relação às explicitações e manipulações do sentido dos provérbios *menos* metafóricos dos sujeitos com DA, podemos observar na tabela 8 e 9 que também houve uma maior porcentagem de interpretações centralmente relevantes, tanto no procedimento 1 como no procedimento 2. Houve 50% de explicitações dos sentidos dos provérbios com exemplos de situações de uso quando a pesquisadora solicitou o procedimento 1.

De modo geral, quanto às interpretações tidas como marginalmente relevantes, houve oito (8) interpretações de modo marginalmente relevantes. O sujeito JG foi o que mais interpretou os provérbios menos metafóricos nesta categoria tanto no procedimento 1 e 2.

Podemos observar na Tabela 9, que os provérbios “*A esperança é a última que morre*” / “*A união faz a força*” foram os que tiveram três (3) manipulações de modo centralmente relevante. O primeiro provérbio foi interpretado pelos sujeitos MR, JG e DB. A outra expressão “*A união faz a força*” foi pelos sujeitos RV, JG e MJ.

Houve somente três (3) interpretações e manipulações de forma irrelevantes e quatro (4) explicitações com sentido literais, que foi o provérbio “*A pressa é inimiga da perfeição*” pelo

sujeito MM; o provérbio “*Amor com amor se paga*” e “*Antes pouco do que nada*” pelo sujeito DB e a expressão “*Devagar se vai ao longe*” por MJ.

No procedimento 2, pode-se verificar que quatro (4) provérbios os sujeitos não souberam responder suas formas de uso contextual. E tiveram seis (6) provérbios os quais não houve manipulação enunciativa dos provérbios sem argumentos que justificassem a não manipulação. O sujeito DB não manipulou o provérbio “*Devagar se vai ao longe*” nem com o auxílio da interlocutora.

Vejam os a seguir as interpretações destes dados dos provérbios *menos* metafóricos dos sujeitos com DA.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios menos metafóricos consideradas centralmente relevantes.**

Das interpretações dos provérbios menos metafóricos feitas pelos sujeitos com DA consideradas centralmente relevantes é possível observar na tabela 8 e 9 que também houve maior ocorrência dessas interpretações. Tomemos alguns dados como exemplo dos procedimentos 1 e 2 do protocolo de estudo e os fenômenos identificados. Vejamos o dado de MJ ao interpretar o provérbio “*Cara de um, focinho de outro*” de modo centralmente relevante que explicitou o sentido com exemplo no procedimento 1.

(MJ)

EV tá/ e cara de um focinho de outro o que quer dizer isso//  
MJ como//  
EV cara de um focinho do outro o que quer dizer esse provérbio//  
MJ ((risos))é que os dois é igual às vezes a gente olha uma criança assim e TÃO parecida então a gente fala isso mesmo\  
EV isso né\ cara de um focinho do outro né/  
MJ é ((risos)) ((barulho de telefone))  
EV o filho é parecido com o pai né//  
MJ **h. i::sso**  
EV ou às vezes dois irmãos né/  
MJ **isso isso/**

Nota-se no exemplo acima que MJ faz uma indagação como porque não havia entendido a pergunta da pesquisadora, sendo assim pesquisadora repete o provérbio e MJ constrói o sentido

de similaridade, já fornecendo um exemplo de situação contextual do provérbio relativo ao procedimento 2. No encerramento da interação MJ concorda com a interlocutora produzindo uma hesitação com alongamento - *h. i::sso* - e no turno seguinte produz uma repetição próxima com reposta - *isso isso* - também concordando, o que mostra o conhecimento prévio compartilhado.

Na interação de MJ ao interpretar o provérbio “*Cara de um focinho de outro*”, a linguagem pode ser compreendida como práxis, quando MJ dá o exemplo de olhar para duas pessoas e falar que são iguais e a pesquisadora compartilha esse conhecimento com MJ, isso significa que nossos modelos cognitivos estão ancorados nas experiências cotidianas. A linguagem é, portanto, considerada como um fator central na organização da experiência, ela reflete e institui as nossas formas de vidas compartilhadas, uma espécie de sintonia em nossos critérios que é histórica e culturalmente circunstanciada como aponta MARTINS (2005).

Outro dado que exemplifica uma interpretação centralmente relevante nos provérbios menos metafóricos é a interpretação de AK frente ao provérbio “*A esperança é a última que morre*”. Vejamos o dado abaixo:

(AK)

|    |                                                                                                         |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| EV | tá entendi\ <e a esperança é a última que morre// o que quer dizer isso//>                              |
| AK | é que a gente <b>tem</b> que <b>ter</b> sempre <b>ter</b> que: vontade de de <b>ter</b> alguma coisa né |
| EV | isso [ <b>correr atrás</b> né                                                                           |
| AK | [é/] e a gente nunca fica assim\ esperando caí/                                                         |
| EV | [é/ né/ e a gente tem que <b>correr atrás</b>                                                           |
| AK | [é então a gente tem que <b>correr atrás</b> pra querer                                                 |
| EV | [tem que acreditar/]                                                                                    |
| AK | [pra conquistar aquilo]                                                                                 |
| EV | isso acreditar pra conquistar                                                                           |
| AK | é/                                                                                                      |
| EV | então a esperança é a última que morre né//                                                             |
| AK | é/                                                                                                      |
| EV | tem que ter esperança sempre né                                                                         |
| AK | lógico                                                                                                  |
| EV | que vai conseguir                                                                                       |
| AK | com certeza <b>hum hum</b>                                                                              |



No exemplo acima, é possível observar que AK constrói o sentido veiculado no provérbio que significa ter determinação, coragem, confiança na busca de objetivos, o alcance de metas pessoais na vida.

Do ponto de vista pragmático, a explicação de AK ao evocar o contexto de uso do provérbio se refere ao funcionamento social dos indivíduos para a realização de algo. No argumento de AK é possível observar a ocorrência de modalidade deôntica de obrigação com o verbo **ter** no trecho - **é que a gente tem que ter sempre ter que: vontade de de ter alguma coisa né** - que é repetido contiguamente para distribuir a informação. Na sequência do diálogo AK dá continuidade à explicação do sentido do provérbio com detalhes sobre as metas de vida e a busca por realização produzindo uma repetição incorporativa do trecho **correr atrás**, incorporado pela pesquisadora na interação e AK encerra a conversa concordando com a pesquisadora produzindo um marcador conversacional.

Neste dado podemos observar que os provérbios realmente captam a essência do conhecimento relativo a fatos e a procedimentos e organização da vida como afirmam HARRÉ & GILLET (1999, p.149). Vimos neste dado o papel importante que assume o conhecimento pessoal e coletivo do sujeito, bem como a memória discursiva na interpretação do sentido veiculado pelo provérbio.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios menos metafóricos consideradas marginalmente relevantes.**

Em relação às interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios menos metafóricos referentes ao procedimento 1 consideradas marginalmente relevantes, podemos identificar na tabela 8 as interpretações do sujeito MR dos provérbios “*A esperança é a última que morre*” e “*Amor com amor se paga*”; a interpretação de JG de três (2) provérbios, “*Melhor prevenir que remediar*” “e “*Amor com amor se paga*”; a interpretação de MJ de “*Melhor prevenir que remediar*”; e a interpretação marginalmente relevante do sujeito DB frente ao provérbio “*Devagar se vai ao longe*”.

No procedimento 2, também ocorreram manipulações enunciativas marginalmente relevantes destes provérbios pelos mesmos sujeitos, além da manipulação de MJ frente ao provérbio “*A união faz a força*” e a de AK frente aos provérbios “*O segredo é a alma do negócio*” e “*Cara de um focinho do outro*”.

Vejamos abaixo o exemplo da interação de MR ao interpretar o provérbio “*A esperança é a última que morre*”.

(MR)

EV e: e a esperança é a última que morre (.) o que quer dizer isso// o que que significa isso//  
MR **eu num eu num posso explicar** esse não porque eu não tenho esperança  
EV não tem esperança// ahn  
MR não

No exemplo acima, podemos observar que MR justifica com sua história de vida que não pode explicar o sentido deste provérbio porque não possui esperança. MR não controla o sentido veiculado no provérbio que é significar ter paciência, confiança, coragem, determinação.

Vejamos mais um exemplo de uma interpretação tida como marginalmente relevante, a interação de JG ao interpretar o provérbio “*Melhor prevenir do que remediar*”.

(JG)

EV tá e melhor pos- melhor prevenir do que remediar já ouviu esse daí//  
JG é  
EV o que quer dizer esse//  
JG quer dizer que se a gente vai fazer uma casa que vai acontecer\ então\ **tem que se prevenir\ do que remediar\**  
EV tá/  
JG né  
EV em que situação daria pra gente usar esse provérbio//  
JG **(2.0) °num sabe°**  
EV num sabe me dizer//  
JG **(3.0) ((fica olhando para EV))**

No dado acima, JG concorda com a pesquisadora ao apresentar a expressão e já explica com exemplo de uma situação real da vida prática, no caso a atitude de construir uma casa, porém sua interpretação é marginalmente relevante, pois JG não explicita o sentido de agir com prudência, cautela, ponderação, segurança para não acontecer nada de errado. É possível observar que JG conclui seu enunciado se ancorando nas propriedades semântico-lexicais do provérbio. Quando EV solicita para JG elaborar ou imaginar uma situação que daria para usar o provérbio, JG não manipula a expressão, não expande suas explicações e produz uma pausa longa

para pensar sobre sua compreensão e tentar acessar novamente o sentido e retomar a explicação, mas JG não retoma e responde sussurrando não saber. JG encerra a interação com uma pausa prolongada.

Sabemos que em relação aos aspectos linguísticos, os estudos sobre as alterações de linguagem na Doença de Alzheimer, como já foi elucidado, surgem as dificuldades semântico-lexicais e semântico-discursivos como sendo as funções mais alteradas na doença de Alzheimer, que se evidenciam no esquecimento ou nas trocas de palavras (parafasias), omissões, redução do vocabulário, excesso de elementos dêiticos, dentre outros, ou seja, apresentam alterações de algum modo relativa à memória e vemos aqui que isso ocorre também nas interpretações proverbiais.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios menos metafóricos consideradas irrelevantes.**

Podemos observar nas tabelas 8 e 9 que o sujeito MR apresentou interpretação irrelevante frente ao provérbio “*Melhor prevenir do que remediar*”; o sujeito RV frente ao provérbio “*Amor com amor se paga*”. Além disso, não soube explicitar uma situação de uso contextual do provérbio no procedimento 2. O sujeito WX apresentou interpretação irrelevante na explicitação do provérbio “*Devagar se vai ao longe*”. Vejamos o dado como exemplo do sujeito MR ao interpretar e manipular o provérbio “*Melhor prevenir que remediar*”.

(MR)

EV e esse outro aqui\ melhor prevenir do que remediar\ o que quer dizer isso//> essas são só expressões pra gente falar no dia-a-dia assim que eu quero assim pra gente saber o que que significa o que a senhora acha que significa//(1.0) melhor prevenir do que remediar//

MR **(3.0)** ah **eu fico tentando** também nessa **frase** aí

EV ah é/ a senhora fica tentando também melhor prevenir do que remediar//

MR é

EV ah a gente usa pra falar isso pra poder agir né//

MR °isso°

EV pra poder usar\ aplicar no- mesmo no dia-a-dia na vida

MR é

EV não é mesmo tá [as vezes pra=

MR [essa parte assim não\ não tenho força pra

EV não tem força  
 MR eu conheço assim sabe\  
 EV sei\  
 MR eu mesmo num

No dado acima, observa-se que MR não constrói ou alude ao sentido metafórico veiculado pelo provérbio; porém ele demonstra compreender que se trata de uma expressão formulaica, ainda que afirme não saber explicá-la. MR produz uma pausa prolongada antes de enunciar **ah eu fico tentando também nesta frase**, que pode indicar uma dificuldade de memória. Nota-se que MR, reconhece a expressão proverbial como um fenômeno paremiológico e enuncia uma tentativa metalinguística de explicar a expressão. Durante a interação a pesquisadora faz várias intervenções no sentido de facilitar a compreensão do provérbio para o sujeito.

Outro exemplo de interpretação considerada irrelevante é a do sujeito RV frente ao provérbio “*Amor com amor se paga*”. Veja o dado abaixo:

(RV)

EV tá/ (.) e amor com amor se paga (.) o que quer dizer isso//  
 RV é **uma uma vamu supor** uma se eu tiver que passar por uma (.) se eu fiz alguma coisa errada  
 EV <hum>  
 RV então **vamu supor é::** e se eu to passando por aquilo eu tenho que passar por que eu tenho que pagar  
 EV tá/ amor com amor se paga em que situação por exemplo// a gente usaria esse provérbio//  
 RV **amor com amor se paga** (.) doutora esse daí eu não sei respondê\

Neste dado, podemos observar repetições próximas seguido de uma formulação de suposição que RV realiza para explicitar o sentido do provérbio. A expressão **vamu supor** é um operador de modalidade epistêmica assinalando uma possibilidade do uso contextual do provérbio. Contudo, RV constrói o sentido do provérbio de modo irrelevante, não acessando o significado de gratidão e de reciprocidade, veiculado primordialmente pelo provérbio. A explicação construída por RV indica causalidade e assinala uma atitude psicológica ao representar uma vivência de algo como podemos ver no trecho - **e se eu to passando por aquilo eu tenho que passar por que eu tenho que pagar**.

Em sua formulação, RV produz hesitações com alongamento para planejar sua fala sem que isso incorra descontinuidade do discurso. Por fim, faz uma autorrepetição do provérbio como estratégia metaformativa (KOCH, 2003), na tentativa de acessar conhecimentos e explicar para o interlocutor o sentido proverbial. RV recorre a uma operação epilinguística afirmando não saber responder. Com relação ao procedimento 2, RV não procedeu à manipulação enunciativa do provérbio.

### **Interpretações e manipulações enunciativo-discursivas dos provérbios menos metafóricos consideradas literais.**

Quanto às interpretações dos provérbios *menos* metafóricos tidas como literais, é possível observar na tabela 9, que o sujeito MM apresenta explicitação do provérbio “*A pressa é inimiga da perfeição*” de modo literal no procedimento 1, porém no procedimento 2 o sujeito apresentou desempenho centralmente relevante. Isso é capaz de indicar a importância sociocognitiva da contextualização para a construção e o reconhecimento do sentido. O sujeito DB também apresenta interpretação do tipo literal somente no procedimento 1 (frente ao provérbio “*Antes pouco do que nada*”). Na interpretação e manipulação enunciativa do provérbio “*Devagar se vai ao longe*” MJ apresenta explicitação do sentido do provérbio tido como literal nos dois procedimentos do protocolo, o mesmo ocorre com o sujeito DB frente ao provérbio “*Amor com amor se paga*”. Vejamos abaixo o exemplo do dado de MJ ao interpretar o provérbio “*Devagar se vai ao longe*”.

(MJ)

|    |                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| EV | e devagar se vai ao longe o que quer dizer isso//                                                                                                                                                                                                                                       |
| MJ | é pra num correr\ porque tanto faz se correr ou não <b>correndo</b> \ você vai <b>correndo</b> você pode caí/ e se machucar e aí que num corre mesmo né ((barulho de telefone)) então <b>eu acho que é mais ou menos isso</b> mesmo <b>devagar vai ao longe</b> \ acho que é isso mesmo |
| EV | <hum> tá/ em que situação// por exemplo/ a gente usaria esse provérbio//                                                                                                                                                                                                                |
| MJ | ah: <b>no afobado né</b>                                                                                                                                                                                                                                                                |
| EV | afobado né/                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| MJ | <b>tem gente que vai saí/ tá afobado e aí acontece</b>                                                                                                                                                                                                                                  |
| EV | tá/ então tá bom tá acabou esse daqui viu\                                                                                                                                                                                                                                              |

No dado acima, podemos observar que MJ constrói um sentido do provérbio de modo literal que se torna mais contextual e pragmaticamente apropriado a partir da intervenção de EV, que evoca uma situação de uso. Em resposta, MJ comenta **ah no afobado né**. MJ também produz uma repetição contígua ao explicar sobre uma prática na vida com o sentido de que não se deve correr, precisa ir devagar, o que mostra que MJ não aderiu ao jogo metafórico do provérbio. Em seu enunciado, MJ produz um modalizador de possibilidade no trecho - **eu acho que é mais ou menos isso**. Esse tipo de modalização muito comum na fala em interação tem um papel relevante na mediação da significação construída na relação interpessoal. Embora a interpretação de MJ tenha sido de modo literal, sua interpretação revela que existem conhecimentos estabilizados que foram utilizados no jogo de linguagem ao interpretar o provérbio. Porém MJ, não realiza uma reflexão sobre a o enunciado metafórico, uma vez que ele literaliza o sentido, como vimos no procedimento 2, no qual MJ manipula o provérbio empregando-o em uma situação real de uma prática da natureza humana, que é correr porque está com pressa.

A literalidade aqui está na estrutura do provérbio que requer pouca inferência. A estrutura deste provérbio revelou para MJ um sentido de um costume ou hábito humano, “correr”. Com relação a este dado, podemos afirmar que houve certo jogo de linguagem, mas não um jogo metafórico.

Outro dado a ser ilustrado cuja interpretação foi também de modo literal é o do sujeito DB frente ao provérbio menos metafórico “*Amor com amor se paga*”.

(DB)

|    |                                                       |
|----|-------------------------------------------------------|
| EV | tá/ e amor com amor se paga// o que quer dizer esse// |
| DB | amando é como a gente vai receber                     |

Neste dado acima, DB também literaliza a expressão explicando-a com uma ação subjetiva se ancorando também na estrutura do provérbio. DB não manipula o provérbio e não expande seu enunciado.

### **Não reconhecimento dos provérbios menos metafóricos**

Os provérbios menos metafóricos que não foram reconhecidos pelos sujeitos com DA podem ser verificados nas tabelas 8 e 9. Três (3) sujeitos, JG, MJ e AK não reconheceram as expressões proverbiais menos metafóricas. Pudemos observar que o sujeito JG não reconheceu

dois (2) provérbios: “*A esperança é a última que morre*” e “*Cara de um focinho de outro*”. Ele afirma que já ouvira a expressão, embora não tenha conseguido explicar seu sentido. O sujeito MJ afirma não saber o sentido veiculado pelo provérbio “*Amor com amor se paga*” e AK não reconheceu a expressão “*O segredo é a alma do negócio*”. Vejamos o dado abaixo de JG, referente ao provérbio “*Cara de um focinho de outro*”.

(JG)

EV <isso né//> < e cara de um focinho de outro\ o que quer dizer isso//  
(2.0) o que que isso quer dizer// cara de um focinho de outro já  
ouviu falar nesse//  
JG a gente já ouviu falar mas não sei explica pra você  
EV tá/ que situação por exemplo daria pra gente usar esse provérbio//  
quando a gente fala assim pra uma pessoa olha/ cara de um focinho do  
outro  
JG °agora num sei°

Nota-se no dado acima que JG afirma que já ouviu a expressão, mas não sabe explicitar seu sentido. Neste caso, JG reconhece que se trata de um fenômeno paremiológico, mas não lança mão de conhecimentos prévios ou de processos meta-enunciativos para explicitar o provérbio, afirmando não saber explicar a expressão.

Outro exemplo é o dado de MJ frente ao provérbio “*Amor com amor se paga*”

(MJ)

EV ah legal e amor com amor se paga o que quer dizer isso//  
MJ **o amor//**  
EV AMOR COM AMOR SE PAGA  
MJ **(0.10) °num vou sabe°\ responde\ (xxxx) ((murmurando passando a mão na mesa))**  
EV ---→ num sabe// em que situação a gente falaria esse provérbio amor  
com amor se paga  
MJ **(0.9) num achei num achei\ num consegui**

No dado acima, pudemos também constatar que MJ não reconhece o provérbio, apresenta autorrepetição de uma parte da estrutura do provérbio, produz uma pausa breve para poder ativar seus conteúdos mnêmicos antes de responder, em seguida sussurra que não vai saber responder. MJ não acessa no sistema de memória conteúdos discursivo-pragmáticos para

explicitar e manipular o sentido da expressão e apresenta uma postura corporal relativa a gestos icônicos ((passando a mão na mesa)) que remontam a enfrentamento de problema ou reflexão. Com relação a esta observação, MONDADA & DUBOIS (2003) e MARCUSCHI (2007), admitem que a língua se encontra, de algum modo, enraizada no corpo como prática sociocognitiva. As teorias da percepção e das relações entre o sensório e o motor enfatizam a relevância do corpo nos processos de significação e de comunicação. O sujeito ao encerrar a interação produz novamente uma nova pausa e reflete sobre seu desempenho - (0.9) **num achei num achei\ num consegui.**

Com relação aos provérbios *menos* metafóricos não houve ocorrência de discordância do sentido veiculado nas expressões por parte do grupo de sujeitos com DA. Tal fato indica que o fator cristalização dos provérbios, a memória coletiva, os fatores sócio-culturais e os pré-construídos que estão direta ou indiretamente envolvidos nos atos interpretativos e no reconhecimento das expressões formulaicas desempenharam papel crucial nas interpretações desses sujeitos. Isso possibilitou a investigação do funcionamento linguístico-cognitivo envolvida na constituição dos sentidos dos provérbios, uma vez que os provérbios têm sua marca nas possibilidades de subjetividade e reflexividade (social) da linguagem.

As análises das interpretações dos provérbios *mais* e *menos* metafóricos dos sujeitos com DA permitiu identificar a importância do papel da memória de trabalho envolvido nas interpretações, as autorrepetições como estratégias discursivas dos sujeitos com uma maior frequência de pausas e hesitações que fazem parte da função reguladora da linguagem.



## 5. CONCLUSÕES

---

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar o percurso sócio-cognitivo de sujeitos idosos com DA envolvido na interpretação e manipulação enunciativa dos sentidos veiculados nos provérbios mais e menos metafóricos que constituíram o protocolo de estudo, destacando também os fenômenos linguístico-cognitivos da interpretação envolvidos e tendo como grupo pré-experimental uma amostra controle composta por sujeitos idosos cognitivamente saudáveis, denominados por nós como população não-Alzheimer.

Considerando o aporte teórico da perspectiva sócio-cognitiva, tomamos nesta pesquisa os provérbios como “sintagmas metafóricos”, metáfora num sentido largo (Cf. LAKOFF, 1999), como um fenômeno paremiológico cuja forma metaenunciativa mobiliza ações reflexivas dos sujeitos ao evocarem conhecimentos linguísticos, cognitivos (tais como os sistemas de memória) e sócio-culturais. Tais sistemas de conhecimentos, verbais e não verbais, constituem uma competência pragmático-discursiva necessária para a tarefa de interpretar expressões proverbiais.

Com base nesses pressupostos teóricos, procurou-se aqui compreender o percurso analítico das interpretações proverbiais feitas pelos sujeitos, além de procurar identificar fenômenos linguísticos recorrentes na fala dos sujeitos não-Alzheimer e com DA.

Por meio da apresentação e discussão dos dados exemplificados, obtidos com a aplicação do protocolo de estudo, que demandou análises bastante complexas do desempenho dos dois grupos de sujeitos focalizados, foi possível observar que o enunciado proverbial de fato pode nos instruir a respeito do estado cognitivo dos indivíduos.

A análise de enunciados da linguagem cotidiana revela um imenso sistema conceptual metafórico, que rege também o pensamento e a ação das pessoas conforme afirmam LAKOFF & JOHNSON (1999; 2002). O provérbio permite ver o importante papel dos processos implicados na metaforicidade tem na compreensão do mundo, da cultura e de si próprio.

A propósito, para LAKOFF & JOHNSON (1999; 2002), a metáfora e a figuratividade são essenciais para a construção de conceitos no consciente social, para uma maior compreensão de questões cognitivas e pragmáticas. Segundo os autores:

*[...] os conceitos individuais não são definidos de uma forma isolada, mas, ao contrário, eles são definidos em termos de seus papéis nos tipos naturais de experiências. Os*

*conceitos não são definidos exclusivamente em termos de propriedades inerentes; ao invés disso, eles são definidos basicamente em termos de propriedades interacionais. Finalmente, definir não é uma questão de enunciar um conjunto fixo de condições suficientes e necessárias para a aplicação de um conceito (embora isso possa ser possível em certos casos especiais, tais como na ciência ou em outras disciplinas técnicas, e mesmo aí isso não é sempre possível); ao invés disso, os conceitos são definidos por protótipos e por tipos de relação entre eles. Em lugar de serem rigidamente definidos, os conceitos que brotam de nossa experiência são abertos. As metáforas e os delimitadores são instrumentos sistemáticos para definir melhor um conceito e para modificar seu âmbito de aplicabilidade (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 217- 218).*

Para MORATO (2005), a tarefa de significar e compreender a realidade envolve inúmeros fatores, como a qualidade das interações humanas, as condições materiais e das contingências culturais e ideológicas da vida em sociedade, os diferentes contextos linguísticos cognitivos nos quais as significações são produzidas e as normas pragmáticas que regem o uso da linguagem. As expressões formulaicas, cristalizadas pelo uso, pela tradição cultural e pela memória cultural e discursiva, se constituem na relação simbólica entre sujeito, língua e sociedade. Por isso, os provérbios possuem uma estabilidade apenas contingencial e ganham uma vitalidade que é proporcional ao seu emprego e relevância pragmático-discursiva.

Do ponto de vista de sua realidade sócio-cultural, a memória da qual se fala aqui não é apenas capacidade de retenção de traços, mas um fenômeno complexo e em constante mudança e (re)organização, a partir do que esquecimentos, lembranças, reminiscências, recordações, distrações, lapsos podem ser entendidos como fatores constitutivos.

Numa abordagem psicossocial da velhice e da DA é possível conceber ambos os processos como linguagem e memória, relacionados em contexto e em meio a normas pragmáticas que regem a vida em sociedade, as práticas linguísticas, os diferentes contextos linguístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas (MORATO, 1997).

A partir das análises realizadas dos processos de significação em jogo na interpretação e manipulação enunciativa dos provérbios **mais** e **menos** metafóricos dos dois grupos foi possível elencar as seguintes considerações:

- 1) Ambas as populações procederam mais às interpretações centralmente relevantes e marginalmente relevantes frente aos provérbios *mais* e *menos* metafóricos, nos dois procedimentos do estudo; entretanto, a população com DA produziu maior número de interpretações literais, o que pode estar de alguma forma relacionada ao “cotexto”, isto é, à significação linguística da estrutura proverbial. Quanto a isso, esta população não procedeu a interpretações, irrelevantes do ponto de vista semântico-lexical, ainda que tais interpretações focalizadas no léxico, não tenham sido relevantes do ponto de vista pragmático, próprio ao enunciado proverbial.
- 2) Quanto ao procedimento 2, ambos os grupos procederam à contextualização dos provérbios, imaginando uma situação de uso. Porém, cumpre observar, que houve diferenças significativas no percurso enunciativo-discursivo realizado pelos sujeitos não-Alzheimer e com DA. Uma diferença significativa a ser mencionada é que os sujeitos do grupo não-Alzheimer foram mais às exemplificações de situações cotidianas de uso dos provérbios e recorreram mais a expedientes linguísticos e textuais para proceder à interpretação, tais como modalizações epistêmicas, marcadores de relações espaço-temporais, quando fizeram comparações temporais do uso do provérbio, indicadores de relações lógico-semânticas (condicionalidade, finalidade, causalidade), articuladores argumentativos evidenciados nas ações reflexivas e meta-enunciativas.

Com relação a esses achados, lembramos-nos da importância do papel da memória episódica na reconstrução de conteúdos vividos e na reconstrução imaginativa criada por nossas atitudes, frente nossas experiências. Ao relacionarmos tempo, imaginação, experiência, conteúdo e memória, as possibilidades que existem de explorar a memória revivendo um passado, significa ver a importância das histórias de vida e isso se dá pelo contraste dos eventos vividos que a pessoa vai formulando na tarefa enunciativa ao manipular o provérbio. Isso é muito importante no estudo dos processos da memória ativos na interpretação de provérbios, pois sabemos que o processo de lembrar eventos culturais e eventos passados é um trabalho que ganha relevância na compreensão de eventos associados a uma prática evocada ou ligada a sentidos cristalizados. A elaboração imaginativa da experiência pessoal para evocar uma prática no mundo pode auxiliar na reconstrução de um

sentido, como também a reflexão sobre ele, como apontam MIDDLETON & BROWN (2005, p.34).

Para MORATO (2004), as abordagens interacionistas no campo psicolinguístico e neurolinguístico consideram a linguagem uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação entre sujeito e realidade: o intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos). A interação é a base da construção do conhecimento e da dupla natureza da linguagem (cognitiva e social). Desta forma, a cognição é definida como constituindo várias formas de conhecimentos que não é totalizado ou subsumido por linguagem, mas de alguma forma se encontra sob sua responsabilidade.

Isso se verificou na integração entre memória e linguagem nas enunciações proverbiais que interatuam nas atividades psicossociais do ser humano nas atividades interacionais, discursivas e pragmáticas. A evidência da constitutividade da memória e linguagem nas estratégias interpretativas dos sujeitos não é vista a partir de relações que se estabelecem apenas ao nível mental e cerebral. Vale ressaltar que a memória, como a linguagem tem uma função multifacetada numa relação dialética com a linguagem, que por sua vez, não pode ser concebida como função isolada das demais funções cognitivas (CRUZ, 2005, p.31).

- 3) As interpretações consideradas irrelevantes ocorreram com menor frequência nos dados obtidos: houve apenas duas (2) ocorrências entre os sujeitos não-Alzheimer e quatro (4) ocorrências entre os sujeitos com DA frente aos provérbios mais metafóricos e três (3) ocorrências entre os sujeitos com DA frente aos provérbios menos metafóricos. Esses dados mostram que a metáfora, ou o cálculo metafórico a ser feito no enunciado paremiológico, para ser compreendido, depende do contexto discursivo, pois ela se manifesta no âmbito da linguagem em uso.
- 4) Com relação às interpretações tidas como literais, observou-se que os sujeitos com DA realizaram mais interpretações literais frente aos provérbios mais metafóricos e não houve nenhuma interpretação literal entre os sujeitos não-Alzheimer frente aos provérbios menos metafóricos. Quanto às interpretações literais dos sujeitos com DA, vale a pena destacar que, embora os sujeitos não tenham acessado o sentido dos provérbios de acordo com as categorias de relevância pragmática, apresentaram interpretações apropriadas em relação ao

léxico empregado na expressão. Isso não nos leva a considerar que alguns dos conceitos metafóricos que veiculam tais provérbios não estejam no repertório de pressupostos ou pré-construídos dos sujeitos.

Outro aspecto a considerar nas análises das interpretações literais é que foi possível observar o sentido saliente *gradual*, como aponta GIORA (2003). Ou seja, os sentidos literais não são fixos, estáveis ou independentes de um contexto. Esses achados implicam que a atividade metalinguística ocorre mesmo quando o sujeito constrói sentidos literais. Segundo VEREZA (2007), a literalização do sentido seria um instrumento social de legitimação de um uso particular de certas expressões, e essa legitimação faz parte da experiência metalinguística.

Esses achados implicam, pois, que a atividade metalinguística ocorre mesmo quando o sujeito constrói sentidos literais. Observa-se em alguns dados uma “passagem” pelo literal ao interpretarem sentidos que foram considerados centralmente relevantes. Contudo, isso não significa que a linguagem figurada seja mais “difícil” de ser processada e interpretada, ao contrário do sentido literal equivalente.

Na literatura sobre o tema, podemos encontrar evidências contrárias a essa concepção que indicam que não há indicação consistente de que o processamento literal é anterior ao metafórico, sobretudo em expressões idiomáticas e provérbios, o que tem levado pesquisadores do tema a perspectivas pragmáticas e do acesso direto, como GIBBS (1994, 2002) e GLUCKSBERG (1998). A propósito, pondera SOUZA (2003):

*“Conforme a teoria do acesso direto existe interação entre a informação contextual e os processos lexicais, nos estágios iniciais de compreensão. Dessa forma, somente sentidos contextualmente compatíveis seriam acessados desde o início do processo, não havendo diferença entre o processamento de enunciados literais e figurados, de maneira que a compreensão da metáfora não requereria maior empenho cognitivo que a compreensão de recursos linguísticos literais.*

*Isso não quer dizer que os pesquisadores que defendem a teoria do acesso direto excluam a possibilidade de o processamento da linguagem figurada tomar mais tempo que o da linguagem literal, como é o caso de metáforas não familiares. Sob esta perspectiva, o que poderia provocar um tempo maior de processamento das metáforas não familiar seria a dificuldade de integração do sentido figurado com o contexto, e*

*não o fato de que antes se analisa e rejeita o sentido literal da expressão, para então proceder à análise metafórica em si (Gibbs 2002) ”.*

Para uma perspectiva sociocognitiva, o contexto interacional e cultural em que se inserem os sujeitos é que contribui de forma decisiva para a formação e uso de suas estratégias sociocognitivas de interpretação e produção.

- 5) Vale ressaltar que dois (2) sujeitos com DA (GM e DB) foram os que mais apresentaram interpretações ancoradas na estrutura semântica dos provérbios *mais* metafóricos, utilizando mais estratégias discursivas para o planejamento do discurso, enquanto, um (1) sujeito (FC), apresentou interpretação com esse percurso sociocognitivo. Isso não significa que sujeitos com DA venham sempre a apresentar compreensão de sentidos veiculados em expressões formulaicas sob a perspectiva do aspecto lexical, ou seja, explicitar expressões metafóricas não envolve somente operações semânticas. Pudemos observar com esses achados, que os sujeitos trabalharam enunciativamente os provérbios de forma situada, construindo sentidos com base em contextos específicos.
- 6) Quanto às estratégias discursivas empregadas pelos sujeitos, verificou-se uma maior ocorrência entre os sujeitos com DA de autorrepetição, de reflexão em voz alta, de hesitação, de pausas não preenchidas, de repetição hesitativa, de reformulação, de indagação, de falsos inícios de turnos, de retomadas de falsos começos. Todos esses fenômenos, típicos do processamento *on line* da língua falada, indicam movimentos do papel organizador e estruturador da linguagem – própria e alheia - na tarefa requerida no protocolo de estudo. Nos termos de Vygotsky (em “Pensamento e Linguagem”, 1976), tais estratégias são consideradas características de um processo de externalização da fala interna que reflete presença da função reguladora e reflexiva da linguagem.

Segundo MORATO (1996, p.47) estas características do desdobramento da fala, evidenciada também em adultos, como a reflexão em voz alta, que atuam como função reguladora da linguagem, são evidências da função reguladora da linguagem, que se deixa ver, por exemplo, quando o indivíduo está frente a alguma dificuldade ou resolução de problemas, não sendo assim, necessariamente, patológico.

A descrição do processo de desenvolvimento e inter-relação entre linguagem externa e linguagem interna (fala egocêntrica) foi abordada também por LURIA (1976, p.30 *apud* MORATO, 1996, p. 46) que credita importância fundamental aos lobos frontais na função reguladora da linguagem, bem como ao processo de internalização de conteúdos e processos cognitivos – altamente dependentes das práticas interativas humanas, mediadas especialmente pela linguagem.

Foi possível observar nos dados obtidos que os sujeitos com DA apresentaram mais ocorrências de linguagem externalizada no sentido vygotskiano, o que permite qualificar as operações epilinguísticas desse grupo emergentes quando das interpretações e manipulações enunciativas dos provérbios.

Esses processos epilinguísticos aconteceram em maior número na fala de sujeitos com DA, quando houve intervenção do interlocutor ou quando o sujeito solicitava alguma ajuda. Também quanto a esse aspecto o protocolo foi eficaz na demonstração da importância da abordagem sócio-cognitiva das contingências intersubjetivas e da forma intra-cognitiva de regulação verbal.

- 7) Com relação à metaforicidade, foi possível constatar que ambas as populações trabalharam com o jogo metafórico implicado no provérbio. Porém, os provérbios *menos* metafóricos foram os que os sujeitos de ambos os grupos apresentaram melhor desempenho. Isso pressupõe que houve uma maior familiaridade dos sujeitos com as propriedades léxico-semânticas dessas expressões, bem como pragmáticas. Nesse caso, a cristalização dos provérbios, a estabilização dos sentidos na memória coletiva, os fatores sócio-culturais e os pré-construídos, que estão direta ou indiretamente envolvidos nos atos interpretativos e no reconhecimento das expressões formulaicas, desempenharam papel crucial nas interpretações desses sujeitos frente a esses provérbios. Esses dados corroboram os achados de CAZELATO (2003), que apontam que a familiaridade semântico-pragmática é a chave interpretativa dos provérbios.
- 8) Um fato que também merece comentários é a discordância do sentido dos provérbios que emergiram no *corpus* e que foi mais recorrente no grupo de sujeitos não-Alzheimer. Os dados obtidos permitiram a formação de uma nova categoria analítica para discutir a argumentação dos sujeitos quando se opuseram ao sentido convencionalizado ou cristalizado dos

provérbios. Muitas vezes, os sujeitos não só discordavam do sentido do provérbio, mas também introduziam outro sentido que exercia uma função social considerada mais pertinente para o emprego do provérbio, o que comprova a importância e a vigência do contexto sócio-cultural, assim como também as experiências individuais. Esse achado pode estar relacionado à maneira como os indivíduos estruturam e empregam na sua vida prática seus conceitos, ideais, valores, atitudes, desejos, crenças, estratégias que se traduzem em conhecimentos que são comunicados, exercendo funções discursivo-argumentativas.

- 9) Os dados extraídos de todo o *corpus* da tese e que serviram como exemplos nas análises e discussões empreendidas permitiram também verificar processos linguísticos mais específicos na fala dos sujeitos, tais como as pausas, repetições, hesitações, truncamentos, alongamentos, os modalizadores que gerenciaram a interação e os argumentos dos sujeitos. Vimos nos dados de ambos os grupos que houve maior ocorrência de repetições contíguas e próximas geradas no fluxo da interação, que tiveram a função textual-discursiva de distribuir, expandir os enunciados; Também foi encontrado expressivo número de repetições hesitativas, responsivas e reafirmativas. Embora em menor número que as primeiras, também desempenharam função importante na facilitação da formulação dos enunciados. De acordo com a perspectiva linguístico-interacional do fenômeno, as repetições presentes nas interações em língua falada têm uma função de elaboração da linguagem (MARCUSCHI, 2000).

No campo dos estudos textuais, KOCH (2001) afirma que a repetição constitui umas das estratégias básicas de construção do discurso, ressaltando que a presença da repetição pode não ser percebida, mas sua ausência seria notada facilmente. O mesmo pode-se dizer sobre as hesitações observadas no *corpus* da pesquisa, que tiveram também a função de planejamento da fala. Em ambos os grupos as ocorrências de hesitações não prejudicaram a continuidade do discurso. Embora tenham sido observado mais alongamentos, fragmentos lexicais, pausas preenchidas e marcadores discursivos hesitativos no grupo de sujeitos com DA, estas ocorrências indicaram um papel cognitivo importante no processamento da fala desses sujeitos, que podem ser considerados naturais na atividade de enunciação.

É importante salientar que estes fenômenos estão presentes em todos os enunciados e práticas discursivas tidas como normais, ainda que tenham ocorrido em diferentes proporções e graus de dificuldades nos indivíduos idosos e nas situações de conversa. As pausas, por



exemplo, podem ser indicativas das diferenças que podem ocorrer na velocidade de processamento de memória operacional, mas não ocorrem de forma anormal em ambas as populações.

- 10) Quanto aos tipos de enunciados que emergiram nas interpretações dos provérbios *mais* e *menos* metafóricos, ambos os grupos de sujeitos produziram mais enunciados que encenavam um funcionamento social, seguido de enunciados sobre estratégias de enfrentamento para lidar com eventos da vida. Tais enunciados permitiram vislumbrar como estariam estruturados os conhecimentos de mundo dos sujeitos, o enquadramento social dos falantes na interação e os regimes e práticas sociais. Podemos constatar que os modelos cognitivos observados nestes enunciados dos sujeitos ao interpretarem o sentido veiculado pelos provérbios, estavam ancorados nas experiências da história de vida dos sujeitos. Foi possível observar enunciados sobre atitudes práticas, de senso de realização, metas de vida, domínios de uma ação, atitudes psicológicas, senso de crescimento pessoal, de propósito na vida, geratividade, adaptação, atenuadores com vistas a preservação da face, que tiveram caráter meta-argumentativos (cf. GOFFMAN, 1974);
- 11) Sujeitos com DA não mostraram prejuízos importantes de consciência sobre suas dificuldades ao enunciar e manipular contextualmente os provérbios, como se viu nas respostas em que afirmaram não reconhecê-los, como podemos evidenciar nas operações epilinguísticas, no enfrentamento de esquecimentos recorrentes e nas respostas afirmativas quando não sabiam o sentido do provérbio.

Ao fim do trabalho, foi possível constatar que as categorias de análise empregadas em muito permitiu observar processos envolvidos na tarefa de interpretação e manipulação enunciativa dos provérbios por parte das duas populações estudadas.

Os dados de um estudo qualificado desse trabalho enunciativo e cognitivo dos sujeitos podem se posicionar criticamente face aos dados neuropatológicos da DA, descritos tradicionalmente em termos de falta, carência ou desvio – seja sobre a linguagem ou a memória, seja sobre a consciência ou a capacidade reflexiva de indivíduos com Alzheimer. Também se

posicionam criticamente frente ao papel atribuído ao interlocutor dos indivíduos com Alzheimer (seja o clínico, seja o cuidador familiar ou o profissional).

Além disso, dados como os obtidos nesta pesquisa reconhecem a existência de discrepâncias entre o comportamento neuropatológico dos pacientes (observados tanto em neuroimagem, quanto nos testes fechados e descontextualizados de avaliação diagnóstica) e o comportamento que podem exibir em situações variadas, mais ou menos institucionalizadas e naturais.

Os dados da pesquisa assinalam a importância da análise qualitativa no raciocínio do diagnóstico diferencial (entre comprometimento cognitivo leve e DA, por exemplo), posto que, no caso, é fundamental analisar com detalhe o funcionamento da linguagem e a organização do conhecimento, que se dá de forma situada e contextualmente. Nesse sentido, é possível apontar as limitações de testes psicométricos que desconsideram o papel fundamental do contexto pragmático, do estilo de vida (hábitos), das práticas socioculturais, das interações humanas (CRUZ, 2005). Os testes procuram quantificar e estabelecer o perfil do distúrbio, mas apesar da abrangência que estes instrumentos possuem, a metodologia para a identificação de realidades sutis e complexas parece ser insuficiente.

Um dos problemas da DA é que ela afeta de maneira heterogênea os sistemas de memória. Esta instabilidade de sistema de memória, que implica dificuldade de memória operacional, também pode afetar o desempenho das pessoas em protocolos e ou testes (os testes não diminuem isso), o que não significa que formas de conhecimento adquirido ao longo da vida não estejam organizados e “armazenados”, podendo ser evocados e transformados dependendo das estratégias mais ou menos eficientes que os sujeitos possam vir a utilizar em seus propósitos comunicativos.

Pudemos ver nesta pesquisa que os sujeitos com DA (como AM, MM, JG e AK) que apresentaram pontuação abaixo do ponto de corte do teste neuropsicológico CAMCOG, apresentaram, por outro lado, bom desempenho nas interpretações dos provérbios. Os dados linguísticos e cognitivos desses sujeitos apontam para a comprovação de que o contexto sócio-cultural, a heterogeneidade educacional da população, as condições de letramento, as atividades sócio-cognitivas desenvolvidas ao longo da vida, os fatores sócio-econômico-culturais, os aspectos intersubjetivos e perspectivas da cognição atuam de maneira importante no desempenho dos sujeitos, como já postulado por vários autores, como HORN & CATTELL (1966 apud BALTES & SMELSER, 2001, p. 137).

Ancoradas, sobretudo em modelos estritamente biomédicos da doença, as práticas diagnósticas baseadas em testes fechados concebem o declínio cognitivo da DA apenas como manifestação cortical e cognitiva, sempre atribuída ao indivíduo. O declínio não é concebido em relação às mudanças que provoca em uma organização anteriormente estruturada. Num modelo biomédico, o enfoque está na desorganização das estruturas cerebrais. Numa perspectiva sócio-cognitiva, o enfoque estaria nos processos (e nas reorganizações) interativos e colaborativos humanos, constitutivos da cognição.

12-) Alguns estudos a respeito do tratamento da metáfora por sujeitos com Doença de Alzheimer têm afirmado (PAPAGNO, 2001) que, se é verdade que esses sujeitos podem apresentar na fase inicial uma capacidade preservada de interpretar expressões idiomáticas, o mesmo não aconteceria com a interpretação de metáforas. Segundo tais estudos, que despojam expressões idiomáticas e proverbiais de seu estatuto metafórico, esses sujeitos interpretariam de forma literal expressões metafóricas. Tais estudos têm ainda destinado o tratamento de metáforas e idiomatismos ao hemisfério direito, tido como menos especificado para questões lógico-semânticas. É importante lembrar que as afirmações na literatura das áreas de neurociências que o cérebro possui um funcionamento integrado no que diz respeito aos processos cognitivos complexos, como linguagem e memória, como mostram as pesquisas desenvolvidas por FACHINI (2007, p.405) mostrando a importância de uma estrutura complexa e organizada do funcionamento linguístico para o processamento da linguagem metafórica, nas tarefas de julgamentos abstratos e literais.

Com o empreendimento metodológico desenvolvido ao longo deste estudo, foi possível levantar e discutir a todas as perguntas da pesquisa e discutir aspectos teórico-metodológicos relacionados aos procedimentos investigativos de aspectos linguísticos e cognitivos no campo dos estudos neurolinguísticos.

Esta pesquisa poderá, assim, ser relevante para os estudos linguísticos e cognitivos da Doença de Alzheimer e também do envelhecimento, tanto para a investigação diagnóstica da DA, como para as intervenções terapêuticas.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

AHLSÉN, E. **Introduction to Neurolinguistics**. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia. 2006.

AMANZIO, M.; GEMINIANI, G.; LEOTTA, D. & CAPPA, S. Metaphor comprehension in Alzheimer's disease: Novelty matters. **Brain & Language**, 107, 2008, p.1-10.

ARRIERA, H.; GOLF, M.L.; MILLER, X.; ORGOGOZO, J.M.; PÉRES, K. & BARBERGER-GATEAU, P. Prodromal Alzheimer's Disease: Successive Emerge of the Clinical Synptoms. **Annals of Neurology**, 64; 2008, p. 498-992.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1977. In: V. BUSATO. **A noção de metalinguagem no campo da Neurolinguística: um estudo enunciativo**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 2001, p. 127.

BALTES, P.B & GRAF, P. Psychological aspects of aging: facts and frontiers. In: DAVID, M & TORGNY, R. et al. **The lifespan development of individuals: behavioral, neurobiological, and psychosocial perspectives: a synthesis**. Cambridge, New York: Cambridge Umb, 1997, p. 427-460.

BASTOS, A. **O discurso narrativo na doença de Alzheimer**. Dissertação de Mestrado em Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2000.

BATISTA, D. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM IV**. Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1995.

BOLDRINI, M. **As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idiomatismos**. Pesquisa de Iniciação Científica. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: **Anais do I Seminário Internacional – Envelhecimento Populacional: uma agenda**

**para o final do século.** Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria da Assistência Social, 1996, p. 16-34.

BERTOLUCCI, P.H.F. Doença de Alzheimer – Histórico, quadro clínico e diagnóstico. In: CAIXETA, L. (Org). **Demência. Abordagem Multidisciplinar.** São Paulo/SP: Atheneu, 2009.

BIRREN, J.E. & CHAIE, W. **Handbook of Psychology of Aging.** 3a ed., San Diego: Academic Press. 1990, p. 655-687.

\_\_\_\_\_ KENYON, G.M.; RUTH, J.E.; SCHROOTS, J.J.F. & SVENSSON, T. Aging and Biography. New York, NY. Springer Publishing Company. 1996, p. 343.

BODEN, D. & BIELBY, D. The way it was: topical organization in elderly conversation. London, Pergamon Press, Language & Communication, 1986, p. 77 In: D. PRETI, **A linguagem dos idosos.** São Paulo: Contexto, 1991, p. 81.

BOTELHO, B.S.; FERNANDES, L. C. Os sentidos da paciência na intertextualidade de provérbios do gênero cronístico. In: CELLI – **Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários.** 3, 2007, Maringá. Anais. 2009, p. 1211-1221.

BOTTINO, CMC, STOPPE, A.; SCALCO, A.Z.; FERREIRA RCR, HOTOTIAN, SCALCO, M.Z. Validade e confiabilidade da versão brasileira do CAMDEX. **Arq Neuropsiquiatr.**; 59, 2001.

BOOKHEIMER, S. Functional MRI of Language: New Approaches to Understanding the Cortical Organization of Semantic Processing. *Annual Review of Neuroscience*, 25, 2002, p. 151-88.

BRANDÃO, L. & PARENTE, M.A.M. Os estudos da linguagem do idoso neste último século. **Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento**, 3. Porto Alegre – RS: UFRGS, 2001.

BURKE, D. Language, aging, and inhibitory deficits: Evaluation of a theory. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, 52B (6), 1997, p. 254-264.

BRUCKI, S.M.D.; NITRINI, R.; CARAMELLI, P.; BERTOLUCCI, P.H. & OKAMOTO, I.H. Sugestões para utilização do Mini-Exame do Estado Mental no Brasil. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 61: 2003, p. 777-781.

CAIXETA, L. (Org). **Demência. Abordagem Multidisciplinar**. São Paulo/SP: Atheneu, 2009.

CALDAS, A. C. **O cérebro analfabeto. A influência do conhecimento das regras da leitura e da escrita na função cerebral**. Grande Prêmio de Medicina. Lisboa: Fundação Bial. 2002, p. 1-197.

CAMPANHA, A. C.; ORTIZ; K.Z. BERTOLLUCCI, P.H. & MINETT, A. Uso de tarefas metalinguísticas para avaliação da linguagem e cognição em portadores da doença de Alzheimer e idosos saudáveis. **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia**. Campos do Jordão. 24-27 de setembro, 2008, p. 1-4.

CANÇADO, F.A.X. & HORTA, M.L. Envelhecimento cerebral. In: E. V. FREITAS; L. PY; A. L. NERI; F.A.X. CANÇADO; M.L. GORZONI & S.M. ROCHA (Orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro–RJ: Editora Guanabara Koogan, 2006.

CANINEU, P.R.; STELLA, F. & BASTOS, A.S. Transtorno Cognitivo Leve. In: E. V. FREITAS; L. PY; F.A.X. CANÇADO; M.L. GORZONI & S.M. ROCHA (Orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2ª edição. Rio de Janeiro–RJ: Editora Guanabara Koogan, 2006, p. 252 – 258.

CARAMELLI, P. & AREZA-FEGYVERES, R. Doença de Alzheimer. In: O.V. FORLENZA. **Psiquiatria Geriátrica. Do diagnóstico precoce à reabilitação**. São Paulo/SP: Atheneu, 2007, p. 169.

\_\_\_\_\_. Neuropatologia da Doença de Alzheimer. In: O.V. FORLENZA, P. CARAMELLI. (Orgs). **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo: Atheneu, 2000, p. 107-118.

CAZELATO, S. E. O. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo**. Dissertação de Mestrado em Linguística. IEL/UNICAMP, 2003, p.231.

\_\_\_\_\_. **A interpretação de provérbios prodiados por afásicos e não afásicos**. Tese de Doutorado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem. IEL/UNICAMP, 2008, p. 292.

CRUZ, F. M. **Uma perspectiva enunciativa da relação entre linguagem e memória no campo da neurolinguística**. Dissertação de Mestrado em Linguística, área de Neurolinguística. IEL/UNICAMP, 2004, p. 204.

\_\_\_\_\_ A construção da referência em uma situação interlocutiva entre sujeitos afásicos e não-afásicos. p. 293. In: I.V. KOCH; E.M. MORATO & A. C. BENTES. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 339.

\_\_\_\_\_ Os embates da memória. **Horizontes**, v.23, n.1, jan-jun., 2005, p.29-38.

\_\_\_\_\_ **Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer**. Tese de Doutorado em Linguística, área de Neurolinguística. IEL/UNICAMP, 2008, p. 312.

CHAPMAN, S.B.; HIGHLEY, A.P. & THOMPSON, J.L. Discourse in fluent aphasia and Alzheimer disease: linguistic and pragmatic considerations. **Journal Neurolinguistics**, 11, Nov (1-2), 1998, p. 55-78.

DAHLKE, R. **A doença como linguagem da alma**. Trad. DANTE PIGNATARI. São Paulo: Editora Cultrix. 1992, p. 1-400.

DALLA BARBA, G. & RIEU, D. Differential effects of aging and age-related neurological diseases on memory systems and subsystems. In: F. BOLLER; S. CAPPA, **Handbook of neuropsychology: Aging and dementia**. London: Elsevier. 2001, p. 97-118.

DAMASCENO, B, P. Envelhecimento Cerebral. O problema dos limites entre o normal e o patológico. **Arquivos de Neuro Psiquiatria**, 57 (1), 1999, p. 78-83.

\_\_\_\_\_ Trajetórias do envelhecimento cerebral: o normal e o patológico. In: A. L. NERI. **Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas/SP: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_ Desenvolvimento das funções corticais superiores. **Temas em neuropsicologia e neurolinguística**, série de neuropsicologia, vol4. São Paulo, tec Art. 2000.

\_\_\_\_\_ Avaliação da linguagem do sujeito idoso. In: O. V. FORLENZA & P. CARAMELLI. (Orgs). **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo: Atheneu, 2001.

DAMASIO, H., & DAMASIO, A. **Lesion analysis in neuropsychology**. New york ny: Oxford University Press, 1989.



DASCAL, M. Relevância conversacional. In: DASCAL, M. (Org). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**. Vol. IV, Campinas/SP, 1982.

DEBERT, G.G. As representações e estereótipos do papel do idoso na sociedade atual. In: **Anais do I Seminário Internacional – Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século**. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria da Assistência Social, 1996, p. 35-45.

DIXON, R.A.; HERTZOG, C.; FRIESEN, I.C.; HULTSCH, D.E. Assessment of intraindividual change in text recall of elderly adults. In: BROWNELL, H.H. & JOANETTE, Y. (Orgs). **Narrative discourse in neurologically impaired and normal aging adults**. San Diego, CA.: Singular Publishing Group, 1993, p. 41-53.

DOURADO, M.; LAKS, J.; LEIBING, A.; ENGELHARDT, E. Consciência da doença na Demência. **Revista de Psiquiatria Clínica**. 33 (6); 2006, p. 313-321.

DUCROT, O. & TODOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988 In: E.M. MORATO. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Trad. Dayse Batista, 4a ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FACHINI, S.R.V. A compreensão de metáforas por portadores de lesão no Hemisfério direito: uma investigação a ser (re)considerada. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v.7, n. 3, set/dez, 2007, p. 405-416.

FALCÃO, D. V. S. & ARAÚJO, L.F. (Orgs). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2009, p.103.

FIORIO, N. M. **Quem conta um conto... A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa**. Goiânia: Editora UCG, 1995.

FORLENZA, O. & CARAMELLI, P. (Orgs). **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo – SP: Editora Atheneu, 2000.

FOLSTEIN, M. F., FOLSTEIN, S.E., MCHUGH, P.R. Mini mental state. **Journal of Psychiatric Research**, 12; 1975, p. 189-198.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIBBS, J.R.R. A new look at literal meaning in understanding what is said and implicated. **Journal of Pragmatics**, 34, 2002, p. 457-486.

GIORA, R. **On Our Mind. Salience, Context and Figurative Language**. Oxford: Oxford University Press. 2003, p.272.

GREGORY, M.E. & WAGGONER, J.E. Factors that influence metaphor comprehension skills in adulthood. **Experimental Aging Research**, 22 (1), 1996, p. 83-98.

GOFFMAN, E. Frame analysis. An essay in the organization of experience. New York Press, 1974, p. 1-42.

GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. **Journal of Pragmatics**, 32, 2000, p. 1489-1522.

GLUCKSBERG, S. **Understanding metaphors**. Current Directions in Psychological Science v.7, 1998, p. 39-43.

HANKS, W.F. **Língua como prática social**. São Paulo/SP: Cortez, 2008.

HARRÉ, R. & GILLET, G. **A mente discursiva**. Porto Alegre/RS: ARTMED, p.1-159, 1994.

HELFRICH, H. Age markers in speech. Social Markers in Speech. London, Cambridge University, 1979. In: D. PRETI. **A linguagem dos idosos. Um estudo da análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

HERRERA, Jr. E. **Estudo epidemiológico populacional de demência na cidade de Catanduva, SP**. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, 1998.

HONECK, R. Book Review. A proverb in mind. **Journal of pragmatics**, 32, 2000, p. 627-638.

HORN, J.L. & CATTELL, R.B. Age differences in primary mental ability factors. *Journal of Gerontology*, 21, 1966, p. 210-220 In: P. BALTES & N. J. SMELSER. 2001. **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**. Elsevier Science. Califórnia/USA, 2001.

HUFF, J. (2001). The disorder of naming in Alzheimer's disease. In: L. LIGHT; D. BURKE. **Language, memory and aging**. Cambridge: University Press, 2001, p. 68-95.

HUGHES C.P., BERG L., DANZIGER W.L., COHEN L.A., MARTIN R.L. A new clinical scale for the staging of dementia. **Br. J. Psychiatry**, 140; 1982, p. 566-72.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

JORGE, M.R. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais – DSM – IV**, 4ª edição, Porto Alegre, 2000.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. 1. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

KEMPER, S. & SUMMER, A. The structure of verbal abilities in young and older adults. **Psychology and aging**, 16 (2), 2001, p. 312-322.

KLEIBER, G. Sur Lê Sens Dês Proverbes. In: **Languages**. Septembre, 2000, p. 139-158.

KLEIBER, G. & CHARBONNEL, N. **La métaphore entre philosophie et rhétorique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

KOCH, I. G. V. **A argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_ **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_ **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p. 167.

\_\_\_\_\_ MORATO, E.M. & BENTES, A.C. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **As modalidades do discurso.** In: Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 1996, p. 74-88. In: MIRANDA, N. S. Modalidade: o Gerenciamento da Interação. 2005, p. 171.

\_\_\_\_\_. & CUNHA-LIMA, M.L.A. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BEBES, A. C. (Org). **Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos.** Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. & ELIAS, V.M. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006, p. 39.

\_\_\_\_\_. BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. **Intertextualidade. Diálogos Possíveis.** São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **As tramas do texto.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LACERDA, H.R.C.; ABREU, E.S. & LACERDA, R.C. **Dicionário de Provérbios.** 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LAGROTTA, M. G. M. A repetição em idosos em diferentes situações institucionais. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Philosophy in the Flesh. New York: Basic Books, 1999.

\_\_\_\_\_. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas/SP: Mercado das Letras. EDUC, 2002, p. 357.

LEIBING, A. & BENNINGLOFF-LÜHL, S. **Devorando o tempo. Brasil, o país sem memória.** São Paulo: Ed. Mandarim, 2001. p. 300.

\_\_\_\_\_. Memória, velhice e sociedade. In: E.V. FREITAS, L. PY, F.A.X. CANÇADO, M.L. GORZONI & J. DOLL. **Tratado de Geriatria e Gerontologia** – 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2006.

LOCK, M. Seduced by plaques and tangles: Alzheimer's disease and the cerebral subject. The Cerebral Subject: Neurosciences and Contemporary Society. In: CRUZ, F. M. **Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer.** Tese de Doutorado em Linguística, área de Neurolinguística. IEL/UNICAMP, 2008, p.312.

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Trad. Prof. Juarez Aranha Ricardo. São Paulo: EDUSP, 1990.

\_\_\_\_\_. Basic Problems of Neurolinguistics. The Hague: Mouton. In: E.M. MORATO. **Linguagem e Cognição: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

MANSUR, L.L. Linguagem e cognição na Doença de Alzheimer. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 18 (3), 2005, p. 300-307.

\_\_\_\_\_. Avaliação da linguagem nas demências. Cap. 11. In: CAIXETA, L. (Org). **Demência. Abordagem Multidisciplinar**. São Paulo/SP: Atheneu, 2009, p. 141-152.

MC KAHNN, G.; DRACHAMAN, D.; FOLSTEIN, M. Clinical diagnosis of Alzheimer`s disease: report of the NINCDS-ADRDA Work Group under the auspices of Department of Health and Human services Task Force on Alzheimer`s disease. **Neurology**, 34, 1984, p. 939-994.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 2001.

MARCUSCHI, L.A. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1992; 2000.

\_\_\_\_\_. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas**, 10, 2003, p. 43-62.

\_\_\_\_\_. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: N. S. MIRANDA & M.C. NAME. **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora – MG: Editora UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro/RJ: Lucerna, 2007, p. 168.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, H. Palavras de sensação. In: N.S. MIRANDA & M. C. NAME (Orgs). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF. 2005.

MIRANDA, N.S. Modalidade: o Gerenciamento da Interação. In: N.S. MIRANDA & M. C. NAME (Orgs). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF. 2005.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: M. CAVALCANTE; B.B. RODRIGUES & CUILLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto. 2003.

MORATO, E. M. **Linguagem e Cognição: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Processos de significação e pesquisa neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, (32): Jan/Jun. 1997, p. 25-35,

\_\_\_\_\_. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (41), 2001, p. 55-74.

\_\_\_\_\_. & CRUZ, F.M. Os embates da memória. Horizontes. **Linguagem, Discurso e Práticas Educativas**, V.23, n.1, Jan/Jun, Editora Universitária São Francisco, 2005.

\_\_\_\_\_. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Aspectos sócio-cognitivos da atividade referencial: as expressões formulaicas. In: N. S. MIRANDA & M. C. NAME (Orgs). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. **O caráter sócio-cognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com doença de Alzheimer**, 2010, artigo no prelo.

\_\_\_\_\_. **A semiologia das afasias. Perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_ **Duas faces da mesma moeda: lembrança e esquecimento como atos de memória**, 2010, artigo no prelo.

MIDDLETON, D. & BROWN, S.D. **The Social Psychology of Experience**. Studies in Remembering and Forgetting. London ECIY: Sage., 2005, p. 245.

MOTA, A.V.B. **Provérbios em Goiás. Contribuições à paremiologia brasileira**. Goiânia: Oriente, 1974.

MOURA, H. M. M. Metáfora e Regularidades Linguísticas. In: N. S. MIRANDA & M. C. NAME (Orgs). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF. 2005, p.109-120.

\_\_\_\_\_ Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Revista Veredas de Estudos Linguísticos**, V.6, n.1. Juiz de Fora/MG, 2002, p. 153-161.

NERI, A.L. **Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas/SP: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_ **Palavras-chaves em Gerontologia**. Campinas/SP: Alínea, 2001.

\_\_\_\_\_ **Qualidade de vida na velhice. Enfoque multidisciplinar**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2007, p.1-301.

NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.

NITRINI, R. & CARAMELLI, P. Demências. In: R. NITRINI, L. A. BACHESCHI (Orgs). **A Neurologia que todo médico deve saber**. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Atheneu, 2003.

OBELKEVICH, J. Provérbios e história social. In: Burke, P. & Porter, R. **História Social da Linguagem**. São Paulo Fundação Editora da Unesp, 1997, p.43-81.

ORANGE, J. B. & KERTESZ, A. Discourse Analyses and Dementia. **Brain and Language**, 71, 2000, 172-174.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **CID -10. Código Internacional de Doenças**. EDUSP, 2008.

OLIVEIRA, M. L. **Como se faz o provérbio: uma abordagem da conjuntura do provérbio enquanto realidade discursiva**. Tese de Doutorado - UNESP, Araraquara/SP, 1991, p. 385.

PAPAGNO, C. Comprehension of metaphors and idioms in patients with Alzheimer's disease. **Brain**, 124, 2001, p.1450-1460.

\_\_\_\_\_. LUCHELLI, F.; MUGGIA, S.; RIZZO, S. Idiom comprehension in Alzheimer's disease: the role of the central executive. **Brain**, 126, 2003, p. 2419-2430.

PARRET, H. **Enunciação e pragmática**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP. 1988, p. 256.

PARENTE, M. A. M. P. (Org). **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed. 2006; 2007, p. 311.

PAVARINI, S.C.I. **Dependência comportamental na velhice: uma análise do cuidado prestado ao idoso institucionalizado**. Tese de Doutorado. Área de concentração em Gerontologia. Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas/SP, 1996.

PINTO, C.A. **Livro dos provérbios, Ditados, Ditos Populares e Anexins**. São Paulo: Editora, SENAC. 2000, p.176.

PITTELA, J.E.H. Neuropatologia da Doença de Alzheimer e da Demência Vascular. In: E.V. FREITAS; L. PY; F. A X. CANÇADO; M.L. GORZONI & J. DOOL. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Guanabara Koogan, 2006.

POSSENTI, S. Notas sobre o sentido da expressão "Sentido literal". Estudos Linguísticos, XXVIII, 1999, p.65-60.

PFEFFER RI, KUROSAKI TT, HARRAH CH JR, CHANCE JM, FILOS S. Measurement of functional activities in older adults in the community. **J Gerontol**, 37, 1982, p. 323-329.

PRATA, M. **Mas será o benedito? Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares**. 12ª edição. São Paulo: Globo, 1997, p.175.



PRETTI, D. **A linguagem dos idosos. Um estudo da análise da conversação.** São Paulo/SP: Contexto, 1991.

RIBEIRO, P.C.C. & YASSUDA, M.S. Cognição, estilo de vida e qualidade de vida na velhice. Cap. 7. In: A.L. NERI. **Qualidade de vida na velhice.** Campinas/SP: Editora Alínea, 2007, p. 189-204.

RIBEIRO, C. **Provérbios e Adágios populares.** Lisboa. Extra Planeta Editora, 2007, p. 357.

ROTH, M., TYM, E. & MOUNTJOY, C. et al. CANDEX: A standardized instrument for the diagnosis of mental disorder in the elderly with special reference for the early detection of dementia. **British Journal of Psychiatry**, 149, 1986, p. 673-698.

ROVENTA-FRUMUSANI, D. **Le Proverbe E(s)t Enonciation Enoncée.** Revue Roumaine de Linguistique, XXX, Bucarest, 1985, p. 159-167.

SANTOS, M.T.F; SOUGEY, E.B.; ALCHIERI, J.C. Validity and reliability of the Screening Test for Alzheimer's Disease with Proverbs (STAD TAD P) for the elderly. *Arq Neuropsiquiatr*; 67(3-B), 2009, p.836-842.

SANTOS, M.T.F. **Elaboração e validade do teste de rastreio de Doença de Alzheimer com provérbios (TRDAP) para indivíduos a partir de sessenta anos.** Tese de doutorado em Ciências da Saúde. Universidade Federal do rio Grande do Norte. Natal/RN, 2009, p. 121.

SCHOOLER, C.; MULATU, M.S. & OATES, G. Continuing effects of substantively complex word on the intellectual functioning of older workers. **Psychology and Aging**. 14 (3), 1999, p. 483-506.

SEEMAN, T.E.; LUSIGNOLO, T.M.; ALBERT, M.; BERKMAN, L. Social relationships, social support, and patterns of cognitive aging in healthy, high-functioning older adults: Mac-Arthur studies of successful aging. **Health psychology**. 20(4), 2001, p. 143-255.

SÉ, E.V.G. **Estrutura e conteúdo do discurso de idosas residentes em instituição d longa permanência portadoras de depressão e déficit cognitivo.** Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas/SP, 2003.

SIVIERO, M.O. **Capacidade de abstração e o teste de provérbios**. Dissertação de mestrado. Escola Paulista de Medicina. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo/SP, 1997.

SMITH, A.D. Memory. In: BIRREN, J.E. & SCHAE, K.W. (eds). **Handbook of Psychology of Aging**. 4ed. San Diego: Academic Press, 1996, p. 236-250.

SOUZA, A.C. A memória de trabalho no processamento de metáfora: reflexões teóricas. **Working papers em linguística**, UFSC n.7, 2003, p. 106-120.

STAUDINGER, U.; MARSISKE, M. & BALTES, P.B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria de curso de vida. In: A.L. NERI. **Psicologia do envelhecimento**. Campinas/SP.: Papirus, 1995.

STEINBERG, M. (1985). **1001 Provérbios em contrates**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

STELLA, F.; PACHECO, J.L. & SÉ, E.V.G. Psiquiatria Geriátrica. In: J. C. SOUZA; L.A.M. GUIMARÃES & G.J. BALLONE (Orgs). **Psicopatologia e Psiquiatria Básicas**. São Paulo: Vetor Editora, 2004.

STELLA, F. Funções cognitivas e envelhecimento. In: L. PY; J.L. PACHECO; J.L.M. SÁ & S.N. GODMAN. **Tempo de Envelhecer**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004, p. 283-320.

STORNILO, I. **O livro dos provérbios. A sabedoria do povo**. 2ª edição. Editora São Paulo: Paulus, 1996.

STUART-HAMILTON, I. **A Psicologia do Envelhecimento**. 3ª ed. Porto Alegre – RS: ARTMED, 2002.

TAGLIAFERRE, R.C.S. O caráter multifuncional da repetição no contexto das afasias. In: E.M. MORATO (Org.) **A semiologia das afasias. Perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez. 2010.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ULATOWSKA, H.K. The again brain: Communication in the elderly. London: Taylor, Francis, 1985. In: DAMASCENO, B. P. A linguagem do sujeito idoso. **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo: Atheneu. 2001, p.527-531.

VAN DIJK, T.A. (2000). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto.

VAN LANCKER, D. R. & KEMPLER, D. Comprehension of familiar phrases by left-but not right-hemisphere damaged patients. **Brain and Language**, v. 32, n2, nov. 1987, p. 265-277.

VELLASCO, A.M.S. **Provérbios: em estudo sociolinguístico**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Brasília, 1996.

VELLASCO, A.M.S. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Eds.). **Estudos de linguística textual do português**. Frankfurt an Main: TEM, 2000.

VEREZA, S.C. Metáfora e Argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**. V.7, n. 3, set/dez; 2007, p. 487-506.

VEZALI, P. Linguagem, corpo e afasia. In: E.M. MORATO. **Semiologia das afasias**. São Paulo: Cortez, 2010.

VIGLIOCCO, G. (2002). Psychology of tip-of-the-tongue. In: **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Science**, 23; p. 15759-62.

WARING; J.D.; CHONG, H.; WOLK, D.A. & BUDSON, A.E. Preserved metamemorial ability in patients with mild Alzheimer's disease: Shifting response bias. **Brain and Cognition**, 66, 2008, p. 32–39.

XATARA, C.M. & SUCCI, T.M. Revisitando o conceito de provérbio. A temática 1. On line. **Revista Veredas**. PPG Linguística. Universidade de Juíz de Fora/MG. 2008, p. 33-48.

ZAMPONI, G. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. In: I.V. KOCH; E.M. MORATO e A.C. BENTES. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.



## 7. ANEXOS

---

### 7.1. ANEXO I – Termo de Autorização da Coordenadora do Grupo de idosos do HC da UNICAMP.

#### Termo de Autorização para coleta do Grupo Controle

Estou ciente da realização da pesquisa de doutoramento da aluna Elisandra Villela Gasparetto Sé do Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL/UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Edwiges Maria Morato com o título “*Interpretação de Provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial*”. Declaro que autorizo a coleta de dados com os sujeitos idosos do grupo de idosos do coral do Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP para o grupo controle desta pesquisa.

---

**Assistente Social – HC/FCM/UNICAMP**  
**Coordenadora do Grupo da Terceira Idade do Hospital de**  
**Clínicas da FCM/UNICAMP.**

## 7.2. ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O paciente \_\_\_\_\_ está sendo convidado a participar, como voluntário, desta pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias.

### **Informações sobre a pesquisa:**

**Título do projeto:** Interpretação de provérbios por idosos portadores de Demência de Alzheimer em fase inicial”.

**Justificativa:** Esta pesquisa procura contribuir para os procedimentos de avaliação da linguagem de sujeitos com Doença de Alzheimer, bem como para um melhor entendimento da relação entre linguagem, cérebro e cognição.

**Objetivo:** Estudar os processos de compreensão e o uso de provérbios por sujeitos com doença de Alzheimer em fase inicial.

**Procedimentos:** Consiste em primeiro apresentar a cada sujeito 10 provérbios, um de cada vez perguntando “o que quer dizer” tal provérbio, em seguida, será solicitado ao sujeito que “*imagine uma situação na qual caberia o emprego de determinado provérbio*”. O procedimento será gravado em vídeo.

**Métodos alternativos:** Entrevistas individuais e a análise de prontuários poderão ser realizadas.

**Esclarecimentos, acompanhamento e assistência a seus responsáveis:** Os participantes receberão esclarecimentos de suas dúvidas quanto à realização dos procedimentos efetuados.

**Garantia de sigilo:** Os sujeitos terão garantia de sigilo. Sua identidade será preservada utilizando somente as iniciais do nome.

Eu, \_\_\_\_\_, responsável por \_\_\_\_\_, autorizo que \_\_\_\_\_

participe da pesquisa de doutorado em Linguística “*Interpretação de provérbios por idosos com Doença de Alzheimer em fase inicial*”, como sujeito deste estudo, sob a responsabilidade da pesquisadora *Elisandra Villela Gasparetto Sé*, Fonoaudióloga, mestre em Gerontologia pela Faculdade de Educação/UNICAMP, doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP e pesquisadora voluntária no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica - HC/UNICAMP. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Nestes termos, sem que tenha havido qualquer tipo de constrangimento ou de coação para a participação do paciente como voluntário da pesquisa e, conhecedor da total liberdade de recusar a participar da pesquisa, dou meu pleno consentimento, livre e esclarecido, para a utilização das informações que oferecerei para a pesquisa que será desenvolvida pela pesquisadora.

Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Fone: ( ) \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

**Contato com a Pesquisadora:** Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Caixa Postal 6045. CEP 13083-970. Cidade Universitária – Campinas/SP. Tel: (19) 35211532.

**ATENÇÃO:** A participação da pessoa em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da FCM/UNICAMP. End.: Caixa Postal 611113083-970. Campinas, SP. Tel (19) 3521-8936 Fax (19) 3521-8925. E-mail: cep@head.fcm.unicamp.br

### **7.3. ANEXO III - Ficha sócio-demográfica, atividades sócio-cognitivas, história clínica, avaliação neuropsicológica e laudo da neuroimagem.**

#### **Sujeito nº**

##### **I - Identificação e dados sócio-demográficos.**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
Data de nascimento: \_\_\_\_\_  
Natural de: \_\_\_\_\_ Residência: \_\_\_\_\_  
Estado civil : ( ) casada ( ) viúva ( ) separada ( ) solteira.  
Escolaridade: \_\_\_\_\_  
Com quem reside: \_\_\_\_\_  
Rede de apoio formal: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_  
É aposentado: ( ) há \_\_\_\_\_ anos. ( ) Não.  
Ocupação atual: \_\_\_\_\_  
Realiza atividades de lazer: \_\_\_\_\_  
Serviço de procedência: ( ) outro ambulatório; ( ) PS; ( ) SUS; ( ) Asilo; ( ) espontâneo;  
( ) outros

##### **II - Atividades sócio-cognitivas e funcionais.**

Descrição das atividades realizadas ao longo da vida:  
Pontuação do Questionário de Atividades Funcionais – Pfeffer.

##### **III - Histórica clínica.**

Queixa principal:  
Modo de aparecimento dos sintomas:  
Condições clínicas gerais:  
Exames gerais:  
Medicamentos em uso:  
Exames de neuroimagem:

##### **IV - Avaliação neuropsicológica realizada na data:**

Total no CAMCOG c/ MEEM:  
Descrição:

##### **Hipótese diagnóstica:**

##### **Transcrição do *corpus* do protocolo de provérbios.**

**Data de coleta:**

**Data de transcrição:**

**Duração:**

## 7.4. ANEXO IV - Protocolo de Atividades Sócio-cognitivas.

### Identificação.

Nome:\_\_\_\_\_.

Idade:\_\_\_\_\_. Data de Nascimento:\_\_\_\_\_. Escolaridade:\_\_\_\_\_.

#### 1- Práticas discursivas.

- ( ) Entrevistar, secretariar, vender, ler relatórios de trabalho.
- ( ) Debates, reuniões, convenções, audiências.

#### 2- Falas públicas e gêneros orais e escritos.

- ( ) Leituras públicas, aulas, palestras, sermões, pregações, discursos, comício, relatos pessoais.
- ( ) Falar em programas de rádio ou de televisão.
- ( ) Leitura apreciativa/recreativa (revistas, filmes, novelas, bíblia, músicas, material humorístico, livros, fábulas, charges)
- ( ) Leitura crítica (jornais, revistas especializadas, livros)
- ( ) Leitura do cotidiano (lista telefônica, dicionário, cartazes, mapas, placas de trânsito, folhetos, calendários)
- ( ) Leitura assimilativa (estudos profundos, livros, revistas científicas)
- ( ) Escrita autônoma – expressão individual (cartas, diários, redações, poesias, crônicas, composições)
- ( ) Escrita planejada (roteiros, aulas, manuais, seminários, palestras)
- ( ) Escrita empresarial/administrativa (requerimentos, notificações, atas, relatórios, ofícios, procuração, petições, artigos, circular, memorando)
- ( ) Escrita do cotidiano (avisos, recados, lembretes, agendas, receitas, listas de supermercados, listas de afazeres, letras de músicas, folhetos, palavras-cruzadas)
- ( ) Finanças (manuseio do dinheiro, usa cheques, cartões, compras, pagamentos de contas, conferir troco, controle de conta bancária, resolução de problemas, investimentos, controle de juros em parcelas).

#### 3- Práticas sócio-interacionais.

- ( ) Profissões desempenhadas (assalariado, autônomo, empresário, comerciante).
- \_\_\_\_\_  
( ) Trabalhos voluntários (fundações, instituições, igrejas, comunidade).
- \_\_\_\_\_  
( ) Hobbies (Música, eventos sociais, atividades manuais, atividades esportivas, jogos).
- \_\_\_\_\_

Fonte: Koch, I. V. & Elisabete, V. M. (2006). *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.  
Penteado, J.R.W. (1998). *A técnica da comunicação humana*. São Paulo: Pioneira.



## 7.5. ANEXO V - Mini-Exame do Estado Mental (MEEM).

| Nome:                                                                                                                                                   | Idade:    | Escolaridade: |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|---------------|
| Questões                                                                                                                                                | Pontuação |               |
| 1- Orientação temporal (1 ponto para cada resposta correta).<br>Qual é o dia do mês?                                                                    | ( )       |               |
| Dia da semana?                                                                                                                                          | ( )       |               |
| Mês?                                                                                                                                                    | ( )       |               |
| Em que ano nós estamos?                                                                                                                                 | ( )       |               |
| Hora?                                                                                                                                                   | ( )       |               |
| 2- Orientação espacial (1 ponto para cada resposta correta).<br>Onde estamos?                                                                           | ( )       |               |
| Cidade:                                                                                                                                                 | ( )       |               |
| Estado:                                                                                                                                                 | ( )       |               |
| País:                                                                                                                                                   | ( )       |               |
| Bairro ou rua próxima:                                                                                                                                  | ( )       |               |
| Local específico – onde estamos agora?                                                                                                                  | ( )       |               |
| 3- Memória de fixação (1 ponto para palavra repetida).<br>Nomear três palavras para o sujeito e pedir para repeti-las.<br><i>Vaso / Carro/ Janela</i>   | ( )       |               |
| 4- Atenção e cálculo (1 ponto para cada cálculo correto).<br>Subtraia 7 de 100 - subtraia 7 desse número (sucessivamente)                               | ( )       |               |
| 5- Memória de evocação (1 ponto para cada palavra).<br>Evocar as três palavras ditas anteriormente.                                                     | ( )       |               |
| 6- Linguagem - Nomeação (1 ponto para cada objeto correto).<br>Nomear um relógio e uma caneta.                                                          | ( )       |               |
| 7- Repetição (1 ponto)<br>Repetir “ <i>Nem aqui, nem ali, nem lá</i> ”                                                                                  | ( )       |               |
| 8- Compreensão (1 ponto para cada instrução correta)<br>Obedecer instrução: <i>Pegue este papel com a mão direita, dobre ao meio e coloque no colo.</i> | ( )       |               |
| 9- Leitura e escrita.<br>Leia e faça o que está escrito “Feche os olhos”                                                                                | ( )       |               |
| Escreva uma frase                                                                                                                                       | ( )       |               |
| 10- Praxia (1 ponto para cópia correta)<br>Copie o seguinte desenho.                                                                                    | ( )       |               |
|                                                                      |           |               |
| <b>Total: <u>30</u> pontos</b>                                                                                                                          |           |               |

## **7.6. ANEXO VI – Termo de Concordância Institucional do Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica – FCM/UNICAMP.**

### **Termo de Concordância Institucional**

Estou ciente da realização da pesquisa de doutoramento da aluna Elisandra Villela Gasparetto Sé do programa de pós-graduação em Linguística do IEL/Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Edwiges Maria Morato. Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas Complementares e, como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

---

**Chefe do Ambulatório de Psiquiatria  
Geriátrica do Departamento de Psicologia  
Médica e Psiquiatria - FCM – UNICAMP**

**7.7. ANEXO VII - Critérios diagnósticos segundo DSM- IV (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais) (BATISTA, 1995) e segundo NINCDS-ADRDA (MC KAHNN et. al., 1984 apud FORLENZA & CAMELLI, 2000).**

| <b>Critérios Diagnósticos de Demência segundo DSM- IV (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais) (BATISTA, 1995) e dos critérios para o diagnóstico clínico da doença de Alzheimer segundo NINCDS-ADRDA (MC KAHNN et. al., 1984 apud FORLENZA &amp; CAMELLI, 2000).</b>                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>DSM - IV</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>N.I.N.C.D.S – A.D.R.D.A</b>                                                                                                                                                                                                    |
| <b>A</b> -Alteração da memória a curto prazo (impossibilidade de apreender novas informações) e a longo prazo (impossibilidade de lembrar das informações adquiridas anteriormente.                                                                                                                                                                                                                    | <b>A</b> – Os critérios para o diagnóstico clínico de provável doença de Alzheimer incluem: diagnóstico de demência estabelecido por exame clínico, documentado e confirmado por testes neuropsicológicos.                        |
| <b>B</b> -Pelo menos uma das seguintes manifestações:<br>1-alteração do pensamento abstrato;<br>2-alterações do julgamento;<br>3-outras perturbações das funções superiores como afasia, apraxia e problemas das construtivas;<br>4-alterações da personalidade.                                                                                                                                       | <b>B</b> - Déficit em duas ou mais áreas da cognição.                                                                                                                                                                             |
| <b>C</b> -As perturbações A e B interferem de maneira significativa nas atividades profissionais, sociais ou nas relações interpessoais.                                                                                                                                                                                                                                                               | <b>C</b> -Comprometimento progressivo da memória e outras funções cognitivas.                                                                                                                                                     |
| <b>D</b> -Estas alterações não ocorrem durante a evolução de um delírio.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <b>D</b> - Ausência de distúrbios da consciência.                                                                                                                                                                                 |
| <b>E-1</b> - Evidência de um ou vários fatores orgânicos específicos considerados etiologicamente ligados à perturbação;<br><b>2</b> - Na ausência de tal evidência pode-se presumir a existência de um fator orgânico na origem desta síndrome, se nenhum problema mental não-orgânico puder explicar os sintomas, como por exemplo, uma depressão que explique as alterações das funções cognitivas. | <b>E</b> - Início do quadro entre 40 e 90 anos, sendo mais freqüente após 65 anos.<br><b>F</b> - Ausência de doenças sistêmicas ou outras doenças cerebrais que poderiam explicar os déficits progressivos na memória e cognição. |

**7.8. ANEXO VIII - Critérios diagnósticos segundo a CID –10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento) (OMS, 2008).**

| <b>Critérios diagnósticos segundo o Código Internacional de Doenças CID 10 (OMS, 2008). Capítulo 5- Transtornos Mentais e de Comportamento.</b>                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>F00.0 - Demência na doença de Alzheimer</b>                                                                                                                                        |
| <b>A-</b> A demência é uma síndrome devida a uma doença cerebral, usualmente de natureza crônica e progressiva, na qual há comprometimento de numerosas funções corticais superiores. |
| <b>B-</b> Comprometimentos das funções cognitivas, tais como memória, pensamento, orientação, compreensão, cálculo, capacidade de aprendizagem, linguagem e julgamento.               |
| <b>C-</b> A síndrome não se acompanha de uma obnubilação da consciência.                                                                                                              |
| <b>D-</b> Comprometimento das funções cognitivas habitualmente é por vezes precedida por deterioração do controle emocional, do comportamento social ou da motivação.                 |
| <b>E-</b> O comprometimento das funções cognitivas pode afetar as atividades básicas e instrumentais de vida diária do indivíduo.                                                     |

**7.9. ANEXO IX - Escore Clínico de Demência – CDR. (HUGHES, e.al., 1982). (tradução de O.P. Almeida; Almeida e Nitrini, 1995).**

|                                    | <b>Saudável</b>                                                                                                                               | <b>Questionável</b>                                                                               | <b>Leve</b>                                                                                                                                             | <b>Moderada</b>                                                                                                            | <b>Grave</b>                                                             |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| <b>Memória</b>                     | Sem perda ou esquecimento inconstante e leve.                                                                                                 | Esquecimento leve e consistente; recordação parcial de eventos.                                   | Perda de memória moderada, mais acentuada para eventos recentes; o defeito interfere com atividades do dia-a-dia.                                       | Perda de memória grave; apenas material firmemente aprendido é mantido; material novo é rapidamente perdido.               | Perda de memória grave; apenas recordações fragmentadas estão presentes. |
| <b>Orientação</b>                  | Completamente orientado.                                                                                                                      | Completamente orientado.                                                                          | Alguma dificuldade com relações temporais; orientado para local e pessoa ao exame, mas pode estar geograficamente desorientado.                         | Usualmente desorientado em tempo, com frequência para local.                                                               | Apenas orientado para pessoas.                                           |
| <b>Juízo + resolução problemas</b> | Capaz de solucionar bem tarefas do dia-a-dia; bom julgamento em relação a desempenho no passado.                                              | Dificuldade questionável para solucionar problemas, semelhanças, diferenças.                      | Dificuldade moderada para lidar com problemas complexos, juízo social preservado.                                                                       | Capacidade gravemente comprometida para lidar com problemas semelhanças, diferenças; juízo social usualmente comprometido. | Incapaz de fazer julgamentos ou solucionar problemas.                    |
| <b>Assuntos comunitários</b>       | Funciona independentemente em seu nível habitual de trabalho, compras, negócios e assuntos financeiros, trabalho voluntário e grupos sociais. | Comprometimento questionável ou leve, se houver, nessas atividades.                               | Incapaz de funcionar independentemente nessas atividades ainda que esteja envolvido em algumas; pode parecer normal em avaliação superficial.           | Sem pretensão de funcionamento independente fora de casa.                                                                  | Sem pretensão de funcionamento independente fora de casa.                |
| <b>Casa + hobbies</b>              | Vida em casa, hobbies, interesses intelectuais bem preservados.                                                                               | Vida em casa, hobbies, interesses intelectuais bem preservados ou apenas levemente comprometidos. | Comprometimento de atividades em casa leve, mas definitivo; tarefas mais difíceis são abandonadas; hobbies e interesses mais complexos são abandonados. | Apenas tarefas mais simples são preservadas; interesses bastante reduzidos, parcialmente mantidos.                         | Sem atividade significativa em casa fora de seu próprio quarto.          |
| <b>Cuidado pessoal</b>             | Totalmente capaz de se autocuidar.                                                                                                            | Totalmente capaz de se autocuidar.                                                                | Precisa de assistência ocasional.                                                                                                                       | Precisa de ajuda para se vestir, com higiene e para manter aparência.                                                      | Precisa de muita ajuda com cuidado pessoal; frequentemente incontinente. |

## 7.10. ANEXO X – Bateria de Funções Cognitivas – CAMCOG – Seção B do CAMDEX.

| Função cognitiva             | Questão          | Descrição - Correto 1 / Incorreto 0 / Não se aplica N                                                                                                                                                              |
|------------------------------|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Orientação                   | 120              | Em que dia da semana nós estamos?                                                                                                                                                                                  |
|                              | 121              | Qual é a data de hoje? Dia                                                                                                                                                                                         |
|                              | 122              | Mês                                                                                                                                                                                                                |
|                              | 123              | Ano                                                                                                                                                                                                                |
|                              | 124              | Em que semestre estamos?                                                                                                                                                                                           |
|                              | 125              | Você poderia me dizer onde estamos agora?                                                                                                                                                                          |
|                              | 126              | Qual o nome desta cidade?                                                                                                                                                                                          |
|                              | 127              | Diga o nome de duas ruas importantes perto daqui (ou perto de sua casa)                                                                                                                                            |
|                              | 128              | Em que andar deste prédio nos estamos?                                                                                                                                                                             |
|                              | 129              | Qual o nome deste lugar?                                                                                                                                                                                           |
| Linguagem: compreensão       | 130              | Acene a cabeça                                                                                                                                                                                                     |
|                              | 131              | Toque sua orelha direita com sua mão esquerda                                                                                                                                                                      |
|                              | 132              | Antes de olhar para o teto, olhe para o chão                                                                                                                                                                       |
|                              | 133              | Bata de leve duas vezes, em cada ombro, com dois dedos, mantendo seus olhos fechados                                                                                                                               |
| Compreensão: resposta verbal | 134              | Este lugar é um hotel? (correto: não)                                                                                                                                                                              |
|                              | 135              | As vilas são maiores do que as cidades?                                                                                                                                                                            |
|                              | 136              | Havia rádio neste país antes de a televisão ser inventada?                                                                                                                                                         |
| Expressão: nomeação          | 137              | Como isto se chama? (mostre um lápis)                                                                                                                                                                              |
|                              |                  | Como isto se chama? (Mostre um relógio de pulso)                                                                                                                                                                   |
|                              | 138              | Vou lhe mostrar alguns objetos. Por favor, diga-me o nome de cada um deles. (Mostre “Figuras para nomear” no livreto).<br>Sapato/sandália<br>Máquina de escrever<br>Balança<br>Mala<br>Relógio de parede<br>Abajur |
|                              | 139              | Diga-me o nome de quantos animais você puder lembrar. Você tem um minuto de tempo.<br>Número de citações corretas<br>1-4 = 1<br>5-9 = 2<br>10-14 = 3<br>15-19 = 4<br>20-24 = 5<br>25 += 6                          |
| Expressão: definições        | 140              | O que você faz com um martelo?                                                                                                                                                                                     |
|                              | 141              | Onde as pessoas usualmente compram remédios?                                                                                                                                                                       |
|                              | 142 <sup>1</sup> | O que é uma ponte?                                                                                                                                                                                                 |
|                              | 143 <sup>2</sup> | O que é uma opinião?                                                                                                                                                                                               |
| Expressão: repetição         | 144 <sup>2</sup> | Eu vou dizer algo e gostaria que você repetisse depois que eu terminar: Nem aqui,                                                                                                                                  |

|                                             |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------------------|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                             |     | nem ali, nem lá.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                                             | 145 | Discurso – Opcional.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| MEMÓRIA<br><i>Evocação</i>                  | 146 | Você pode me dizer quais eram os objetos nas figuras coloridas que eu lhe mostrei pouco tempo atrás? (A descrição ou os nomes são aceitáveis. Assinale cada item corretamente evocado e registre o número de itens corretos no campo “total”).<br><i>Sapato, sandália</i><br><i>Maquina de escrever</i><br><i>Balança</i><br><i>Mala, valise</i><br><i>Relógio de parede</i><br><i>Abajur, lâmpada de mesa</i> |
| <i>Reconhecimento</i>                       | 147 | Quais destas figuras eu lhe mostrei antes?<br><i>Sapato, sandália</i><br><i>Maquina de escrever</i><br><i>Balança</i><br><i>Mala, valise</i><br><i>Relógio de parede</i><br><i>Abajur, lâmpada de mesa</i>                                                                                                                                                                                                     |
| Memória Remota                              | 148 | Você poderia me dizer quando terminou a Segunda Guerra Mundial? (1945)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                                             | 149 | Você poderia me dizer quando aconteceu o último golpe militar no Brasil? (1964)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                                             | 150 | Quem foi o presidente da república que construiu Brasília? (Juscelino Kubitschek)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                                             | 151 | Quem o foi presidente da república que renunciou 7 meses depois de assumir o cargo? (Jânio Quadros)                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|                                             | 152 | Por qual motivo Carmem Miranda foi famosa?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                             | 153 | Qual era o nome do presidente da republica que se suicidou no cargo? (Getulio Vargas)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <i>Memória recente</i>                      | 154 | Qual é o nome do atual presidente da republica?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                                             | 155 | Quem o antecedeu?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                                             | 156 | Qual é o nome do atual governador do Estado?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|                                             | 157 | Você poderia me dizer alguma coisa que foi notícia nas últimas duas semanas?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <i>Registro</i>                             | 158 | Eu vou dizer o nome de três objetos. Após tê-los dito, eu gostaria que você os repetisse. Grave quais são, porque eu vou perguntar o nome deles novamente dentro de poucos minutos: vaso, carro, janela.                                                                                                                                                                                                       |
| <i>Atenção/ concentração</i>                | 159 | Agora eu gostaria que você fizesse uma contagem regressiva de 20 até 1.<br>(dois ou mais erros = 0, um erro = 1, Correto = 2)                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|                                             | 160 | Agora eu gostaria que você subtraísse 7 de 100. Em seguida, subtraia 7 do numero que você obteve. Continue subtraindo 7 até eu lhe dizer para parar.<br>93<br>86<br>79<br>72<br>65<br>(Registre as respostas. De 1 ponto cada vez que a diferença for 7, mesmo que a resposta anterior seja incorreta)                                                                                                         |
| <i>Evocação</i>                             | 161 | Quais foram os três objetos que lhe pedi que repetisse pouco tempo atrás? (Vaso; Carro; Janela)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| LINGUAGEM<br><i>Compreensão de leitura.</i> |     | (mostre “compreensão de leitura” no livreto. Não é necessário o individuo ler em voz alta. Se o sujeito ler a instrução e não a executar, diga: “agora faça o que está escrito”). Leia esta página e então faça o que está escrito:                                                                                                                                                                            |
|                                             | 162 | (feche os olhos)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                                             | 163 | (Se você tem mais do que 50 anos, coloque suas mãos atrás da cabeça)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| PRAXIA: cópia e desenho                     | 164 | Copie este desenho (pentágono)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                        |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                        | 165 | Copie este desenho ( <i>espiral</i> )                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                                        | 166 | Copie este desenho ( <i>casa em 3D</i> )                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|                                        | 167 | Desenhe um relógio grande e coloque todos os números nele.<br>Quando o sujeito tiver feito isso, diga:<br>Agora coloque os ponteiros, indicando dez para as onze.<br><i>Círculo ou quadrado</i><br><i>Todos os números na posição correta</i><br><i>Hora correta</i>                                                                                                               |
| <i>Escrita espontânea</i>              | 168 | Escreva uma sentença nesta folha de papel<br>( <i>pergunte ao sujeito o que ele escreveu e transcreva na folha de resposta</i> )                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <i>Praxia ideacional</i>               | 169 | Eu vou lhe dar uma folha de papel. Quando eu o fizer, pegue-a com sua mão direita. Dobre o papel ao meio, com ambas as mãos e coloque-o seu colo.<br>(não repita as instruções ou ajude. Pontue como correto um movimento apenas se ele tiver sido feito na sequência correta)<br><i>Pega com a mão direita</i><br><i>Dobra no meio</i><br><i>Coloca no colo</i>                   |
|                                        | 170 | (Dê um envelope ao indivíduo)<br>Coloque o papel no envelope e feche-o                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <i>Escrita: ditado</i>                 | 171 | Escreva este nome e endereço no envelope: João da Silva<br>Rua Jose Camargo, 42. Perdizes                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <i>Praxia: ideomotora</i>              | 172 | Mostre-me como você acena dando adeus.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                                        | 173 | Mostre-me como você cortaria com uma tesoura                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|                                        | 174 | Mostre-me como você escovaria seus dentes com uma escovar de dentes.                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| PERCEPÇÃO<br>Tato                      | 175 | Eu vou colocar um objeto em suas mãos e quero que você me diga o que é sem olhar para ele.<br>Prego<br>Parafuso                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| CÁLCULO                                | 176 | <i>Mostre uma nota de 10 reais e duas de 1 real e pergunte: Quanto dinheiro eu tenho aqui?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                        | 177 | Se alguém lhe der esta quantia de troco para 50 reais, quando você gastou?<br>( <i>Registre a resposta aqui e pontue na coluna ao lado</i> )                                                                                                                                                                                                                                       |
| MEMÓRIA: <i>fixação</i>                | 178 | Qual era o nome e o endereço que você escreveu no envelope pouco tempo atrás?<br>João da Silva Rua Jose Camargo, 42. Perdizes                                                                                                                                                                                                                                                      |
| PENSAMENTO<br>ABSTRATO                 | 179 | De que maneira uma maçã e uma banana se assemelham?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                                        | 180 | De que maneira uma camisa e um vestido se assemelham?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                                        | 181 | De que maneira uma mesa e uma cadeira se assemelham?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                                        | 182 | De que maneira um planta a um animal se assemelham?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| PERCEPÇÃO VISUAL                       | 183 | (Mostre “Reconhecimento de pessoas famosas” no livreto)<br>Quem é?<br>Pelé<br><i>Papa</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <i>Constância do Objeto</i>            | 184 | Estas fotografias de objetos tiradas de ângulos não usuais. Você pode me dizer o que são estes objetos? (O critério é se os objetos são reconhecidos, não importando se são nomeados corretamente. Assim, descrições de função são aceitáveis)<br><div style="text-align: center;">Óculos          sapato          mala<br/>Xícara/pires          telefone          cachimbo</div> |
| <i>Reconhecimento de pessoa função</i> | 185 | (aponte quaisquer duas pessoas disponíveis, isto é, faxineira, médico, enfermeira, paciente, parente. Se não houver ninguém disponível registre: não aplicável). Você pode me dizer que é ou o que ele/ela faz?                                                                                                                                                                    |
| PASSAGEM DO TEMPO                      | 186 | Sem olhar para o relógio, você poderia me dizer há quanto tempo nós estamos conversando?                                                                                                                                                                                                                                                                                           |



## 7.11. ANEXO XI – Questionário de Atividades Funcionais (Pfeffer *et al.*, 1982).

Identificação.

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ HC: \_\_\_\_\_

Data da avaliação: \_\_\_\_\_ Examinador: \_\_\_\_\_

1-) Ele(a) manuseia seu próprio dinheiro?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.
- 3 = Não é capaz.

2-) Ele (a) é capaz de comprar roupas, comida, coisas para casa sozinho(a)?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.
- 3 = Não é capaz.

3-) Ele(a) é capaz de esquentar água para o café e apagar o fogo?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.
- 3 = Não é capaz.

4-) Ele(a) é capaz de preparar uma comida?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.
- 3 = Não é capaz.

5-) Ele(a) é capaz de manter-se em dia com as atualidades, com os acontecimentos da comunidade ou da vizinhança?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.
- 3 = Não é capaz.

6-) Ele(a) é capaz de prestar atenção, entender e discutir um programa de rádio ou televisão, um jornal ou uma revista?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.
- 3 = Não é capaz.

7-) Ele(a) é capaz de lembrar-se de compromissos, acontecimentos familiares, feriados?

- 0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.
- 1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.
- 2 = Necessita de ajuda.

3 = Não é capaz.

8-) Ele(a) é capaz de manusear seus próprios remédios?

0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.

1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.

2 = Necessita de ajuda.

3 = Não é capaz.

9-) Ele(a) é capaz de passear pela vizinhança e encontrar o caminho de volta para casa?

0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.

1 = Faz com dificuldades, ou nunca o fez e agora teria dificuldades.

2 = Necessita de ajuda.

3 = Não é capaz.

10-) Ele(a) pode ser deixado(a) em casa sozinho(a) de forma segura?

0 = Normal, ou nunca o fez, mas poderia fazê-lo agora.

1 = Sim, mas com precauções.

2 = Sim por períodos curtos.

3 = Não poderia.

*Pontuação total \_\_\_\_\_/30*

*Escore: > 5 indicam prejuízo funcional*

**7.12. ANEXO XII – Notações de transcrição dos protocolos de provérbios convencionalizadas pelo Grupo de Pesquisa Cognição, Interação e Significação – COGITES do Laboratório de Neurolinguística – IEL/UNICAMP extraídas do NURC/SP – USP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo).**

**Informações gerais:**

- 1- Transcrição verbal e de vídeo editada.
- 2- Os participantes são identificados por duas letras maiúsculas correspondentes às iniciais dos dois primeiros nomes.
- 3- EV: sigla da pesquisadora.
- 4- Letras minúsculas indicam às descrições de aspectos verbais relacionados à fala inclusive nomes próprios e descrições de aspectos não-verbais sincronizados e/ou relacionados à fala.
- 5- Fonte utilizada: courier 10.

| Ocorrências                                                                                   | Notação                                 | Exemplos                                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <b>1. Fenômenos sequenciais</b>                                                               |                                         |                                               |
| Overlap/encalamento/superposição de turnos                                                    | [ início do overlap<br>] fim do overlap | 89.MJ [aí faz faz                             |
| Latching                                                                                      | Palavra final =<br>= palavra inicial    | sempre falava né<br>que=                      |
| <b>2. Pausas</b>                                                                              |                                         |                                               |
| Micro pausas, inferiores a 0.3 segundos                                                       | (.)                                     | 2.EA [persistênc<br>né (.)                    |
| Pausas medidas com programas editores de som, como Audacity, praat, etc. Unidade em segundos. | (0.4), (1.0), (2.3)                     | 66.GM casa de<br>ferreiro (0.1)               |
| <b>3. Fenômenos segmentais</b>                                                                |                                         |                                               |
| Alongamento silábico                                                                          | :                                       | 128.EV é// o pai é:                           |
| Truncamento de palavras                                                                       | -                                       | 109.MJ ant- antes                             |
| Inspiração do locutor                                                                         | .h                                      | 204.GM h. sei<br>disso                        |
| Expiração do locutor                                                                          | H                                       | 223.GM H ai meu<br>deus eu ia responder       |
| <b>4. Prosódia</b>                                                                            |                                         |                                               |
| Entonação crescente /ascendente                                                               | /                                       | 18.AK é depende n                             |
| Entonação decrescente                                                                         | \                                       | 25.EV isso\                                   |
| Entonação crescente enfática/interrogação                                                     | //                                      | 5.EV i:sso<br>interessante né//               |
| Ênfase particular                                                                             | Segmento <u>sublinhado</u>              | 20.EV e casa de<br>ferreiro espeto de<br>pau/ |
| Volume forte de voz                                                                           | Letra MAIÚSCULA                         | aquela pessoa é RUIM                          |
| Volume baixo/murmúrio de voz                                                                  | o o                                     | 105.MJ °num vou sabe°                         |

(continuação do quadro)

|                                                                                                                                                              |                                                                 |                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>5. Comentários e descrições</b>                                                                                                                           |                                                                 |                                                                                            |
| Comentários do transcritor e fenômenos não-transcritos como risos, leitura, mudança de lugar, saída da sala, abertura de portas, conversas de fundo, etc...) | ((comentários))<br><i>em Itálico</i>                            | 131.MJ    é ((risos))<br>((barulho de<br>telefone))                                        |
| Delimitação do segmento de fala                                                                                                                              | < >                                                             | 239.EV    <ah: tá/>                                                                        |
| <b>6. Incertezas do transcritor e imprecisões</b>                                                                                                            |                                                                 |                                                                                            |
| Quando o transcritor não tem certeza do segmento produzido                                                                                                   | (hipótese do que se ouviu)                                      | essa jornada é a hora que a água tá batendo na pedra e a hora que ela entra (universidade) |
|                                                                                                                                                              | (hipótese 1/<br>hipótese 2)                                     | (faculdade 1 / <b>no Curso 2)</b>                                                          |
| Segmentos incompreendidos/inaudíveis (aproximado)                                                                                                            | Indicado com x, Correspondente ao número de sílabas produzidas. | é a mesma coisa que (xxxx)                                                                 |
| <b>7. Descrições de ações (gestos, direcionamento do olhar, postura relacionados à fala)</b>                                                                 |                                                                 |                                                                                            |
| Delimitação da ação descrita na linha seguinte relacionada à fala                                                                                            | +                                                               | 206.GM    + já ouvi falar                                                                  |
| Continuação da ação                                                                                                                                          | -----                                                           | ((murmurando passando a mão na mesa - imagem 3))<br>-----                                  |
| (linha x) indica que a ação descrita continua até determinada linha                                                                                          | ----->                                                          | 106.EV ---→ num sabe//                                                                     |
| <b>8. Ideofones e interjeições</b>                                                                                                                           |                                                                 |                                                                                            |
| Fáticos                                                                                                                                                      | ah /, eh/, éh/, ahn/, ehn/, uhn/ uh                             | 168.EV    ah/ éh/                                                                          |
| Concordância                                                                                                                                                 | <hum>, <hmm>, <hum-hum>, <hum>                                  | 14.EV       <hum> sim<br>258.AK <hum hum>                                                  |